

J E F F R E Y R O B I N S O N

Livro que  
inspirou o filme  
*Grace of Monaco*,  
com prefácio exclusivo de  
Nicole  
Kidman

# GRACE

A PRINCESA DE MÔNACO

leYa

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Copyright © 1989, 1997, 2005, 2012, 2013 by Jeffrey Robinson  
Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa: © 2014, Texto Editores Ltda.  
Título original: *Grace of Monaco*

Diretor editorial: Pascoal Soto  
Editora executiva: Tainã Bispo  
Produção editorial: Maitê Zickuhr, Pamela Juliana de Oliveira e Renata Alves  
Diretor de produção gráfica: Marcos Rocha  
Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Preparação de texto: Poliana Oliveira  
Revisão: Iracy Borges  
Diagramação: FUTURA  
Capa: Rico Bacellar  
Imagem da capa: Grace Kelly, 1955. © Rue dos Archives/Latinstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Robinson, Jeffrey  
Grace : a princesa de Mônaco / Jeffrey Robinson; tradução de Rosemarie Ziegelmaier. – São Paulo : LeYa, 2014.

ISBN 9788580449600  
Título original: *Grace of Monaco*

1. Grace, Princesa de Monaco, 1929-1982 2. Biografia I. Título II. Ziegelmaier, Rosemarie

13-1072 CDD 923.1

Índices para catálogo sistemático:  
1. Princesa – Mônaco Biografia

2014  
TEXTO EDITORES LTDA.  
[Uma editora do grupo LeYa]  
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86  
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

## NOTA DO AUTOR

EM 1982, NO FUNERAL DA PRINCESA GRACE, James Stewart um de seus antigos colegas de Hollywood, resumiu o que muitos presentes na igreja naquele dia já sabiam: "Eu amava Grace Kelly, não só porque ela era uma princesa ou uma atriz, ou porque era minha amiga, mas porque ela foi a pessoa mais encantadora que eu conheci. Cada vez que aparecia, Grace trazia para a minha vida, assim como para a vida de vocês, uma luz agradável e suave. E cada vez que eu a via, era uma ocasião especial".

Anos antes, quando Frank Sinatra cantou "Você é sensacional" para ela no filme *Alta sociedade*, ele estava certo. Depois da morte da princesa, Sinatra continuava coberto de razão quando confessou a alguns amigos que "ela era simplesmente extraordinária".

Grace, a princesa de Mônaco, nascida na Filadélfia, no estado norte-americano da Pensilvânia, como Grace Patricia Kelly, é uma lembrança carinhosa para todos que a conheceram.

Este livro foi escrito originalmente em 1989, com a cooperação plena e inédita das quatro pessoas que mais a amavam: o príncipe Rainier III, o príncipe Albert, a princesa Caroline e a princesa Stéphanie.

Nos anos seguintes, fiz a revisão do texto original para várias edições e *Grace – a princesa de Mônaco* é a versão mais recente. Como é compreensível, este livro será sempre dedicado a:

Grace (1929-1982)  
e Rainier (1923-2005),  
além de Albert, Caroline e Stéphanie.  
Seus pais eram sensacionais.

## PREFÁCIO

Por *Nicole Kidman*

EU CONHECIA A ATRIZ GRACE KELLY POR CAUSA de filmes como *Janela indiscreta* e *Ladrão de casaca*, mas eu só conhecia a princesa Grace da sua imagem pública, do conto de fadas a que todos nós assistimos de longe. Não sabia nada sobre sua infância, nem das dificuldades que enfrentou na carreira como atriz e como jovem artista em busca de si mesma e do seu lugar no mundo. E sabia menos ainda sobre o seu casamento com o príncipe Rainier e como era a sua vida em família.

Ao me aproximar deste papel, percebi que havia uma distância entre a Grace que aparecia em público – a atriz e a princesa – e a Grace mãe, esposa e filha. A principal pergunta que eu fazia era: “O que está por trás do conto de fadas?”. Grace era deliberadamente reservada e eu queria respeitar isso, mas também queria ser fiel à sua vida e suas experiências.

O problema é que toda vez que um artista recebe um convite para representar uma pessoa que existiu de verdade, sobretudo no caso de uma personalidade tão famosa quanto a princesa de Mônaco, enfrenta o risco de personificar ou de imitar o personagem – e não era isso o que eu queria. Comecei a ler tudo o que encontrei sobre ela, analisei suas entrevistas e assisti aos filmes nos quais ela atuou. Meu objetivo era absorver a essência, de uma forma que fosse possível honrar de forma íntegra a pessoa que ela foi, trazendo ao mesmo tempo alguma contribuição para o personagem.

Por experiência, eu sabia, quase de forma inconsciente, que da reunião de tudo isso e da fusão desses elementos, surgiria a Grace Kelly que eu iria representar.

Ao mesmo tempo, a tênue fronteira entre a arte e a realidade sempre me fascinou – assim como a sobreposição das duas. É nesse espaço que um artista pode encontrar expressão para traduzir algo para o mundo ficcionalizado do cinema. Vou explicar o que eu quero dizer. Em determinado momento do filme, quando Grace luta para ter sucesso como figura da realeza, o padre Tucker, seu confidente, a aconselha a encarar as obrigações reais como se representasse um papel com a duração de uma vida inteira. Trata-se de um momento crucial, porque é assim que ela descobre sua importância para o principado de Mônaco. Essa passagem tornou-se uma das minhas chaves para compreender Grace; acho que me marcou porque eu podia imaginar a complexidade e a dificuldade daquela situação. Na condição de chefe de Estado, é preciso representar e assumir um papel, mas não se trata de uma peça ou uma *performance*, e sim de sua vida. Na vida real, não contamos com as proteções do *set* de filmagem ou do enquadramento da câmera para dizer como agir. Grace sobreviveu a um imenso desafio de identidade: encontrar o equilíbrio adequado entre sua atuação como atriz, mãe, esposa e princesa.

Isso é impressionante.

Conforme eu a conheci, fiquei muito impressionada com a profunda dedicação em relação aos filhos e ao marido e com a preocupação em prover sua família. Sua juventude ocorreu em meio às famílias ricas e tradicionais da Filadélfia. Em seguida, vieram a luta pelo sucesso como artista e a fama com o estrelato em Hollywood, seguidos de uma fama ainda maior (e de mais *glamour*) em Mônaco. No entanto, Grace se manteve fiel a suas convicções e à crença de que o amor é a coisa mais importante que existe.

Foram sentimentos como amor, compaixão e sensibilidade que funcionaram como bússola enquanto ela navegou pelos mares da vida. Todos nós sabemos que a fama e a riqueza podem ser perigosamente enganadoras, e Grace sabia disso mais do que qualquer pessoa. Mas ela também sabia o que de fato tinha importância; definiu sua verdadeira bússola e, muitas vezes, recorreu a ela para obter orientação. E a orientação era ouvir sempre o seu coração.

Acredito que a fidelidade ao coração é o principal motivo para as pessoas se conectarem a ela com tanta intensidade – e em nenhum lugar essa conexão é maior do que em Mônaco. Ela chegou ao principado em 1956 como Grace Kelly, a atriz, mas por volta de 1962, quando Alfred Hitchcock a convidou para voltar às telas e estrelar *Marnie, confissões de uma ladra*, interpretando o papel-título, ela já não era mais Grace Kelly: havia se transformado na princesa Grace.

Foi uma transformação única, algo que o mundo nunca havia visto até então. Ainda hoje, é possível sentir a presença de Grace em Mônaco. É algo que Olivier Dahan, diretor do filme, repetia o tempo todo: Grace tornou-se Mônaco e Mônaco tornou-se Grace. Eram inseparáveis naquele momento e são indissociáveis ainda hoje.

Acho que isso é um acontecimento muito bonito, quando uma pessoa, um momento de sua existência e um lugar se alinham de forma tão clara.

Mas também sinto um certo vazio.

Conheci Grace ao ler sobre ela, pesquisar e assistir a seus filmes, e essa familiaridade gerou um sentimento de perda.

Acredito sinceramente que, quando Grace Kelly morreu, em 1982, o mundo perdeu uma mulher especial.

O que restou foi a versão cinematográfica de sua vida, que tomou um pouco de liberdade em relação aos fatos em nome do cinema; e esta biografia, que conta como tudo realmente aconteceu. Da minha parte, tentei manter viva na tela a verdadeira magia que vinha de Grace, e Jeffrey conseguiu preservar essa magia neste livro.

Espero que vocês gostem de ambos.

## ALVORADA

HÁ UM SUAVE FRESCOR NO AR CONFORME O SOL COMEÇA a despontar sobre a linha do horizonte, acima do mar.

A cor da água passa de cinza-claro, imagem refletida do céu, para um impressionante verde-azulado conforme a manhã alcança as extremidades do porto e ilumina um verdadeiro monumento de coloração rosada.

A luz ilumina *Le Rocher*, uma rocha instalada na entrada do porto e que adentra o mar, no local onde fica o Palácio do Príncipe, protegido por suas muralhas antigas. Ilumina também os altos prédios de apartamentos instalados na avenida Princesa Grace, que margeia um trecho do mar fabulosamente caro, conhecido como praia de Monte Carlo. Em seguida, a luz atinge antigas mansões, quase empilhadas umas sobre as outras, cobrindo a colina voltada para o cassino, o Hotel de Paris e o Café de Paris, com o Mediterrâneo ao fundo.

No início, tudo parece simples.

Todas as cores parecem desbotadas.

Mas o sol do início da manhã lança uma luz especial que só existe no sul da França, em especial depois que o vento mistral noturno varreu todas as nuvens. É uma luz intensa, límpida e cristalina, que dá vida às cores de tal forma que temos a certeza de que em nenhum outro lugar as cores adquirem essas tonalidades.

O sol quase surpreende as construções. Durante um segundo, deixa todas com uma tonalidade suave de rosa-alaranjado. Mas, pouco antes de ser notado, o tom desaparece. Agora o que se vê são as cores vermelha e amarela, ao mesmo tempo em que alguns edifícios exibem uma suave sombra dourada, que lembra um tom de

chá. O toque de ouro cabe muito bem aqui, considerando-se o elevado valor dos imóveis.

Agora surgem também milhares de toldos nas varandas: toldos azuis e cor-de-rosa, outros de um vermelho desbotado por muitos verões ou de um amarelo intenso que acabou de ser comprado.

Em seu caminho para a cidade de Ventimiglia, na fronteira com a Itália, o trem noturno vindo de Barcelona se aproxima da estação. Pelo sistema de som, uma voz com forte sotaque anuncia "Monte Carlo, Monte Carlo... *deux minutes d'arrêt*<sup>1</sup>... Monte Carlo".

Do outro lado dos trilhos, o trem que partiu pela manhã de Ventimiglia rumo a Nice, Antibes e Cannes também chega à estação, e o homem com sotaque marcante faz o mesmo anúncio: "Monte Carlo, Monte Carlo... *deux minutes d'arrêt*... Monte Carlo".

O primeiro turno do serviço de quarto já começou no Hermitage e no Hotel de Paris, onde os menores *croissants* do planeta são servidos sem demora, acompanhados de café e suco de laranja, por 40 dólares.

Um helicóptero voa solitário sobre a praia toda.

No restaurante La Vigie, instalado sobre o penhasco atrás do Old Beach Hotel, erguido na década de 1930 em estuque rosado, as mesas já foram arrumadas para o almoço. Um senhor em uma lancha sai para um passeio, e duas mulheres tomam um banho de mar matinal, nadando sem jeito e conversando até chegar a uma boia distante.

Os jardineiros podam as roseiras na estrada que conduz a *Le Rocher*.

Um iate imenso se afasta do porto bem devagar.

Um policial, vestido com seu uniforme branco e vermelho perfeitamente engomado, orienta o trânsito na Place d'Armes.

Um jogador de tênis com passagem pela fama se alonga ao lado de uma piscina antes de ir para o Tênis Clube, onde deve passar as próximas três horas aperfeiçoando seu *backhand*, que já foi poderoso no passado.

Duas belas garotas alemãs caminham de volta para seu minúsculo apartamento depois de uma noitada no Jimmyz.

Um adolescente italiano, atrás do balcão do Moana, lava copos e ouve música de um rádio portátil, enquanto um adolescente francês empilha as cadeiras francesas sobre mesas para poder limpar a pista de dança.

Um homem de meia-idade, vestido com uniforme azul, passa aspirador de pó nos tapetes do cassino.

Uma senhora com trajes escuros caminha pelas ruelas de *Le Rocher* em direção à Catedral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que os moradores chamam de Catedral de São Nicolau.

O bairro está vazio, com exceção de um único policial, que passa devagar em frente ao Museu Oceanográfico, e de um padre com batina preta, que toma um pouco de ar fresco nos degraus da igreja antes da missa matinal.

Uma velha senhora vestida de preto cumprimenta o religioso com um aceno e entra na igreja escura, fazendo o sinal da cruz e murmurando baixinho, até chegar a um par de lápides de mármore próximas ao altar.

Uma das lápides diz: RAINIERIVS III.

E a outra: GRATIA PATRICIA.

A mulher faz o sinal da cruz, detém-se por apenas um segundo e, em seguida, sai da igreja, rumo à ampla praça situada em frente ao palácio.

Dois *carabinieri* guardam a entrada, outro está de pé perto da porta lateral, menor, e outro faz a ronda pela rua, onde uma corrente preta bem grossa impede os carros de estacionarem bem ali.

A senhora vestida de preto para no final da rua e observa o palácio, verificando se o estandarte do príncipe está lá. Em seguida, move a cabeça e, mais uma vez, faz o sinal da cruz.

<sup>1</sup> Parada de dois minutos (N. da T.)

## PRÓLOGO

DO LUGAR ONDE FICAVA A MESA DE GRACE KELLY em seu amplo escritório, instalado no alto da torre do palácio, duas janelas davam vista para o porto repleto de iates e para a pequena colina situada logo atrás, onde fica Monte Carlo.

Para decorar o ambiente, ela escolheu tons suaves de verde e amarelo, e acomodou um grande sofá bem no centro (o móvel tinha vindo com ela da Filadélfia), cercado por mesas cobertas de revistas.

Por toda parte havia fotografias de sua família em molduras prateadas, sobre a escrivaninha, nas mesas e estantes. As paredes exibiam pinturas e desenhos, dentre eles, a obra favorita da princesa – uma grande pintura a óleo que retratava a cidade de Nova York.

Olhando agora para uma folha de papel em branco, pensando naquela carta que jamais desejaria escrever, a mulher que desistiu da fama de Hollywood como Grace Kelly para se tornar a princesa Grace de Mônaco pega a caneta-tinteiro e, com sua caligrafia cuidadosa e elegante, escreve no alto da página: “18 de junho de 1962”.

Era um começo.

Em seguida, continuou: “Querido Hitch –”.

Já se passaram doze anos?

Em 1950, ainda uma aspirante a atriz que morava em Nova York, Grace tinha sido chamada para fazer um teste para um filme da Twentieth Century Fox, mas não conseguiu o papel. Porém, Fred Zinnemann, diretor da produção, viu o teste e, dois anos depois, a chamou para contracenar com Gary Cooper em *Matar ou morrer*.

Foi seu primeiro grande papel no cinema.

Apesar do encanto do público com a beleza da atriz e do Oscar de melhor ator dado a Gary Cooper, o nome de Grace Kelly nem sequer

aparecia no cartaz original do filme. A resenha do *The New York Times* apenas a mencionou de passagem.

O diretor John Ford também tinha assistido ao teste e concluiu que a jovem tinha “preparo, qualidade e classe”. Assim, convenceu a MGM a levar a atriz a Los Angeles para participar de um teste para *Mogambo*, filme que faria na África com Clark Gable e Ava Gardner.

Grace aceitou o papel, mas a MGM fez questão de firmar um contrato com duração de sete anos. Ela receberia 850 dólares por semana, uma quantia que, embora pudesse parecer um bom dinheiro para muitas pessoas, era irrisória para os padrões de Hollywood.

Insistindo nas negociações, Grace conseguiu duas concessões importantes do estúdio: uma licença a cada dois anos para atuar no teatro e a permanência em Nova York, em vez de precisar se mudar para a Califórnia.

“Os estúdios são persistentes”, admitiu ela. “Quando querem alguém ou alguma coisa, sempre conseguem.” Grace assinou o contrato usando uma caneta emprestada, de pé, junto ao balcão do aeroporto, enquanto o avião que a levaria à África aquecia os motores.

Mas outro diretor também havia visto o teste feito em 1950: Alfred Hitchcock. E ele identificou na jovem atriz “um vulcão coberto de neve”.

Ela escreveu: “*Foi doloroso para mim ter de desistir do filme —*”.

Era a primeira vez que fazia uma confissão a alguém, além de seu marido.

O cineasta britânico Alfred Hitchcock havia migrado para Hollywood em 1939 e tinha acabado de se naturalizar cidadão norte-americano. Na casa dos cinquenta anos, careca, tinha uma silhueta arredondada e uma voz peculiar. Mas estava no topo da lista dos diretores mais badalados de Hollywood, à frente de produções que se tornariam clássicos do cinema: *Quando fala o coração*, com Ingrid Bergman e Gregory Peck; *Um barco e nove destinos*, baseado em conto de John Steinbeck; *Suspeita*, com Cary Grant e Joan Fontaine; e *Interlúdio*, também com Grant, ao lado de Ingrid Bergman e Claude Rains.

Quando convidou Grace para contracenar com Ray Milland no suspense *Disque M para matar*, o diretor fez o que nenhum outro havia feito até então: colocou a atriz em destaque e a transformou em uma estrela.

Grace escreveu: "*Fiquei muito empolgada com a proposta do filme e, em particular, com a possibilidade de trabalhar com você novamente* –", usando traços em vez de vírgulas ou pontos, como costumava fazer.

Durante as filmagens de *Disque M para matar*, Hitchcock falou sobre sua produção seguinte, dessa vez com James Stewart: um filme chamado *Janela indiscreta*. O entusiasmo do diretor era tanto que, quando chegou a hora, Grace recusou a chance de trabalhar com Marlon Brando em *Sindicato de ladrões* (o papel ficou com Eva Marie Saint, que ganhou o Oscar de melhor atriz) para estrelar a nova obra de Hitch.

Ela continuou: "*Quando nos encontrarmos, eu gostaria de explicar pessoalmente todos os motivos tão difíceis de serem ditos por carta ou por terceiros* –".

Hitchcock voltou a dirigir Grace em *Ladrão de casaca*, uma produção filmada na Riviera Francesa e que também contou com a atuação de Cary Grant. No ano seguinte, o sucesso do filme levou a atriz para o Festival de Cinema de Cannes, onde ela conheceu o príncipe Rainier.

Era 1955.

"Quando me casei com o príncipe Rainier", contou ela na época, "eu me casei com o homem e não com o que ele era ou representava. Simplesmente me apaixonei por ele, sem pensar em mais nada."

Mas esse "mais nada" tinha algo de bastante especial e, sete anos depois, o conto de fadas iniciado naquele primeiro encontro em Mônaco continuava vivo e forte.

Grace ia a seu escritório todos os dias, mas não seguia um expediente fixo. Algumas vezes, chegava cedo; em outras, vinha no final do dia. Ficava durante o tempo que fosse necessário, dependendo dos compromissos de sua agenda. Mas, mesmo quando não estava no escritório, seus dias eram movimentados, pois Rainier

havia lhe atribuído diversas responsabilidades. Ela tinha redecorado o palácio, o que era uma tarefa enorme (conseguiu deixar o lugar mais arejado, repintou e renovou a decoração, dividiu o quarto das crianças para que cada uma tivesse seu próprio espaço). Antes de terminar a empreitada, assumiu a presidência da Cruz Vermelha de Mônaco e do Clube de Jardinagem e passou a gerir quase todas as atividades culturais oficiais do principado. Também administrava a casa, o que significava comandar uma equipe considerável e supervisionar as compras. Planejava ela mesma o cardápio da família, dedicando atenção especial ao peso de Rainier e ao dela, e fazia questão que seus filhos tivessem uma alimentação equilibrada.

“Você sabe do que o meu marido me chama?”, confidenciou a alguns amigos. “Ele diz que eu sou sua coordenadora de questões domésticas. Não parece que faço parte do gabinete de ministros?”

Grace se dedicava a tudo o que fazia e buscava o melhor resultado possível porque, como as pessoas perceberiam logo após sua chegada, ela era uma perfeccionista.

Chegar a Mônaco sem conhecer ninguém além de Rainier, longe de casa em uma época em que os telefones não funcionavam tão bem e sem dominar o idioma local, não tinha sido tarefa fácil. Mas agora ela estava confortável em seu papel de princesa Grace.

E o ano havia começado muito bem.

Sua filha Caroline tinha cinco anos e seu filho Albert (apelidado de Albie pelos familiares) tinha quatro. Seu marido, a quem ela chamava de Ray, tinha acabado de fazer 39 anos. Eles formavam uma família bonita, feliz e saudável. Rainier falava com os filhos em francês e Grace em inglês; por isso, Caroline e Albie estavam crescendo completamente bilíngues. Seu domínio do francês havia melhorado tanto que ela tinha satisfação em falar em público, embora jamais perdesse o sotaque americano.

No entanto, naquele ano ela teve um aborto natural, seguido de outro.

Ao mesmo tempo, o presidente francês Charles de Gaulle fazia ameaças envolvendo os sonegadores de imposto que se refugiavam em Mônaco e parecia querer intensificar o tom da conversa.

De Gaulle e Rainier já haviam passado por isso antes. Rainier sempre fez questão de preservar a soberania do principado em relação à França, de acordo com o que determinavam os tratados oficiais. Mas, dessa vez, De Gaulle se mostrava determinado a agir independentemente de compromissos firmados.

Grace via de muito perto a pressão sobre seu marido.

E agora vinha o convite de Hitchcock.

Os dois haviam preservado o contato desde que ela tinha saído de Hollywood. Grace sempre atribuiu ao diretor seu trajeto rumo ao estrelato.

“Hitch me ensinou tudo sobre cinema”, costumava dizer. “Com ele, aprendi que as cenas de assassinato devem ser filmadas como cenas de amor, e as de amor como cenas de assassinato.”

No final de 1961, enquanto trabalhava em um novo filme chamado *Marnie, confissões de uma ladra*, estrelado por um belo ator escocês chamado Sean Connery (que havia batido todos os recordes de bilheteria no papel de James Bond em *007 contra o satânico Dr. No*), Hitchcock decidiu que Grace Kelly seria a atriz perfeita para a protagonista do título.

O diretor gostava de convidar atores que já haviam participado de produções anteriores: trabalhou com Cary Grant e James Stewart quatro vezes, e três com Ingrid Bergman. Dessa vez, queria dirigir Grace Kelly pela quarta vez.

Para ela, seria o marco de sua volta à carreira cinematográfica. Fazer isso ao lado de Alfred Hitchcock parecia a melhor escolha, tanto para Grace como para Rainier.

Só que dessa vez seria diferente. Hitch apreciava a “elegância sensual” da atriz e propunha seu retorno às telas no papel de uma cleptomaníaca sexualmente frustrada que é estuprada pelo marido controlador.

Ninguém tinha dúvidas de que a atriz Grace Kelly daria conta do recado. Mas seria adequado para a princesa Grace?

Grace e Rainier discutiram a proposta. Ele tinha dúvidas, e ela também. Mas, quando se convenceu de que era o que deveria fazer e seu marido concordou, avisou Hitch que aceitava o convite.

Em março, o diretor anunciou que Grace Kelly voltaria às telas e foi aí que o furor começou.

Primeiro, a MGM avisou que era impossível, porque o contrato com a artista ainda não havia expirado.

De acordo com o estúdio, quando Grace foi embora de Hollywood para se casar com Rainier e morar em Mônaco, não foi mais chamada para integrar os elencos nem recebeu mais nenhum pagamento, mas a suspensão não significava rescisão do contrato, que ainda estava em vigor. Se quisesse participar de um filme, teria de fazê-lo com a MGM, ou então Hitchcock teria de negociar a participação dela com o estúdio.

Isso foi só o começo.

Enquanto os advogados de Grace nos Estados Unidos e os representantes legais de Hitchcock desconfiavam de blefe por parte da MGM (o estúdio alegou que levava aquilo muito a sério e estava “considerando a própria posição”), em Mônaco as pessoas formavam suas opiniões.

A mulher que havia chegado ao principado em 1956 – aos 26 anos, como estrela de cinema – agora tinha 32 anos, dois filhos e ocupava o título de primeira-dama.

Atrizes de Hollywood faziam filmes, mas não a princesa de Mônaco.

Ela escreveu: “*É lamentável que tudo tivesse de acontecer dessa maneira e eu realmente sinto muito* –”.

No final de sua carreira em Hollywood, ela nem sequer tentou esconder o que sentia com a proximidade de sua saída. “Há cinco anos, quando cheguei a Hollywood”, contou a um repórter durante as filmagens de *Alta sociedade*, “eu começava a fazer a maquiagem às oito horas da manhã. Neste filme, o horário foi adiantado para as 7h30. Todos os dias vejo Joan Crawford, que começa a ser preparada às cinco, e Loretta Young, que está lá desde as quatro da manhã. Deus me livre de viver em uma atividade em que tenho de me levantar cada vez mais cedo e levar cada vez mais tempo para poder encarar as câmeras”.

Esse não era o único problema com a “cidade artificial”.

Às vezes, Grace dizia que odiava aquele lugar. “Tenho muitos conhecidos lá, mas poucos amigos.” Em outras ocasiões, definia Hollywood como “a cidade sem piedade”. “Não conheço nenhum outro lugar no mundo com tantas pessoas sofrendo de crises nervosas, com tantos alcoólatras, neuróticos e tanta gente infeliz.”

Mas às vezes Hollywood também a divertia. “Parece sagrada para o público, mas na verdade é mais profana do que o demônio.”

Ninguém que a conheceu duvidava de que em algum lugar, no fundo de sua mente, ela mantinha a esperança de voltar a atuar um dia.

Mas quando surgiu a oportunidade...

Ela escreveu: *“Obrigada, meu querido Hitch, por ser tão compreensivo e atencioso. Odeio decepcionar você –”*.

Em Hollywood, todos também sabiam que Hitchcock pensava nos atores como “gado”.

Por isso, ela acrescentou: *“Também odeio o fato de que provavelmente existam muitas outras ‘cabeças’ capazes de fazer esse papel tão bem como eu – Apesar disso, espero continuar a ser uma de suas ‘vacas sagradas’ –”*.

Parou para reler a carta.

Em seguida, concluiu *“Com um imenso carinho–”* (destacou a palavra “imenso”) e assinou, *“Grace”*.

Com isso, acabava ali, de uma vez por todas, a carreira de Grace Kelly.

## *Capítulo 1*

### NASCE UMA ESTRELA

NUNCA HAVIA DÚVIDA SOBRE ELES.

Não aqueles dois.

Por mais que eles se esforçassem para passar por anônimos, sempre havia alguém que os reconhecia e sabia seus nomes.

Uma noite, em Londres, depois de jantar em um restaurante japonês com alguns amigos, Grace pediu ao garçom para chamar um táxi. Quando o carro chegou, ela, Rainier e outro casal entraram. Assim que se acomodaram, o motorista começou a rir. Riu por todo o caminho até o Connaught Hotel, onde Grace e Rainier ficaram. E continuou dando risadas até chegar ao destino do outro casal, em Chelsea.

Antes de desembarcar, os passageiros afinal perguntaram: “O que é tão engraçado?”.

“Foi o garçom japonês que me chamou por telefone”, disse o motorista. “Eu não conseguia adivinhar o que ele queria. Não entendia nada do que ele dizia, porque o rapaz só ficava repetindo ‘glazed cherries’, ‘glazed cherries’. Então, quando chego ao restaurante, quem entra no meu táxi? Grace Kelly.”

\*\*\*

John Brendon Kelly, o nono de uma família de dez filhos, era um homem durão, vigoroso, beberrão e inveterado galanteador de senhoras. Assim como muitos filhos de imigrantes nos Estados Unidos, batalhou para sair da pobreza e melhorar de vida, em busca do sonho americano.

Seus pais eram de County Mayo, Irlanda, e chegaram ao Novo Mundo com nada mais do que um forte sotaque e muita esperança. John B., conhecido como Jack, nasceu em 1890, em East Falls, um dos bairros de operários irlandeses da Filadélfia. Aos nove anos de idade, depois das aulas, trabalhava nas fábricas de tapetes a fim de ajudar a sustentar a família. Três anos depois, abandonou a escola e arrumou um emprego em tempo integral como servente e aprendiz de assentador de tijolos com um de seus irmãos mais velhos, que, na época, havia montado sua própria empresa de construção.

Mas o destino de Jack lhe reservava coisas melhores. Ele desejava o sucesso e, de alguma forma, descobriu que tinha talento para o remo. Com as costas e os braços fortalecidos pelo trabalho pesado, passou a treinar no rio Schuylkill e logo chegou a campeão.

Depois de servirem ao exército durante a Primeira Guerra Mundial, em 1918, ele e seus companheiros do Vesper Boat Club dedicaram-se aos treinamentos durante dois anos, preparando-se para disputar pela primeira vez a famosa Regata Henley, na Inglaterra, e, em seguida, os Jogos Olímpicos de Antuérpia. Dois dias antes de Jack deixar a Filadélfia rumo à Europa, chegou um telegrama dos organizadores da Regata Henley com um comunicado direto e frio: "Inscrição rejeitada".

Segundo a explicação oficial, Jack acabou preterido porque o clube Vesper tinha violado seu *status* de "amador" em 1905, ao solicitar doações para cobrir os custos do envio de uma equipe para disputar a famosa regata – e a penalidade ainda vigorava em 1920.

Mas Jack interpretou aquilo de uma maneira bem diferente.

Ele levou para o lado pessoal e, por toda a vida, afirmou que sua inscrição tinha sido recusada pelo fato de ele ser um trabalhador comum, portanto, indigno de competir em Henley com "cavalheiros" orgulhosos de sua classe social.

A vingança que preparou para a suposta discriminação entraria para a mitologia esportiva norte-americana.

Alguns meses depois, Jack derrotaria os melhores remadores britânicos nas Olimpíadas de Antuérpia, voltando para casa com duas medalhas de ouro. Não satisfeito, passou vários anos treinando

o filho, John Jr., que se vingou de novo do insulto britânico vencendo duas vezes a Regata Henley, em 1947 e 1949.

Certa vez descrito por seu amigo Franklin Roosevelt como “o homem mais bonito que já vi”, Jack Kelly transbordava charme e humor. Agraciado com um físico atlético até o dia de sua morte, viveu impulsionado pelo entusiasmo, sem medo de ir atrás do que queria, e consumido pela paixão por mulheres e política.

Em 1919, pediu um empréstimo de 2.500 dólares a dois de seus irmãos para abrir a empresa Kelly For Brickwork, que, em 1935, já era bem-sucedida a ponto de servir como trampolim para a candidatura de Jack a prefeito. Derrotado, nunca voltou a disputar outra eleição, mas flertou brevemente com a ideia de concorrer ao Senado em 1936. Chefiou o Comitê Democrático da Filadélfia até 1940 e manteve-se nos bastidores da força política dominante da cidade durante toda a sua vida.

Com tantas e tão fortes conexões na “cidade do amor fraternal”, não era de surpreender que, entre meados da década de 1920 e metade dos anos 1950, nem um único edifício do centro da Filadélfia tenha sido erguido sem a participação da Kelly For Brickwork.

Em 1924, Jack casou-se com Margaret Majer, que ele tinha conhecido quase nove anos antes. Filha de imigrantes alemães, ela havia sido criada numa comunidade luterana, na área de Strawberry Mansion, na Filadélfia.

Margaret cresceu falando alemão em casa e aplicou na educação de seus filhos o mesmo forte senso de disciplina prussiana que tinha marcado sua própria juventude. Todo mundo obedecia, e nem mesmo Jack ousava contrariá-la.

Apesar dos esforços, não conseguiu ensinar os filhos a falarem alemão fluentemente. As crianças escondiam os livros de gramática porque odiavam o idioma, além do fato de que, no final da década de 1930, falar alemão era considerado um gesto bem pouco patriótico pelos norte-americanos.

Margaret, que chegou a ser fotografada para capas de revista, estudou na Universidade de Temple por dois anos e formou-se em educação física, o que abriu as portas para ela se tornar a primeira mulher a lecionar a disciplina na Universidade da Pensilvânia.

Ela se converteu ao catolicismo para se casar com Jack e teve a primeira filha, Peggy, um ano depois. John Jr. – apelidado de Kell – chegou dois anos depois, em 1927. Grace nasceu em 12 de novembro de 1929. A quarta e última filha da família, Lizanne, veio à luz em 1933.

Árdua defensora da rotina, Ma Kelly planejava cada parte do dia em um cronograma apertado. Havia horários específicos para tomar café da manhã, ouvir rádio, estudar piano, dormir e levantar da cama. Governava a casa com mão de ferro e, quando estabelecia uma regra, não deixava brecha para discussão.

Muitos anos mais tarde, Caroline, Albert e Stéphanie teriam a chance de testemunhar o melhor estilo da avó, ao passar o verão com ela na casa de praia da família Kelly, na esquina da 26th Street com a Wesley Avenue, em Ocean City, em Nova Jersey.

Grace e Rainier traziam os filhos para visitar a avó e seus primos norte-americanos. Na hora do jantar, Ma Kelly sentava-se à cabeceira. Em mais de uma ocasião, ao ver Rainier relaxadamente acomodado em seu lugar, ela não hesitava em cutucá-lo com um garfo enquanto murmurava “cotovelos”, para que o príncipe os retirasse da mesa.

A família de Jack e Margaret morava em uma casa de quinze cômodos – construída, é claro, com sólidos “tijolos Kelly” –, no número 3.901 da Henry Avenue, numa área da cidade então em ascensão, chamada Germantown.

Foi nesse endereço que Grace nasceu.

Sua mãe a descrevia como uma criança feliz, apesar da asma e das infecções de ouvido e de garganta que a acompanharam por toda a infância. Como as doenças a mantinham muito tempo na cama, a menina descobriu o prazer da leitura, que ela cultivaria durante toda a sua vida.

Para Jack e Ma, só a religião e a escola tinham mais importância do que o esporte. Kell não só triunfou em Henley como também conquistou uma medalha olímpica de bronze no remo, em 1956. Peggy, a favorita do pai, participava de competições de natação. A caçula Lizanne, claramente a mais atlética das três meninas, venceu vários campeonatos de natação. Grace jogava tênis, chegou a capitã

do time de hóquei da escola, nadou e até se arriscou em saltos ornamentais, mas nunca foi esportiva como os irmãos. Também não era tão bonita como Peggy e Lizanne, nem tão extrovertida como Kell. Típica filha do meio, ela tinha tudo para se retrair socialmente, fechando-se numa concha.

Mas ela era a favorita do "Fordie" e, anos depois, ela apontaria essa amizade como uma de suas lembranças mais queridas da infância.

Godfrey Ford trabalhava para os Kellys como uma espécie de "faz-tudo", consertando o que precisasse de reparo. Era um homem negro amável e gentil, natural do norte da Filadélfia, que passou a vida com aquela família e viu as crianças crescerem ao mesmo tempo em que elas o viram envelhecer. Grace adorava contar histórias sobre ele, como a de uma viagem para Ocean City, aonde a família iria passar o verão. Os outros filhos foram no carro dos pais e só Grace acompanhou Fordie a bordo de uma velha caminhonete. Ma Kelly ficou preocupada, achando que eles nunca chegariam com segurança, mas isso não impediu Grace de viajar apertada no banco da frente, com a bagagem e alguns móveis da família empilhados na cabine. Demoraram o dobro do tempo para chegar à praia, mas inventaram histórias, cantaram e riram por todo o caminho.

Ma Kelly nunca soube, mas, às vezes, Fordie deixava Grace dirigir a caminhonete.

Fordie talvez tenha sido a primeira pessoa a dizer para a menina que não tinha a menor importância se ela não fosse tão boa nos esportes quanto seus irmãos.

Como Ma Kelly apreciava o rigor na educação, matriculou a filha na Ravenhill Academy, em East Falls, uma escola dirigida por freiras obcecadas por disciplina e boas maneiras. Porém, com cerca de doze anos de idade, Grace convenceu a mãe de que a menos severa Stevens School seria melhor para ela e conseguiu mudar para lá.

Por volta dessa época, Grace começou a desejar ser um menino.

Como explicaria mais tarde, a influência paterna sobre ela tinha sido gigantesca. Ele costumava dizer para as crianças que "nada é dado de graça". Grace cresceu acreditando que tudo o que vale a

pena tem de ser conquistado, e que o jeito de conquistar as coisas era com muito trabalho duro.

O problema de ser uma garota na década de 1940 era que as oportunidades reais estavam reservadas só para os meninos.

“Meu pai era um líder”, falou ela. “Tínhamos de segui-lo a qualquer custo, e isso era bem mais fácil para um menino do que para uma menina.” Mas ela ressaltava: “Um pai entusiasmado é um maravilhoso começo de vida”.

Herdeira de parte do entusiasmo do pai, depois de assistir a uma apresentação da companhia Ballet Russes, Grace dedicou-se ao estudo do balé clássico e do piano. Em certo momento, chegou a considerar a ideia de se tornar dançarina profissional.

Nessa época, ela descobriu o teatro.

Grace tinha doze anos quando estreou com uma peça chamada *Don't feed the animals*, em uma montagem da Old Academy Players de East Fall. A participação seguinte seria na peça *Cry havoc* e, para sua alegria, foi escolhida para o elenco de uma versão de *The torch bearers*, escrita por ninguém menos que seu tio George, irmão de Jack.

Formada pela Stevens School em junho de 1947, Grace tentou uma vaga na Bennington College, em Vermont. Como nunca havia se interessado muito por matemática e ciências, não tinha as qualificações acadêmicas esperadas e não foi aceita na instituição.

Enquanto tentava decidir sobre seu futuro, frequentou alguns cursos da Universidade de Temple. No entanto, logo se convenceu de que tinha de investir pesado nas artes dramáticas e mudou-se para Nova York. Morandono Barbizon, endereço das jovens bem-nascidas, matriculou-se na Academia Americana de Artes Dramáticas.

Para Jack Kelly, ver a filha de apenas dezoito anos buscar fama e fortuna na cidade grande não era algo fácil de aceitar.

Muitos anos antes, a irmã dele, que também se chamava Grace, havia demonstrado interesse em atuar, mas sua carreira havia sido abortada antes mesmo de começar porque, na época, seus pais não achavam a atividade apropriada para moças de boas famílias.

Sobre isso, Grace comentaria mais tarde: "Tia Grace cometeu o erro de ter nascido uma geração antes. Eu tive mais sorte".

A sorte, no caso, incluía ainda o fato de Jack ter outros dois irmãos que fizeram do teatro uma possibilidade genuína de carreira. Walter Kelly, bem mais velho do que Jack, era um ator itinerante que, quando jovem, alcançou um sucesso moderado nos palcos de *vaudeville* interpretando um personagem conhecido como "o juiz da Virgínia". Chegou a ir para Hollywood nos primórdios do cinema, mas sua carreira nunca ultrapassou os limites do teatro de variedades. Morreu em 1938, quando Grace tinha nove anos.

Ainda assim, ela cresceu sabendo da veia artística do tio, pois as histórias sobre Walter eram um tema frequente nos jantares da família.

Tio George alcançou um sucesso bem maior.

Ele era o irmão imediatamente mais velho de Jack, embora os dois fossem totalmente diferentes. Enquanto o pai de Grace se destacava como atleta, George era um delicado sonhador, um homem cheio de humor e inteligência que começou no teatro como ator e depois se tornou dramaturgo. Padrinho de Grace, talvez tenha sido uma de suas primeiras influências importantes.

Em 1926, George Kelly ganhou o Prêmio Pulitzer com a peça *Craig's wife* e o sucesso o levou para Hollywood, onde integrou a equipe de roteiristas da MGM. Apesar de viver anos na cidade, nunca chegou perto de alcançar o sonhado sucesso na Broadway. Mas, ainda assim, o fato de ser sobrinha de George Kelly abriu algumas das primeiras portas para Grace.

O parentesco não mudou a situação de Grace na audição de seleção da Academia Americana, por exemplo, quando ela teve de interpretar uma cena de *The torch bearers*.

Nos dois anos seguintes, ela estudou dicção e postura e aprendeu a se movimentar no palco. Gradualmente, superou sua timidez e aprendeu a criar personagens. Mergulhou na improvisação e no célebre "método" de Constantin Stanislavski, e viu-se fazendo exercícios que teriam horrorizado seus pais, como caminhar entre os vagabundos da então degradada área da Bowery para aprender

como agem os bêbados ou passar tardes inteiras no zoológico do Bronx para observar os movimentos dos animais.

Ela sempre reclamaria que a escola de atores foi “o único lugar em que me mandaram representar uma lhama”.

Enquanto morava no Barbizon (comumente chamado pela horda de rapazes que circulava pelo *lobby* de “the Amazon”, uma vez que raras moradoras do local tinham um décimo da beleza de Grace Kelly), um amigo sugeriu que ela poderia ganhar algum dinheiro trabalhando como modelo. No início ela recusou, sabendo que seus pais não aprovariam, mas depois mudou de ideia.

Pouco antes de fazer dezenove anos, Grace assinou um contrato com uma pequena agência, na qual recebia uma remuneração de 7,50 dólares por hora. Era um bom pagamento para a época, quando a maior parte do resto do mundo se esforçava para ganhar 1 dólar por hora.

Seus pais, de fato, não ficaram satisfeitos.

Em pouco tempo, seu visual louro ao estilo “a garota do lado”, como se dizia na época, lhe garantiu participações de campanhas publicitárias de alcance nacional. Grace anunciou pasta de dentes Ipana, cigarros Old Gold, xampu anticaspa, cremes de beleza, inseticida e várias marcas de cerveja. O preço de sua hora como modelo foi rapidamente ajustado para 25 dólares. Em 1949, quando se formou na Academia Americana de Artes Dramáticas, fazia propagandas em cinejornais por 400 dólares por semana.

Se Grace poderia ou não ter sido uma das grandes modelos de Nova York, isso é uma incógnita. O problema da profissão, logo identificado, era que a atividade de modelo não envolvia a representação – e ela não abria mão de ser atriz.

Grace entrou na rotina de testes para seleção de elenco na Broadway, ouvindo várias vezes o clássico “Não nos telefone, nós ligamos para você”. Ela se submeteu à humilhação que todo ator e atriz sofrem ao começar: longas horas de espera em filas, preparação para ler uma dúzia de linhas, mas com a interrupção após uma ou duas frases, o som de uma voz vinda do fundo da plateia, dizendo, no escuro: “Obrigado... o próximo, por favor”.

Ser sobrinha de George Kelly não a poupou desse árduo aprendizado sobre a rejeição. Independentemente de seu sobrenome, com quase 1,74 m de altura, ela era alta demais para interpretar a menina inocente que seu belo rosto e os brilhantes olhos azuis sugeriam. Ainda assim, perseverou até tio George intervir e ajudá-la a arranjar seu primeiro trabalho como atriz profissional.

Foi em 1949, no Bucks County Playhouse, em New Hope, na Pensilvânia, em uma montagem para a temporada de verão de *The torch bearers*.

George a indicou para um papel importante, mas insistiu que ela não devia fazê-lo só por ser sua sobrinha. Mais tarde, ele sempre diria que a contratação dela ocorreu porque o diretor a julgou "satisfatória". Embora não tenha apresentado um desempenho particularmente notável, Grace deu duro o suficiente para ser convidada a atuar em uma segunda produção de verão chamada *The heiress*.

Dessa vez, ela se saiu muito bem.

As críticas elogiosas em Bucks County renderam-lhe um teste.

Era 1950 e o diretor Gregory Ratoff, que trabalhava em um filme chamado *Taxi*, achou que ela poderia interpretar uma jovem imigrante irlandesa. Grace participou da seleção em Nova York, mas não conseguiu o papel.

Ela não tinha como saber que aquele teste mudaria sua vida.

Sem se deixar intimidar pelas recusas, ela continuou participando dos testes de elenco até conseguir o papel da filha de Raymond Massey em uma remontagem feita na Broadway de *O pai*, de August Strindberg.

Como Massey era um ator bastante alto, dessa vez a estatura de Grace não representou nenhum problema.

Saiu no *The New York Times*.

O jornal considerou o espetáculo razoável, destacando o encantador desempenho da jovem atriz, mas criticando o protagonista. Naquela época, a influência do *Times* sobre a Broadway era enorme, e a peça saiu de cartaz em nove semanas.

Grace passou o resto daquele inverno e a primavera fazendo testes e posando como modelo para ganhar dinheiro. Como atriz, porém, não conseguia trabalho.

É claro que momento e sorte são importantes para todas as carreiras, e no caso de Grace, a combinação de ambos foi quase perfeita. Ela estava na hora certa e no lugar certo, pois a Nova York do início dos anos 1950 era o local onde a televisão começava a explodir, a ponto de rapidamente se tornar a “vitrine” de atores e atrizes iniciantes mais importante dos Estados Unidos.

Diante da falta de oportunidades na Broadway, ela ingressou no circuito da dramaturgia televisiva semanal. Primeiro, com aparições regulares nas peças televisionadas apresentadas no Philco-Goodyear Playhouse. Depois, como atriz em grandes produções de outros programas de teleteatro da época, como Kraft Television Theatre, Nash Airflyte Theatre e Prudential Family Playhouse.

Ao longo de trinta meses, Grace trabalhou em nada menos do que sessenta peças transmitidas ao vivo pela televisão.

Em 1951, quando seu nome já ganhava destaque no teleteatro, surgiu a chance de estreiar no cinema com um pequeno papel no filme *Horas intermináveis*.

Baseado em um fato real, trata-se da história de um homem que passa quatorze horas no parapeito de um alto edifício, ameaçando se jogar para a morte. No elenco, estavam Richard Basehart, Barbara Bel Geddes, Paul Douglas, Debra Paget, Agnes Moorehead, Jeffrey Hunter e Howard Da Silva. O filme não foi um sucesso de bilheteria nem contribuiu muito para a carreira de Grace.

E, mais uma vez, o tio George interveio.

No verão em que ela tinha se apresentado no Bucks County Playhouse, George telefonou para um amigo, o produtor Gant Gaither, convidando-o para conferir o trabalho da sobrinha. Gaither gostou do que viu – ou pelo menos não achou ruim – e, também como uma espécie de favor a George, contratou Grace. Ofereceu um papel na pré-estreia fora da cidade de uma peça chamada *Alexander*. A personagem era sensual e, embora os críticos de Albany, no estado de Nova York, tenham escrito que “Grace Kelly era

muito fria para ser sexy”, trouxe à tona muito da qualidade que, um dia, faria daquela jovem atriz uma estrela de cinema.

Reconhecendo esse potencial, ainda em Albany, Gant Gaither prometeu a Grace: “Você também vai fazer o papel na temporada de Nova York”.

Anos mais tarde, o produtor lembraria carinhosamente: “Ela era uma linda menina que se tornou uma mulher magnífica. O que mais me surpreendia nela era sua capacidade crítica. Ela possuía um maravilhoso bom senso. Muito antes de ela se casar, caso eu estivesse trabalhando em uma peça que precisasse de alguns ajustes, eu pedia a Grace para vir assisti-la. Quando criticava algo, ela sempre oferecia uma solução. Tinha um maravilhoso espírito construtivo”.

Pouco antes de a peça de Gaither atravessar o rio Hudson rumo à Broadway, Grace surpreendeu-se ao receber um telefonema de Hollywood dizendo que o produtor Stanley Kramer a queria em um *western* chamado *Matar ou morrer*, a ser dirigido por Fred Zinnemann.

Zinnemann tinha visto aquele teste feito um ano antes. Grace passou por nova avaliação, ganhou o papel, passou a maior parte do verão de 1951 fazendo teatro no Colorado e filmou *Matar ou morrer* no outono seguinte.

Apesar da atual reputação de grande clássico, o filme em que ela encarna Amy Kane, a esposa do xerife vivido pelo vencedor do Oscar Gary Cooper, não a transformou em estrela. Terminada a filmagem, Hollywood se limitou a agradecê-la, dando-lhe uma passagem de volta para Nova York.

Grace voltou para o apartamento que agora era a sua casa, no número 200 da East 66th Street. Trabalhou um pouco mais na televisão e continuou batendo pernas em busca de um papel na Broadway.

Até que mais uma vez, aparentemente do nada, surgiu um convite do produtor Sam Zimbalist e do diretor John Ford. Ofereciam o segundo papel principal feminino de *Mogambo*, uma produção a ser filmada na África.

Na época, ela achou que o convite tinha sido fruto de seu trabalho em *Matar ou morrer*. Não era. Por acaso, Zimbalist e Ford também assistiram ao teste de 1950 e a contrataram por causa dele.

Grace não hesitou em aceitar e anos mais tarde explicou os motivos: "Três coisas me interessaram naquela proposta: John Ford, Clark Gable e uma viagem para a África com as despesas pagas. Se *Mogambo* fosse rodado no Arizona, eu teria recusado o papel".

A única pedra no caminho de Grace era que a MGM exigia a assinatura de um contrato.

Firmado o acordo, ela embarcou para o Quênia com Clark Gable, que tinha pela frente a tarefa de recriar o papel de caçador que ele tinha vivido antes em *Terra de paixões*, dessa vez contracenando com Ava Gardner.

O desempenho de Grace como a gélida "outra mulher" lhe rendeu uma indicação ao Oscar de melhor atriz coadjuvante.

Com seu charme habitual, a atriz sempre creditou a Ford o sucesso dela naquela produção e os ensinamentos dados por ele sobre como interpretar para a telona. Grace costumava dizer que o diretor sabia exatamente o quanto podia extrair de cada ator, sem forçá-lo a ultrapassar os limites de seu potencial.

O Oscar acabou nas mãos de Donna Reed, mas, a partir de então, o nome Grace Kelly passou a ser acompanhado do epíteto "estrela de cinema".

No entanto, ainda não se tratava de uma estrela poderosa o suficiente para sustentar um filme com brilho próprio.

E aqui entra Alfred Hitchcock.

O cineasta britânico a havia considerado "contida" em *Matar ou morrer*, mas no teste ele identificou que ela tinha "um potencial a ser explorado". Por isso, a escolheu para contracenar com Ray Milland em *Disque M para matar*.

Era o início de sua parceria de trabalho de maior sucesso: Hitchcock entendeu como dirigi-la melhor do que ninguém.

O filme também marcou o começo de um romance com Milland, o que chegou às manchetes dos jornais e quase levou o ator a deixar a esposa para ficar com Grace.

Hitchcock imediatamente escalou a atriz pela segunda vez, agora para atuar ao lado de James Stewart em *Janela indiscreta*.

Em seguida, Grace participou de *Amar é sofrer*, com Bing Crosby e William Holden.

Ironicamente, alguns anos antes, o produtor responsável pela montagem na Broadway da peça que deu origem ao filme havia reprovado Grace para o mesmo papel que lhe renderia o Oscar de melhor atriz.

Apenas alguns anos depois de anunciar inseticidas e pastas de dentes, Grace Kelly se tornava um nome conhecido em todo o país.

Em meados dos anos 1950, Grace foi um modelo para meia geração de jovens norte-americanas. As garotas se vestiam e se penteavam como ela e até tentavam imitar o modo de falar da atriz. Nos Estados Unidos da época, o maior galanteio que se podia fazer a uma bela jovem era "Você é tão bonita quanto a Grace Kelly".

Para satisfação absoluta da MGM, que a mantinha sob contrato desde *Mogambo*, Grace de repente passou a valer uma fortuna. O estúdio a escalou para atuar em *Tentação verde*, com Stewart Granger, mas logo percebeu que podia lucrar muito mais alugando o passe da estrela para outras produtoras.

A MGM "emprestou" a atriz à Paramount para a filmagem de *As pontes de Toko-Ri*, com William Holden e Fredric March. Depois, Alfred Hitchcock a convidou, pela terceira vez, para estrelar *Ladrão de casaca*, ao lado de Cary Grant.

Depois das filmagens no sul da França – de onde se podia ver Mônaco ao longe, na famosa cena em que ela e Grant passeiam ao longo da Grande Corniche –, a MGM anunciou que a estrela protagonizaria *A coroa e a espada*, ao lado de Robert Taylor.

Grace Kelly, porém, leu o roteiro e odiou.

Segundo os planos do estúdio, caberia a ela um papel que não exigia nada além de usar um chapéu alto e observar Robert Taylor participar de torneios.

Grace disse para a MGM que não faria o filme.

Os produtores argumentaram que ela não tinha escolha, pois havia assinado um contrato.

Grace Kelly manteve-se firme na recusa.

A MGM puniu a atriz com uma suspensão.

Se ela se recusava a trabalhar para o estúdio, então a MGM lhe daria uma lição: não trabalharia para mais ninguém.

Sua carreira tinha se chocado com um muro erguido com "tijolos Kelly".

## *Capítulo 2*

### UM HOMEM TÍMIDO

POR UM PERÍODO DE CERCA DE DEZ ANOS, DESDE o fim da Segunda Guerra Mundial até o final de 1955, o príncipe Rainier III de Mônaco foi considerado o solteiro mais cobiçado do mundo.

Todo mundo podia ver que ele era bonito. Todo mundo sabia que ele possuía um país. E todo mundo, portanto, concluía que se tratava de um homem muito rico. Como a mulher que ele desposasse se tornaria princesa, não surpreendentemente Rainier vivia sendo convidado para jantares em que havia pelo menos uma dama solteira sentada ao seu lado.

Por iniciativa própria, porém, não demorou muito para deixar de frequentar esses jantares.

Depois de brigar com seu avô no final da Segunda Guerra Mundial, Rainier comprou uma mansão em Saint-Jean-Cap-Ferrat, no lado da península que era voltado para Villefranche. O negócio foi bom porque a propriedade ficava em uma reentrância protegida e, embora não tivesse um grande jardim, o proprietário podia nadar na enseada.

Foi ali que Rainier passou sua vida de solteiro. Depois que assumiu o trono, costumava passar os dias úteis no palácio e se refugiar na propriedade nos finais de semana.

O lugar se tornou ainda mais especial porque ele morou ali por quase seis anos com sua namorada, Gisèle Pascal.

Os dois se conheceram quando Rainier estudava em Montpellier e ela veio de Paris para encenar uma peça na cidade. Tinham a mesma idade. Gisèle era natural de Cannes, e assim o casal

partilhava também a relação com o Mediterrâneo. Os dois navegavam juntos no verão, esquiam juntos no inverno e, com o passar do tempo, cresceu a especulação de que se casariam em breve.

Quando isso não aconteceu, a imprensa decidiu que os dois não poderiam ficar juntos, uma vez que os monegascos jamais aceitariam a união de seu príncipe com uma atriz.

Em seguida, veio a versão de que o Conselho Nacional não permitiria o casamento, uma vez que *mademoiselle* Pascal era filha de floristas, portanto, uma plebeia.

A especulação, porém, nunca correspondeu à verdade – assim como o suposto argumento de que Grace Kelly era filha de um pedreiro.

Por fim, correu a história de que Rainier e Gisèle tinham sido proibidos de se casar porque ela não podia ter filhos.

Havia rumores de que o Conselho Nacional tinha pressionado o príncipe, alegando que, se ele não gerasse pelo menos um herdeiro, o principado seria absorvido pela França.

Isso também era um absurdo.

“Não havia nenhuma razão para casar”, admitiu Rainier muitos anos depois. “Nós passamos seis anos juntos e foi bom enquanto durou, mas acho que nós dois sentimos que o relacionamento se prolongou demais. Foi um caso de amor que chegou ao fim. Não acho que houve qualquer intenção séria, de qualquer lado, de casar. Enquanto as coisas estiveram boas, elas foram como deveriam ser. Em seguida, tudo simplesmente acabou.”

Ambos ficaram obviamente afetados pela separação. Anos mais tarde, Gisèle casou-se e teve uma filha, desmentindo as fofocas sobre uma suposta esterilidade que a teria afastado do posto de princesa de Mônaco.

Contudo, naquele momento, sentindo a necessidade de desfrutar de um tempo para si e de se afastar do principado por um tempo, Rainier subiu a bordo de seu barco e partiu para Conacri, na então Guiné francesa, na costa oeste da África.

“Levei um pequeno Citroën 2CV amarrado no convés”, lembraria mais tarde, “para, depois de ancorar o barco no porto, poder fazer

uma longa viagem pelo país. Meu mordomo naquela época, Coki, era de uma aldeia chamada Kankan, a cerca de seiscentos quilômetros a leste do litoral. Um de nossos objetivos era levá-lo para casa, pois ele ia comprar uma esposa. Como não tinha dinheiro suficiente, eu o ajudei. Paguei por metade de sua esposa. Quando chegamos lá, ele escolheu a noiva que queria. Deu aos pais dela a quantia suficiente de cabras, ovelhas e enfeites e tomou as providências para que a moça chegasse a Mônaco por volta do Natal. Mais tarde, quando isso não aconteceu, Coki e eu ficamos preocupados, mas poucos meses depois soubemos que a mãe a havia vendido para outro. Alguém fez uma oferta melhor e Coki foi cortado do negócio. Ele e eu ficamos muito tristes.”

Rainier passou vários meses na África – referindo-se ao período como “uma mudança de ares”, como costumam dizer os franceses – e, quando estava pronto para voltar, encarnou Noé e encheu sua arca. “Comprei um casal de avestruzes, três chimpanzés e alguns babuínos, além de crocodilos, que foram acomodados em jaulas com água para que sua pele não rachasse. Construimos uma espécie de abrigo para os animais na popa do barco. Fiquei feliz em alimentá-los todos os dias e, como ninguém da tripulação se dispôs a limpar a sujeira que eles produziam, durante toda a viagem de volta eu e um amigo cuidamos disso também.”

Ele estava apenas começando a conhecer os animais quando o barco parou para reabastecer em Dacar. “Dois babuínos fugiram. Você pode imaginar o que foi persegui-los por todo o porto. Nós atraímos uma multidão com aquele barco estranho cheio de animais.”

Assim que voltou para Mônaco, Rainier tornou-se novamente o principal alvo dos casamenteiros de plantão e até Aristóteles Onassis tentou arranjar uma noiva para o príncipe.

Convencido de que teria de ser alguém muito especial, Onassis entendeu que a escolha perfeita seria Marilyn Monroe; fez planos para aproximá-los e vazou boatos para a imprensa, na esperança de que desse certo. Mas Rainier e Marilyn jamais formariam um casal.

Na verdade, eles sequer se conheceram.

“Veja bem, ele era muito tímido na época”, observou Khalil el Khoury, filho do primeiro presidente do Líbano e bastante parecido com o ator britânico Sydney Greenstreet. El Khoury visitou Mônaco pela primeira vez na primavera de 1950 e, como era costume, foi ao palácio assinar o livro oficial de visitantes. Poucas horas depois, o chefe do protocolo telefonou para dizer que o príncipe gostaria de convidá-lo para o chá da tarde do dia seguinte.

“Fui para o palácio e nos encontramos, o príncipe Rainier e eu, dois personagens muito jovens e muito tímidos, muito pouco à vontade um com o outro. Falávamos sobre amenidades quando ele perguntou quantos anos eu tinha. Eu respondi. Ele disse: ‘Eu também’ Então, quis saber a data do meu aniversário. Descobrimos que havíamos nascido com uma diferença de apenas quatro a cinco horas. Isso quebrou o gelo.”

A amizade durou a vida toda, mas foi construída de forma gradual e, pelo menos no início, por meio de cartas.

El Khoury recorda: “Mantivemos uma troca constante de correspondências. Acho que era uma maneira de as pessoas se comunicarem de forma significativa sem que a timidez atrapalhasse. Tenho certeza de que era o caso, pois, quando jovem, ele era realmente muito tímido”.

Outro homem que conheceu a enorme timidez do jovem Rainier foi o religioso irlandês-americano que mudaria a vida do príncipe para sempre.

Francis Tucker, nascido em Wilmington, no estado de Delaware, tinha cerca de sessenta anos e falava com um sotaque carregado. Foi o confessor de Rainier e testemunhou, talvez mais do que qualquer outra pessoa, o impacto sofrido com o fim do romance com Gisèle Pascal e o aumento da pressão para encontrar uma noiva considerada adequada.

O padre se comprometeu a fazer algo a respeito.

“O padre Tucker era uma pessoa muito empolgada com as coisas”, lembrou Rainier depois, com ternura. “Nunca hesitou em se envolver com as coisas nas quais acreditava. Eu me lembro que, em certa ocasião, fez de tudo para organizar uma banda com as crianças de sua paróquia. Comprou uniformes e instrumentos para todos, mas a

maioria só apareceu para ensaiar uma ou duas vezes e nunca mais voltou. Bem, pelo menos ele tentou. Quando queria fazer alguma coisa, ele fazia com eficiência e empolgação, o que nem sempre agradava ao bispo. No entanto, ele tinha sido designado meu confessor diretamente pelo Vaticano, enquanto o bispo de Mônaco se subordinava ao cardeal da França. Então, o padre Tucker sabia bem até onde podia ir.”

Em meados da década de 1950, o decididamente conivente, espirituoso e leal padre Tucker resolveu assumir o papel de cupido – o único problema era que ele não tinha a menor ideia de como orquestrar um romance.

Sem nenhuma experiência no assunto, procurou orientação divina. E, até o dia de sua morte, ele estava convencido de que suas orações foram atendidas pela MGM, quando eles suspenderam Grace Kelly.

## Capítulo 3

### UM ROMANCE PÚBLICO

UM TURISTA MONEGASCO VIAJAVA PELA AMÉRICA DO SUL e parou num pequeno posto de controle na fronteira entre a Argentina e o Paraguai. O policial conferiu o passaporte e sentenciou: “*No está bueno*”.

O viajante não entendeu: “O que você quer dizer com isso?”. E insistiu: “Não há nada de errado com meu passaporte”.

Por meio de sinais, o guarda de fronteira deu a entender que nunca tinha ouvido falar de nenhum lugar chamado *la Principauté de Monaco*.

O monegasco tentou explicar onde ficava o principado.

O guarda não pareceu se importar. “*No está bueno!*”

O turista continuou fazendo de tudo para convencer seu interlocutor de que o país existia. “Mônaco, entende? Mônaco!”. E dizia em voz cada vez mais alta: “MÔ-NA-CO!”

Então, de repente, como se um interruptor fosse ligado em seu cérebro, o rosto do oficial da fronteira se iluminou: “*Ah, sí, Grace Kelly!*”

\*\*\*

Rupert Allan conheceu Grace na primavera de 1952, em um elevador do Savoy Hotel, em Londres. Editor responsável da revista *Look* na costa oeste norte-americana, tinha sido enviado para passar todo o inverno no Reino Unido, com a missão de coordenar a cobertura jornalística da coroação da rainha Elizabeth.

Certa tarde, ao voltar para o hotel, ele literalmente esbarrou no elevador com um velho amigo, que tinha acabado de chegar do Quênia. Allan quis saber o que ele fazia em Londres. O amigo explicou que tinha assumido a direção de promoção do filme *Mogambo*, da MGM. Ao lado dele estava uma loira discreta, muito jovem, usando óculos com uma armação escura.

Allan sorriu educadamente para ela.

O publicitário da MGM a apresentou: "Gostaria que você conhecesse a estrela do nosso filme, Grace Kelly".

Sem nenhuma maquiagem, vestida com blusa bege, saia de *tweed*, sapatos baixos e um colar de pequenas pérolas, ela pareceu a Allan "uma espécie de garota Peck & Peck", referência às jovens mulheres de aparência clássica e impecável, que pareciam saídas diretamente de revistas como a *Country Life*.

Claro que ele já tinha ouvido falar sobre ela e sabia de toda a atenção que a atriz recebia da mídia. Mas Allan não conseguia entender como aquela jovem podia ser a mesma mulher que causara tanto rebuliço em filmes como *Matar ou morrer*.

Ele reencontrou Grace poucos dias depois, em um evento promovido por Ava Gardner num domingo à tarde.

A equipe de *Mogambo* tinha se transferido da África para Londres a fim de filmar cenas de estúdio, e Ava alugara uma casa perto de Marble Arch. Como não havia cadeiras suficientes, todos se sentaram no chão, comendo e bebendo enquanto a secretária de Ava contava uma história que se tornou o sucesso da festa.

Uma noite, em Nairóbi, Ava Gardner e sua secretária souberam que haveria um espetáculo de pantomima em um clube particular perto de seu hotel. Sem mais nada para fazer, as duas foram ao clube, mas acabaram barradas: senhoras desacompanhadas não podiam entrar. Vermelhas de raiva, voltaram para o hotel, de onde Ava telefonou para o clube, fazendo-se passar pela secretária de Clark Gable. Ela disse que o ator queria assistir à apresentação naquela noite, com mais seis convidados. Do outro lado da linha, o gerente do clube garantiu que o senhor Gable seria mais do que bem-vindo. Ava informou, então, que o astro tinha ido jantar com seus convidados e, depois disso, apareceria por lá. O gerente falou

que reservaria assentos na primeira fila e que o espetáculo só começaria depois que o convidado ilustre chegasse. Passado o trote, Ava e sua secretária foram dormir. Quando soube do acontecido, Gable ficou furioso.

Grace achou a história divertidíssima e ela e Allan riram a tarde toda.

De volta à Califórnia, Allan comentou com seu chefe na *Look* que havia conhecido Grace Kelly. De imediato, foi encarregado de fazer uma reportagem sobre ela.

Completamente distante do padrão médio da imprensa de Hollywood, Allan tinha um natural charme sulista e seu comportamento gentil logo deixou Grace à vontade.

A reportagem acabou se transformando em matéria de capa da *Look*, e Grace disse a Allan que aquele era o melhor texto já escrito sobre ela. A atriz provou ser tão popular entre os leitores da *Look* que o jornalista foi convocado a fazer uma segunda entrevista com Grace. Os leitores adoraram de novo, os editores encomendaram uma terceira matéria e logo se consolidava uma amizade que se prolongaria por toda a vida.

Como tinha viajado para a Califórnia apenas a trabalho, Grace não tinha muito tempo livre quando estava lá. Mas essas poucas horas disponíveis com frequência eram passadas ao lado de Allan, amigo de confiança que em breve se transformaria em principal confidente.

Enquanto isso, Allan tinha se tornado uma espécie de interlocutor não oficial do Festival de Cannes com Hollywood. Além de ter sido educado na França e dominar o idioma, havia trabalhado em Paris para a Motion Picture Association of America, e uma de suas atribuições era organizar a participação norte-americana no Festival de Cannes.

Na época, em meados da década de 1950, não se podia dizer que essa participação fosse muito significativa. No festival de 1953, os *paparazzi* encurralaram Robert Mitchum e pediram que posasse para as fotos com uma jovem estrela. Sem suspeitar de nada, Mitchum concordou. Ele e a atriz caminharam juntos até a praia, seguidos pelos fotógrafos. A moça posicionou-se na frente do ator e, assim que viu todas as máquinas apontadas para ela, deixou cair o vestido.

Sem pensar, Mitchum cobriu os seios nus da jovem com as próprias mãos. As fotos foram distribuídas em todo o mundo.

Em seguida, soube-se que o prefeito de Cannes tinha se filiado ao Partido Comunista Francês. Com a caça às bruxas promovida por McCarthy ainda fresca na memória de Hollywood, ninguém no mundo do cinema dos Estados Unidos queria ser associado a algo que pudesse, de alguma forma, ser interpretado como atitude antiamericana.

Os promotores do festival, desesperados por estrelas americanas, recorreram à ajuda de Rupert Allan para convencê-las a ir para Cannes. O jornalista se comprometeu a tentar. A atriz mais cobiçada pela organização do festival de 1955 era Grace Kelly.

Como ela ainda estava suspensa pela MGM, Allan telefonou para Nova York a fim de perguntar se ela aceitaria o convite.

Mas Grace recusou.

Ela tinha acabado de se mudar para um novo apartamento, no número 880 da Fifth Avenue, perto do Metropolitan Museum. Também havia contratado uma secretária nova e alegou que precisava de um tempo longe de Hollywood para colocar sua vida em ordem.

Allan a repreendeu: "Você está parecendo uma senhora".

Grace confessou então que havia outras razões, bem mais pessoais, para não ir a Cannes.

No verão anterior, durante as filmagens de *Ladrão de casaca*, ela tinha se apaixonado pelo estilista Oleg Cassini. O casal chegou a ter um relacionamento sério, mas o romance terminou. Também na França, ela já tinha vivido uma história de amor com o ator Jean-Pierre Aumont.

Grace disse que voltar para aquela parte do mundo só serviria para ressuscitar um monte de lembranças antigas, e que talvez fosse melhor deixar que desaparecessem naturalmente. "Prefiro não ir a lugar nenhum agora."

Mas ele não desistiu. "A primavera em Cannes vai fazer bem a você. De qualquer forma, eu vou estar lá, então você não tem de se preocupar com nada. Eu conheço todo mundo, posso ser seu intérprete. Vou cuidar de tudo."

Mais uma vez, ela disse não.

Allan continuou: "Eles vão lhe enviar uma passagem de ida e volta de primeira classe. A volta pode ser deixada em aberto, para que você tenha o tempo que quiser para passar na Europa".

Grace não parecia facilmente influenciável, mas, quanto mais o amigo insistia, mais suas resistências diminuía.

Por fim, para ser educada, ela prometeu: "Vou pensar no assunto."

Sem o conhecimento de Allan, pouco depois Grace recebeu um telefonema da Paramount, sugerindo que seria interessante que ela fosse a Cannes, uma vez que a exibição de *Amar é sofrer* no festival acabava de ser anunciada.

A novidade fez pender a balança e Grace telefonou a Allan para confirmar a viagem.

Ela voou até Paris, onde se encontrou com Gladys de Segonzac, amiga e figurinista de *Ladrão de casaca*. Após alguns dias na capital francesa, as duas embarcaram no "Train Bleu", o luxuoso expresso noturno para Cannes, na noite de 4 de maio de 1955.

Naquele mesmo trem viajaram a atriz Olivia de Havilland e seu marido, Pierre Galante, editor da revista *Paris Match*.

Na manhã seguinte, Allan foi buscar Grace e Gladys na estação e à noite, no jantar, Grace mencionou que havia se encontrado com Olivia e Galante. Ela não os conhecia pessoalmente e, como viajaram em cabines vizinhas, passaram algum tempo conversando, em especial depois do café da manhã, quando o trem seguiu ao longo da costa mediterrânea.

Estavam todos de pé no corredor estreito, olhando através da janela para o mar, quando Galante mencionou que a *Paris Match* gostaria de fazer uma reportagem de capa sobre ela. O jornalista sugeriu levar Grace para Mônaco, a fim de fotografá-la em um cenário de realeza ao lado do jovem príncipe Rainier.

O que Grace nem desconfiava na época era que a sessão de fotos não tinha sido exatamente uma ideia espontânea, surgida na mente de Galante durante a viagem. Diante dos rumores de que a atriz iria a Cannes, na semana anterior os editores da *Paris Match* haviam detalhado o plano em sua reunião de pauta.

De qualquer forma, ao contrário do que consta da maioria dos relatos sobre esse episódio, Grace nunca disse sim para a proposta de Galante.

O fato é que ela não estava interessada em ser fotografada com Rainier. Ela não sabia quase nada sobre ele e, de qualquer maneira, Mônaco ficava a uma hora e meia de viagem de Cannes.

Quando Galante explicou tudo e formulou o convite, Grace deu uma resposta educada, mas não comprometedor. Disse que parecia uma boa ideia, mas que ela precisava verificar se haveria espaço em sua agenda.

Em Cannes, um pouco mais tarde naquela mesma manhã, ela nem sequer havia pensado no assunto novamente quando Galante a procurou para dizer que o príncipe concordava em recebê-la no palácio no dia seguinte, sexta-feira, 6 de abril, às 16 horas.

Grace alegou que não seria possível. Ela tinha de estar presente na recepção oficial à delegação norte-americana no Festival de Cannes, marcada para as 17h30. Um compromisso às 16 horas, tão longe, estava absolutamente fora de cogitação. Ela se desculpou com Galante e disse que a viagem para Mônaco teria de ser cancelada.

Algumas horas mais tarde, o jornalista informou Grace Kelly que o príncipe, muito gentilmente, havia concordado em antecipar o encontro em uma hora.

Galante continuou dizendo a Grace o quanto estava empolgado com a sessão de fotos e prometeu várias vezes que aquilo renderia uma matéria de capa fantástica.

Mas Grace ainda não queria ir.

No jantar daquela noite, quando ela comentou o caso com Rupert Allan, ele perguntou: "Você quer ir?" e ela respondeu secamente: "Não". Ela disse que a sessão de fotos não a entusiasmava, que Mônaco era longe demais e que havia muitas coisas para fazer em Cannes.

Allan balançou a cabeça, como que sugerindo que todo aquele embaraço era por culpa da própria Grace. Lembrou a amiga de sua promessa de que cuidaria de tudo enquanto ela estivesse em Cannes e, para piorar, afirmou que ele poderia facilmente ter

cancelado o compromisso com a *Paris Match* caso tivesse sido avisado logo de manhã, quando ela e Gladys desembarcaram do trem.

Ela concordou, confirmando que o amigo estava certo.

Então Allan arrematou: "Tudo bem, vou cancelar Mônaco por você".

Ela replicou: "Só não sei se posso. O príncipe mudou sua programação para acomodar minha visita. Não sei como sair dessa situação de uma forma educada".

Allan tentou tranquilizá-la: "Vou tentar dar um jeito nisso".

"Eu não...", Grace moveu a cabeça, "... talvez seja tarde demais."

É interessante notar que, durante toda a sua vida, esta seria uma atitude recorrente de Grace em diversas ocasiões. Sempre que lhe pediam para fazer uma aparição em um evento ou conceder uma entrevista, ela tinha dificuldade em recusar.

Grace foi dormir conformada com a ideia de viajar para Mônaco.

No meio daquela noite, porém, um dos combativos sindicatos da França convocou uma greve e, para demonstrar força, cortou o fornecimento de eletricidade em Cannes.

No dia seguinte, Grace acordou tarde, lavou os cabelos e, na hora de ligar seu secador portátil, nada aconteceu. Ela tentou em outra tomada. Não deu certo. Nada funcionou. Só então reparou que as luzes do quarto não acendiam e ligou para a recepção.

Deram-lhe a má notícia.

À beira do pânico, ela ligou para Allan. "Você percebeu que estamos sem eletricidade? O que eu vou fazer?"

A essa altura, a equipe da *Paris Match* já a esperava com um carro lá embaixo.

Como se não bastasse, o novo diretor de publicidade da MGM de Paris ligou, furioso, para lembrar que ela não tinha o direito de estar em Cannes pois ainda estava suspensa pelo estúdio, e que aquilo poderia lhe custar muito caro.

Allan correu para o quarto dela.

Os cabelos encharcados de Grace estavam enrolados em uma toalha. Além disso, ela revirava as malas à procura de algum vestido

que não estivesse muito amassado, já que, sem eletricidade, não havia a menor chance de passar suas roupas.

A única peça utilizável e que dispensava o ferro de passar era um vestido de seda preto, com grandes estampas florais em tons de verde e rosa. Era lindo, mas certamente não sairia bem nas fotos. Ela não queria usá-lo.

Allan a convenceu de que não havia escolha.

Grace vestiu-se. Em seguida, repartiu ao meio os cabelos molhados e enfeitou-os com flores, esperando que acabassem de secar durante a viagem.

Quando saíram da suíte, ela lamentou: "Que situação horrível!".

Allan não parava de dizer: "Se você tivesse me dito, eu nunca teria deixado você concordar com isso. De qualquer forma, eu devia ter tirado você dessa enrascada ontem à noite. Este é exatamente o tipo de coisa que vai acontecer amanhã, depois de amanhã, no dia seguinte, e depois e depois, a menos que você diga para as pessoas me telefonarem primeiro".

Ela balançou a cabeça várias vezes: "É, você está certo", não só porque não tinha tempo para discussões, mas também por estar com muita raiva de si mesma por ter permitido aquela situação.

Allan tentou consolá-la. E disse que, já que ela não podia desistir, ele iria junto.

Desceram para encontrar o pessoal da *Paris Match*.

Abrindo caminho pelo saguão do Hotel Carlton lotado de executivos do cinema, fãs e uma horda de fotógrafos, chegaram até o carro que os esperava na calçada.

Grace ficou paralisada.

Ela se assustou com o tamanho da comitiva que planejava acompanhá-la: Galante, dois fotógrafos da *Paris Match*, o executivo da MGM em Paris e Gladys de Segonzac.

"Como é que eu vou entrar nesse carro com tanta gente?", perguntou.

Allan encolheu os ombros como se dissesse "Odeio lembrar, mas eu bem que avisei" e implorou para cair fora daquela excursão.

Grace apertou-se no banco traseiro de um Studebaker com Galante, Gladys e o representante da MGM.

A bordo de um Peugeot, os fotógrafos foram no encalço do outro automóvel.

O problema foi que estavam perto demais e, já nos limites da cidade de Cannes, o Studebaker precisou frear bruscamente e o Peugeot bateu na traseira dele.

O estrago foi mínimo, mas contribuiu para atrasar a viagem para Mônaco.

Naquela altura, Grace estava morrendo de fome. Então, antes de ir a *Le Rocher* – onde fica o palácio –, fizeram uma parada rápida no Hotel de Paris e Galante correu até o bar para comprar um sanduíche de presunto para ela.

Chegaram ao palácio um pouco depois das 3 da tarde e com as desculpas devidamente ensaiadas, mas foram informados de que o príncipe ainda não havia chegado.

Grace simplesmente não conseguia acreditar na confusão em que toda aquela história havia se transformado.

Ficaram aguardando, até que um dos funcionários do palácio ofereceu uma visita guiada pelo local.

Irritada com a espera, Grace e seus acompanhantes se submeteram a um desinteressante *tour* pelos ambientes do palácio.

Todo mundo consultava os relógios.

De vez em quando, os fotógrafos pediam para Grace posar naquele cenário decorado com tanta elegância.

Às 16 horas, um funcionário anunciou que o príncipe tinha acabado de chegar.

Grace parecia nervosa. Deu uma checada no espelho e encheu Galante de perguntas: “Como devo chamar o príncipe? Ele fala inglês? Quantos anos ele tem?”.

De repente, Rainier entrou na sala vestindo um terno azul-escuro de dois botões. Seguiu direto até Grace e estendeu a mão.

Ela fez uma pequena reverência, conforme as instruções que havia recebido.

Em inglês perfeito, o príncipe pediu desculpas pelo atraso e perguntou se ela gostaria de ver o palácio.

Ela respondeu que já tinha feito a visita.

Então ele a convidou para conhecer os animais de seu zoológico particular.

Grace aceitou.

Caminharam juntos pelos jardins, seguidos pelas comitivas da *Paris Match* e do palácio. O príncipe apresentou seus dois leõezinhos, um grupo de macacos e um filhote de tigre.

Grace ficou longe das jaulas, mas Rainier colocou os braços através das grades e afagou a nuca do tigre.

Mais tarde, ela admitiria que aquilo a impressionou.

O tempo todo, os fotógrafos da *Paris Match* clicavam os dois.

Na viagem de volta a Cannes, Galante perguntou o que ela tinha achado de Rainier.

“Ele é encantador... encantador”, foi tudo o que ela disse.

Já no Carlton, ela contou a Allan que o príncipe a tinha deixado esperando e como tudo aquilo demorou tanto tempo. Reclamou que, se tinha de fazer esse tipo de coisa, queria fazer direito. Disse que se sentia envergonhada pelo vestido inadequado para as fotografias, pelos cabelos molhados e por tudo ter dado errado.

Allan quis saber se ela tinha gostado do príncipe. E ela mais uma vez afirmou: “Ele é muito encantador”.

Mais tarde, naquela mesma semana, Grace enviou um bilhete de agradecimento a Rainier.

Em seguida, foi embora de Cannes.

Se não tivesse sido suspensa pela MGM, ela não teria tido tempo livre para ir a Cannes. Se tivesse embarcado em outro trem em Paris, não teria esbarrado em Galante e Olivia de Havilland e o convite para a sessão de fotos não teria acontecido. Se tivesse dado a Allan o controle sobre sua agenda em Cannes, ele facilmente teria cancelado a viagem para Mônaco.

Mas o destino tem lá suas artimanhas.

A história da *Paris Match* começou a circular e logo todos já falavam sobre um possível romance.

Para a maioria das pessoas tratava-se de um provável exagero, de notícia fabricada para vender jornais. Mas a ideia de o príncipe viver um conto de fadas com a estrela de cinema era tão romântica que, mesmo que não fosse verdade, muita gente gostaria que fosse.

\*\*\*

Naquele outono, Grace foi reintegrada pela MGM e começou a trabalhar em seu décimo filme, *O cisne*, baseado em uma peça de Ferenc Molnár e coestrelado por Alec Guinness e Louis Jourdan.

O elenco filmou as cenas externas perto de Asheville, na Carolina do Norte, e depois continuou as filmagens nos estúdios de Hollywood.

No final do ano, Allan recebeu um telefonema de Bill Atwood, outro editor da *Look*, que estava às voltas com uma matéria sobre o príncipe Rainier. Em uma das entrevistas, Atwood tinha descoberto que o príncipe, embora muito simpático aos Estados Unidos, jamais tinha visitado o país. Quando Atwood quis saber o porquê, Rainier adiantou que, na verdade, aquela lacuna logo seria preenchida. O príncipe revelou que viajaria em dezembro na companhia de dois amigos, o padre Tucker e Robert Donat, um jovem médico francês que, por coincidência, tinha um compromisso de trabalho na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Rainier disse que gostaria de ir à Flórida para pescar e, talvez, visitar a Califórnia. Atwood perguntou se havia alguém na costa oeste com quem ele gostaria de se encontrar.

“Sim. Aquela jovem atriz que conheci em Mônaco. O nome dela é Grace Kelly. Eu gostaria de me encontrar com ela de novo”, respondeu Rainier.

O comentário do príncipe surpreendeu Rupert Allan. Até onde ele sabia, Grace nunca mais tinha ouvido falar dele depois das fotos no palácio.

Allan explicaria depois: “Bill Atwood me telefonou e perguntou se eu poderia providenciar um encontro entre Grace e o príncipe Rainier no *set* de filmagem, para algumas fotos. Eu respondi que sim, porque, pelo que eu sabia, ela tinha gostado dele. Quando a consultei a respeito da ideia, Grace concordou e se pôs à disposição, a qualquer hora. Mas fez questão de dizer: ‘Olha, Rupert, isso não é romance’. E completou: ‘Estou farta das insinuações de namoro em todos os jornais europeus. Não soube mais dele desde que estive em Cannes’”.

A sessão de fotos foi marcada, mas a filmagem de *O cisne* atrasou. Grace ficou aborrecida porque queria ir à Filadélfia para a festa de Natal da família. O diretor só concordou em fazer uma pausa para as festas em cima da hora, mas a tempo de pegar o avião.

Allan contaria: “Na época, ela morava na parte oeste de Los Angeles. Fui até a casa dela ajudar a arrumar as coisas e ela não tinha malas suficientes. Corri para minha casa para pegar uma mala extra. Como havia champanhe na geladeira, fizemos um brinde e trocamos votos de Feliz Natal. Ela adorava champanhe. Era a única coisa que bebia. Nunca a vi tomar nenhuma outra bebida alcóolica. Nunca a vi tocar em uma gota de uísque. Ela também adorava caviar. Enfim, eu a levei para o aeroporto na manhã seguinte e ela embarcou em um voo para Nova York. Chegou em casa, na Filadélfia, a tempo de participar da festa. No carro, a caminho do aeroporto, quando mencionei o príncipe Rainier, ela me disse outra vez: ‘Rupert, sério, não existe romance’”.

Não era verdade.

## *Capítulo 4*

### O ÚLTIMO TESOURO ESCONDIDO NO JARDIM

A VERSÃO OFICIAL DA HISTÓRIA DE AMOR SEMPRE foi contada assim:

Grace e Rainier se conheceram durante o Festival de Cinema de Cannes de 1955, passaram uma tarde juntos, apreciaram a companhia um do outro, ambos usaram a palavra “encantador” para descrever um ao outro, não se encontraram mais até o Natal e, em algum momento entre Cannes e o fim do ano, o padre Tucker teria agido de modo decisivo.

O velho sacerdote apreciou o fato de Grace Kelly ser bonita, sem se importar com sua condição de estrela de cinema ou de compatriota norte-americana. O melhor de tudo: ele adorou a ideia de que se tratava de uma garota católica e com boa reputação.

Como já tinha servido na Filadélfia, padre Tucker recorreu a suas conexões locais para checar os antecedentes de Grace. Bastou entrar em contato com a arquidiocese e pedir informações sobre os Kellys ao escritório do cardeal.

Apenas alguns dias depois da sessão de fotos no palácio, a rede de inteligência sacerdotal acionada pelo padre já tinha recolhido uma enormidade de informações sobre Grace e a família Kelly.

Embora não estivesse presente naquela tarde de sexta-feira em que Grace conheceu Rainier, padre Tucker logo tomou a iniciativa de escrever uma mensagem para a atriz: “Quero lhe agradecer por ter mostrado ao príncipe como é uma garota católica norte-americana e pela profunda impressão que isso causou a ele”.

Rainier costumava recordar o episódio com um grande sorriso. “Eu tinha falado com o padre Tucker sobre Grace. Ele sabia da visita dela naquela tarde e, depois que ela foi embora, perguntou se nós havíamos nos dado bem. Era natural falar sobre isso, pois ele e eu sempre conversamos sobre muitas coisas. E, sim, claro que fiquei impressionado ao conhecê-la. Quem não ficaria?”

Alguns meses depois, e realmente apenas por coincidência, alguns velhos amigos dos Kellys chegaram ao sul da França.

Russell e Edith Austin eram tratados por “tio e tia” e tinham visto Grace crescer. Ele era dentista na Filadélfia e tinha uma casa de veraneio perto da propriedade dos Kellys em Ocean City. Hospedados em Cannes, os Austins ouviram falar do Baile da Cruz Vermelha em Mônaco, o grande evento social da Riviera na temporada, e tentaram descobrir como conseguir ingressos. O *concierge* do hotel informou que àquela altura seria impossível, uma vez que as entradas já tinham se esgotado há muito tempo. Foi então que os Austins deram uma amostra da típica audácia norte-americana: telefonaram para o escritório do príncipe Rainier. Explicaram que, como Grace era sua sobrinha, imaginaram que, de algum modo, os laços de amizade com o príncipe talvez lhes permitissem a compra de um par de ingressos. O pedido acabou na mesa do padre Tucker.

Sem questionar se aquilo era pura coincidência ou desígnio do destino, o religioso fez questão de entregar pessoalmente as entradas para o casal, com os cumprimentos do príncipe. Logo conduziu a conversa para falar dos Kellys e, em particular, de Grace.

Com seu jeito risonho e afável, ele fez com que os Austins lhes contassem tudo o que sabiam a respeito da jovem atriz.

Depois, ao voltar ao palácio, o sacerdote comentou de passagem o assunto com Rainier.

Mais tarde, naquela semana, por sugestão do padre Tucker, os Austins foram convidados para tomar chá com o príncipe. E, de novo, o religioso fez com que a conversa girasse em torno de Grace.

Naquela tarde, ao fim do encontro, como os norte-americanos costumam fazer, os Austins manifestaram que seria um prazer

retribuir a hospitalidade, oferecendo sua casa em Ocean City caso o príncipe, algum dia, viajasse aos Estados Unidos.

Educadamente, Rainier concordou em pensar a respeito.

Graças ao padre Tucker, os Austins retornaram à Filadélfia não apenas certos do interesse do príncipe em Grace, mas com a nítida impressão de que havia um romance engatilhado. É possível, e muito provável, que ao longo dos anos os Austins – como todos os outros envolvidos neste romance à moda antiga – tenham exagerado em sua versão da história. Mas não há dúvida de que a ideia foi plantada em suas mentes pelo padre Tucker.

O episódio seguinte da trama foi o anúncio da viagem do príncipe Rainier aos Estados Unidos, em dezembro de 1955.

Assim que soube da novidade, o padre Tucker telefonou para os Austins, que aparentemente persuadiram os Kellys a convidar o príncipe para jantar em sua casa na noite de Natal.

No final da tarde no dia 25 de dezembro, os Austins chegaram ao número 3901 da Henry Avenue na companhia do príncipe Rainier, do padre Tucker e do doutor Donat.

Era a primeira vez, desde o festival de cinema, que Rainier e Grace se viam.

Eles passaram a tarde e o início da noite de Natal conversando.

Os Kellys gostaram de Rainier assim que o conheceram, embora, pelo menos no início, nem todos soubessem quem ele era ou como devia ser chamado.

Ma Kelly, por exemplo, achava que ele era príncipe do Marrocos.

Coube a Grace esclarecer as coisas à mãe.

Jack Kelly, em seguida, puxou o padre Tucker de lado para perguntar qual seria a forma correta de tratamento: “Devo chamá-lo de Sua Majestade?”

“Não”, disse o sacerdote, “ele é chamado de Sua Alteza.” Jack cumpriu com a formalidade e passou a tratar Rainier dessa forma. Mais tarde, porém, comentaria com o príncipe: “A realeza não significa nada para nós”.

Depois do jantar, Jack levou o padre Tucker até a estação para pegar o trem para Wilmington. Grace e Rainier, com o doutor Donat

a reboque, foram até a casa de uma das irmãs de Grace, onde dançaram e conversaram até as 3 horas da manhã.

Rainier e Donat dormiram no quarto de hóspedes da casa dos Kellys, o que significava que Grace e Rainier tiveram a chance de passar juntos pelo menos parte do dia seguinte.

Supostamente sem ninguém saber, enquanto pegava carona até a estação na noite de Natal, padre Tucker confidenciou a Jack Kelly que o príncipe estava pensando em pedir Grace em casamento.

Se ficou surpreso, Jack disfarçou bem.

Ele disse que suspeitava que alguma coisa do gênero pudesse acontecer, e deu permissão ao padre para dizer ao príncipe que, se Grace aceitasse, ele teria a bênção dos Kellys.

Rainier esperou alguns dias para fazer seu pedido, Grace aceitou e o noivado da década foi anunciado ao mundo.

Para a maioria das pessoas, incluindo Rupert Allan, a notícia foi uma surpresa absoluta.

“Eu estava dirigindo de volta para Los Angeles, depois de uma sessão de fotos para a *Look* em Squaw Valley, quando ouvi no rádio que o príncipe Rainier de Mônaco tinha acabado de anunciar seu noivado com Grace Kelly. Não acreditei. Eu não parava de dizer a mim mesmo que aquilo não era possível. Eu não parava de dizer que eles nem se conheciam direito”, lembraria Allan.

Mas eles estavam mesmo noivos.

A versão oficial desse romance – segundo a qual Grace e Rainier não tiveram qualquer contato entre seu primeiro encontro, na primavera de 1955, e a viagem dele à Filadélfia, em dezembro –, no entanto, não corresponde exatamente à realidade.

A verdadeira história de como eles se apaixonaram permaneceu desconhecida até Rainier falar sobre o assunto para este livro.

Embora reconhecesse que aquele primeiro encontro deu pouca margem à privacidade, o príncipe confidenciou que, vencidas as formalidades dos apertos de mão e poses para fotos, e a partir do momento em que os dois começaram a caminhar pelo jardim a uma distância relativa do resto da comitiva, ambos ficaram um pouco mais descontraídos, conversaram e perceberam que tinham várias coisas em comum.

Os dois foram crianças solitárias.

Ela contou que vinha de uma família na qual o sucesso se media pelas conquistas esportivas, mas que nunca teve muito interesse por esportes.

Ele contou que vinha de um lar desfeito, no qual desde muito cedo lhe falavam sobre o peso de suas futuras responsabilidades e lembravam de que ele não era igual aos outros meninos e, portanto, não podia se comportar da mesma forma.

Ambos eram tímidos.

Ela confessou que estava começando a aprender o que significava ser uma figura pública e ter sua privacidade invadida pela imprensa.

Ele respondeu que havia sofrido a vida toda com isso e, portanto, sabia como ela se sentia.

Ela não era exatamente ligada ao mar, pelo menos não como ele, mas compartilhava seu amor pelos animais e se sentiu confortável ao lado dele enquanto passeavam pelo zoológico particular.

Ficou admirada quando, através das barras de ferro da jaula, ele afagou o tigre como se estivesse acariciando um bichinho de estimação.

Ela apreciou o charme do Velho Mundo e a sofisticação do homem europeu.

Ele gostou do frescor e da espontaneidade da mulher americana.

E ambos tinham o catolicismo como crença fundamental.

Rainier não conseguia se lembrar exatamente quais foram suas expectativas ao ser informado de que Grace Kelly viria visitá-lo. Ele sabia quem ela era, é claro, mas a ideia de posar para fotos com uma estrela de cinema não o tinha empolgado muito.

Quando ela confessou que também não queria ter feito a sessão de fotos, ele percebeu mais uma afinidade entre os dois.

Rainier disse que tinha achado Grace gentil, naturalmente elegante e que se sentia cativado por sua aura de pureza.

Grace admitiu que o achou muito envolvente, e não cheio de si ou pretensioso, conforme ela esperava.

Ele gostou do jeito que ela ria.

Ela descobriu que ele era um homem sensível que, quando relaxado, tinha bom senso de humor. E ela gostava de rir.

De volta ao Hotel Carlton, em Cannes, Grace escreveu uma carta de agradecimento e informou o endereço dela em Nova York.

Ele respondeu, dizendo como estava feliz por eles terem se conhecido.

Ela respondeu à carta dizendo que também tinha sido um prazer para ela encontrá-lo.

Ele escreveu para ela novamente.

E ela escreveu de volta para ele.

A troca de mensagens começou desse modo, gradualmente se intensificou e eles se tornaram amigos por correspondência.

O príncipe disse que era fácil relacionar-se assim. Era confortável. Para ele, tratava-se de um jeito de ambos se esconderem atrás das próprias cartas enquanto permitiam a passagem do tempo, conhecendo-se aos poucos.

Devagar no início, segundo o relato do príncipe, os dois foram se revelando mais e mais a cada carta. Escreviam sobre o mundo e sobre a vida. Escreviam sobre si mesmos, explicando um sentimento, perguntando se era compartilhado, e fazendo confidências.

No final daquele verão, Rainier já sabia que tinha encontrado alguém muito especial.

Para ele, sempre tinha sido difícil conhecer uma mulher. Em seus dias de solteiro, o príncipe com frequência comentava: "A minha maior dificuldade é ter tempo e intimidade suficientes com uma mulher para descobrir se realmente somos almas gêmeas e nos amamos."

Como qualquer jovem rico e bonito, para ele era fácil encontrar namoradas. Com demasiada frequência, o caso vinha a público e terminava sem que houvesse tempo suficiente para concluir se poderia haver algo mais além da atração física.

Dessa vez, talvez de forma inédita, ele percorria um caminho diferente.

Muito antes que pudessem andar de mãos dadas, ambos sabiam que eram amigos.

Rainier nunca soube dizer quantas cartas os dois trocaram. Ele nem sequer sabia se elas tinham sobrevivido ao tempo. As cartas

que ela enviou para ele, pelo menos, já não estavam mais em seu poder, segundo afirmou. “Eu não guardei. Talvez eu devesse ter feito, mas esse não é o meu jeito de ser. Eu não preservo as coisas assim.”

Quanto às cartas enviadas para Grace, ele tinha dúvidas: “Não sei. Talvez ela tenha guardado. Acho que as mulheres fazem isso. Mas, se ela guardou, não sei onde estão.”

Quando indagado se gostaria de procurar por elas, o príncipe respirou fundo, refletiu por um momento e balançou a cabeça. “Ninguém jamais viu essas cartas, nem mesmo meus filhos”, disse e fez uma pausa. “Essas cartas...” – seu tom de voz diminuiu – “...para ser honesto, não queria que ninguém visse, mesmo se eu pudesse encontrá-las.” Ele balançou a cabeça outra vez. “Por favor, entenda, eu simplesmente não poderia deixar ninguém invadir isso. Depois de ter vivido uma vida tão pública...”, ele interrompeu, olhou para os lados e, com uma voz ainda baixa, completou, “...essas cartas podem ser o último tesouro escondido no jardim que ainda me resta”.

## Capítulo 5

### A HISTÓRIA PRIVADA

AS FOTOS DA *PARIS MATCH* DESPERTARAM TANTOS BOATOS sobre a possibilidade de um romance entre Grace e Rainier que, em 11 de outubro de 1955, o príncipe foi à Radio Monte Carlo para esclarecer a seus súditos em Mônaco: "Quaisquer rumores que vocês estejam ouvindo acerca de meu casamento iminente são apenas isto: rumores. A questão do meu casamento, que causa justa preocupação em vocês, também interessa a mim, acreditem, em igual ou maior medida".

Depois de assinalar que certos setores da imprensa vinham fazendo especulações que simplesmente não correspondiam aos fatos, ele disse ao povo: "Só peço que vocês me deem mais três anos e depois veremos o que acontece".

Ainda assim, antes de o mês terminar, ele secretamente organizaria o plano para se encontrar com Grace no Natal e pedi-la em casamento.

"Eu sabia o que queria", confessaria Rainier, "mas não podia simplesmente garantir que ela se casaria comigo. Tinha de consultá-la. Então, fui aos Estados Unidos para vê-la. Só que eu não podia pedir para ela se casar comigo sem ter a absoluta certeza de que ela aceitaria. Eu não ia fazer o pedido enquanto houvesse alguma chance de ela dizer não."

Rainier partiu da França em 8 de dezembro e chegou a Nova York uma semana depois.

O motivo alegado para a viagem era que o príncipe iria com Donat até o hospital universitário Johns Hopkins para um *check-up*.

Cogitaram-se também as possibilidades de ele visitar amigos na costa leste e pescar na Flórida.

O padre Tucker inteirou-se do segredo antes do embarque da dupla. Além dele, as únicas pessoas a par dos planos de Rainier – fora Grace, que, a essa altura, tinha bons motivos para acreditar nas sérias intenções de seu amigo por correspondência – eram seus conselheiros mais próximos dentro do palácio.

Afinal, o possível casamento do príncipe de Mônaco constituía um assunto de Estado.

De acordo com o tratado franco-monegasco de 1918, o anúncio de noivado de um membro da linha de sucessão ao trono de Mônaco deve ser precedido de um pedido formal de autorização ao governo da França. É claro que o consentimento francês não passava de um ato protocolar, mas, em 1920, quando a princesa Charlotte anunciou seu noivado com o conde Pierre de Polignac sem requerer essa autorização – ainda que na época seu avô fosse príncipe soberano, seu pai príncipe herdeiro, e ela apenas o terceiro nome na linha sucessória –, o chanceler francês enviou uma carta ao ministro de Estado monegasco, exigindo que o protocolo fosse observado.

Era o que Rainier pretendia fazer.

No início de novembro, ele havia discutido seus planos com o ministro de Estado, que, em seguida, falou com o cônsul-geral francês em Mônaco.

Em 30 de novembro de 1955, oito dias antes de Rainier partir de Le Havre, o cônsul escreveu ao ministro de Estado: “Na véspera da partida de Sua Alteza Sereníssima o Príncipe Rainier para os Estados Unidos, onde ele pretende propor casamento a *‘une américaine’*” – o nome da noiva sequer era mencionado –, “meu governo sugere que esta seja, talvez, uma boa oportunidade para chamar a atenção para o precedente de 1920”.

O ministro de Estado, é claro, submeteu a carta ao príncipe.

A essa altura, o nome de Grace não aparecia em nenhuma correspondência oficial – Rainier ainda não o tinha revelado nem mesmo para seu ministro de Estado.

Ele decidiu que, por várias razões, ninguém deveria saber a identidade da noiva. Seria extremamente embaraçoso para ambos,

em especial para Grace, se a notícia vazasse antes de ele ter a oportunidade de fazer o pedido. E, em caso de concordância, o protocolo, mais uma vez, ditava que o anúncio formal teria de ser feito em Mônaco primeiro, ou, pelo menos, ao mesmo tempo em que acontecesse nos Estados Unidos.

Assim, até o momento em que Rainier chegou à porta da casa dos Kellys no Natal, apenas Grace e o padre Tucker sabiam quais eram as intenções do príncipe.

Na semana posterior ao Natal, conforme Grace e Rainier eram vistos juntos na Filadélfia e, em 27 de dezembro, em Nova York, a imprensa começou a desconfiar do que estava por vir.

Segundo a versão oficial, ele a pediu em casamento na véspera do Ano-Novo.

A verdade é que tudo aconteceu alguns dias depois do Natal.

Ele simplesmente perguntou: "Quer casar comigo?".

E ela simplesmente respondeu: "Quero".

Contudo, não contaram isso a ninguém, uma vez que não se tratava de um casamento normal. Ali estava um príncipe, e chefe de Estado, pedindo a uma jovem que se tornasse sua princesa.

Antes que o mundo soubesse da novidade, havia uma série de obstáculos para remover.

Primeiro, o pai dela. Homem conhecido por falar o que pensava, Jack Kelly conversou a sós com Rainier e deixou claro que esperava intenções sérias da parte do príncipe.

Rainier respondeu: "Eu quero me casar com ela", sem revelar que Grace já havia aceitado.

Jack deu sua permissão de imediato, mas, em seguida, advertiu: "Espero que você não se comporte mal como alguns príncipes fazem, porque, se você fizer isso, vai perder uma mulher incrível. Não se esqueça, ela tem sangue irlandês nas veias e sabe o que quer."

Em seguida foi a vez de Ma Kelly, que pretendia que Grace e Rainier se casassem na Filadélfia. "É assim que se faz nos Estados Unidos: os pais da menina organizam o casamento. Grace sempre me disse que queria assim."

Rainier teve de explicar que aquele não seria um casamento comum: como Grace se tornaria a princesa de Mônaco, ela passaria a ter responsabilidades para com os monegascos.

Demorou algum tempo, mas Ma Kelly finalmente cedeu.

Na sequência, vieram as negociações em torno do contrato de casamento. Ao longo das semanas seguintes, os advogados do príncipe, em Mônaco, e os de Grace, em Nova York, elaboraram um documento legal contendo várias páginas. Em conformidade com o costume europeu, as equipes detalharam as regras quanto aos aspectos materiais do matrimônio.

Na França e em Mônaco, os acordos contratuais para estabelecer direitos de propriedade, conforme definido pelo Código Napoleônico, são um elemento tradicional de qualquer casamento. Há três modalidades básicas de regime: comunhão de bens, comunhão parcial de bens ou separação total de bens. Em sua maioria, as pessoas adotam o primeiro regime. De fato, na França, a menos que se especifique o contrário, o acordo de casamento automaticamente será celebrado na base de comunhão de bens. Na segunda modalidade, os bens materiais que cada parte traz para o casamento permanecem com seus donos, mas tudo o que for adquirido depois do matrimônio é compartilhado. No terceiro regime, cada parceiro mantém sua propriedade sobre as coisas que possuía antes da união e também sobre os bens adquiridos depois.

Essa terceira opção, chamada em francês de *séparation des biens*, foi a escolhida para o acordo de matrimônio de Grace e Rainier.

“Foi a escolha mais acertada para nós”, explicou Rainier. “Era um contrato de casamento absolutamente normal e não havia nada fora do comum.”

Embora fosse mesmo comum na alta classe europeia – em sua maioria, os ricos franceses se casam em regime de separação de bens –, essa decisão deve ter parecido um tanto estranha para os Kellys na Filadélfia, especialmente porque o contrato estipulava que Grace teria certas responsabilidades quanto às despesas domésticas.

Em outras palavras, ela teria de pagar algumas das contas.

Mas, mais uma vez, tratava-se de uma prática normal em contratos do gênero.

Finalmente, havia a questão do dote.

De acordo com o contrato, os Kellys deveriam pagar ao príncipe para que ele tomasse Grace como esposa. A prática dos dotes sempre foi comum entre as mais antigas famílias da Europa, não apenas de Mônaco, mas estava longe de ser um acontecimento corriqueiro em East Falls em pleno ano de 1956.

Alguns anos atrás, um livro tentou fazer sensacionalismo com esse episódio da vida de Grace e Rainier, informando que ele teria pressionado um relutante Jack Kelly a pagar 2 milhões de dólares pelo privilégio de ver a filha casada com o príncipe de Mônaco, o que não é verdade. Tive acesso ao contrato de casamento, guardado no arquivo particular do príncipe Rainier, e posso afirmar categoricamente que não houve dote de 2 milhões de dólares, ainda que certos acordos financeiros tivessem sido feitos.

Para alegar rigor na apuração dos fatos, o autor do livro em questão agradecia a ajuda de várias pessoas que, depois, disseram nunca ter falado com ele ou que simplesmente se recusaram a cooperar com a produção da obra. Algumas das frases mais surpreendentes são atribuídas a fontes que já morreram. Como se tudo isso não bastasse para lançar sérias dúvidas sobre a precisão do relato do autor, também há erros grosseiros. Entre eles, a afirmação de que o doutor Donat só viajou aos Estados Unidos com Rainier para fazer pessoalmente um teste de fertilidade com Grace, antes que o casamento fosse planejado. Afinal, argumentava o livro, se ela não pudesse ter filhos, a união não poderia acontecer.

Rainier definiu tudo isso como pura ficção. "Em meados dos anos 1950, era moda entre os europeus fazer um *check-up* médico completo nos Estados Unidos. Muitas pessoas que eu conhecia foram para lugares como a Clínica Mayo. Meu amigo Robert Donat, que era cirurgião em Nice e tinha removido meu apêndice, sugeriu que, como ia para os Estados Unidos de qualquer maneira, deveria dedicar alguns dias para fazer exames. Ele queria que eu fosse para o Johns Hopkins. Concordei, até porque nunca tinha feito uma avaliação de saúde tão completa. Fui com ele para Baltimore. Passei três dias muito chatos sentado naquele hospital, sendo picado e cutucado o tempo todo."

Rainier descartou qualquer insinuação a respeito da fertilidade de Grace.

Para começar, salientou ele com propriedade, não há testes simples de fertilidade para as mulheres.

De acordo com um reconhecido ginecologista contatado em Londres, por meio do Colégio Real de Obstetras e Ginecologistas do Reino Unido, nunca se sabe com certeza se um sistema funciona de fato até experimentá-lo. Um médico pode verificar quando a mulher ovula e fazer exames de raios X para observar se suas tubas uterinas estão livres e se não há obstáculos para a fertilização, mas isso é tudo. Assim, qualquer cena que descreva Grace numa maca, enquanto dois médicos a examinam para se certificar de que ela poderia dar um herdeiro ao trono de Rainier, não é apenas ridícula como também totalmente inventada.

Até porque nenhum exame físico, de qualquer tipo, foi exigido dela na época.

Muitos anos mais tarde, no caso da princesa Diana, soube-se que a Coroa britânica solicitou uma bateria de exames médicos pré-nupciais. Provavelmente, um ginecologista realizou exames para saber se tudo estava em ordem. Os médicos também traçaram o histórico familiar de Diana, para se certificar da inexistência de doenças geneticamente transmissíveis, como epilepsia ou hemofilia.

Quanto a Grace, no entanto, Rainier sempre foi categórico. "Ela não teve de passar por exames médicos específicos, em absoluto. Até onde eu sei, ela nunca sequer havia feito um simples *check-up* antes de nos casarmos. E definitivamente não houve teste de fertilidade."

Rainier enfatizava a fragilidade da tese de que ela precisava ser fértil para se casar com ele. "Caso ela não fosse capaz de ter filhos, havia outra opção: poderíamos adotar. A lei é bastante clara. De acordo com o tratado com a França, caso não haja um herdeiro natural ao trono, o soberano governante pode adotar uma criança para perpetuar o reinado."

Na noite de 3 de janeiro de 1956, uma terça-feira, Grace e Rainier foram com alguns amigos ao Stork Club, em Nova York.

Jack O'Brian, crítico de teatro do *Journal-American*, os viu do outro lado do salão e pediu ao garçom que lhes entregasse um bilhete. A nota dizia: "Querida Grace, percebo que você está planejando anunciar seu noivado na quinta ou na sexta-feira. Responda-me, por favor". Abaixo do texto estavam desenhados dois quadradinhos em branco, cada um correspondendo a uma alternativa.

Depois de mostrar o bilhete a Rainier, Grace foi para a mesa de O'Brian e disse: "Eu não posso responder à sua pergunta esta noite".

"Quando você pode responder?", quis saber o jornalista.

Após uma breve pausa, ela definiu: "Sexta-feira".

O anúncio oficial foi feito na quinta-feira, 5 de janeiro, primeiro em Mônaco e, apenas alguns minutos depois, em um almoço realizado em um clube de campo e oferecido por Jack Kelly a algumas personalidades da Filadélfia.

Na sexta-feira de manhã, conforme ela havia dado a entender a O'Brian, a notícia ganhou a primeira página dos jornais.

"Eu já me apaixonei antes", Grace disse à imprensa, "mas nunca estive tão apaixonada como agora."

Mais tarde, ela confessaria: "Ao me casar, dei um passo diretamente para um mundo novo, desconhecido e, tenho de dizer, um pouco assustador. Mas eu estava pronta para fazer uma mudança em minha vida. Assim como o príncipe. Acho que nós tivemos a sorte de nos encontrar no momento certo. Sempre pensei que um homem que se casa com uma mulher famosa, ou pelo menos mais famosa do que ele, pode perder a própria identidade. Eu não queria um futuro 'senhor Kelly', se é que me entende. Eu não queria ter um marido. Eu queria ser a esposa de alguém".

O mágico relacionamento de Grace e Rainier capturou a imaginação do público a tal ponto que ainda hoje é considerado uma das maiores histórias de amor do século XX.

"Nós dois éramos maduros o bastante para saber o que queríamos", disse Rainier. "Quando nos reencontramos na Filadélfia, acho que ambos percebemos que queríamos entrelaçar nossas vidas. Nenhum de nós era criança. Entendíamos o que significava casar-se com alguém. Tanto um como outro já tinha passado por momentos difíceis, mas nós dois havíamos aprendido com as

dificuldades que o que cada um de nós procurava era o casamento. Discutimos isso, refletimos sobre isso e decidimos levar a ideia adiante. Nós nos apaixonamos. Muitas pessoas não acreditaram. Muitas pessoas disseram que não ia durar. Acho que nós as enganamos.”

\*\*\*

O casal também enganou a suposta “maldição dos Grimaldis”.

Por volta do final do século XIII, o príncipe Rainier I tinha reputação de grande navegador e namorado entre os Grimaldis. Suas façanhas navais lhe renderam o título de almirante-general pela França. No campo amoroso, no entanto, não se saiu tão bem. Depois de uma de suas batalhas, o príncipe teria raptado uma linda jovem flamenga, a quem transformou em amante e, mais tarde, a traiu. Segundo os relatos, a moça teria se transformado em bruxa e retribuído sua infelicidade com uma maldição eterna: “Nunca um Grimaldi encontrará a verdadeira felicidade no casamento”.

Talvez Charles III não tenha mesmo sido feliz em seu matrimônio, e pode ser que Albert I padecesse da mesma má sorte. É possível que tanto Louis II quanto Charlotte também tivessem sido vitimados pela profecia.

Contudo, quando a velha maldição foi mencionada a Rainier, ele limitou-se a abrir um largo sorriso, afirmando sem hesitar: “Acho que nós vencemos a maldição”.

\*\*\*

Na manhã seguinte ao anúncio do noivado, Rainier acordou cedo na casa dos Kellys e desceu para o café da manhã. Apenas Jack estava lá.

Seu futuro sogro levantou-se e deu um tapinha afável nas costas do príncipe. “Dormiu bem, meu filho?”

Rainier entendeu o significado daquele momento. Sorriu para Jack: “Muito bem, pai”.

E a amizade entre eles estava selada.

## Capítulo 6

### NOVOS PLANOS

RAINIER VOLTOU PARA UMA ALEGRE MÔNACO A FIM de se preparar para o casamento, enquanto Grace partiu para Hollywood para participar de seu último filme, uma adaptação do musical *The Philadelphia story*, de Cole Porter, que recebeu o título de *Alta sociedade*.

Depois de alguns meses, porém, Rainier já estava de volta aos Estados Unidos e alugou uma mansão em Hollywood para ficar perto da noiva.

O anel de noivado de diamante que Grace usa no filme é o mesmo que Rainier lhe ofereceu quando fez o pedido para se tornar sua princesa.

Ao longo dos meses seguintes, a imprensa não deu sossego. Seguiam o príncipe aonde quer que ele fosse e tentavam espioná-lo enquanto ele planejava cada etapa do casamento. Também ficaram no encalço de Grace, perseguindo-a nas compras de cada peça daquele que deve ter sido o enxoval mais documentado pela imprensa no século XX.

Ela começou pela Neiman Marcus de Dallas, a loja favorita das milionárias do petróleo do Texas. Eles prepararam conjuntos de saia e *blazer* para ela, vários vestidos, uma série de peças informais, um guarda-roupa inteiro de roupas esportivas, inclusive para iatismo, embora ela tenha dispensado o tradicional *short* de marinheiro. Os vestidos amarelos das damas de honra, em organdi de seda sobre tafetá, também foram confeccionados na Neiman Marcus. Os itens de *lingerie* vieram de Los Angeles, onde a imprensa descreveu

vividamente a encomenda de peças “da mais fina seda, camisolas rendadas, *négligés* e corpetes em rosa, pêssego ou preto”.

Outras roupas íntimas, incluindo meias de náilon, foram compradas em Nova York, assim como alguns vestidos para usar no dia a dia, encontrados em um atacadista comum de Manhattan.

Seus sapatos vieram da Delman’s, na Fifth Avenue. “Os saltos não são muito altos”, repararam os jornais. A certa altura, correu a notícia de que ela só tinha comprado calçados baixos, para não ficar mais alta do que Rainier. Na verdade, eram saltos de seis centímetros. O calçado direito do sapato escolhido, segundo diziam, incluía uma moeda de um centavo escondida dentro dele, para dar sorte.

Os chapéus do enxoval – um turbante para viagem de jérsei de seda branco, um modelo de palha com delicado toque amarelo, mais uma criação em tule branco com véu na borda – eram obra de Mr. John, um conhecido *designer* de Nova York.

Mas o grande destaque do guarda-roupa veio direto da MGM. Como presente, o estúdio não só deu a Grace todas as peças que ela havia usado em *Alta sociedade*, como também colocou à sua disposição Helen Rose, figurinista vencedora do Oscar, para desenhar o vestido de noiva.

\*\*\*

Na noite de 3 de abril de 1956, Grace Kelly jantou com os pais no Ambassador Hotel, em Nova York. Ela teve de sair para jantar porque a geladeira de seu apartamento na Fifth Avenue estava vazia. Não houve como preparar nem sequer uma xícara de café no dia seguinte, quando ela saiu rumo ao Píer 84, na West 44th Street.

Uma leve garoa caía naquela manhã.

Ainda assim, uma multidão razoável esperava a futura princesa quando uma limusine a deixou no píer, pronta para embarcar no *USS Constitution*.

A imprensa também estava ali em peso. Grace havia concordado em falar com os jornalistas por vinte minutos no Pool Café, dentro do navio. A ideia inicial era reservar um tempo para as perguntas

dos repórteres e, depois, dar início a uma sessão de fotos. Então, pouco antes da partida da embarcação, ela aceitou aparecer no convés para as câmeras das televisões e dos cinejornais.

Por causa do mau tempo, porém, os três grupos simultaneamente lotaram o salão do café. Quase 250 pessoas lutavam por espaço em um bar que não comportava mais de cinquenta.

“Isso é assustador”, ela suspirou, enquanto microfones se aproximavam de seu rosto e *flashes* explodiam sem parar. “Sinto-me lisonjeada com toda essa atenção, mas gostaria que todos vocês tivessem um pouco mais de consideração uns com os outros.”

Perguntas de todos os lados foram disparadas contra ela, à queima-roupa, uma após a outra.

P: Senhorita Kelly, senhorita Kelly, você vai desistir de sua carreira?

R: Eu sinto que estou começando uma nova.

P: Isso significa que não vai mais fazer filmes?

R: Neste momento, estou muito envolvida com minha trajetória no casamento para pensar em filmes.

P: Senhorita Kelly, está pronta para amar, honrar e obedecer?

R: O que Sua Alteza desejar está muito bom para mim.

P: Senhorita Kelly, será que vai gostar de ser princesa?

R: Eu pretendo viver um dia de cada vez.

P: Senhorita Kelly, senhorita Kelly, por favor, você pretende vestir algo velho, algo novo, algo emprestado e algo azul?

R: Sim, espero que sim. Mas ainda não descobri exatamente o quê.

P: Senhorita Kelly, o príncipe telefonou para desejar boa viagem?

R: Nós não falamos por telefone, mas sabemos um do outro todos os dias, por carta.

Às 11 horas em ponto, com uma explosão das sirenes do navio e dos rebocadores, uma tonelada de confetes amarelos e milhares de fitas coloridas foram lançadas do convés superior. Ao som de uma banda de *jazz dixieland*, o *USS Constitution* partiu de seu ancoradouro no rio Hudson, navegou rio abaixo e seguiu para Mônaco.

Grace tinha reservado a suíte nupcial.

Combinação de sala de estar com quarto de dormir, tinha uma varanda que se abria para o deque e era a acomodação mais luxuosa do navio.

Um grupo de setenta amigos e familiares viajavam com ela, além de Oliver, o *poodle* francês da futura princesa.

A única coisa que Grace esqueceu de levar foi a chave de um de seus baús, e o carpinteiro do navio teve de ser chamado para desparafusar as dobradiças.

No entanto, assim que o *Constitution* deixou Nova York e afastou-se da Estátua da Liberdade, Grace descobriu que havia muito mais companheiros de viagem do que o combinado.

Foi quando o capitão convocou os passageiros para o exercício obrigatório de segurança a bordo. O chamado instruía cada um a vestir o colete salva-vidas e seguir de imediato para a estação de emergência mais próxima de sua cabine. Cada bote salva-vidas do *Constitution* tinha capacidade para 150 pessoas. Mas ninguém contava com a peculiaridade daquele cruzeiro: afinal, Grace Kelly estava nele, indo se casar em Mônaco com o príncipe Rainier. Não havia um único passageiro que não quisesse vê-la.

Quando chegou ao seu bote salva-vidas, a atriz encontrou quase trezentas pessoas, todas jurando que estavam no bote certo.

Vários repórteres também haviam embarcado na classe turística, e havia regras rígidas proibindo seu acesso às áreas reservadas para a primeira classe. Porém, isso não os impediu de enviar relatos diários para os jornais.

Grace chegou a fazer um breve discurso em francês, pelo rádio do navio, para o povo de Mônaco. Disse o quanto estava ansiosa para conhecê-lo e prometeu que tentaria fazer o seu melhor para se tornar uma princesa digna.

Enquanto isso, em Mônaco, o príncipe ocupava-se freneticamente com os preparativos de última hora. Como ele não tinha muito tempo para falar com a imprensa, os jornalistas precisavam buscar outras fontes de informações para suas matérias.

Não demorou para alguém descobrir que a melhor fonte da cidade era o sacerdote de Delaware.

“Ela sabe que está fazendo história”, disse o padre Tucker aos jornalistas, “e que tem um tremendo compromisso com as pessoas daqui. Tenho certeza de que ela não vai interferir politicamente, não mais do que faria qualquer americana que fosse democrata e tivesse um marido republicano.”

Quando questionado sobre o comportamento do príncipe à espera da noiva, o padre assegurou: “Ele está tão nervoso quanto qualquer noivo. Tenta fingir que está calmo, mas, no fundo, anda ansioso como um garoto”.

Os repórteres quiseram saber sobre o papel que tinha desempenhado na união do casal. O autoproclamado casamenteiro definiu: “Grace era realmente a escolha do príncipe. Eu fui apenas uma espécie de consultor”.

Oito dias depois de zarpar de Nova York, o *Constitution* ancorou no Porto Hercule, na costa de Mônaco.

Rainier esperava por ela no convés do *Deo Juvante II*, o novo iate do casal.

Construída na Inglaterra em 1928, a embarcação de 45 metros e 298 toneladas era um presente de casamento de Aristóteles Onassis.

Sob um céu nublado e com o mar ligeiramente agitado, o *Deo Juvante II* alinhou-se ao transatlântico. Rodeado por uma frota de pequenos barcos com fotógrafos e cinegrafistas prontos para a ação – além de um helicóptero sobrevoando a cena –, Rainier aguardou a chegada de Grace.

Ele admitiu que sentiu o coração bater mais forte.

Ela nunca escondeu o fato de que o dela também se acelerou.

Sorrindo e acenando, com um buquê de rosas na mão, ela desceu pela passarela de desembarque. Ele a ajudou a entrar no iate. As sirenes dos navios explodiram em sinal de boas-vindas.

Mais de 20 mil pessoas, reunidas nas ruas em torno do porto, agitavam bandeiras, gritavam e aplaudiam conforme o *Deo Juvante II* se aproximava da terra firme.

Mais sirenes começaram a gritar. Canhões foram disparados, enquanto aviões cortavam os ares lançando paraquedistas. A exaltação foi ainda maior.

A chegada de Grace a Mônaco foi arrebatadora.

Só um detalhe maculou o episódio. Ela usou um chapéu grande demais, que escondia o rosto. Toda a população de Mônaco tinha vindo para vê-la, mas a maioria só avistou uma aba de chapéu. Quase ninguém, assim, pôde testemunhar a alegria, o encantamento, a emoção e as lágrimas de felicidade que caíam dos olhos azuis mais famosos do mundo.

## *Capítulo 7*

### O CASAMENTO

#### O CASAMENTO FOI COMPLICADO.

Como o romance da estrela de cinema com o príncipe de conto de fadas mobilizou a atenção do mundo inteiro, mais de 1.600 jornalistas e fotógrafos se acomodaram em Mônaco – quase o triplo do número de profissionais de mídia que, conforme relatos posteriores, teriam participado da cobertura jornalística do casamento do príncipe Charles com Lady Diana.

Como se tal comparação não fosse o bastante, vale lembrar que durante toda a Segunda Guerra Mundial nunca houve 1.600 repórteres acompanhando o Teatro de Guerra Europeu.

Ninguém em Mônaco tinha experiência para lidar com tamanho assédio da imprensa. O principado jamais tinha vivido algo tão grandioso – na verdade, poucos países no mundo tiveram experiências sequer comparáveis com aquele casamento real.

Houve uma sucessão de almoços, jantares, desfiles, apresentações e grandes festas de gala, nas quais os convidados dançavam noite adentro.

Foram oito dias de festividades que, tanto para Grace quanto para Rainier, não saíram bem do jeito que os dois idealizariam, caso lhes fosse dada a possibilidade de escolha.

Quando lembrava o que ele e a esposa tiveram de passar, Rainier ria. “Não foi nada divertido. No meio da turbulência, Grace ficava dizendo que talvez devêssemos fugir para uma pequena capela nas montanhas e nos casarmos lá. Eu gostaria que tivéssemos feito isso,

porque não havia a menor possibilidade de desfrutarmos do que estava acontecendo.”

Olhando em retrospecto, Rainier avaliava que o evento era grande demais para a época. “Não há dúvida quanto a isso. Houve uma exposição excessiva. A imprensa compareceu em massa, mas, como muitas das festividades eram privadas, os jornalistas tinham muito tempo de sobra. Um dia, fomos almoçar na propriedade da minha irmã, em Eze. Quando dirigíamos de volta para Mônaco, vimos um dos fotógrafos que havia seguido o nosso carro estatelado na estrada, deitado de costas no chão. Eu vinha em baixa velocidade e o vi de longe, e quando cheguei mais perto, parei o carro. Foi o meu erro. Todos os colegas do fotógrafo apareceram e começaram a disparar seus *flashes*. Na manhã seguinte, nos jornais, parecia que eu tinha atropelado o rapaz. Eles eram capazes de fazer qualquer coisa por uma foto.”

Ao descrever o caos que se instalou em Mônaco, Grace disse certa vez à filha Caroline que aqueles oito dias foram tão horríveis que, mais de um ano depois, nem ela nem Rainier conseguiam assistir aos filmes da época sem sentir certo desconforto.

Praticamente tudo se transformava em um grande problema e até a lista de convidados teve de ser feita tendo em mente uma série de critérios.

Grace e Rainier, é claro, queriam a presença de seus amigos e familiares, mas era preciso convidar também membros da realeza europeia e seguir as determinações de um protocolo político.

A rainha Elizabeth foi convidada não apenas como soberana do Reino Unido, mas também por ser prima de 15º grau do noivo. Sua ascendência comum fora traçada por meio do príncipe Albert de Mônaco, que se casou com Lady Mary Victoria Douglas Hamilton, da Escócia – que, por sua vez, tinha parentesco com Henrique VII e Elizabeth de York.

Em sua maioria, as cabeças coroadas da Europa se relacionam com os Grimaldis de Mônaco graças a essa mesma conexão. Há parentesco com as realezas sueca, norueguesa, dinamarquesa, belga, holandesa, luxemburguesa e grega, além de laços com Elizabeth, a rainha-mãe, e até com Winston Churchill.

Enquanto a maioria dos outros membros da realeza aceitou o convite, a rainha britânica teve de declinar – quaisquer que fossem suas razões pessoais, o motivo público baseava-se em uma questão protocolar. Como não conhecia pessoalmente Rainier ou Grace, nem ela nem qualquer membro de sua família podiam comparecer à cerimônia. A soberana, no entanto, enviou uma travessa de ouro de presente ao casal.

Cary Grant deu uma escrivanhinha antiga. A Société des Bains de Mer, empresa gestora do cassino e dos mais badalados hotéis e restaurantes de Monte Carlo, ofereceu um colar de diamantes e rubis. Amigos da Filadélfia brindaram Grace com uma tela CinemaScope e dois projetores de 35 milímetros, para ela instalar uma sala de cinema no palácio e se manter em dia com os filmes produzidos nos Estados Unidos. Da comunidade americana local veio uma moldura de ouro maciço, enquanto a comunidade germânica presenteou o casal com um serviço de jantar de porcelana. O governo francês os presenteou com um par de timões decorados para seu iate. Colegas de elenco de *Alta sociedade* enviaram uma roleta de cassino completa.

Na ausência de uma lista, o casal ganhou muitos presentes duplicados, como peças de ouro, prata e cristais, pinturas, molduras antigas e joias. Singular mesmo foi um filhote de leão, escolhido para enriquecer o zoológico particular do príncipe.

Talvez nada tenha sido mais emocionante, contudo, do que as lembranças simples enviadas por pessoas que Rainier e Grace sequer conheciam, mas que queriam, de alguma forma, homenagear o casal e sentir-se participando desse casamento. Eram dezenas de itens feitos artesanalmente, como peças de queijos e presuntos curados, além de livros de receita, apoios de panela, trevos, enfeites de parede, artigos de lã, cinzeiros, animais de cerâmica e anjos de gesso.

Muitos desses presentes estão ainda hoje espalhados pelas prateleiras do palácio.

Cada um deles foi registrado por Grace em um livro dos noivos, de cetim branco. Para inventariar tudo, ela teve de preencher uma dúzia de volumes.

A imprensa, de maneira um tanto indelicada, calculou o valor dos presentes de casamento em mais de 1 milhão de dólares.

Como se colocar etiquetas de preços nos presentes não fosse suficientemente constrangedor, aconteceu ainda o episódio envolvendo o Conselho Nacional de Mônaco.

Algumas semanas antes do casamento, o conselho enviou um de seus integrantes a um joalheiro em Paris, onde ele escolheu um colar no valor de 39 milhões de francos – na época, cerca de 72 mil dólares. Ele adiantou uma parcela de 12 milhões de francos e voltou com a joia para Mônaco. Na opinião do incumbido da tarefa, tudo havia saído à perfeição.

Infelizmente, no entanto, tratava-se de um objeto medonho, pesado, cafona e absolutamente grotesco.

Nenhuma pessoa com o mínimo de bom gosto imaginaria que aquilo pudesse ser adequado para uma mulher moderna, de apenas 26 anos de idade.

Quando viu o colar, o príncipe o achou tão antiquado que duvidou se não ficaria mais adequado na caixa de joias de alguma antiga imperatriz da China.

Para piorar as coisas, veio a público que o joalheiro parisiense havia pago uma “comissão” de 5 milhões de francos para o representante do Conselho Nacional de Mônaco.

Em uma tentativa de encobrir o vexame, a instituição recorreu à loja da Cartier e comprou para Grace um conjunto de colar, pulseira, anel e brincos ainda mais caros. Ao mesmo tempo, tentou devolver o polêmico colar ao joalheiro parisiense, que se recusou a restituir o adiantamento e ainda exigiu a quitação do saldo restante de 27 milhões de francos. O conselho disse que o pagamento estava fora de cogitação e ameaçou o comerciante com uma ação judicial. Indiferente, o joalheiro não aceitou o colar de volta e ainda instruiu seus advogados a pedirem o bloqueio dos bens do príncipe Rainier em Mônaco e nos Estados Unidos, a fim de forçar o pagamento.

Como se poderia esperar, a ameaça não deu em nada.

O conselho levou o joalheiro aos tribunais e ganhou a causa. Mas não conseguiu manter o caso em segredo – e os jornais transformaram o assunto em escândalo de primeira página.

Descrevendo o episódio como “sórdido”, Rainier admitiu que tudo foi muito embaraçoso e totalmente fora de seu controle. “O Conselho Nacional de Mônaco escolheu o joalheiro, negociou o preço e deu o colar como presente de casamento para Grace. Nós não tivemos qualquer interferência. Nada foi perguntado a ela, nem ela tomou a iniciativa de dizer para o conselho, ou para qualquer outra pessoa, se preferia pérolas a diamantes ou esmeraldas a rubis.”

\*\*\*

O matrimônio na França, e conseqüentemente em Mônaco, segue o mesmo rito desde a época de Napoleão e prevê que os noivos cumpram duas cerimônias.

Por lei, primeiro deve ser realizado o casamento civil na prefeitura do local, onde um dos noivos resida há pelo menos quarenta dias – em geral, o prefeito, vice-prefeito ou um vereador celebram a cerimônia, que tem de ser precedida pela publicação dos respectivos anúncios. Esse comunicado oficial deve ficar exposto na Câmara Municipal ao longo dos dez dias que antecedem a data do casamento.

A cerimônia religiosa só pode ser realizada após o casamento civil. Trata-se de um requisito inviolável, a menos que você seja o príncipe regente.

Diferentemente de outros casamentos ocorridos no principado, não houve publicação dos anúncios oficiais, presumivelmente para que ninguém pudesse se manifestar contrário àquela união.

Não que houvesse alguém disposto a isso.

No entanto, conforme o grande dia se aproximava, sinais de nervosismo e tensão começaram a se tornar mais frequentes. Rainier estava especialmente mal-humorado com os fotógrafos e chegou a cancelar uma sessão de fotos em que iriam reencenar a assinatura do registo do casamento. Durante os ensaios das cerimônias oficiais, Grace parecia nervosa e Rainier roía as unhas.

A cerimônia civil aconteceu em 18 de abril, na sala do trono do palácio, na presença apenas de familiares próximos e de alguns amigos mais íntimos. Mas foi autorizada a entrada de câmeras de

televisão, de modo que toda a Europa também pudesse testemunhar o evento.

Grace usou um vestido rosa antigo e carregava um buquê. O célebre cabeleireiro da MGM, Sydney Guilaroff, tinha vindo de avião de Hollywood especialmente para cuidar dos cabelos da noiva. Rainier havia encomendado à prestigiada House of Creed um perfume exclusivo, chamado *Fleurissimo*, para ela usar na ocasião.

O príncipe trajava um fraque preto com calça cinza listrada. Ambos estavam obviamente apavorados e nenhum deles sorriu.

Fazia muito calor naquele ambiente, sob a forte iluminação necessária para uma boa captação de imagens pelas câmeras da televisão e da MGM, que detinha os direitos exclusivos de filmagem da cerimônia.

A noiva e o noivo sentaram-se a alguns metros de distância um do outro, em cadeiras de veludo vermelho. Grace mantinha as mãos enluvadas no colo enquanto Rainier, nervoso, ajeitava o bigode.

O protocolo prevê que qualquer casamento envolvendo um membro da família do soberano só pode acontecer mediante a permissão do príncipe regente. Assim, o juiz sênior abriu a cerimônia em francês pedindo a autorização ao próprio Rainier. Quarenta minutos depois de ter dado permissão a si mesmo para se casar, ele e Grace se tornaram marido e mulher diante da lei.

A maioria dos casais passa por tudo isso somente uma vez, mas aquele não era um casal comum. Grace e Rainier tiveram de repetir tudo, reencenando cada passo da cerimônia para as câmeras da MGM.

Mais tarde, o padre Tucker contaria aos jornalistas: “Eles não passariam por isso novamente por nada neste mundo”.

Naquela tarde, toda a população monegasca, cerca de três mil pessoas, foi convidada para uma festa de gala. À noite, Grace e Rainier assistiram à ópera. Ela usava um vestido Lanvin de organdi de seda branca bordada à mão, com decote V, cintura marcada e armação sob a saia. Milhares de pérolas e *strass* e centenas de milhares de lantejoulas adornavam a peça. Na frente do vestido ela usava uma faixa, e este visual marcou sua primeira aparição pública formal como princesa Grace.

Como a cerimônia religiosa ainda não havia acontecido, de acordo com a versão oficial, naquela noite os noivos dormiram em quartos separados.

Na manhã seguinte, a cerimônia religiosa foi acompanhada por todos os que lotavam a Catedral de São Nicolau e por mais de 30 milhões de pessoas em nove países europeus.

Em meio à concorridíssima cerimônia, estritamente *white tie*, Rupert Allan viu-se sentado ao lado de Ava Gardner. Do outro lado estava o único assento vago de toda a catedral. Muito mais tarde, um intrigado Allan perguntaria a Grace quem tinha sido convidado e não apareceu.

“Frank Sinatra”, ela esclareceu.

Allan ficou chocado: “Você me colocou no meio de Ava Gardner e Frank Sinatra?”. Poucos anos antes, os dois temperamentais astros haviam se separado depois de uma relação publicamente turbulenta. Se Sinatra tivesse aparecido, Allan se encontraria, de modo literal, no centro do primeiro reencontro deles desde a separação.

“Você queria que eu me sentasse entre eles?”, perguntou a Grace. “Quem sabe o que poderia ter acontecido?”

Ela sorriu: “Tenho certeza de que você daria um jeito na situação.”

Na verdade, a ausência de Sinatra teve menos a ver com Ava Gardner e mais com a grande afeição que ele nutria por Grace.

Sinatra partiu de Los Angeles rumo a Londres alguns dias antes do casamento para providenciar os acessórios finais de seu traje *white tie*. Ao aterrissar na capital inglesa, viu os jornais noticiando a chegada a Mônaco de Ava, que atraía muita atenção da mídia. Ele percebeu que, se fosse ao casamento da amiga, a imprensa também o perseguiria para falar sobre o amargo divórcio.

Sinatra telefonou para Grace e comunicou: “Eu não vou ao casamento”.

Ela quis saber o motivo.

“Porque esse deve ser o *seu* dia”, respondeu o cantor.

Grace confidenciou a Allan que sempre havia achado que Sinatra tinha sido o único homem que Ava Gardner amou. “Eles foram feitos um para o outro. Eu os coloquei do seu lado porque parecia uma boa maneira de tentar reacender a chama.”

A cerimônia religiosa foi celebrada com grande formalidade.

Lilases e lírios-do-vale brancos encheram a antiga catedral, contrastando com o cortinado de seda e o tapete vermelho que se estendia dos degraus até o altar.

A luz do final da manhã invadia a igreja através dos vitrais.

Homens com traje a rigor e mulheres com chapéus coloridos ocuparam seus lugares. Em seguida, a um acorde do órgão da catedral, todas as cabeças se viraram e Grace apareceu.

Foi um momento de tirar o fôlego.

Helen Rose, a figurinista da MGM responsável pela criação do vestido de casamento, tinha se superado.

Resultado de seis semanas de trabalho de uma equipe formada por três dúzias de costureiras, o vestido em estilo renascentista real havia consumido 23 metros de tafetá, 23 metros de tafetá de seda, 91 metros de tule e 274 metros de renda valenciana.

Foi a mais valiosa peça individual de moda que Helen Rose idealizou em sua carreira.

A cauda se estendia por mais de três metros de comprimento. De mangas compridas, o corpete de rendas foi todo rebordado para ocultar as costuras. O vestido era preso na frente com minúsculos botões rendados, bem justo sobre um subcorpete de *soufflé* de seda em tom de pele. A sobressaia era moldada em forma de sino, sem dobras dianteiras. O volume na parte de trás foi obtido por meio de pregas na cintura, que se avolumavam em forma de leque. A saia de baixo era composta, na verdade, por três saias confeccionadas de crepe e tafetá.

O véu, desenhado para não ocultar o rosto de Grace, foi bordado com rosas de renda de 125 anos compradas pela MGM de um museu, sobre a qual foram costuradas à mão milhares de minúsculas pérolas. Na cabeça ficava um *Juliet cap* de renda, combinado com uma coroa de pequenas flores de laranjeira e folhas formadas com pérolas. Apliques na parte de trás do véu representavam miniaturas de pássaros. Grace também carregava um livro de orações forrado de tafetá para combinar com seu vestido, com a cruz sobre a capa bordada em pérolas.

Mais tarde, o estilista Oscar de la Renta diria: “Quando se casou, Grace Kelly deu novo significado à palavra *ícone*. Seu visual, do régio véu aos femininos detalhes em renda e o vestido conservador, a transformou em uma noiva eterna.”

O protocolo previa que ela esperasse no altar a chegada de Rainier. Segundo o roteiro combinado, ela ficaria ali sozinha, mas seu pai ignorou o *script* e manteve-se por perto.

Conta-se que, durante um dos ensaios, Grace se mostrou incomodada com a orientação de esperar no altar até a entrada do noivo, afinal nos Estados Unidos ocorre o contrário.

Rainier teria respondido com um gracejo: “Não espere mais de meia hora”.

Verdadeira ou não, a piada é típica do senso de humor do príncipe.

E Grace não esperou muito tempo mesmo. Rainier juntou-se a ela no altar vestindo um uniforme que ele mesmo criou, inspirado no uniforme dos oficiais napoleônicos. A calça, de cor azul clara, exibia uma listra dourada na costura lateral. O jaquetão era preto com folhas de carvalho douradas nas lapelas e galão dourado no ombro direito.

Quando ocuparam seus lugares, o noivo deu um sorriso discreto. Em seguida, os dois olharam para a frente, sem conseguir esconder o nervosismo.

O coral cantou *Uxor tua*, de Bach, e *Aleluia*, de Purcell.

Houve um momento de embaraço quando Rainier teve dificuldade em colocar a aliança no dedo de Grace – ela precisou ajudar –, e os dois continuaram tão tensos que os votos só foram ouvidos pelo bispo que celebrava a cerimônia.

O religioso perguntou em francês se ela aceitava o príncipe como seu marido. Grace sussurrou: “*Oui*”. Eles se ajoelharam e rezaram. O bispo deu a bênção e os declarou marido e mulher. Nesse momento, provavelmente não havia um par de olhos sem lágrimas naquela catedral.

Quando Rainier beijou a noiva, os sinos tocaram para registrar que, agora, os dois eram apenas um diante de Deus.

Seguiram-se então seis horas de desfiles, recepções e aparições na sacada, além de um passeio pelas ruas de Mônaco no Rolls-Royce

conversível preto novo em folha, presente dos cidadãos do principado. Depois, enfim, o casal embarcou em seu iate e partiu em um cruzeiro de lua de mel de um mês pelo Mediterrâneo.

Zarparam literalmente rumo ao pôr do sol.

Hollywood não teria criado um final de dia melhor do que aquele.

A quase 10 mil quilômetros de distância dali, o *Variety*, jornal especializado em *show business* noticiou o evento com a seguinte manchete: “Casamentos – Grace Kelly e príncipe Rainier III. Noiva estrela de cinema, noivo amador”.

## *Capítulo 8*

### LEMBRANÇAS DE RAINIER

POUCO DEPOIS DO CASAMENTO, O CASAL COMPROU uma propriedade nas montanhas chamada *Roc Agel*, situada a cerca de mil metros acima do mar e com vistas para o principado de Mônaco. Uma espécie de vale em forma de caranguejo, o local se estende por mais de dois quilômetros na extremidade leste da Riviera Francesa, avançando apenas algumas centenas de metros rumo ao interior.

Cercada por árvores, a propriedade é grande, mas não enorme. Por trás dos portões sempre muito bem guardados, uma longa estrada de asfalto conduz até uma casa de pedra de estilo moderno. Há uma piscina e outros três pequenos chalés na propriedade, mais tarde transformados em salas de jogos para os netos de Grace e Rainier. Balanços, um carrossel e uma variedade de cachorros dividem o espaço.

Em certa ocasião, logo após o amanhecer, trajando calça confortável, camisa de golfe e sapatos velhos, um orgulhoso Rainier exibiu *Roc Agel* contando sobre seu envolvimento pessoal com o trabalho na terra. “Plantei cerca de quatrocentas árvores aqui. Também abri todos os caminhos ao redor da propriedade. Eu mesmo dirigi a escavadeira.”

Com o tempo, o jovem meio desajeitado de 26 anos, com cabelos e bigode escuros, que ascendera ao trono do país em maio de 1949, havia se transformado naquele senhor bonito e autoconfiante, com cabelos e bigode brancos como neve, cuja timidez natural era mal escondida por uma bem ensaiada atitude de reserva.

“É muito gratificante fazer isso, trabalhar com as mãos”, continuou ele. “Aqui tenho uma oficina onde posso soldar ferro e metal ou fazer as coisas com pedaços de ferro e parafusos. Isso me transporta para longe da rotina de ler documentos oficiais, que é uma das razões pelas quais deixei de ser um leitor voraz. Depois de três ou quatro horas por dia trabalhando com papéis, tudo o que eu quero é sair dali e fazer algo manual.”

*Roc Agel* também tinha uma horta razoável, que dava alface e tomate, e um grande pomar de damasco, maçã, cereja e ameixa. Algumas aves e um par de vacas da raça Jersey garantiam o abastecimento de ovos e leite frescos. Por muitos anos, a propriedade abrigou ainda quatro lhamas, além do hipopótamo Pollux e de uma rinoceronte fêmea chamada Margaret, que o príncipe comprou na Inglaterra.

“Os dois pesam cerca de duas toneladas. Mas você pode ir ao encontro da rinoceronte e caminhar por aí, e ela vai segui-lo como um cão. O hipopótamo é também bem manso.” Depois de uma pausa, Rainier acrescentou: “Adoro animais” – como se pudesse haver dúvida quanto a isso em relação a alguém que cria um rinoceronte e um hipopótamo em casa. “Acredito que os entendo. Quando mostra que você está no comando, que não está com medo e que não vai lhes fazer mal, é possível ter uma comunicação de verdade com eles.”

Ao regressar a Mônaco após aquela viagem à África, a “arca de Rainier” estava lotada de animais que foram abrigados nos jardins abaixo do palácio do príncipe. Quando a notícia sobre a coleção se espalhou, os amigos começaram a presenteá-lo com mais animais. O rei do Marrocos lhe enviou um casal de leões. O rei do Sião ofereceu um pequeno filhote de elefante, mas que cresceu rapidamente, obrigando Rainier a doá-lo a um parque, onde o animal teria acesso a cuidados mais adequados.

A coleção particular se transformou no zoológico de Mônaco. “Eu mesmo administro. É um lugar muito apreciado porque os visitantes podem chegar tão perto dos animais quanto o permitido para sua segurança. Mas hoje em dia existem tantos parques, tanto bons

como ruínas, que as pessoas ficaram um pouco cansadas de jardins zoológicos.”

O público podia até ter perdido o interesse por animais, mas não foi o que aconteceu com Rainier.

Em meados da década de 1980, quando ouviu falar que um determinado circo estava falindo, o príncipe intuiu que haveria alguns bons animais nascidos em cativeiro. Não resistiu. “Comprei uma manada inteira de grandes camelos da Manchúria, alguns dromedários, um búfalo africano, dois guanacos e um par de cavalos. Tive de acomodá-los em Marchais, propriedade de minha família entre Paris e Bruxelas, no pasto.”

Aquela propriedade, o castelo de Marchais fica no sopé das colinas de Ardennes e tem seis vezes o tamanho de Mônaco. Incluía duas fazendas produtivas e algumas áreas de caça. No entanto, assim que os camelos se mudaram, tornou-se uma inesperada atração.

Rainier abriu um grande sorriso. “É muito engraçado ver as pessoas passando por aí de carro. Eu quase posso ouvir a mulher dizer ‘Olha, tem camelos ali’, e o marido respondendo ‘Como assim? Camelos?’. Então, você ouve o som da freada brusca e o carro dando marcha a ré. Convenhamos, é mesmo um pouco estranho ver camelos pastando com vacas no interior da França.”

Além de animais, Rainier também gostava de automóveis. “Tenho alguns carros, mas não posso dizer que sou um colecionador. Se vejo um carro à venda que me atrai por ser um modelo especial, algumas vezes eu compro. Eu gosto, mas não sou um apaixonado por automóveis. Tenho desde um Dion 1903 até um Packard 1938 de oito cilindros.”

Em determinado momento, Rainier se viu com 45 carros e ficou claro que faltava espaço na garagem do palácio. Em vez de vender alguns, solicitou ao Estado um local apropriado para criar um museu.

“Todos os veículos estão em condições de circular”, contou, “mas não tenho certeza de que seja uma boa ideia dirigi-los por aí. O Packard, por exemplo, é muito pesado e não tem direção hidráulica – as pessoas deviam ser muito fortes em 1938. Eu dirigi o carro por uma tarde e depois tive de ficar três dias de cama.”

Com vista para o Porto de Mônaco, o palácio de 225 cômodos divide-se entre pequenos apartamentos privados e salões oficiais, mais amplos. Sempre foi a residência oficial do príncipe, da princesa e de seus três filhos. Mas era em *Roc Agel* que os Grimaldis mais se sentiam felizes ao passar seu tempo livre.

A habitação principal exhibe estilos *chintz* e rústico. A confortável sala de estar guarda sinais de ter sido bastante usada e os quartos são numerosos o suficiente para acomodar filhos e netos. A cozinha é moderna, e grande parte dela foi importada dos Estados Unidos para atender a Grace, que não via nada de romântico em preparar refeições nos ambientes em geral apertados e mal equipados de uma típica cozinha europeia.

“Grace era ótima fazendo churrascos”, elogiou Rainier. “Ela também gostava de preparar o café da manhã da família.”

Embora a família sempre contasse com os serviços de uma equipe doméstica completa em *Roc Agel*, no palácio e em Marchais, também Rainier, de vez em quando, se aventurava na cozinha. “Mas só para me divertir. Não sou um bom cozinheiro, de maneira alguma, embora faça um excelente *crêpe suzette*. De manhã, eu costumava fazer panquecas com xarope de bordo para as crianças; eu era muito bom com a mistura para panquecas Aunt Jemima.”

Para ele, e também para Grace, *Roc Agel* era um refúgio longe dos telefonemas e compromissos oficiais, e onde podiam ouvir música o tempo todo.

“Grace adorava música clássica, especialmente Bach”, contou ele. “Apreciava ópera e, claro, amava balé. Mas não gostava muito de Wagner. Ela também gostava de *jazz*, assim como eu. A música sempre desempenhou um papel importante na nossa vida familiar. Havia sempre música. Grace fazia questão de ouvir enquanto pintava ou desidratava flores. Também fazia ginástica com música. E isso, fique sabendo, foi muito antes de Jane Fonda e da aeróbica.”

Sobre a própria relação com a música, Rainier lembrou: “Uma vez tentei aprender a tocar saxofone, mas não fui muito longe porque é um instrumento difícil e exigente, especialmente para as pessoas que ficam ouvindo ao seu redor. Então, parei e experimentei a bateria. Às vezes, ainda toco por diversão. Gosto imensamente de

música, embora não seja, de modo algum, um grande músico. Acontece que amo Tchaikovsky e acho que eu sou um grande fã da música romântica. Por outro lado, não sou tão apaixonado assim por Mozart, que considero repetitivo, e não gosto de Wagner, que acho estrondoso demais, teutônico demais. Não gosto de nenhuma das óperas de Wagner por causa do som das vozes. Mas aprecio a ópera italiana, que considero a melhor.”

Não é de surpreender que em *Roc Agel* tanto Grace quanto Rainier – especialmente ele – não eram as mesmas pessoas que viviam no palácio em Mônaco. Lá, ele era o príncipe. Em *Roc Agel*, ele podia ser apenas o marido, e Grace, a esposa. Juntos, podiam exercer o papel de pais. Mais tarde, ele também seria avô.

Durante toda a sua vida, Rainier manteve-se reservado, como um homem muito consciente de sua posição e zeloso de sua imagem pública. Quando estava em *Roc Agel*, porém, mostrava-se um sujeito simples. Só quem teve a oportunidade de ver a diferença entre um e outro tem condições de entender o quanto deve lhe ter custado exercer seu papel real.

No final do século XIX, foi escrita uma peça teatral inspirada em um antepassado de Rainier, o príncipe Florestan. Intitulada *Rabagas*, era anunciada como uma comédia política. Seu trecho mais emocionante, um monólogo de Florestan, trata do peso das responsabilidades de um príncipe.

Se saio para um passeio, acham que tenho muito tempo ocioso. Se não saio, acreditam que tenho medo de me expor. Se promovo um baile, sou acusado de extravagância. Se não promovo, sou um avaro mesquinho. Se faço uma revista às tropas, é uma intimidação militar. Se não faço, é porque sou medroso e não confio nas tropas. Quando soltam fogos de artifício no meu aniversário, estou desperdiçando o dinheiro do povo. Quando proíbo os fogos de artifício, dizem que não faço nada para divertir as pessoas. Se estou com boa saúde, é porque sou ocioso e não me preocupo com questões públicas. Se estou mal de saúde, é resultado de minha devassidão. Se construo, sou um esbanjador. Se não construo, como é que ficam as classes

trabalhadoras? Tudo o que faço é proclamado detestável, e o que não faço resulta em ofensa ainda maior.

Mais de um século depois, segundo Rainier, o texto continuava atual. “É tão verdadeiro hoje como era na época. A linha sobre a qual temos de andar é muito tênue, e levei tempo para descobrir onde ela fica porque não é algo que se possa aprender. Você tem de sentir o seu caminho. Meu avô me dizia: ‘Não vá a muitos lugares. Você deve escolher onde quer ser visto; caso contrário, a presença do príncipe começa a perder o significado’. Mas ninguém nunca me disse se dez eventos eram muita coisa, ou se cinco não bastavam. No começo, eu tinha a tendência de ir sempre que pedissem, para apertar mãos, distribuir prêmios, ser visto. Levou algum tempo para saber a quantidade certa. Isso é algo que tentei ensinar a meu filho, Albert, que um dia vai me suceder. Ele tem de ser muito visto no início, comparecer a um monte de eventos. Depois, deve começar a escolher do que deseja participar, pois sua presença é algo de valor, algo que as pessoas buscam.”

Em outras palavras, o trabalho exige certo talento para a indiferença. “Às vezes, devo ser indiferente porque o distanciamento gera respeito. Caso contrário, se as pessoas veem você em todos os lugares, não significa nada quando você dá seu aval pessoal a alguma coisa. Não estou dizendo para meu filho que ele deve evitar andar por aí e manter-se inacessível, mas parte do meu trabalho e do trabalho que ele herdará consiste em aprender a traçar o limite entre ser acessível e ser familiar. Isso talvez não seja difícil de fazer quando se é, digamos, presidente dos Estados Unidos, primeiro-ministro da Inglaterra ou até mesmo prefeito de Paris. Mas é especialmente complicado aqui, pois se trata de um lugar muito pequeno.”

Uma vez, alguém perguntou se isso quer dizer que estava totalmente fora de questão sair do palácio de bermuda e ir até uma pizzaria no porto para tomar uma cerveja.

O príncipe pensou por um momento. “Acho que hoje em dia eu até poderia, embora não esteja inclinado a fazê-lo. Albert pode. Ele é mais jovem e isso cairia bem nos dias atuais. Ainda assim, não deve

fazer isso todos os dias. Ele sai com amigos, joga tênis no Country Club, frequenta a academia de ginástica. Isso é bom. No entanto, ele terá de traçar a linha quando chegar a sua vez, porque, então, não poderá acontecer de companheiros dele o abordarem na rua dizendo 'Ei, Al, vem correr com a gente'. As regras mudam quando você se torna o soberano. Hoje é ainda mais difícil do que era quando eu tinha a idade dele. Claro que ir comer pizza com alguns amigos pode ser divertido. Mas tenho plena consciência do fato de que, com uma imprensa ativa que existe hoje, uma foto pode ser tirada de mim naquele momento e ninguém sabe o que vai aparecer na legenda."

Ser príncipe implica ter privilégios e Rainier sempre soube disso, mas teve de aprender da maneira mais difícil que eles nunca são gratuitos. Essa foi uma lição que Albert também teve de encarar.

Rainier contou que, quando seu filho tinha cinco ou seis anos de idade, estava sentado numa roda de crianças que respondiam perguntas feitas por uma senhora. "O que você quer ser quando crescer?", ela quis saber. Um menino disse que queria ser bombeiro, outro falou que gostaria de ser policial, e assim por diante. Quando chegou a vez de Albert, ele se limitou a responder: "Eu não tenho escolha".

"Eu não tenho certeza", disse Rainier, "se ele entendeu até agora o que isso realmente significa. Ele está descobrindo, como eu fiz, que nem sempre é fácil saber em quem confiar. Albert teve de aprender da maneira mais difícil que algumas pessoas que já foram vistas em sua companhia só estavam interessadas naquilo que o príncipe poderia fazer por elas. Era uma via de mão única. Agora, ele está muito mais consciente quanto a esse tipo de coisa e tenta descobrir quem são as pessoas, antes de permitir que se aproximem. Ele tem de se proteger, especialmente aqui, porque, como disse, é um lugar muito pequeno. Vivemos sob um microscópio."

\*\*\*

O principado de Mônaco é uma cidade-Estado de 30 mil habitantes. Como apenas cerca de 6 mil são monegascos de nascimento, trata-

se de um país único, na medida em que há mais estrangeiros do que nativos. Franceses, italianos, britânicos e norte-americanos formam a maioria da população, mas Mônaco se gaba de ter moradores oriundos de cerca de cem outros países.

Com menos da metade do tamanho do Central Park de Nova York, ou com uma área quase igual ao do Hyde Park de Londres, o principado foi certa vez descrito por Somerset Maugham como “um local ensolarado para pessoas sombrias”, uma vez que os seus duzentos hectares se celebrizaram por ter sol brilhante, invernos amenos, o cassino mais glamouroso do mundo, milionários, estrelas de cinema, cortesãos, alpinistas sociais, iates, restaurantes caros, hotéis de luxo, joalherias, bancos, Fórmula 1, carros de corrida, jantares *black tie* saídos de um romance de Scott Fitzgerald – e isenção de impostos.

A renda *per capita* líquida de Mônaco é superior à de qualquer outra nação do mundo, e o principado exibe a maior proporção de automóveis por habitante: 15 mil carros para 30 mil pessoas. Não há pobreza, e o Estado é extremamente benevolente quando qualquer um de seus cidadãos sofre por problemas sociais. O padrão de vida é impressionante, mesmo em comparação com a Riviera Francesa.

Situado a dois terços do caminho entre Nice e a cidade italiana de Ventimiglia, o principado está encravado na França, da qual se separa por uma florida fronteira. O francês é a língua oficial, enquanto o inglês e o italiano disputam o segundo lugar. Há um idioma monegasco, que parece mais italiano do que francês, falado atualmente apenas em locais de altíssima classe ou em casamentos. Apesar da estreita proximidade geográfica e linguística, os cidadãos monegascos não são franceses e defendem firmemente seu direito à nacionalidade própria.

Por quase dois milênios, *Le Rocher* assistiu a uma sucessão de governantes: fenícios, ligurinos, romanos, bárbaros, sarracenos, condes da Provença, a Igreja, genoveses e gibelinos. No final do século XIII, os Grimaldis eram apenas mais um clã de ricos armadores e comerciantes de Gênova. Quando guelfos e gibelinos entraram em guerra, os Grimaldis se aliaram aos primeiros, o que seria uma aposta errada. Os gibelinos triunfaram, e os Grimaldis

entenderam que estariam melhor se fossem morar em qualquer outro lugar.

A família poderia muito bem ter naufragado na obscuridade ao ir para o exílio, não fosse por Francesco Grimaldi, que ficaria imortalizado na história monegasca como François *le Malizia* (o Esperto). Inconformado, ele queria vingança. Cerca de 160 quilômetros a leste de Gênova, havia templos erguidos por fenícios e gregos sobre uma fatia de rocha projetada para o mar – em homenagem ao herói mitológico Hércules, que teria passado pela área, o local se chamava Monoecus. No ano de 1162, o lugar tinha sido reivindicado pelos gibelinos, que o escolheram para a construção de uma fortaleza considerada inexpugnável, com quatro torres e cercada por muralhas altas. Assentada sobre um minúsculo porto natural, aquela rocha protegeria a invasão por terra ou mar à baía de Gênova.

A fortaleza seria um grande prêmio para qualquer um que pudesse tomá-la dos gibelinos. Na noite de 8 de janeiro de 1297, François vestiu um pesado hábito marrom de monge peregrino franciscano e bateu no portão de madeira implorando por abrigo. Os guardas, desavisados, permitiram a entrada e, antes que pudessem fechar o portão, François sacou a espada escondida nas vestes, mandou que seus soldados entrassem na fortaleza e deu início ao massacre. Em poucas horas, os Grimaldis declaravam-se senhores daquele rochedo.

Significativamente, o brasão de Mônaco exibe um par de frades empunhando espadas.

Nos cem anos seguintes, os Grimaldis perderam e reconquistaram o território duas vezes. No primeiro quarto do século XV, já haviam estabelecido seus direitos feudais sobre Mônaco e as duas cidades vizinhas de Menton e Roquebrune. Foram oficialmente aliados da França até 1524, quando o príncipe regente fez um acordo com a Espanha quanto aos “direitos sobre o mar”. O tratado previa a cobrança de um imposto de 2% sobre o valor total das mercadorias de qualquer navio que navegasse a uma distância visível a partir do rochedo. A tributação constituiu o principal negócio da família até meados do século XVII, quando o então príncipe regente realinhou

Mônaco com a França. Com a Revolução Francesa, os Grimaldis foram removidos do trono e Mônaco foi anexado à França. Em 1814, o Tratado de Paris restaurou o poder da família e, no ano seguinte, o Tratado de Viena colocou Mônaco sob a proteção dos reis da Sardenha. O principado só conquistaria a condição de Estado independente em 1861.

Rainier III foi o 33º governante de Mônaco. Além de representar a família dominante mais antiga da Europa – depois da morte do imperador japonês Hirohito em 1989 –, também tornou-se o monarca há mais tempo no poder em todo o mundo.

## *Capítulo 9*

### UM FILHO DE MÔNACO

EM 18 DE DEZEMBRO DE 1933, O PRINCIPADO DE MÔNACO declarou guerra aos Estados Unidos da América.

Bem, na verdade, não a todos os estados da poderosa nação, mas somente a um deles: o Mississippi.

Uma série de títulos ao portador, emitidos pelo estado norte-americano na década de 1830, tinha ficado guardada e esquecida nos cofres dos bancos por mais de noventa anos, até os herdeiros dos proprietários originais a descobrirem e reivindicarem o dinheiro devido. Com juros, o valor nominal de 100 mil dólares dos títulos havia se transformado em 574.300 dólares. No entanto, o Mississippi já tinha saldado os empréstimos em 1841.

Os herdeiros tentaram abrir um processo contra o Mississippi, mas descobriram que a lei norte-americana não permitia o procedimento – um estado só pode ser processado por outro estado, pelo governo dos Estados Unidos ou por um governo estrangeiro. Atentos a esta última alternativa, os herdeiros aproximaram-se do príncipe Louis II de Mônaco, oferecendo-lhe 45% do total da ação se o principado assumisse a propriedade dos títulos e levasse o caso aos tribunais.

Mônaco solicitou à Suprema Corte dos Estados Unidos permissão para abrir o processo. No entanto, como o Mississippi tinha modificado sua Constituição em 1875 especificamente para barrar todas as reivindicações relativas aos títulos, o principado teria de, antes de mais nada, provar a inconstitucionalidade daquela emenda. Os advogados monegascos argumentaram que, para o estado do

Mississippi, tratava-se de “uma oportunidade para apagar esse estigma de sua reputação”.

Até o *New York Times* se manifestou a favor de Mônaco.

Em um editorial publicado na edição de 19 de dezembro de 1933, o jornal sugeriu: “Certamente, os cidadãos do Mississippi devem considerar com gentileza o pedido de um país estrangeiro que nada deve aos Estados Unidos”. Dois dias depois, o mesmo periódico ironizava a iniciativa: “Que tal Mississippi propor a Mônaco um jogo de dados valendo dinheiro?”.

Em janeiro de 1934, a Suprema Corte norte-americana ouviu os argumentos e imediatamente ordenou que o Mississippi justificasse as razões pelas quais o principado não deveria ser autorizado a abrir o processo.

Os advogados da parte acusada alegaram que Mônaco não era um estado independente. Eles citaram o tratado de 1918 com a França, por meio do qual Mônaco se comprometia a exercer seus direitos de soberania “de acordo com os interesses políticos, navais e econômicos da França”. O próprio Ministério das Relações Exteriores francês, contudo, declarou que o acordo não implicava que Mônaco abrisse mão de seus direitos em favor de uma entidade estrangeira.

Infelizmente para Mônaco, o presidente do tribunal, Charles Evans Hughes, acatou o parecer de que o principado, como os detentores originais dos títulos, não tinha o direito de processar o estado do Mississippi sem a autorização dos Estados Unidos, e assinalou que esse consentimento seria bastante improvável.

O conflito chegou ao fim: o Mississippi saiu vencedor e o principado de Mônaco selou a paz com os Estados Unidos.

\*\*\*

O príncipe Charles III, imortalizado com o nome da cidade de Monte Carlo, foi sucedido no trono por seu filho Albert I – um cavalheiro alto, bonito, dono de uma bela barba preta e de um amor incondicional pela pesquisa marinha. Sob seu reinado, o cassino inaugurou uma era de prosperidade sem precedentes para o principado. Algumas famílias monegascas influentes, no entanto,

incomodavam-se com o fato de a riqueza ter transformado Monte Carlo em uma cidade-empresa.

A Sociedade de Banhos de Mar (SBM) nasceu como uma empresa de capital aberto responsável pelo controle dos jogos de azar em Mônaco. Como maior empregador e, de longe, maior fonte de receita do país, a SBM detinha um poder político desproporcional. Para aquelas importantes famílias monegascas, parecia que o príncipe havia consignado o país para a SBM, permitindo à empresa interpor-se entre ele e seu povo. Armou-se, então, uma conspiração para afastar Albert do poder e levar ao trono o filho dele. Reconhecendo que era melhor ceder às pressões por mudanças radicais do que ser atropelado por elas, Albert renunciou a seus poderes absolutos.

A Constituição de 1911 estabeleceu a separação entre o príncipe e o governo. Aquele permaneceria como chefe do Executivo, mas este passaria a ser composto por um ministro de Estado e mais três conselheiros. O Legislativo se dividiria entre o príncipe e o recém-formado Conselho Nacional, formado por integrantes eleitos pelo povo.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, Albert negociou um pacto com a França, bastante aguardado e de vital importância, que acabou incorporado ao Tratado de Versalhes. Pelo acordo, o príncipe concordou em exercer seus direitos em conformidade com os interesses políticos, militares e econômicos franceses.

A França, por sua vez, tornava-se defensora da independência e da soberania do principado. Os franceses se preocupavam com a possibilidade de o trono monegasco ser, um dia, reclamado por um distante ramo alemão da família Grimaldi. Isso explica por que o acordo previa que, caso não houvesse herdeiro na linha sucessória direta, Mônaco seria convertido em protetorado francês. No entanto, o príncipe regente sempre teria a opção de adotar um herdeiro se não pudesse ter filhos naturais, garantindo, assim, a perpetuidade do clã Grimaldi.

Por ironia, o filho de Albert nasceu e cresceu na Alemanha.

Em 1869, aos vinte anos, Albert casou-se com uma jovem dois anos mais nova: Lady Mary Victoria Douglas Hamilton, filha do

falecido Duque de Hamilton, *premier peer* (principal título da nobreza) da Escócia. A união tinha sido arranjada por Napoleão III. Depois de cinco meses, porém, ela abandonou Albert e foi viver com a mãe em Baden-Baden, onde nasceu seu filho Louis. Albert solicitou e recebeu a anulação do casamento pela igreja e, em seguida, dissolveu o casamento civil por decreto.

Apesar do *status* oficial de príncipe herdeiro, o jovem Louis não pisou em Mônaco nem conheceu seu pai até completar onze anos. Quando, enfim, se encontraram, descobriram que não se davam bem. Os dois viveram juntos, principalmente em Paris, por cinco anos, até Louis fugir para se alistar na Legião Estrangeira Francesa.

Enquanto servia no norte da África, Louis se apaixonou por uma jovem lavadeira chamada Marie Juliette Louvet. Albert não deu ao filho a permissão para se casar, não se sabe se pelo fato de Marie Juliette já ter sido casada ou por pertencer à classe trabalhadora. A filha de Louis, Charlotte, nasceu em 1898. Albert manteve-se firme, recusando-se a reconhecer tanto a união do filho quanto os direitos legais da neta. Louis e Marie Juliette se separaram quando Charlotte era muito pequena. Apesar de sempre ter sido reconhecida como herdeira legítima por seu pai, Charlotte precisou completar 21 anos para, enfim, o avô Albert admitir que sua ascensão era a única opção sensata para perpetuar a família no trono de Mônaco. O soberano exigiu que Louis a nomeasse sua sucessora e, para o caso de qualquer dúvida, que também adotasse legalmente a própria filha.

Pequena e mal-humorada, sempre pronta a falar o que vinha à cabeça, Charlotte era maravilhosamente excêntrica num século XIX marcado por exibir algumas mulheres com dom natural para a excentricidade. Casou-se aos 22 anos com um nobre francês ilustre e culto, o conde Pierre de Polignac, e foi reverenciada por toda a família, especialmente pelos netos, que sempre a chamaram de "Mamou".

Para Rainier, tratava-se de uma mulher de bom coração, que tinha sido enfermeira durante a Primeira Guerra Mundial e que passou os últimos anos de vida ajudando os menos afortunados, inclusive prisioneiros.

“Minha mãe passou a maior parte de sua vida em Paris e em Marchais,” declarou. “Mas era uma pessoa triste, porque foi infeliz quase desde o início de seu casamento. Nunca teve boas lembranças de Mônaco. Acho que, aqui, ela estava sempre sozinha. Não tinha amigos nem ninguém ao seu redor. Como era filha única, deve ter passado por momentos em que se sentiu dividida entre o marido e o pai.”

Para manter o nome da família, Albert solicitou que Pierre de Polignac trocasse seu sobrenome para Grimaldi, tornando-se príncipe Pierre Grimaldi e conde de Polignac na véspera de seu casamento.

Rainier descreveu o pai como um homem de elegância à moda antiga, com um bigode fino, interesse por música, arte e literatura e fluente em várias línguas. “Era um homem muito delicado, muito sensível. No entanto, olhando em retrospecto, talvez ele não tenha sido muito atento às inquietações da geração mais jovem. Lamento não ter ouvido ou conversado mais com ele. Mas esse é um problema da juventude. Quando se é jovem, você não ouve o suficiente.”

A primeira filha de Pierre e Charlotte, Antoinette, nasceu em 1920. Dois anos mais tarde, Albert faleceu e Louis tornou-se príncipe regente. Em 3 de maio de 1923, no Palácio de Mônaco, Charlotte deu à luz o segundo filho – Rainier Louis Henri Maxence Bertrand Grimaldi. Era o único neto homem e virtual herdeiro do trono, então sua casa, onde quer que fosse, era onde ficava a corte.

Rainier comentou: “Nós só passávamos cerca de três meses por ano em Mônaco. Em geral vínhamos na primavera, por volta da Páscoa, quando o tempo estava bom. Eu gostava de vir, porque sempre tinha muita coisa para fazer e as pessoas eram acolhedoras. Passávamos o inverno em Marchais e o Palácio de Mônaco ficava fechado. Durante cinco ou seis meses, minha família e todos os serviços do meu avô – cozinheiros, mordomos, criados, camareiras – se instalavam em Marchais. Exceto o governo, que permanecia em Mônaco. Lembro-me quando meu avô instalou um telégrafo em Marchais para manter contato com o governo. Era muito emocionante, algo novo para nós. Ainda posso ver o secretário enviando e recebendo mensagens o dia todo. Dois meses a cada

ano, a família passava uma temporada de caça na Escócia. Mas eu odiava. Chovia o tempo todo e era muito chato”.

Avaliando sua infância como “basicamente satisfatória”, Rainier reconheceu que o divórcio de seus pais em 1929 trouxe algumas inseguranças. “Fiquei inseguro como os filhos de pais divorciados sempre ficam, sem saber muito bem a qual lugar pertencem. Há momentos em que você duvida do amor de seus pais.”

Foi combinado que Rainier e Antoinette passariam parte do ano com a mãe e o avô e outra parte com o pai. “Quando estávamos com a mamãe, sempre diziam para não contarmos nada sobre ela e o avô ao nosso pai. Quando estávamos com papai, nos orientavam a não comentar nada sobre ele perto de nossa mãe ou do nosso avô. Não era fácil. Como qualquer filho de pais divorciados, eu ficava magoado com isso.”

Durante sua infância, houve também muita tensão política dentro de casa. O príncipe Louis enfrentou uma pressão no início da década de 1920, conhecida como “os anos loucos”. O Conselho Nacional estava indócil: segundo a Constituição, a atribuição da instituição limitava-se a fazer recomendações ao príncipe; portanto, não detinha poder real. Essa era a primeira das muitas coisas que os conselheiros queriam alterar. Eles também se mostravam descontentes com a SBM, que segundo eles funcionava como um Estado, e reclamavam que a empresa ameaçava a independência do país. Outra reivindicação era para que o príncipe exigisse da SBM o cumprimento de suas responsabilidades contratuais no abastecimento de serviços básicos de Monte Carlo, como água, gás e pavimentação. A SBM, alegava o Conselho Nacional, havia negligenciado suas obrigações, privilegiando investimentos em quadras de tênis e obras na praia.

Foi nesse contexto que a princesa Charlotte pediu ao pai permissão para se divorciar do príncipe Pierre. Louis concordou e o ex-genro foi afastado do principado.

No jornal daquele dia, uma reportagem descreveu Mônaco como “uma caixa de brinquedos em que tudo é brilhante, artificial e um tanto frágil, e que deve ser mantida cuidadosamente em seu lugar, para não quebrar”.

O príncipe Louis tinha um problema: nunca entendeu de fato a fragilidade de sua caixa de brinquedos.

## *Capítulo 10*

### O NASCIMENTO DO PRINCIPADO MODERNO

O ACORDO DE DIVÓRCIO DE PIERRE E CHARLOTTE delegava ao pai a responsabilidade pela educação de Rainier. “Ele queria que eu tivesse uma formação realmente superior e me mandou para a Inglaterra em 1934. Fui matriculado na Summer Fields School, em St. Leonards-on-Sea. Era um lugar horrível. Calças curtas, chuveiros frios e surras. O único bom momento que tive foi no boxe: ganhei o título da escola na minha categoria de peso. Fora isso, eu odiava tudo.”

De lá, Rainier foi transferido para a Stowe School, também inglesa. “Era um belo cenário, mas me lembro de chegar com meu pai sem conhecer nenhum aluno ou representante das casas. Encontrei uma atmosfera muito triste no velho castelo. Chovia tanto, o tempo todo, que era você sair para brincar e logo estar atolado na lama. Na época tive de aprender a trabalhar pesado, o que significava fazer tarefas domésticas para os meninos mais velhos. Felizmente eles eram bons colegas, mas tudo aquilo me pareceu muito sem sentido. Também não fui muito feliz em Stowe.”

Tanto é verdade que Rainier fugiu da instituição. “No meu terceiro dia, fugi. Acabou sendo muito mais fácil do que eu pensava. Saí da escola e fui para a estação ferroviária. Pretendia ir comprar uma passagem para Londres e, de lá, pegar o caminho de casa. Só que eu não era muito bom nesse tipo de coisa e não pensei que pareceria estranho estar em uma estação de trem com o boné da escola.”

Quando a direção percebeu a ausência do aluno, avisou a polícia. E, assim que avistou um rapaz com o boné da Stowe querendo comprar uma passagem para Londres, o encarregado da estação telefonou para a escola.

“Fui pego e imediatamente levado de volta para Stowe”, contou Rainier. “O diretor-geral da escola, um ex-militar, veio me buscar em seu carro enorme. Achei que estava em apuros e que seria severamente castigado. Mas ele me levou para seu escritório e me ofereceu uma generosa xícara de chá. Nem sequer me repreendeu. Apenas disse: ‘Você deve estar com fome, então é melhor comer um pouco’. Foi a minha primeira refeição daquele dia. Pensei comigo mesmo que, finalmente, alguém me entendia. Porém, em seguida, fui internado na enfermaria da escola, já que eles não conseguiam entender o motivo de uma criança querer fugir daquele paraíso.”

O jovem Rainier ficou oficialmente “em observação” por duas semanas, confinado e sem fazer absolutamente nada, até que os responsáveis desistiram de tentar entendê-lo e permitiram sua volta para o dormitório e para as aulas.

O problema, contudo, deveria parecer óbvio para a escola, pelo menos segundo a opinião de Rainier muitos anos mais tarde. Ainda que falasse um inglês perfeito – “Tivemos uma babá britânica, de modo que aprendi a falar inglês antes do francês” –, ele era tímido, gordinho e o único estrangeiro entre quinhentos meninos. Tinha sido arrancado de seu ninho. Podia mostrar-se muito competente com um par de luvas de boxe nas mãos, mas sua inata timidez fora do ringue era um chamariz para os valentões da escola.

Rainier falou sobre sua insatisfação com seu pai, que, por sua vez, deve ter comentado o assunto com alguém, já que, pouco tempo depois, o príncipe Louis passou a manifestar seu temor de que Pierre tirasse o menino da Inglaterra e, de alguma forma, impedisse o retorno dele a Mônaco, ou mesmo se interpusesse entre ele e o avô.

Em agosto de 1936, Louis entrou com uma petição em Londres pela custódia de Rainier, com o objetivo de impedir que Pierre tirasse o garoto de treze anos da Grã-Bretanha.

Durante a audiência na Corte Superior de Londres, em março de 1937, descobriu-se que Louis tinha feito pedidos semelhantes em

Mônaco e na França e havia sido atendido nas duas vezes. Entre as possibilidades consideradas na ação estava a de o herdeiro do trono monegasco ficar sob custódia dos tribunais britânicos. No final, o juiz decidiu em favor de Louis, só que a disputa já tinha chegado às primeiras páginas dos jornais, para constrangimento de todos os envolvidos.

Louis transferiu Rainier da Inglaterra para Le Rosey, um dos melhores internatos da Suíça.

E lá o garoto foi muito feliz. “Eu adorava. Fiquei por lá até 1939, quando começaram os bombardeios a Lyon. Era um lugar maravilhoso. Havia apenas cerca de cem garotos em Le Rosey naqueles dias e, do outro lado da rua, ficava a escola das meninas. Era o tipo de lugar em que, se você quisesse aprender, tudo era possível. Se você estivesse disposto a trabalhar, ótimo. Se não estivesse, eles simplesmente não se preocupavam com você. Nós passávamos parte do inverno em Gstaad.”

Depois de se formar em Le Rosey, Rainier frequentou a Universidade de Montpellier, onde se diplomou bacharel e, em seguida, passou um ano em Paris estudando ciências políticas. Sua mãe, Charlotte, renunciou formalmente à sua posição na linha sucessória em 30 de maio de 1943, véspera do aniversário de 21 anos de Rainier. Três dias depois, Louis proclamou o neto como herdeiro oficial do trono.

Não foi um momento memorável. “De certa forma, foi muito triste. Minha mãe renunciou porque se sentia incapaz. Ela era infeliz. Senti pena dela. Ao mesmo tempo, isso significava uma grande mudança no meu estilo de vida. De repente, tive de assumir uma série de responsabilidades”, lembrava o príncipe.

Poucos meses depois, assim que terminou os estudos, Rainier ingressou na carreira militar. No posto de segundo-tenente, foi designado para a equipe de inteligência do segundo regimento do exército francês.

O jovem príncipe sofreu com a campanha de inverno na Alsácia e chegou a testemunhar alguma ação.

“Mas bem menos do que eu queria”, ressaltaria ele muito tempo depois. “Eu fazia um trabalho inútil de afixar avisos em fábricas.

Teria sido mais divertido se pudéssemos ter explodido alguma coisa. Por falar inglês, fui designado para a 36ª Divisão de Infantaria, em Estrasburgo, os Texas Rangers, e atuei como elo entre eles e a equipe em geral.”

Condecorado por bravura, ele foi promovido a primeiro-tenente e transferido para a seção de economia da missão militar francesa em Berlim. Serviu por pouco mais de dezessete meses antes de voltar a Mônaco para conferir em primeira mão as consequências da guerra.

Seu avô estava doente e os nazistas tinham assumido o comando.

\*\*\*

A Segunda Guerra Mundial não foi um dos períodos mais gloriosos para Mônaco.

Embora não tenham se rendido como os franceses, os monegascos permaneceram oficialmente neutros.

No entanto, no início do conflito, os franceses haviam construído instalações de defesa ao longo da costa do principado. Quando Paris foi invadida, os italianos tomaram Mônaco sob o pretexto de que antes havia ali uma ocupação francesa.

Uma nova leva de soldados chegou da Alemanha.

Em 1943, Berlim instalou em Mônaco um cônsul-geral e um comandante militar. A Gestapo passou a residir no Hotel de Paris e uma divisão Panzer ocupou o Hotel Metropole.

Os alemães não ficaram em Mônaco para ver a maré começar a virar em favor dos aliados. Com problemas crescentes de abastecimento, Berlim ordenou que o telhado de cobre do cassino de Monte Carlo fosse removido para aproveitar o metal na construção de material bélico. O general da divisão Panzer, ele mesmo um frequentador assíduo do cassino, recusou-se a obedecer a ordem e, usando de sua influência, persuadiu seus superiores nazistas a considerarem o local como “monumento histórico e cultural”, salvando-o da destruição.

Os norte-americanos desembarcaram na praia de St. Raphael em agosto de 1944 e cinco semanas depois chegaram ao principado.

Os nazistas já tinham partido.

Assegurado o controle da região, as cercas de arame farpado retiradas, começou o trabalho de remoção de minas no porto, plataformas de armas foram desmanteladas e efetuou-se a prisão dos colaboracionistas.

O general norte-americano encarregado da região escolheu Monte Carlo como local ideal para o descanso e o lazer das tropas.

Mas Louis não concordou.

O príncipe alegou que não haveria espaço suficiente para tantos soldados no país, que, com o fim da guerra, voltaria a receber visitantes.

Ofendido com a atitude de Louis em relação às tropas de libertação, o exército norte-americano determinou a todo o pessoal a serviço dos Estados Unidos que se mantivesse fora dos limites de Mônaco. Até o general Eisenhower, que visitou a região no verão de 1945, recusou-se a pisar em Mônaco, preferindo hospedar-se em Cabo de Antibes.

Rainier discordava das decisões tomadas por Louis – achava que o avô, sob influência de várias pessoas de sua equipe, deveria ter sido mais enérgico com os alemães – e também encontrou o principado em um estado de franca desolação.

Era preciso eliminar qualquer resquício da ocupação nazista, aplicar muitas demãos de pintura e colocar um novo papel de parede em todo o território.

Rainier também se preocupava com o domínio da SBM sobre o poder econômico do país e tentou convencer o avô sobre a necessidade de promover mudanças. Mas Louis tinha outras preocupações.

Em 1946, com a saúde debilitada, Louis casou-se com sua companheira de longa data, a atriz parisiense Marie Ghislaine Dommanget, e alterou seu testamento para favorecê-la. Seu único interesse era passar os últimos anos de vida ao lado da esposa e simplesmente ignorou o que Rainier pensava.

Assim, extremamente frustrado, o príncipe herdeiro saiu de Mônaco.

Rainier comprou a casa de campo em St. Jean-Cap-Ferrat e viveu lá entre o fim da guerra e sua ascensão ao trono, distraído com

atividades como corridas de carro no Tour de France, mergulho, pesca e vela. Algumas vezes, escrevia poemas, ia a exposições e cumpria em silêncio suas obrigações com o principado.

Em 9 de maio de 1949, Louis II faleceu.

Faltavam três semanas para Rainier completar 26 anos.

Mas agora, finalmente investido do poder, Rainier encontrou-se sozinho.

Começou a imprimir sua própria marca de autoridade no escritório do príncipe regente. Uma de suas primeiras providências foi trazer o pai de volta do exílio.

Na época, circulavam rumores sobre um primo que já havia tentado reclamar o trono.

Aos 79 anos, o pretendente voltou à cena, alegando que a adoção de Charlotte e a admissão a seus plenos direitos hereditários feriam a Constituição. O melhor que Rainier podia fazer era ignorá-lo, com a certeza de que esse aborrecimento não duraria para sempre.

O novo príncipe regente firmou um acordo com a princesa Ghislaine, viúva de Louis.

Em seu testamento, o falecido soberano deixou 50% de seu patrimônio para Rainier, 25% para a neta Antoinette e 25% para Ghislaine. Parte desses bens, contudo, pertencia à coroa, e não a Louis – portanto, não podia ser transmitida por herança –, e coube a Rainier esclarecer essa questão.

O caso foi ouvido pelo Tribunal de Revisão, instância criada especificamente para resolver disputas dinásticas de Mônaco. Composta por dez advogados escolhidos pelo Ministério das Relações Exteriores da França, cujos nomes nunca são divulgados, a corte foi levada em sigilo para Mônaco, onde decidiu em favor de Rainier.

Ghislaine apelou, mas, no final, não havia nada que pudesse fazer, exceto se recusar a deixar seu quarto no palácio.

A ascensão de Rainier ao trono foi bem recebida pelos monegascos, mas a lua de mel com o sempre rabugento Conselho Nacional durou pouco. Os conselheiros retomaram as discussões no ponto em que tinham sido interrompidas com o avô do novo príncipe regente, fazendo exigências que Rainier considerou inaceitáveis.

Influenciado, em parte, por um advogado chamado Jean-Charles Rey, o conselho várias vezes tentou limitar a autoridade de Rainier. Mais tarde, Rey casou-se com a princesa Antoinette e, juntos, reclamaram o trono, alegando que a lei não fazia distinção de gênero na linha sucessória e que, portanto, a filha mais velha da princesa Charlotte era a legítima herdeira de Mônaco.

Anos mais tarde, Rainier insistiu que o pleito deles nunca realmente representou uma ameaça séria – tudo não passava de uma divagação.

De qualquer forma, na ocasião, a irmã e o cunhado foram rapidamente repreendidos e, embora sem grandes consequências, o caso criou certo embaraço.

No verão de 1955, a Sociedade Bancária e de Metais Preciosos de Mônaco, fortemente subsidiada pelo governo, faliu. O Conselho Nacional responsabilizou quatro assessores próximos do príncipe e exigiu sua renúncia. Foram levantadas suspeitas de má gestão e conflitos de interesse. No início, Rainier preservou seus assessores, mas, quando o Conselho ameaçou com um protesto generalizado, aceitou os pedidos de renúncia.

Poucos meses depois, ele reconduziria os quatro assessores a seus postos. Quase de imediato, onze conselheiros cruzaram os braços em protesto.

Rainier fez pouco esforço para apaziguar a crise. Legalmente, era ele quem detinha o poder e as atribuições do Conselho se limitavam a fazer recomendações.

A oposição dos conselheiros, contudo, tornou-se implacável. Rey, em especial, buscava o confronto sempre que possível, como na bizarra rejeição do Conselho Nacional ao pedido de Rainier para reformar a estrada de ferro.

Correndo em linha reta pelo centro de Monte Carlo, sobre trilhos instalados em uma vala aberta, os trens de Nice para a Itália literalmente cortavam o país ao meio. Rainier propôs cobrir a linha férrea e aproveitar a área resultante para levantar novas obras. O conselho rejeitou o projeto e tentou reter o investimento necessário.

Era uma postura sem sentido, pois o projeto, além de coerente, tinha grande importância para o desenvolvimento de Monte Carlo.

Na época, Rey e o conselho também negavam a Rainier os recursos para manter o Instituto Oceanográfico e seu recém-contratado diretor, Jacques Cousteau. Não havia dúvida de que a nomeação de Cousteau tinha sido uma jogada de mestre em prol da imagem mundial de Mônaco. Mas o Conselho Nacional resistia.

Ao final, é claro, Rainier conseguiu liberar recursos para cobrir a estrada de ferro e trazer Cousteau para Mônaco. Às vezes, contudo, parecia que os conselheiros, conduzidos por Rey, fossem movidos por um desejo de vingança pessoal contra o príncipe.

Em 1959, a situação chegou a tal ponto que Rainier decidiu que não havia opção além de suspender a Constituição e governar por decreto. "Não havia dúvida de que era preciso promover mudanças. Nós não poderíamos continuar daquele jeito por muito tempo. Ainda não tínhamos chegado ao estágio de enfrentar ameaças sérias, mas havia um descontentamento com a velha Constituição. Decidi criar uma verdadeira monarquia constitucional. Não porque fui pressionado a isso, mas porque senti que era melhor fazê-lo voluntariamente do que esperar que o Conselho Nacional ou várias figuras políticas locais começassem a fazer demandas específicas. Então, eu me aproximei do Conselho Nacional e trabalhamos juntos. Abri mão de certo poder, mas não foi necessariamente uma coisa difícil, pois as responsabilidades também foram divididas."

De acordo com a nova Constituição, datada de 1962, o Poder Executivo permanece nas mãos do príncipe, que, por sua vez, nomeia um ministro de Estado para conduzir o governo. O ministro também representa o soberano na política externa e diante do parlamento monegasco.

Como tudo é feito em nome do príncipe, sua aprovação é necessária para tudo.

Mas o Poder Legislativo é dividido entre o príncipe e o Conselho Nacional, composto por dezoito monegascos nativos, eleitos por sufrágio universal, para um mandato de cinco anos.

Rainier explicou: "Eles votam o orçamento. Eles discutem as leis. Eles votam as leis ou podem vetá-las. Não deveriam interferir com o Executivo e seus deveres, mas, na realidade, temos conflitos, especialmente quando os conselheiros julgam como estou fazendo

meu trabalho ou quando reclamam que este ou aquele projeto jamais deveria ter sido autorizado. É difícil quando homens são eleitos para cuidar desse tipo de coisa, uma vez que nunca se sabe quais são os seus interesses particulares. O Conselho Nacional discute cada item do orçamento, e cada departamento do governo deve defender suas necessidades. Se o Conselho Nacional não está satisfeito, pode rejeitar o que quiser. Então, como vota o orçamento, tem o poder de bloquear todo o sistema”.

Manter o controle sobre o conselho seria um desafio constante para Rainier. Mas haveria outras disputas, igualmente difíceis. Do outro lado do campo de batalha, ele iria encontrar um astuto Aristóteles Onassis, a todo-poderosa SBM e o lendário e temível presidente da França, Charles de Gaulle.

## *Capítulo 11*

### EMBATE COM ARISTÓTELES ONASSIS

EM UMA MANHÃ DE 1951, UM MALVESTIDO MULTIMILIONÁRIO grego passeava pelas ruas de Monte Carlo quando observou, através de seus óculos de aros pretos e grossos, que o velho Sporting Club havia fechado as portas.

Aristóteles Sócrates Onassis nasceu em 1906 em Esmirna, mas foi forçado a fugir aos dezesseis anos de idade, quando os turcos devastaram sua aldeia natal e mataram seu pai, um bem-sucedido mercador de tabaco. O rapaz embarcou em um navio com destino à América do Sul e foi para Buenos Aires com 60 dólares no bolso. Para evitar a deportação, ao chegar mentiu para as autoridades, dizendo que tinha 21 anos. Uma vez estabelecido na Argentina, para ter o que comer, passou a trabalhar à noite como operador de telégrafo.

Ainda muito jovem, Onassis demonstrou ter o olhar atento de um empreendedor nato. Quando percebeu a escassez de tabaco no mercado, começou a importar o produto e, depois, a industrializá-lo. Para que os navios que traziam o tabaco não voltassem vazios, tornou-se também exportador, enchendo os porões com couro e cereais e fazendo fortuna. Em pouco tempo, assumiu uma pequena frota de cargueiros antigos e negociou um tratado comercial entre a Grécia e a Argentina, logo convertendo-se em cônsul-geral da Grécia. O cargo o ajudou a consolidar sua atuação no setor de transporte marítimo, depois diversificado para incluir embarcações baleeiras e petroleiras. Depois da Segunda Guerra Mundial, Onassis comprou vinte navios Liberty norte-americanos, então com os preços

em baixa, e alterou seus registros dos Estados Unidos para o Panamá. Por isso, foi acusado de violação do contrato de compra e multado em 7 milhões de dólares. Muito hábil, Onassis aceitou pagar a multa – mediante um empréstimo de 14 milhões de dólares para a construção de vinte novos navios.

Em 1946, quando se casou com Tina Livanos (de apenas dezessete anos) e passou a lua de mel em Mônaco, Onassis talvez ainda não fosse o homem mais rico do mundo, mas caminhava rapidamente para isso.

Na época, o império de Onassis, chamado Olympic Maritime e constituído por 91 navios, dos quais 70 eram petroleiros, tinha sede em Paris. Mas o sistema de tributação francês parecia um incômodo para ele.

Ao ver o Sporting Club desativado, ocorreu-lhe que um prédio como aquele serviria muito bem para abrigar seus negócios, ainda mais levando em conta o regime monegasco de isenção de impostos. Após algumas pesquisas, Onassis descobriu que o lugar estava desocupado havia algum tempo. Então, consultou a empresa proprietária, a SBM, e fez uma oferta para alugar o espaço.

A resposta deles foi negativa.

Onassis quis saber por que não.

Ninguém deu nenhuma explicação.

Onassis, então, ofereceu-se para comprar o prédio.

Eles disseram que não.

Em seguida, ele propôs a compra do prédio e do terreno.

Mais uma vez, eles disseram que não.

Aumentou a oferta.

E eles continuaram dizendo que não.

Onassis perguntou por que estavam sendo tão teimosos.

Mostraram-lhe a porta da rua.

Isso não caiu nada bem para Onassis. O empresário simplesmente queria fazer um acordo com uma companhia que, em condições normais, estaria ansiosa diante de tamanho interesse. A recusa o incomodava não só porque a SBM agia na contramão do que parecia ser mais lógico, mas também porque em geral ele conseguia o que queria.

Então, ele comprou a SBM.

\*\*\*

“Na condição de maior empregadora”, Rainier disse, “a SBM sempre tentava exercer sua influência. Mas eu achei que sua interferência no funcionamento do principado era desproporcional. Muita coisa precisava ser mudada, ou pelo menos redefinida. O pagamento da SBM ao governo para deter o monopólio sobre o jogo, por exemplo, sempre tinha sido muito misterioso. Durante o reinado do meu avô, falava-se muito sobre envelopes que circulavam embaixo das mesas. Era uma forma inaceitável de gestão.”

Rainier promoveu mudanças substanciais em Mônaco, mas uma consequência da guerra foi que a riqueza e a sofisticação já não eram mais sinônimas: muitas pessoas sofisticadas tinham perdido sua fortuna e muitos dos atuais ricos não primavam pela sofisticação.

“Eu sabia que Onassis estava sempre à procura de lugares interessantes para visitar”, explicou Rainier. “Então eu o convenci a vir a Mônaco como uma espécie de superturista. Ele e Tina começaram a passar muito tempo por aqui e Onassis instalou sua empresa de transporte no país. Seu iate, o *Christina*, ficava ancorado aqui no inverno. Depois de um tempo, ele começou a considerar Mônaco sua segunda casa.”

Encorajado por Rainier, Onassis usou 51 empresas de fachada, principalmente do Panamá, para comprar 300 mil ações da SBM que ele distribuiu em várias carteiras para não chamar a atenção de ninguém em Mônaco.

Foi um movimento caro e que impactou seu fluxo de caixa, mas, quando precisou de liquidez, Onassis recorreu a Stavros Niarchos, proprietário de navios grego casado com a irmã de Tina.

Niarchos, mais tarde, admitiria: “Eu comprei Monte Carlo com Onassis. Mas, quando o acordo foi fechado, eu fiquei de fora. Bem... esse é o meu cunhado”.

Onassis garantiu a Rainier que iria modernizar a SBM, ampliar o Hotel de Paris e construiria um restaurante de grelhados na

cobertura superior. “Vou gastar milhões e transformar o lugar em um centro cultural e turístico mundial.”

Claro que Rainier gostou do que ouviu. “No começo, pensei que Onassis poderia ser útil para a SBM, embora ele tivesse algumas ideias um pouco estranhas, como derrubar a casa de ópera. Um arquiteto grego contratado por ele falou que o som era ruim e que o melhor a fazer era colocar abaixo e erguer uma enorme concha no lugar.”

Quase desde o início, a SBM deu lucro com Onassis, em parte porque ele e Tina estavam no coração do *jet set* europeu – seu seleto grupo de amigos tinha muito dinheiro para esbanjar –, em parte por causa do crescimento geral da economia francesa. Mas, conforme a década de 1950 avançava, Onassis foi diminuindo o investimento na empresa.

Quando Rainier tentou persuadi-lo a construir um novo clube de verão na praia, Onassis mandou seu pessoal investigar junto ao governo como andavam seus planos em relação a eletricidade, estradas, esgoto e gás. Os burocratas previsivelmente demoraram um longo tempo para responder que o fornecimento de eletricidade, estradas, esgoto e gás obedeceria aos planos da SBM para o local. Por sua vez, a SBM alegou que não podia fazer nada sem saber quais as pretensões do governo. A equipe de Onassis ia e voltava até que os burocratas, finalmente, apresentassem seus projetos. A SBM, então, questionou alguns aspectos técnicos. O governo tentou responder a essas perguntas. E quando o fez, a SBM formulou novas consultas. Onassis estimulava um diálogo prolongado e sem sentido com o governo porque, enquanto isso acontecia, ele não gastava nenhum centavo.

Rainier sentia-se decepcionado e preocupado com a atitude de Onassis. “Durante os anos em que ele foi acionista majoritário, nenhum dos grandes programas de investimento prometidos aconteceu. Ele consertou o que era preciso ser consertado e só. Tudo bem, é verdade que construiu o restaurante na cobertura do Hotel de Paris, mas porque tinha interesse nisso. E mandou pintar algumas das salas de jogos. De resto, não gastou dinheiro em coisas como a reformulação da companhia ou a diversificação de

atividades. Depois que ele assumiu a empresa, não encontrei mais o mesmo homem entusiasmado de antes.”

É verdade que Onassis queria atender a seus amigos do *jet set* internacional, enquanto o príncipe imaginava Monte Carlo como um centro turístico para a classe média que fosse cada vez mais importante. Alguns chegaram a simplificar a questão dizendo que Onassis queria caviar e o príncipe, salsicha. Não era bem assim. O fato é que o empreendedor grego via os ativos da SBM de um jeito diferente. O cassino parecia mais um brinquedo de gente grande. Assim como acontecia com seu iate, era algo que Onassis gostava de apresentar como seu.

Nem um pouco satisfeito, Rainier ameaçou não renovar a concessão para os escritórios da Olympic Maritime.

Por sua vez, Onassis opôs-se à interferência do príncipe e ameaçou deixar Mônaco. Como não queria que o desentendimento entre eles fosse longe demais, Rainier recuou.

Em 1959, Onassis largou de Tina para ficar com a superestrela da ópera Maria Callas. Não havia dúvida, raciocinou Rainier, que ter Onassis e Callas em Mônaco era muito bom para os negócios. Nessa época, porém, Onassis já pensava na SBM como algo mais do que um investimento imobiliário.

Só então Rainier entendeu o que Onassis tinha em mente.

E ficou assustado. “Percebi alguns indícios que definitivamente me preocuparam. Cheguei a acreditar que ele tentaria vender parte da propriedade. Onassis era um homem muito inteligente e tremendamente firme nas negociações. Mas, quando achei que fosse administrar a SBM do jeito que eu esperava, parecia que ele estava ocupado demais com outras coisas.”

Em certo momento, Onassis anunciou que não iria colocar mais dinheiro na SBM, exceto para a manutenção e reforma dos quartos de hotel.

“Mesmo assim não gostei do que ele propôs”, Rainier continuou. “Ele disse que queria contratar decoradores famosos e dar dois quartos para cada um trabalhar do jeito que quisesse. Eu fiquei incrédulo, aquilo seria um desastre. Seria acabar com a harmonia. Dois hóspedes que ficassem em quartos diferentes jamais achariam

que estavam no mesmo hotel. Tivemos muitas reuniões, só nós dois, tentando encontrar uma solução, mas, em certo ponto, nos vimos em um beco sem saída.”

\*\*\*

Monte Carlo estava em apuros.

E, para constatar isso, Rainier só precisava observar a clientela da SBM.

Tratava-se de um clã europeu que, presidido por Onassis e com Niarchos Stavros como copiloto, se identificava pela riqueza e pela busca do prazer, reunindo-se a cada ano no Hotel de Paris, promovendo festas nos iates uns dos outros e arriscando a sorte no jogo nos salões privativos.

O produtor italiano de cinema Dino de Laurentis era uma figura assídua, pelo menos enquanto durou sua paixão pela bela atriz Silvana Mangano.

O magnata da Fiat, Gianni Agnelli, também fazia parte da turma.

Assim como outro industrial, também italiano, conhecido como “o rei geladeira”.

Era um homem já idoso, que começou consertando bicicletas e chegou a construir a maior empresa de refrigeração da Itália. Não se interessava por absolutamente nada, a não ser a seleção de futebol de seu país e os fins de semana em Monte Carlo. Assim que aterrissava seu avião particular, saía despejando fichas de 5 mil francos por todas as mesas do cassino. Até morrer, durante quase uma década, ele perdeu a cada ano, em média, 1 milhão de dólares nas mesas de Monte Carlo.

A essa altura, em razão exclusivamente de Grace e da imensa publicidade gerada por ela, os norte-americanos já haviam se juntado à multidão de visitantes do principado.

O produtor cinematográfico Sam Spiegel podia ser visto com empresários como Charles Revson, da Revlon, e o magnata imobiliário Bill Levitt, da Levittown. Revson ancorava seu barco, *Ultima II*, ao lado do de Levitt, *Belle Simone* – na época, os dois iates eram considerados os mais lindos do mundo.

Ainda assim, mesmo com a presença americana, diminuía visivelmente o público de jogadores incondicionais que chegavam a cada verão e passavam o mês dividindo seu tempo entre o clube de praia e o cassino.

No início da década de 1960, o clube estava um tanto decadente. Era muito pequeno, não tinha ar-condicionado e sua atmosfera tropical se resumia a uma sequência de luzes coloridas iluminando algumas palmeiras.

Uma década depois, os árabes viriam com seus petrodólares, assim como os iranianos super-ricos. Eram todos grandes apreciadores do jogo. Mas, mesmo com eles, 75% do total da receita do cassino se concentrava nos meses de julho e agosto, na semana da Páscoa e no período entre o Natal e o Ano-Novo. Menos de 2 mil visitantes respondiam por 80% do faturamento.

No resto do ano, Monte Carlo contava com três ou quatro velhinhas sentadas no Hotel de Paris tomando chá.

Muitos hotéis, como o Hermitage e o Old Beach, fechavam nos meses de inverno. Durante o ano todo, não se via a presença de jovens de outros países. Quase não havia empresas estrangeiras e a indústria local era limitada.

Na baixa temporada, Mônaco era tão tranquila que, quando a Pan Am encomendou um estudo de viabilidade para a construção de uma unidade do Hotel Intercontinental no principado, a recomendação foi “fora de cogitação”.

O Estado não tinha recursos suficientes para apoiar o projeto e o único outro homem com capacidade financeira para tanto – Onassis – não via motivos para ajudar uma empresa a se tornar um concorrente direto da SBM.

A Pan Am não conseguiu encontrar um único investidor que acreditasse no futuro de Mônaco.

\*\*\*

Em novembro de 1962, Onassis ofereceu a Rainier uma opção com três meses de validade para assumir a SBM por um valor de quase

30 dólares por ação. Como a cotação de mercado era de cerca de metade desse valor, Rainier deixou a oferta expirar.

Na sequência, Onassis anunciou a divisão da SBM em três grupos: um dedicado ao jogo; outro voltado para os hotéis, restaurantes e clubes de praia; e o terceiro para o setor imobiliário. Sugeriu, ainda, que poderia até sublocar a concessão do jogo para se concentrar no comando da *holding* e na atuação imobiliária.

Foi a gota d'água. Nos bastidores do palácio discutia-se a drástica medida de nacionalização da SBM. E, pela primeira vez em muitos anos, Rainier e o Conselho Nacional estavam do mesmo lado.

"Onassis e eu não queríamos brigar", Rainier insistiu. "O que ambos fizemos foi fincar os calcanhares em nossas posições."

Uma citação atribuída ao príncipe na época, no entanto, soava bem mais incisiva: "O senhor Onassis não passa de um mascate de propriedades, sem interesse verdadeiro no bem-estar de Mônaco".

Buscando uma saída para aquela situação, Rainier determinou nova capitalização da empresa, lançando 800 mil novas ações. Esses papéis foram depois vendidos para o Estado, e Onassis deixou de ser o acionista majoritário.

A história contada no principado – que mitifica o embate como se fosse um tiroteio entre o príncipe e o magnata – insinua que, de início, Rainier ofereceu 14 dólares por ação. Onassis, que teria comprado os papéis pagando entre 2,80 e 5,60 dólares, recusou a proposta. Então, Rainier levou Onassis para a gráfica oficial do governo, onde lhe mostrou os novos certificados de ações da SBM rodando nas impressoras.

Supostamente, Onassis teria protestado: "Isso vai me arruinar, as ações vão cair para menos de 5 dólares!".

Supostamente, Rainier teria respondido: "Ou você aceita de boa vontade os 14 dólares agora ou tenta encontrar alguém que pague mais do que isso quando tiver sua participação acionária reduzida".

Onassis bradou que aquilo era nacionalização e foi aos tribunais para tentar deter a iniciativa do principado.

Infelizmente para ele, aquela seria uma partida disputada na casa do adversário, pois o único tribunal competente era o de Mônaco.

Só que não chegou a acontecer dessa forma.

“Isso não é do meu feitio”, argumentou Rainier, que reconheceu a veracidade do episódio de Onassis assistindo, indignado, à impressão dos novos certificados de ações. “Não há dúvidas de que a lei que me permitiu imprimir as ações foi uma enorme espada econômica sobre a cabeça dele. Mas nós não nacionalizamos a SBM. Apenas compramos as ações, pagando a Onassis um preço justo. O interessante é que, depois de perder a participação majoritária, Onassis, que não demonstrava muito interesse pessoal pela SBM, tornou-se mais razoável e muito mais envolvido. Ele manteve uma participação nominal, com um representante no conselho de administração, e passou a ter interesse real nas atividades da empresa.”

\*\*\*

A SBM que Rainier disputou com Onassis estava ultrapassada. Os fogões da cozinha do Hotel de Paris datavam de 1899. A equipe de empregados incluía gente para transportar carvão até esses fogões, e havia ainda um servente no porão encarregado de receber enormes blocos de gelo e, com a força das mãos, parti-los em cubos, acomodados em sacos plásticos e distribuídos para vários bares de Monte Carlo.

Pior do que isso era o pessoal da SBM vivendo da fartura dos estabelecimentos.

Até 1967, se você trabalhava na cozinha, a comida da SBM era a sua comida. Se você trabalhava no restaurante, a prataria da SBM era a sua prataria. Qualquer coisa que estivesse faltando em casa – tapetes, móveis, espelhos, roupas de cama, louças, taças –, você simplesmente se dava uma ajudinha.

E ninguém notava nada.

Poucos meses depois de o Estado, enfim, assumir o controle majoritário da SBM, uma onda de greves e uma revolta estudantil pararam a França. Em solidariedade, os sindicatos monegascos também cruzaram os braços. Até os crupiês do cassino aderiram à paralisação – ainda que, se tivessem organizado um piquete,

provavelmente seria o único da história das greves em que os manifestantes chegariam dirigindo Cadillacs e Mercedes-Benz.

Rainier orquestrou mudanças radicais na SBM tão rápido quanto pôde, mas se passaram quinze anos até que a empresa fosse alvo de um programa de renovação de 100 milhões de dólares, com obras que, ao longo de cinco anos, modernizaram os hotéis e ergueram um novo Café de Paris, no estilo do café original do século XIX.

Jogos norte-americanos que haviam sido adotados com o passar do tempo – dados, caça-níqueis e roletas de 38 números ao estilo Las Vegas, em vez da de 37 números ao estilo europeu – foram transferidos do cassino para a parte posterior do café. Rainier almejava que o relógio andasse para trás no cassino, resgatando a antiga elegância de clube privado da época em que Eduardo II e os grandes duques russos se divertiam em Monte Carlo.

Rainier entendeu que, se as luzes brilhavam mais em Atlantic City e o jogo era mais rápido em Las Vegas, a SBM tinha algo diferente para vender – ganhar ou perder dinheiro nas mesas de Monte Carlo devia ser pré-requisito para qualquer jogador de primeira linha.

Com essa mudança de imagem, os apostadores começaram a olhar para Mônaco com a mesma devoção que os fiéis dedicam a Lourdes.

“Você não pode comparar Las Vegas ou Atlantic City com Monte Carlo”, dizia o príncipe. “Não tem muita elegância em Las Vegas ou Atlantic City. Nem charme. Eu nunca ia querer ver em Mônaco algumas das coisas que vi em Las Vegas. Foi muito deprimente observar pessoas em cadeiras de rodas presas por horas na frente de máquinas caça-níqueis. O cassino de Monte Carlo não é apenas um lugar para jogo, é um monumento histórico.”

Mesmo com seu apoio, nada aconteceu da noite para o dia. As mudanças na SBM sempre ocorreram em ritmo de tartaruga: o príncipe chegou a ouvir uma palestra de uma hora e meia do diretor-executivo da empresa apenas para saber a opinião dos vários *chefs* do hotel sobre o novo cardápio de sobremesas.

\*\*\*

Onassis pode ter perdido a SBM, mas não perdeu dinheiro. Saiu do negócio com um lucro de 7 milhões de dólares – algo em torno de 45 milhões de dólares em valores atualizados –, ou mais de cinco vezes o investimento original.

Ainda assim, quando soube de sua perda na justiça, ele berrou: “Fomos enganados”.

Rainier recusou-se a aceitar a acusação. “O caso Onassis terminou bem para ele e para Mônaco. Hoje, o Estado detém permanentemente 1,2 milhão de ações, o que lhe confere participação majoritária na SBM, de modo que a empresa nunca mais pertencerá a alguém. Ao mesmo tempo, Onassis ganhou algum dinheiro. Mas isso não era realmente o mais importante. Ele nunca admitiria, mas acho que ele se libertou de um ramo de negócio que não dominava. Acredito sinceramente nisso porque, assim que o negócio foi concluído, nosso relacionamento pessoal melhorou. Na verdade, tornou-se ainda melhor do que antes, pois não restou ressentimento.”

A amizade continuou até a morte de Onassis, em março de 1975.

“Eu me lembro da primeira vez em que ele me mostrou o *Christina*”, contou Rainier. “O iate tinha doze cabines e eu comentei que eram enormes. Ele olhou para mim e confessou: ‘Mas estão sempre vazias’. Eu quis saber por que e ele explicou: ‘Porque não conheço doze pessoas que eu gostaria de ter em minha companhia’.”

Rainier afirmava que tanto ele como Grace gostavam muito de Onassis e se davam especialmente bem com Maria Callas. “Ele era muito humano. A grande tragédia de sua vida foi a morte do filho em um acidente de avião no mar, em Nice, em 1973. O filho trabalhava com ele e seria seu sucessor. Acho que ele nunca superou isso. Também creio que nunca foi muito feliz em seus casamentos. Estou convencido de que a única mulher que lhe trouxe felicidade foi Callas.”

Grace e Rainier velejaram várias vezes no *Christina*, de modo que tiveram a oportunidade de ver de perto a dinâmica entre Callas e Onassis.

Rainier reconhecia: “Havia um relacionamento muito bom entre eles. Eles se entendiam. Afinal, ambos eram terrivelmente gregos.

Ambos tinham fama internacional e venceram na vida graças ao próprio esforço. Grace e eu concordamos que eram feitos um para o outro. Nós achávamos Callas divertida. Ela estava sempre fazendo piadas. Era uma pessoa de fácil convivência, exceto quando, todas as manhãs, fazia vocalizações que o tiravam do sério. Onassis odiava isso. Quando ela alcançava as escalas mais altas, ele corria pelo iate aumentando o volume de todos os rádios para abafar o som. Mas sempre vou me lembrar de Aristóteles Onassis como um homem extremamente solitário”.

## *Capítulo 12*

### CONFLITO COM DE GAULLE

COMO SE AS BATALHAS CONTRA O CONSELHO NACIONAL e Aristóteles Onassis não bastassem, em 1962 Rainier também teve de enfrentar Charles de Gaulle.

O dinheiro francês não tributado em Mônaco havia se tornado uma obsessão para o presidente De Gaulle. Há algum tempo, ele se queixava de que empresas francesas instalavam suas sedes no principado com a intenção de fugir dos impostos, o que era inaceitável. Pelo mesmo motivo, muitos cidadãos do país vizinho declaravam residência em Mônaco, mas De Gaulle achava que a isenção tributária não se estendia a eles.

Em março daquele ano, ele exigiu que Rainier aceitasse uma revisão do tratado de 1951, que assegurava a Mônaco o privilégio que o presidente francês agora queria revogar.

Rainier recusou.

Disparado o primeiro tiro naquela que se tornaria uma estressante batalha de um ano, De Gaulle passou a insistir no direito francês de assumir o controle da Radio Monte Carlo (RMC).

Naquela época, em toda a Europa, os governos controlavam todos os tipos de empresas que, hoje, julgamos importante serem independentes e livres do âmbito da propriedade estatal. Isso incluía os setores de telefonia, gás e energia elétrica, ferrovias, companhias aéreas e emissoras de rádio e televisão.

Como o monopólio sobre a radiodifusão era absoluto, De Gaulle decidiu interromper quaisquer transmissões em idioma francês

vindas de fora da França, mas destinadas a territórios franceses soberanos.

Dois anos depois, em 1964, o famoso embate entre a estatal britânica BBC e a estação pirata comercial Radio Caroline – batizada, aliás, com o nome da princesa de Mônaco, então com sete anos de idade –, ganharia manchetes em todo o mundo. Um navio ancorado fora do limite territorial de cinco quilômetros da Grã-Bretanha abrigava a Radio Caroline, cujas antenas estavam voltadas para o Reino Unido, competindo abertamente com a BBC. O governo britânico declarou aquilo inaceitável.

Para De Gaulle era a mesma história do principado e sua Radio Monte Carlo (RMC) – o que lhe dava uma desculpa perfeita para mostrar a Rainier quem, afinal, estava no comando. Assim, os aliados do presidente francês em Mônaco ergueram suas barricadas dentro da RMC, demitindo o executivo principal da estação sob a alegação que a rádio estava “muito americanizada”. Em outras palavras, ele estava tocando muita música norte-americana para poucas canções francesas.

Rainier revoltou-se com essa clara ingerência de um governo estrangeiro nos assuntos de seu principado independente. Em abril, todas as negociações com a França foram interrompidas. Porém, Mônaco, é claro, não era totalmente independente da França.

O Conselho Nacional apoiou Rainier, mas o ministro de Estado – um burocrata francês chamado Émile Pelletier – posicionou-se ao lado de De Gaulle. Enfurecido, o príncipe o acusou de deslealdade.

Pelletier ameaçou fornecer a De Gaulle informações que ele, como ministro de Estado, deveria manter em confidencialidade. Disse, ainda, que denunciaria ao presidente o quanto Rainier era antifrancês.

Rainier destituiu Pelletier no mesmo instante.

Agora, De Gaulle tinha o pretexto necessário para dar início à disputa pela isenção tributária. Anunciando que a demissão de Pelletier equivalia a um insulto para a França, exigiu a revisão dos acordos franco-monegascos. Advertiu que, se a situação não fosse normalizada imediatamente, a França fecharia a fronteira com Mônaco para “asfixiar o Estado”.

Sua intenção era reescrever os tratados com Mônaco, que vigoravam desde 1861 e 1918. Rainier nunca soube com certeza como De Gaulle conseguiria fazer o que pretendia. “Do ponto de vista legal, ele não podia fazer isso. Já estávamos preparados para recorrer ao tribunal de Haia. Nosso tratado com a França decorre do Tratado de Versalhes e ninguém pode simplesmente apagá-lo.”

Mas era exatamente o que De Gaulle pretendia.

Aos 72 anos e no auge de seu poder político, ele alimentava uma visão da França – superpoderosa e independente, a exigir respeito do resto do mundo – que não era universalmente compartilhada. Ainda assim, para boa parte de seu povo, ele às vezes era reverenciado como *Monsieur le Président*, mas jamais deixou de ser *Le Général*.

Sua arrogância, combinada com a visão assoberbada da França e de si mesmo, era tão flagrante quanto sua figura no meio da multidão.

Charles de Gaulle tinha 1,98 metro de altura; perto dele, Rainier, com seus 1,74, parecia uma sombra.

“Ele era um homem estranho”, avaliava Rainier. “Sempre que nos encontramos – quando ele vinha me visitar em Mônaco ou quando Grace e eu fomos a Paris em visita de Estado –, ele foi muito amável. Quando chegou aqui, trouxe presentes para Caroline. Ela era uma menina e, quando o conheceu, tratou-o como se fosse seu avô: fez muitas perguntas e quis saber se ele tinha pôneis. Ele deve ter conversado com ela por dez minutos. Ainda assim, mostrou-se inflexível sobre sua posição *vis-à-vis* Mônaco.”

Apesar de suas muitas diferenças, Rainier não pôde deixar de ficar impressionado com o temível político que era De Gaulle. “Eu sempre o comparei com a Torre Eiffel e não por causa de sua altura. De Gaulle podia ser admirado, mas não amado. Era um homem muito frio.”

O próprio Rainier contemporizava: “É preciso considerar que, assim que coloca os pés no Palácio do Eliseu, todo presidente da República Francesa se torna um monarca.”

Quando De Gaulle descobriu, consternado, que Rainier não entregaria os pontos sem luta, o confronto ficou amargo.

Para o velho general, era impensável que alguém se atrevesse a enfrentá-lo.

Porém, Rainier entendia o que estava em jogo. “Ele queria que nos alinhássemos ao sistema fiscal francês. Depois que alguém, de algum lugar no Ministério das Finanças, colocou na cabeça de De Gaulle que havia um monte de dinheiro francês e norte-africano escondido aqui que devia ser repatriado para a França, ele partiu do princípio de que negociações eram desnecessárias. Achou que sua palavra seria lei.”

Para provar o que queria, De Gaulle deu um ultimato. Se Rainier não cedesse, ele mesmo – Charles de Gaulle – trabalharia para que o resto do mundo erguesse barreiras alfandegárias a fim de isolar o principado.

Novamente, Rainier não recuou.

Em outubro, De Gaulle fez seu primeiro movimento e impediu que o correio transportasse de ou para Mônaco qualquer correspondência despachada com selos postais nacionais. Sob sua ordem, aquelas taxas postais tinham perdido validade e só as remessas com selo de correio internacional seriam aceitas.

Numa época em que a maioria das negociações acontecia por carta, a medida causou um efeito impressionante.

Em seguida, o presidente ordenou que duas companhias de gendarmes alocadas em Nice entrassem em estado de alerta. Enquanto circulavam rumores de que paraquedistas franceses se preparavam para tomar Monte Carlo, os oficiais construíaam barreiras em todas as estradas de acesso a Mônaco. À meia-noite de sexta-feira, dia 12 outubro de 1962, a polícia nacional e os serviços aduaneiros franceses fecharam a fronteira.

Por determinação de De Gaulle, todos os veículos que circulavam em ambos os sentidos foram parados e seus motoristas, submetidos a intermináveis interrogatórios. Quem tivesse um rádio a bordo, por exemplo, era instado a informar onde o aparelho tinha sido adquirido e a mostrar o recibo de compra. Se os documentos do motorista ou do carro não estivessem em dia, era dada a ordem de meia-volta.

Ao amanhecer, o trânsito se estendia por mais de quinze quilômetros.

Aos olhos de Rainier, tais ações eram uma ameaça direta à soberania do principado e ele não poderia permitir que aquilo acontecesse.

Como resposta a um irredutível Rainier, o presidente francês ameaçou então cortar o fornecimento de eletricidade e de água de Mônaco.

Rainier nunca imaginou o que teria acontecido em Mônaco caso isso acontecesse, mas tinha certeza de que tal atitude teria sido fatal para De Gaulle.

“Teria sido uma coisa muito estúpida”, afirmava o príncipe, “porque nunca houve qualquer agressão de nossa parte. Nas entrevistas que eu dava, tentava mostrar que não estávamos sendo antifranceses ao discordar de De Gaulle. Eu só firmava uma posição contra medidas que nos afetavam diretamente e que estavam sendo tomadas em nome da França, sem que tivéssemos oportunidade de discussão.”

A certa altura, chegou-se a cogitar no Ministério das Relações Exteriores da França a tese de destronar Rainier e enviá-lo para o exílio.

Somente em dezembro, enquanto a imprensa continuava a descrever Mônaco como um país em estado de sítio, as duas partes retomaram as conversações. Vários meses de mediação se seguiram.

“Quando chegamos às negociações sérias, com técnicos de vários ministérios, entendemos que tudo ficaria bem”, recordava-se Rainier. “Podemos ver que eles estavam até um pouco envergonhados com tudo aquilo, porque De Gaulle tinha ido longe demais.”

Rainier aceitou que cidadãos franceses residentes em Mônaco há menos de cinco anos perdessem o privilégio da isenção de impostos, ficando sujeitos ao fisco francês. Além disso, qualquer empresa monegasca que tivesse mais de 25% de seu faturamento originado de negócios realizados fora do principado também se submeteria à cobrança de impostos pela França.

“Depois de todas as dificuldades”, lembrava o príncipe, “nossa principal concessão foi que os franceses que moram em Mônaco

teriam de pagar impostos como se estivessem vivendo na França. Elaboramos o compromisso de que, a partir de 1963, nenhum francês, vivendo em Mônaco, poderia sonegar impostos de seu país natal. E foi tudo o que De Gaulle conseguiu, depois de tudo.”

Os controles aduaneiros desapareceram, os gendarmes foram embora e a vida voltou ao normal.

Rainier e De Gaulle estariam destinados a medir forças novamente alguns anos mais tarde, quando o general decidiu fechar as bases norte-americanas na França e retirar o apoio militar francês da *Organização do Tratado do Atlântico Norte* (OTAN).

Rainier, firmemente pró-americano, anunciou que navios dos Estados Unidos poderiam atracar em Mônaco. “De Gaulle não gostou quando me recusei a dar as costas para os americanos. Mas, daquela vez, não havia nada a ser feito. Eu não os convidei a aportar aqui por razões econômicas, embora sempre haja muito dinheiro em jogo quando um navio de guerra está ancorado por perto, porque as tropas desembarcam e gastam bastante. Não achei correta a atitude de De Gaulle com os norte-americanos. Não vejo nenhuma razão pela qual devesse ter adotado a mesma postura.”

Empregando os adjetivos “duro, amargo e difícil” para descrever esse período, Rainier acreditava que uma das conquistas da época foi que aprendeu a contar com o apoio de Grace. “No começo, ela disse que talvez eu devesse ter sido mais brando com Pelletier, embora concordasse que ele não tinha cumprido com suas responsabilidades adequadamente. Foi a primeira crise diplomática séria que ela testemunhou como princesa. Era um território desconhecido. Ela teve de descobrir por si mesma e aprender com o que estava acontecendo. Uma vez que entendeu o contexto, Grace me apoiou o tempo todo.”

Ele disse que os dois discutiam longamente sobre o que estava acontecendo. Rainier passou a confiar cada vez mais em Grace e a contar com o apoio dela.

“Ela sempre oferecia sugestões”, dizia ele, “mas nunca interferiu nas minhas decisões. Eu não diria que ela era minha conselheira mais próxima, até porque nunca quis assumir a posição de consultora. Em vez disso, sempre me alertava para não me

precipitar. Priorizava o lado humano, fazendo-me ver a importância de manter o diálogo com a França, dizendo-me para ir com calma, sem forçar demais os limites.”

Depois de fazer uma pausa por um segundo, Rainier acrescentaria com um toque de tristeza: “Nós formávamos uma boa dupla”.

## *Capítulo 13*

### A FAMÍLIA GRIMALDI

UMA SEMANA DEPOIS DO CASAMENTO, GRACE ENGRAVIDOU e passou a maior parte do verão de 1956 sentindo enjoos matinais. Naquele outono, ela e Rainier viajaram para os Estados Unidos. Era a primeira vez que Grace voltava para seu país como princesa; foi também sua estreia como convidada da Casa Branca.

“Fomos para Washington a convite do presidente Eisenhower”, lembrava Rainier. “Ele era uma figura vistosa, mas um pouco enfadonho, como os militares costumam ser quando estão fora de seu ambiente.”

Na volta para Mônaco, o casal levou duas toneladas de mobiliário para bebê feito em laca branca, um berço de vime e muitos brinquedos. A decoração do quarto era inspirada em simpáticos coelhos.

Caroline Louise Marguerite nasceu na chuvosa manhã de 23 de janeiro de 1957. Era um bom sinal. De acordo com a superstição local, quem nasce na chuva tem saúde, caráter e prosperidade.

A menina foi declarada herdeira presuntiva, ou seja, poderia perder sua primazia na sucessão ao trono em caso de nascimento de um irmão. De qualquer forma, Mônaco se alegrou, pois Rainier tinha assegurado sua linhagem: a criança nascida em dia de chuva significava a manutenção da liberdade em relação ao temido fisco francês.

No final daquele ano, Grace e Rainier levaram Caroline para conhecer a avó paterna. Grace estava determinada a distensionar a complicada relação entre o marido e a sogra.

Charlotte havia transformado grande parte da propriedade em Marchais em uma casa de recuperação para ex-presidiários. Ela lhes dava abrigo no castelo de cem quartos e os contratava para trabalhar nos jardins enormes, protegidos por uma extensão de quase cinco quilômetros de fosso. Rainier considerava a proximidade com aqueles homens muito perigosa e discutia com a mãe por causa disso. Grace esperava que o bebê pudesse, de alguma forma, ajudar a curar as feridas.

Charlotte já era avó, mas Caroline ocupou um lugar especial em seu coração.

Assim como "Mamou" também faria no coração de Caroline.

Cinco meses depois do nascimento da menina, Grace engravidou novamente.

Albert Louis Pierre, agora o príncipe herdeiro de Mônaco, nasceu em 14 de março de 1958.

Dezoito meses mais tarde, Rainier nomeou Grace regente, decretando que, no caso de sua morte, ela governaria até que Albert completasse 21 anos. Nesse meio tempo, ele abandonou as corridas de carro e o mergulho.

As crianças passaram a ocupar grande parte de seu tempo livre. As viagens ainda eram constantes, mas Grace e Albert voavam numa aeronave diferente da de Rainier e Caroline. Os verões começaram a ser divididos entre a casa da família Kelly, na costa de Nova Jersey, e a fazenda nas colinas acima de Mônaco, *Roc Agel*, onde havia quatorze quartos e um estábulo com dois cavalos e um burro.

Os Grimaldis também velejavam com frequência, embora Grace nunca tenha sido uma grande marinheira.

Ela convenceu Rainier a substituir o *Deo Juvante II* por uma embarcação que balançasse menos. O príncipe vendeu o navio em 1958 (hoje ele exibe o nome de *M/Y Grace* e é usado em passeios turísticos nas Ilhas Galápagos), trocando-o por uma bela embacaração espanhola de quarenta anos, usada no transporte de bananas.

Mas o problema não foi totalmente solucionado porque, como Rainier frisaria, "sem bananas no porão, ele também balança muito".

Quando Caroline e Albert chegaram à idade de ir para o jardim de infância Grace levou professores ao palácio, para que os irmãos iniciassem juntos a vida escolar. Rapidamente, contudo, ela entendeu que não era a melhor decisão, apesar da diferença de apenas um ano entre os filhos.

Durante a maior parte da juventude, Albert sofreu de uma estranha gagueira. Algumas pessoas, mais tarde, relacionariam o problema àquele período pré-escolar. Independentemente da causa, essa foi sempre uma grande preocupação para seus pais.

Albert, como os pais, tinha uma natureza tímida. O problema de fala só acentuou essa característica, mas, com os anos, o príncipe percebeu que poderia superá-lo. Hoje resiste apenas um leve traço: Albert fala devagar, às vezes deliberadamente devagar, mas a gagueira que o perseguia na infância desapareceu.

Caroline, talvez por causa daquele ano a mais de idade, tornou-se a extrovertida da casa. Era sempre ela quem organizava as brincadeiras com o irmão e os amigos. Sua diversão favorita era brincar de escolinha. Albert e os outros tinham de ser os alunos e Caroline, é claro, assumia o posto de professora.

Em 1º de fevereiro de 1965, Stéphanie Marie Élisabeth juntou-se a eles.

“O interessante sobre eles enquanto família é que eram apenas isto: uma família de verdade”, observou certa vez Nadia Lacoste. “A princesa lia para seus filhos à noite. O príncipe equilibrava os três filhos nos ombros ou ficava de joelhos para brincar com as crianças. O casal formava uma boa dupla no trabalho e também no que dizia respeito à criação dos filhos. Compartilhavam o sentimento de que era importante estar perto, estarem juntos. O príncipe e a princesa queriam se assegurar de que as crianças teriam uma infância mais feliz do que eles tiveram.”

Na época, eles viviam em uma morada próxima ao pátio principal, com todos os ambientes dispostos em linha reta, um após o outro. Havia sala de estar, sala de jantar, escritório, dormitório do casal, *closet* e o quarto das crianças. Era preciso atravessar um cômodo para chegar ao seguinte.

As três crianças nasceram no escritório, devidamente transformado em sala de parto. Caroline e Albert dividiam um quarto com uma divisória móvel, que podia ser fechada à noite.

Com a chegada de Stéphanie, Grace acomodou-a no lado do quarto pertencente a Caroline. Quando as crianças cresceram, Grace e Rainier decidiram construir uma ala no palácio. Juntos, projetaram novos apartamentos.

“Mais ou menos em 1976, encontramos uma série de plantas e desenhos antigos do palácio e decidimos acrescentar uma ala no lado oeste da entrada principal”, contou Rainier.

Trajando calça cinza e camisa azul-clara sob medida, aberta no colarinho, o príncipe estava sentado no sofá em frente à enorme lareira da sala de estar de pé-direito duplo, no coração de um dos apartamentos que ocupam a ala esquerda do palácio.

Era um espaço luminoso e arejado, com piso de mármore, grandes portas envidraçadas com vista para os jardins e trepadeiras de folhas verdes subindo ao teto.

“Havia uma ala aqui até o final do século XVIII”, ele continuou, “mas acabou destruída durante a Revolução Francesa, quando tomaram o palácio e parte dele foi transformado em hospital. Infelizmente, saquearam todo o palácio. Quando, uma vez por outra, encontramos algumas das peças originais – móveis e pinturas, esse tipo de coisa –, compramos de volta. Mas é impossível resgatar tudo. Pedimos ao nosso arquiteto para recriar essa ala e Grace projetou o apartamento. Era o nosso lar.”

Às vezes, o príncipe trabalhava à noite em um pequeno ambiente – decorado com mobiliário moderno e fotos da família em retratos de prata espalhados por quase todas as mesas – de onde era possível observar a sala de estar.

Perto ficava um pequeno estúdio, ocasionalmente utilizado por Grace.

Havia uma sala de jantar e uma cozinha com comunicação com a sala de estar. Um corredor levava a um segundo ambiente, menos formal, que funcionava como espaço de convivência da família.

O quarto principal, no andar de cima, incluía um *closet* e um banheiro espaçoso.

Albert, Caroline e Stéphanie tinham, cada um, uma suíte de dois quartos, separados por uma grande sala comum, onde ficavam as mesas para fazer a lição de casa (cada criança tinha a sua).

“Grace sempre se dedicou muito a restaurar a beleza original do palácio”, contava Rainier. “Ela também se preocupava muito com *Le Rocher*, hoje um monumento histórico. Todo o bairro em torno do palácio está tombado. Para construir aqui, você precisa de autorização com base em um projeto bastante detalhado, que deve estar de acordo com o estilo tradicional de todos os prédios ao redor. Grace se preocupou tanto com a harmonia histórica daqui que até chegou a mudar a cor do palácio. Antes a parte exibia uma espécie de amarelo-pálido, mas ela achou que um tom rosado, salmão, também clarinho, combinaria mais com o restante do rochedo. Essa é a cor que temos hoje.”

Rainier admitia que os primeiros anos foram especialmente difíceis para ela. Afinal, Grace é que teve de enfrentar as maiores mudanças. Ela abandonou sua carreira quando estava no auge e, em sua mente, sempre haveria a pergunta de como seria sua vida se ela tivesse permanecido no cinema. Também tinha deixado para trás todos os amigos. Com exceção do marido e do sogro, ela não conhecia ninguém no país. Mudou-se de casas confortáveis alugadas na Califórnia e de um equipado apartamento em Nova York para um enorme palácio vazio no sul da França, há muitos anos sem a ocupação de moradores regulares.

“O palácio em si era muito bonito”, Grace costumava dizer. “Era enorme, mas também um pouco triste. Ficava vazio a maior parte do ano. Então, planejamos viver nele durante o ano todo, para torná-lo nosso lar. Comecei a abrir as janelas, todas que encontrei pelo caminho, coloquei flores nos vasos e encarreguei uma legião de pessoas de limpar a poeira.”

Rainier convenceu-a de incluir uma nova sala de projeção de filmes no palácio e a apoiou quando ela decidiu reformar a piscina oval azul-celeste que ficava nos jardins.

O casal convocou especialistas italianos para fazerem os trabalhos decorativos em pedra e artesãos franceses para dar forma às

madeiras. Foi gasta uma fortuna para restituir aos quartos de época, os móveis e a tapeçaria correspondentes.

Pouco a pouco, os dois transformaram o palácio em um lar.

\*\*\*

A vida em família, segundo Rainier, seguia algumas regras simples, como acreditar que as boas maneiras são uma virtude, pois tudo o que é raro tem valor.

Não há dúvida de que, para os padrões modernos, Grace e Rainier foram pais rigorosos, apegados a costumes antiquados e que insistiam em cortesias básicas como "por favor" e "obrigado". Geralmente, rejeitavam os argumentos em favor daquilo que costumavam chamar de "sociedade permissiva".

Grace certa vez comentou: "Se você não impõe certa disciplina aos filhos em tenra idade, mais tarde ela será imposta pela vida, talvez, mas com muito mais brutalidade do que qualquer pai seria capaz de fazer. Houve época em que se recorria às instituições religiosas para assumir a educação da criança, quando os pais eram muito fracos. Ou, então, os meninos iam para o exército. Hoje, porém, a Igreja parece estar caindo aos pedaços e disciplina militar está fora de cogitação".

Grace acreditava que "o que as crianças mais precisam é do amor e da atenção da mãe" e se esforçou para transmitir às duas filhas a confiança necessária para se tornarem mulheres independentes. "Sou basicamente uma feminista. Acho que as mulheres podem fazer qualquer coisa que escolherem."

Ela costumava dizer que enfatizava alguns princípios morais com seus filhos, mas que era difícil convencer as crianças a acreditarem nesses preceitos. "Você explica certos valores eternos, em que acredita implicitamente, só para depois vê-los sendo contestados e ironizados por jornais, filmes, televisão, livros e teatro. Também tentei tratar meus filhos de acordo com suas diferentes personalidades. Sempre respeitei neles os adultos que um dia iriam se tornar."

“Eu nunca menti para eles”, orgulhava-se Grace, “porque sinto que isso equivaleria a tratá-los como inferiores. Em casa, sempre insisti que respeitassem as regras da vida que meu marido e eu estabelecemos. E, quando eles confrontam essas regras, somos inflexíveis. Acreditamos que a criança percebe que a disciplina imposta pelos pais nada mais é do que um reflexo do amor que têm pelo filho. A criança entregue a si mesma é um ser abandonado. E abandonar o próprio filho é a pior injustiça que consigo imaginar.”

Embora Grace e Rainier se empenhassem em criar seus filhos de forma normal, como as outras crianças, nunca houve qualquer dúvida de que Caroline, Albert e Stéphanie eram mais privilegiados do que a maioria. Ainda que não pudessem desfrutar da mesma liberdade dos colegas da mesma idade – tiveram de crescer permanentemente protegidos por guarda-costas –, Grace e Rainier sempre enfatizaram que privilégios não devem ser esperados, mas conquistados.

“Meu pai tinha uma visão muito simples da vida”, Grace gostava de lembrar. “Nada é dado em troca de nada. Tudo tem de ser conquistado por meio do trabalho, da persistência e da honestidade.”

Caroline foi a primeira dos irmãos a entender que não era igual às demais crianças. “Acho que eu tinha uns quatorze anos. Não foi um choque completo descobrir isso, porque eu meio que já tinha me acostumado a certas coisas, como as pessoas tirando fotos da gente o tempo todo. Mas foi nessa fase que comecei a ver que havia um monte de coisas que meus amigos faziam e que não eram permitidas para mim.”

Reconhecendo a rigidez de seus pais, Caroline explicou: “Nós não podíamos ir à praia todos os dias. Eles nos queriam dentro de casa, lendo e fazendo as tarefas escolares a sério. Tínhamos de nos vestir adequadamente o tempo todo e, quando eu era adolescente, minha mãe não me deixava usar biquíni. Ela achava o maiô mais adequado, mesmo que todas as outras meninas da minha idade estivessem de biquíni”.

Havia também questões prosaicas, como caminhar até a escola. “Sempre havia alguém nos escoltando, na ida e na volta da escola. Não podíamos simplesmente sair com as crianças. Nunca

entendemos isso na época, e até hoje não tenho certeza se entendo. Não sei se tudo aquilo era mesmo necessário.”

Isso significava, pelo menos em suas lembranças, que nem sempre foi fácil fazer amigos. “Quando eu tinha doze anos, precisava fazer grandes negociações para poder ir dormir na casa de uma amiga. Todo mundo ia, mas a mamãe não deixava, exceto em algumas poucas vezes em que ela realmente sabia quem eram as pessoas da outra família. Eu também não podia trazer amigos para casa. Primeiro, tinha de pedir à mamãe. Eu chegava em casa da escola ansiosa para pedir a permissão e, às vezes, ela não estava lá ou tinha ficado em seu escritório, e eu precisava esperar até a manhã seguinte. Então, quando finalmente conseguia perguntar se podia trazer alguém para brincar, ela dizia ‘talvez outro dia’. Quando você tem oito anos e quer brincar de Barbie com suas amigas, nem sempre é fácil ouvir isso. Mamãe dizia muito ‘talvez’. Ela me disse isso tantas vezes que passei a imitar o jeito como falava comigo: ‘Eu disse talvez, e ponto final’. Acho que o que quero dizer com isso é que éramos protegidos demais.”

Albert tinha a mesma impressão. “Eu simplesmente não podia trazer um amigo em casa. Tinha de consultar minha mãe e meu pai e eles sempre queriam saber quem era. Às vezes, era difícil lidar com eles. Mas Caroline quebrou o gelo quando conseguiu convencer nossos pais de que, às vezes, não havia nada de mal em trazer alguns amigos, e que isso valia para mim também.”

Pelo menos nesse ponto, Stéphanie parece ter encontrado mais facilidades que os irmãos. “Não tive muitos problemas porque frequentei a escola em Paris e morei lá com a mamãe. No nosso apartamento, as regras não eram tão duras como as do Palácio de Mônaco. Eu quase sempre podia chamar colegas para brincar em casa, ou mesmo para dormir. As coisas eram menos rígidas em Paris.”

Questionados sobre quem era mais rigoroso – a mãe ou o pai – os três irmãos, entre risadas, tinham a mesma resposta.

“Era um belíssimo empate”, todos concordaram.

Mas Caroline e Albert afirmam que, entre os três filhos, Stéphanie foi de longe a que mais deu trabalho aos pais.

Sete e oito anos mais nova do que Albert e Caroline, respectivamente, a caçula foi a única que pôde fazer coisas jamais permitidas aos outros. A liberdade para trazer amigos em casa era apenas um exemplo.

“Stéphanie aprendeu muito rápido a enrolar minha mãe sem a menor dificuldade”, disse Albert. “E, provavelmente, enrolava papai com facilidade ainda maior – mas não diga isso a ele.”

Stéphanie, no entanto, não via as coisas da mesma maneira que os irmãos. “Como eu era a menor, talvez Caroline e Albert tenham achado que ganhei mais atenção. Mas eles eram bem próximos na época, tinham muitos amigos em comum e brincavam juntos. Eu era mais sozinha em casa. Então, a certa altura eles foram para a escola, Caroline se casou e eu acabei sendo a filha que restou morando com minha mãe e meu pai. É por isso que eles acham que sempre consegui enrolar os dois facilmente. Mas não havia disputa, pois eu era a única criança da casa.”

Na época, confessou Stéphanie, ela achava até que seus pais andavam mais severos do que nunca. “Quando tinha quinze ou dezesseis anos, eu me lembro de pensar que não devia haver no mundo pai mais rígido do que o meu. Dizia para mim mesma: por que meus pais são tão duros comigo? Sempre pensei que eles me perseguiam. Claro, todo adolescente passa por isso. Até pouco tempo, eu não sabia como era sortuda. Olhando para trás, vejo agora que não era eu que conseguia enrolá-los, mas, sim, que eles apenas estavam sendo pais muito compreensivos, para me ajudar a crescer. Toda criança, a certa altura, pensa que seus pais estão sendo duros demais. Mas quando olho para o passado, vejo que eles fizeram todo o possível por mim.”

Grace e Rainier sempre destacaram a importância de desenvolver valores familiares verdadeiros em seus filhos. Stéphanie recordou um aspecto central. “Fomos criados para respeitarmos uns aos outros, para sermos honestos e, acima de tudo, para nos comunicarmos uns com os outros. Fomos criados para entender que éramos uma família. Quando qualquer um de nós tinha um problema, podíamos falar sobre isso com os irmãos, em vez de mantê-lo guardado. Fazemos isso até hoje. Sempre fizemos isso.”

Muito cedo, as duas meninas foram expostas à música, à ópera e ao balé, enquanto Albert recebia mais estímulo para prosseguir em seu interesse pelo esporte. Rainier chegou a instalar traves com rede no jardim, para que o garoto pudesse jogar futebol. Caroline preserva o interesse pelas artes clássicas e Albert ainda joga bola e tênis. Ambos competiram em eventos como o Rally Paris-Dacar e Albert chegou a fazer parte da equipe olímpica de *bobsled*.

Stéphanie ficou a meio caminho entre os dois. “Fiz balé quando era muito jovem, mas troquei pela natação e pela ginástica. Gostei disso. Por um tempo treinei para integrar a equipe nacional francesa de ginástica. Não deu certo porque eu era alta demais. Ainda leio muito, mas não posso dizer que minhas leituras sejam intelectualizadas como as de Caroline. Ela lê filosofia e história. Eu gosto de um bom romance. Nós duas amamos música, mas também nesse aspecto nossos gostos não coincidem. Eu não suporto ópera. Por outro lado, não estou bem certa se Caroline gostaria de um *show* do Guns N’Roses.”

O que os três têm em comum é que todos foram educados para ser políglotas. Falavam inglês com a mãe e a babá, e francês com o pai e o pessoal da equipe doméstica. Grace e Rainier também os incentivaram a aprender outras línguas enquanto ainda eram bem jovens. Além do francês irrepreensível e do inglês com sotaque da costa leste norte-americana, Caroline, Albert e Stéphanie falam alemão, italiano e um pouco de espanhol.

Quando estavam na companhia um do outro, Grace e Rainier falavam inglês na maior parte do tempo. A princesa, no entanto, tinha feito progressos notáveis em seu francês por um motivo simples: “Meus filhos exigiam isso. Eles zombavam de mim sempre que cometia erros e por isso tive de aprender a falar bem.”

## *Capítulo 14*

### ESFORÇO PRÓPRIO

EM 1957, GRACE E RAINIER CONTRATARAM UMA JOVEM inglesa chamada Maureen King para ser a babá de Caroline. Quando Albert nasceu, ela também tomou conta dele.

Mais ou menos na mesma época, Grace precisou de alguém para ser sua secretária e escolheu uma jovem norte-americana chamada Phyllis Blum.

Maureen e Phyllis se tornaram amigas inseparáveis.

Em certa ocasião, Rainier voltou dos Estados Unidos trazendo algumas camisas de que gostava muito. Maureen se incumbia com frequência da tarefa extra de engomar as camisas do príncipe em um pequeno cômodo, ao lado do ambiente em que Phyllis trabalhava.

Zeloso de suas aquisições, Rainier recomendou cuidado redobrado daquela vez. Maureen e Phyllis resolveram aprontar: acharam um lençol velho, cheio de buracos de queimadura e o estenderam sobre a tábua de passar roupa, à espera de que Rainier viesse verificar o andamento do trabalho.

Assim que o príncipe colocou a cabeça para dentro do cômodo, levou um susto ao ver Maureen deslizando o ferro quente sobre os restos chamuscados de tecido.

As duas caíram na risada.

Rainier também, mas somente depois que as jovens o convenceram definitivamente de que aqueles trapos queimados não eram suas camisas novas.

\*\*\*

O pai de Rainier faleceu em 1964.

Seis meses depois, o pai de Grace morreu.

Em julho de 1967, durante visita à Expo 67 de Montreal, no Canadá, Grace sofreu seu terceiro aborto. Ela e Rainier queriam outro filho, mas tiveram de se conformar.

Com o fim dos anos 1960, a década de 1970 começou com o que poderia ter se tornado a grande data da história de Mônaco nos tempos modernos.

Grace e Rainier estavam em completa sintonia, o que era visível nas aparições públicas do casal. Eles foram fotografados participando do *rally* de carros antigos entre Londres e Brighton. Como o clima estava frio demais para o gosto de Grace, ela fez uma pequena trapaça, dirigindo um automóvel moderno e confortavelmente aquecido na maior parte do caminho para só assumir seu lugar a bordo do Dion-Bouton de 1903 de Rainier a tempo de cruzar a linha de chegada. A imprensa também flagrou o casal em um baile de máscaras – Rainier com disfarce de careca e enorme bigode preto, Grace com gordas bochechas artificiais e o cabelo trançado escondido sob um chapéu de palha.

Eles educavam seus filhos para se sentirem totalmente à vontade, tanto como jovem realeza nas cerimônias oficiais em Mônaco quanto como participantes dos jogos de futebol nos acampamentos de verão nas montanhas Pocono, na Pensilvânia.

“Não acho que exista uma fórmula para lidar com as crianças”, disse Grace a uma revista feminina, quando pressionada a dar uma resposta fácil para o problema da educação familiar. “Tudo o que um pai pode fazer é agir de forma espontânea e esperar o melhor. E também criar os filhos com muito humor e muito amor.”

Quem viu Grace e Rainier em ação como pais jamais duvidou de que havia muito amor ali.

\*\*\*

Como estrela de Hollywood e como solteiro mais cobiçado da Europa, Grace e Rainier tinham razoável experiência no trato com a

imprensa. No entanto, foi só com o anúncio de seu noivado que ambos passaram por seu batismo de fogo na relação com a mídia.

Os dois não estavam preparados para a atenção que desabou sobre eles. Ambos enfrentaram uma maratona infindável de coletivas com repórteres, que faziam sempre as mesmas perguntas.

Rainier tinha se saído bem no início, nas primeiras entrevistas sobre seu casamento iminente, mas a paciência dele rapidamente se esgotou. Em pouco tempo, ele já não conseguia esconder o extremo desconforto. Isso é visto claramente nas imagens do noticiário daqueles dias: é quase como se ele estivesse tentando se tornar invisível.

Grace obviamente percebeu, e fez o que pôde para protegê-lo.

Em uma das entrevistas coletivas, quando o príncipe já dava o compromisso como encerrado, um fotógrafo pediu que o casal fizesse mais algumas poses. Grace concordou, mas ouviu Rainier resmungar em voz baixa: "Eles não entendem que eu não sou contratado da MGM".

Em seguida, houve o pesadelo de mídia em que se transformou o casamento deles.

O principado transbordou de jornalistas e fotógrafos. O bar do Hotel de Paris tornou-se um centro não oficial da imprensa e, para atender aos repórteres, a gerência teve de abarrotar o saguão com mesas e cadeiras por todo o caminho até a entrada.

O caos reinava.

Parte do problema residia no fato de que, em geral, casamentos são sempre iguais. Há uma noiva, um noivo e algumas pessoas em lágrimas de emoção. Depois vêm as bebidas e a comida. Os amigos comemoram, parabenizam o casal e desejam felicidades, antes da partida para a lua de mel.

E, de fato, tudo consiste apenas nisso.

Se Rainier tivesse contratado um assessor de imprensa naqueles dias, esse profissional talvez conseguisse administrar a situação liberando fragmentos de informação para os repórteres: quem estava na igreja, quem vestiu o quê, quantos ovos foram usados no preparo do bolo, como o casal dançou até o nascer do sol e assim por diante.

Em vez disso, na ausência de fatos reais, os repórteres começaram a exagerar.

Os jornalistas deram grande destaque, por exemplo, ao soco que Randolph Churchill desferiu em um fotógrafo que tentava flagrá-lo na escadaria do Hotel de Paris, mas ninguém acrescentou que a confusão geral instaurada pela própria imprensa estava mexendo com os nervos de todo mundo.

Também não faltaram matérias sobre o fato de que a princesa Charlotte, mãe de Rainier, seria trazida a Mônaco por um motorista particular que no passado tinha sido um dos criminosos mais procurados da França. Ela sempre insistiu que estava tentando reabilitá-lo. Porém, coincidentemente com sua chegada, aconteceram dois arrombamentos no Hotel de Paris.

Além disso, não havia muito mais o que escrever.

Quando voltaram da lua de mel, Grace e Rainier estavam em perfeita concordância de que precisavam de ajuda para lidar com a mídia.

Grace pediu recomendações de profissionais da área a Rupert Allan, que se lembrou de uma jovem norte-americana chamada Nadia Lacoste. Ela morava em Paris e tinha experiência com relações públicas nas áreas de cinema e *show business*. O príncipe ficou interessado e convidou-a para uma entrevista.

“Eu o conheci em Paris, em julho”, lembrou Nadia Lacoste. “Conversamos por cerca de uma hora. Então, ele disse que conversaria com a princesa e me pediu para voltar no dia seguinte, para falar com os dois. Fizemos um acordo verbal para um trabalho de três meses, renovável caso julgassem conveniente. Eu aceitei e começamos bem a tempo porque eles tinham uma viagem marcada para os Estados Unidos em setembro. Percebemos que haveria grande interesse da imprensa nessa primeira viagem aos Estados Unidos desde o casamento.”

De uma maneira muito especial, Nadia entrou na vida de Grace e Rainier em um período no qual um ainda estava começando a conhecer o outro.

“Ela era agradável e afetuosa. Mas, naqueles dias, havia uma grande diferença entre a forma como ela se comportava quando

estávamos sozinhas ou com o príncipe e o seu modo de agir diante da imprensa. Era estranho. Como tinha muita experiência com os repórteres, era de se esperar que ela lidasse com eles de forma relaxada, mas isso não acontecia. Por outro lado, eu esperava que o príncipe fosse tímido, e acabei descobrindo que ele tinha um maravilhoso senso de humor. Lembro-me de acompanhá-los em desfiles de moda. A princesa sentava-se à direita dele e eu à esquerda. À medida que o tempo corria, e seu tédio aumentava, ele começava a soltar comentários irônicos com o canto da boca, sem mover um músculo do rosto. Falava sobre tudo e sobre todos: os vestidos, os chapéus, as pessoas na plateia. Era tão engraçado que eu me segurava para não gargalhar.”

A primeira entrevista coletiva de Grace e Rainier que contou com uma organização profissional aconteceu em setembro de 1956, antes do embarque para Nova York a bordo do *USS United States*.

O encontro foi realizado na Legação de Mônaco, em Paris. Nadia acomodou repórteres e fotógrafos em salas diferentes – na verdade, um velho truque que permitia que todos pudessem trabalhar sem que a atividade de um grupo interferisse na de outro. O estratagema funcionou, pois Grace e Rainier se mostraram confortáveis como nunca diante da imprensa. Depois disso, o casal tomou o trem para Le Havre na companhia de Nadia, alguns membros selecionados da Legação e uns poucos fotógrafos.

Como eles estavam descontraídos, a viagem transcorreu em clima tranquilo. A bordo do navio, antes da partida, o grupo reuniu-se em uma cabine para tomar champanhe e comer caviar. Só Grace recusou a iguaria.

“Alguém tinha dito a ela que grávidas devem evitar frutos do mar”, lembrou Nadia. “Na época, as gestantes acreditavam nessas coisas.”

Quando Grace e Rainier chegaram aos Estados Unidos, foi a vez de Rupert Allan administrar os contatos com os jornalistas.

“Grace se saiu muito bem com a imprensa”, disse Allan, “mas Rainier geralmente ainda se sentia pouco à vontade. Eu tinha agendado algumas entrevistas com eles e tentei fazer com que transcorressem tão bem quanto possível, em especial para Rainier. Quando se sentia desconfortável, ele fechava a cara. Ver as próprias

fotos publicadas no dia seguinte, com semblante carrancudo, só servia para aumentar ainda mais a insatisfação quando aparecia outro fotógrafo. Por fim, dei a ele uma dica: 'sempre que lidar com a imprensa, imagine todos eles ali na sua frente em roupas íntimas. Apenas reaja como faria se os flagrasse de cuecas'. Aquele velho truque funcionou e, na seguinte sessão de fotos ao lado de Grace, Rainier estava sorridente."

Nos Estados Unidos, grande parte do interesse da mídia girava em torno da nova vida de Grace.

"A maior diferença na minha vida não é o título", ela anunciou. "É a mudança de mulher solteira para a condição de esposa."

Outro tema predominante era o bebê a caminho. "Já ganhei doze quilos. Quando engravidei, fiquei muito enjoada nos primeiros três meses. Tinham me falado sobre os enjoos matinais, mas não sabia que era possível passar mal o dia inteiro, todos os dias. Depois que isso passou, comecei a comer. O médico recomenda não comer muito, mas ando faminta. Passei todo o verão com um terrível desejo por macarrão. Acordava à noite com fome. O príncipe faz excelentes ovos mexidos, mas tive de ensiná-lo a preparar sanduíches. Agora, ele até inventa alguns para mim."

Rainier acrescentou: "Sou o gendarme da dieta dela. Fico lembrando que ela não pode comer muito, mas não é fácil. Eu realmente não me importo que engorde, porque ela era muito magra quando nos casamos."

Grace nunca disse que torcia para ter um menino. Afirmava que "o importante é o bebê ser saudável", mas em algumas ocasiões admitia que "Rainier gostaria muito de um menino".

Ela também deixou claro que, embora tivesse ajudado a escolher o enxoval, o marido não buscou ajuda especial para aprender como lidar com um bebê.

Rainier confirmou, fazendo graça: "Quando mostrar o bebê para as pessoas, prometo que não vou deixá-lo cair. Mas posso desmaiar".

Ciente de que esse tipo de bate-papo descontraído faria o casal conquistar simpatias para si e para Mônaco – o que, afinal, era o objetivo da empreitada –, Rupert Allan manipulou habilmente os encontros com a imprensa, a fim de revelar Grace e Rainier como

pessoas de carne e osso, com um atraente senso de humor e às voltas com as questões comuns da vida de qualquer pessoa.

Allan orientou Grace a confessar coisas como “acredito que bebês reais devam nascer em um palácio, mas vou me sentir melhor, mais segura, em um hospital”, ou “não importa onde a criança nasça, meu marido não será bem-vindo na sala de parto porque não é lugar para maridos”.

Ela revelou que gostava do nome Henry, mas o príncipe não. “Então, não será Henry.”

Disse também que acreditava no efeito das palmadas na educação das crianças. “E crianças de famílias reais provavelmente precisam de mais palmadas do que as outras.”

Confessou, ainda, que gostaria de ter três filhos. “Não mais que isso.”

Em seguida, adiantou-se e antecipou o assunto seguinte da pauta. “Portanto, está aí a resposta quanto à possibilidade de voltar a trabalhar em filmes: vou estar muito ocupada cuidando de uma família.”

Na volta para Mônaco, Nadia Lacoste percebeu que o segredo para o apelo público do casal vinha da combinação entre o charme natural de cada um com o conto de fadas do “príncipe bonito casado com a linda atriz”.

Os três meses de teste de Nadia converteram-se em uma vida inteira dedicada à carreira de assessora de imprensa do casal.

“A diferença entre ele e ela”, explicou, “pelo menos no início, era que ele não tinha nada a provar. Nasceu príncipe e sempre soube quem era. Por sua vez, ela tinha de reafirmar em todas as entrevistas que não era mais Grace Kelly, a atriz, mas a princesa Grace de Mônaco.”

Nadia identificou que Grace tinha plena consciência de que estava sendo vigiada o tempo todo, e buscava desesperadamente fazer a coisa certa. “Ela não queria cometer erros. Não queria fazer nada que pudesse constranger o marido ou refletir negativamente em Mônaco. Não era um papel a ser desempenhado como atriz. Se fosse, ela poderia ter se dado bem simplesmente interpretando uma princesa. Teria sido fácil, e ela atuaria lindamente, ficaria muito

confortável no papel. O problema era que ela encarnava a princesa de Mônaco na vida real. Encontrar o caminho não foi muito fácil.”

Depois de conhecer o príncipe suficientemente bem, Nadia buscou preservá-lo de contatos com a imprensa quando sentia que ele e o entrevistado não se dariam bem. Ela descobriu que Rainier era um homem muito interessado no que acontecia no mundo, que tinha a tendência de fazer perguntas aos jornalistas. Em mais de uma ocasião, à saída das entrevistas, Nadia ouviu um repórter se queixar de que “eu falei mais para ele do que ele para mim”.

Levou um longo tempo, contudo, para que as coisas funcionassem bem com Grace. “Ainda consigo vê-la em sua primeira entrevista mais longa com um jornalista francês, em Mônaco, literalmente sentada na beirada da cadeira, com as mãos apertadas no colo. Seu sorriso era duro, artificial, e as respostas, demasiadamente ensaiadas. Deve ter sido insuportável para ela. Decidi, então, suspender quaisquer outras entrevistas por pelo menos seis meses, até que ela encontrasse o seu lugar no palácio e se habituassem à nova vida.”

Mesmo muitos anos depois, já fluente em francês, Grace nunca se sentiu totalmente à vontade falando no rádio ou na televisão.

“Uma tarde, mais ou menos quinze anos depois”, lembrou Nadia, “tentei explicar que a figura e o testemunho dela consistiam na melhor solução para dar visibilidade a algumas das atividades que ela desenvolvia em Mônaco, como a Festa das Flores e a Fundação Princesa Grace. Argumentei que ninguém no mundo teria interesse sobre esses assuntos se dependesse apenas da minha divulgação. Ela concordou, então, em falar sobre o Festival de Balé.”

Nadia teve o cuidado de oferecer a entrevista a um jornalista de rádio admirado por Grace, que o considerava um profissional bem informado sobre o mundo das artes. Em quinze minutos de entrevista, no entanto, a princesa estava tão nervosa que Nadia achou por bem fazer uma pausa, solicitando ao jornalista a gentileza de deixá-las a sós por um momento.

“Depois que ele saiu, Grace começou a chorar. As lágrimas corriam pelo seu rosto. Ela disse que estava totalmente frustrada sendo entrevistada em francês. Não era a primeira vez, é claro, que falava

para uma rádio francesa, mas agora, ao perceber que tinha de se expressar em uma longa e importante entrevista, admitiu que se sentia muito limitada por uma língua que não era a dela. Ficava repetindo: 'Isso é terrível'. Então, prometi a ela: 'OK, nunca mais em francês'. E cumpri minha promessa. Aquela foi a primeira e última grande entrevista em francês concedida por ela."

## *Capítulo 15*

### SEM DESCANSO

CADA EPISÓDIO DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA de Grace e Rainier, na avaliação de Nadia Lacoste, contribuiu para atrair multidões cada vez maiores para onde quer que o casal estivesse.

Ao mesmo tempo, essas multidões geravam cada vez mais fatos, rumores e histórias curiosas... Que alimentavam a imprensa.

Certa vez, em Londres, Grace e Rainier estavam hospedados no cinco estrelas Connaught quando um jornal britânico relatou: "Muito dinheiro foi oferecido ontem à noite aos proprietários de casas e apartamentos próximos do Hotel Connaught, onde o casal está hospedado. Os autores da oferta são bisbilhoteiros – esse é o adjetivo certo para defini-los – que ansiavam por um lugar para espionar Grace e Rainier como se fossem observadores de pássaros, usando descaradamente lunetas e binóculos. 'Fiquei surpreso', disse um morador da Mount Street. 'Um agente imobiliário me telefonou dizendo que pagaria bem se eu deixasse que usassem meu apartamento, ou mesmo só um quarto, com vista para o hotel'. Desde a época em que altas remunerações foram oferecidas por quem queria espionar a cama na qual Wallis Simpson dormia, nunca houve tamanha onda de voyeurismo."

Poucos anos depois, Grace e Rainier visitaram Dublin.

Os jornais estimaram a multidão acumulada ao longo da O'Connell Street entre 5 mil a 20 mil curiosos. Todos corriam para tentar dar uma olhada no que se passava dentro do carro que levava o casal ao hotel.

A confusão gerou pânico e cinquenta pessoas ficaram feridas.

"A princesa Grace foi escoltada para o hotel chateada e em lágrimas, e sua aparição no baile foi adiada por mais de meia hora", relataram os jornais. "Mais tarde, ela surgiu na varanda do hotel para atender aos gritos de 'Queremos Grace'."

Dias depois, milhares de pessoas saíram às ruas quando Grace e Rainier viajaram para County Mayo a fim de visitar a casa onde o avô da princesa havia nascido.

Um jornalista observou: "Cada bar e restaurante com Kelly no nome – e há muitos deles; já contei oito bares Kelly somente em Dublin – está organizando festas para esta noite".

Outro, mais espirituoso, escreveu: "Entre os mais de 360 quilos de bagagem, há um volume assinalado como 'frágil'. Ele contém presentes para todos os Kellys de County Mayo – incluindo eu. Nesse período de espera pela princesa Grace, todo mundo aqui descobriu que se chama Kelly".

Um terceiro jornalista divulgou: "Uma conferência entre os parentes mais próximos, que durou até as primeiras horas de hoje, firmou um compromisso. Originalmente, apenas primos de segundo grau seriam recebidos oficialmente pela princesa Grace. Foi decidido, porém, que uma prima de terceiro grau também seria admitida no grupo".

Quando Grace e Rainier retornaram à Irlanda na viagem seguinte, dessa vez com Albert e Caroline, as manchetes foram ainda mais numerosas.

"O príncipe e a princesa se sentiam 'em casa' ontem, ao receber a imprensa", comentou o *Irish Press*. "Não há outra maneira de descrever a informalidade da coletiva de imprensa dada pelo príncipe Rainier e pela princesa Grace de Mônaco. A frase do dia veio de Albert, que, no meio da conversa dos pais com os jornalistas, anunciou: 'Quero tirar o leite de uma vaca'."

Na época, Nadia Lacoste era, para dizer o mínimo, soterrada de pedidos de entrevistas. “Tínhamos pedidos todos os dias do ano, de todo o mundo. Acho que o único país com o qual nunca falei foi a Rússia. Até os chineses queriam entrevistar os dois. Eu diria que, entre entrevistas, aparições e sessões fotográficas, registrávamos pelo menos vinte pedidos por semana. Isso dá mais de mil por ano. Por razões óbvias, poucos eram atendidos.”

Quase desde o início, nunca foram agendadas mais de cinco ou seis entrevistas anuais para Grace. Em anos posteriores, a média diminuiu para apenas uma ou duas por ano.

“Para o príncipe”, lembrou Nadia, “havia um pouco mais, mas tendiam a ser sobre temas específicos. Solicitavam, por exemplo, que o príncipe discorresse sobre o desenvolvimento de Monte Carlo ou sobre a situação da economia monegasca. Ele concedia, talvez, de oito a dez entrevistas por ano.”

Como era de se esperar, sempre havia algo que escapava do controle da assessora de imprensa.

Especialmente embaraçosa, e sobretudo irritante, foi a foto de Grace em uma barraca de tiro ao alvo, no carnaval de Mônaco.

Em uma manhã de sexta-feira, a princesa foi com os filhos participar da abertura do carnaval, e aproveitou para brincar com as crianças em vários estandes montados para a festividade. Na barraca de tiro, Grace fez pontaria com a espingarda de chumbo e disparou contra alguns alvos de barro. Ninguém lembra se ela ganhou ou não o prêmio – uma boneca Kewpie –, porque aquela sexta-feira era 22 de novembro de 1963.

A foto de Grace com a arma estava nos jornais do mundo inteiro no dia seguinte, sempre acompanhada de legendas que a repreendiam pela insensibilidade de brincar com uma espingarda no dia em que John Kennedy tinha acabado de ser assassinado.

O fuso horário de Mônaco, contudo, está sete horas à frente do de Dallas, onde havia ocorrido o atentado. E a foto de Grace tinha sido feita nove horas antes da morte do presidente americano.

Esse episódio foi insignificante perto do que aconteceria mais tarde, quando os *paparazzi* descobriram que havia um rentável

mercado para fotos de Caroline e Stéphanie. A vida de todos os integrantes da família piorou consideravelmente.

Rainier observou: “Você pode imaginar o tipo de foto que eles procuram quando andam por aí com grandes teleobjetivas escondidas atrás de arbustos. Ninguém parece entender como é angustiante passar a vida sabendo que estão nos espionando em qualquer lugar, a qualquer hora. Isso era especialmente terrível para meus filhos, quando eram mais jovens. Não era justo. Eles ficavam paralisados com isso, sem nunca saber como se comportar ou o que fazer, porque sempre tinham medo de que alguém pudesse fotografá-los”.

Segundo o príncipe, o sistema baseia-se sobretudo em fazer as pessoas caírem no ridículo. Quanto maior o ridículo, maior o preço pago pela foto. Para conseguirem uma só imagem de impacto, os *paparazzi* gastavam toneladas de filme e de dinheiro. Pagaram pessoas nos aeroportos para fotografar para eles e flagrar a chegada de Caroline. Vieram para Mônaco disfarçados de turistas, com câmeras a tiracolo, para passarem despercebidos. Espalharam pregos em uma estrada para forçar Albert a parar o carro ou então furar um pneu. Alugaram ultraleves para sobrevoar a propriedade da família em Marchais na esperança de fotografar Stéphanie.

Em certa ocasião, um fotógrafo, ao verificar se havia alguém no apartamento da família Grimaldi em Paris, descobriu que o imóvel vizinho estava vago. Alugou o espaço e montou uma vigia por várias noites. A imagem que obteve depois de tanto esforço foi a de alguém – que viria a ser Caroline – fechando as cortinas. A pessoa estava vestida e não se podia ver seu rosto, mas isso não importava: a foto se espalhou pelos jornais.

“A situação ficou insuportável para todos nós”, Rainier confessou. “Uma vez, na temporada de esqui na Suíça, Grace encontrou Stéphanie escondida no quarto, chorando, com medo de sair porque estava assustada com os *paparazzi*. Eu me pergunto como os fotógrafos reagiriam se seus filhos sofressem o mesmo tipo de pressão.”

Era muito desagradável para Grace ver o abuso da imprensa em relação aos seus filhos.

Uma das coisas que Hollywood havia lhe dado era a capacidade de digerir certos comentários da mídia sobre ela, mas não estava preparada para lidar com as coisas ao ver seus filhos na mira da imprensa.

Em determinados momentos, a irritação com a forma como a mídia tratava seus filhos levou-a a escrever aos editores das publicações, seja para pedir que deixassem sua família em paz, seja para retificar informações equivocadas e descabidas que eram divulgadas a respeito de Caroline, Albert e Stéphanie.

Quando isso se mostrou inútil – em especial no que se referia à imprensa sensacionalista alemã –, ela externou toda a sua indignação contra uma nação inteira.

“A Alemanha é um país horrível e a imprensa germânica é desprezível”, atacou. “Leio algumas das matérias escritas sobre minha família em revistas e jornais alemães e, às vezes, encontro coisas tão terríveis que não sei se consigo suportar isso por mais tempo.”

A única ocasião em que Grace e Rainier realmente entraram em pânico foi quando jornais franceses ou italianos divulgaram o endereço da família em Paris. Aquilo soava como uma ameaça direta para a segurança de seus filhos.

“Fui atrás dos responsáveis”, disse Rainier. “Felizmente, a lei francesa protege as pessoas desse tipo de coisa. Uma vez, publicaram imagens do local onde Caroline morava em Paris. Podia-se ver muito claramente o número da casa, e todos os malucos do mundo começaram a tocar a campainha lá. Não podia ficar por isso mesmo. Fomos à justiça para impedir aquilo.”

Em várias ocasiões ao longo dos anos, Grace e Rainier processaram fotógrafos e editores de revistas.

Em 1978, quando uma revista italiana fez uma montagem fotográfica com o rosto de Caroline e o corpo de uma garota nua, o príncipe fez questão de acompanhar o caso até os juízes mandarem o editor responsável para a cadeia.

Foi uma exceção. Em todos os demais processos judiciais, havia pouco a ser feito. Os *paparazzi* fotografaram Caroline com um vestido decotado em uma boate e fazendo *topless* em um barco. As

fotos foram publicadas. Teleobjetivas capturaram Albert e uma namorada nua em um iate. As fotos também foram publicadas. Os *paparazzi* chegaram a surpreender o próprio Rainier em roupas íntimas, através de uma janela do segundo andar. Novamente, as fotos foram publicadas.

Certas revistas de grande circulação e tabloides sensacionalistas nos Estados Unidos, França, Itália e Alemanha se recusaram a fixar um limite de preço para fotos constrangedoras dos Grimaldis. Era sabido no mercado que qualquer pessoa que obtivesse uma foto exclusiva poderia cobrar o quanto quisesse, pois encontraria um comprador interessado.

Algumas agências de imagens de menor porte da França, Itália e Alemanha tinham nos flagrantes dos Grimaldis a garantia de sua subsistência.

Diante de tamanha pressão, e sem contar necessariamente com a ajuda das leis de privacidade em vários países, Rainier admitiu: "No final, você não tem como fazer muita coisa. É preciso deixar as coisas acontecerem e, então, esquecer algumas delas, considerando tudo como parte do aprendizado da vida".

\*\*\*

A dupla carga de zelar pelas relações públicas da família real e de defendê-la da imprensa recaiu diretamente sobre Nadia Lacoste.

"Logo depois do casamento do príncipe e da princesa", disse ela, "sempre que estavam em Paris, havia quatro ou cinco fotógrafos de plantão do lado de fora do apartamento, tirando fotos deles na chegada ou na saída. Até aí, tudo bem. Mas, com o passar dos anos, os fotógrafos se tornaram cada vez mais ousados."

Perseguir Grace e, especialmente Caroline e Stéphanie, de motocicleta pelas ruas parisienses tornou-se comum. No verão, em Mônaco, eles se ocultavam no pequeno trecho de praia ao dobrar a esquina do Old Beach Hotel para, usando teleobjetivas, fotografarem Grace de maiô.

No inverno, quando a família real ia esqui, o esconderijo era na floresta junto às pistas, de onde tentavam captar imagens dos

príncipes e princesas, se possível caindo na neve. A solução proposta por Nadia era organizar uma sessão oficial para eles tirarem fotos dos Grimaldis.

Onde quer que fosse, especialmente quando se tratava das férias da família, Nadia tinha de negociar uma trégua com os fotógrafos. Ela convencia Grace, Rainier e os filhos a posarem por quinze ou vinte minutos e, uma vez encerrada a sessão, os fotógrafos iam embora e se comprometiam a deixar a família em paz.

No papel, a ideia era boa, e até que funcionou nas primeiras vezes. Até o dia em que um dos fotógrafos resolveu retardar sua partida para obter imagens exclusivas – em pouco tempo, todos os seus colegas faziam o mesmo. A situação ficou pior do que antes: em vez de quatro ou cinco *paparazzi*, a porta do apartamento de Paris passou a ser frequentada por duas dezenas deles.

Em 1980, correu o rumor de que as fotos de Stéphanie na escola podiam valer um bom dinheiro.

Para protegê-la do assédio diário e permitir que continuasse levando a vida, era imprescindível manter em sigilo o nome da escola que a princesa frequentava. Não foi nada fácil. A família quase sempre estava reunida nos fins de semana, fosse em Mônaco ou em Paris. E os *paparazzi* sabiam que na segunda-feira de manhã Stéphanie teria de ir para a escola – portanto, bastava descobrir onde os Grimaldis passariam o fim de semana para, na segunda-feira cedo, rastrear o caminho da princesa.

Grace e Rainier, com a ajuda de Nadia, tiveram de bolar formas diferentes a cada semana para que Stéphanie chegasse à escola sem ser seguida. Para a filha caçula, a vida rapidamente se transformou em uma constante e infeliz corrida disputada entre o motorista da família real e os fotógrafos.

“Meu pai sempre me disse: ‘Se você e sua irmã não fossem bonitas, ninguém se importaria em segui-las, então tome isso como um elogio’”, lembrou a princesa. “Acho que ele estava certo. Se fôssemos horríveis e nunca fizéssemos nada emocionante exceto ficar em casa à espera de um marido, as revistas não teriam se incomodado com a gente. Acho que a imprensa se interessa por nós porque somos bem-educadas, nossa aparência é razoável e fazemos

coisas legais em nossas vidas. Às vezes é difícil, mas sempre tento encontrar o lado bom das coisas.”

Stéphanie observou que Grace também encarava a situação de maneira estoica, dizendo aos filhos que não havia nada que pudessem fazer a não ser aceitar o fato de que os fotógrafos estariam sempre rondando.

“Ela nos pediu para não deixar que isso nos atingisse”, revelou Stéphanie, “senão ficaríamos deprimidos ou completamente loucos. Ela ajudava muito, pois tinha passado por esse tipo de coisa quando fazia filmes. Então, não dramatizava as situações nem permitia que ganhassem mais importância do que deveriam. Quando éramos crianças, ela tentou nos acostumar com o assédio e advertiu que sempre seríamos incomodados e perseguidos por fotógrafos. Então, de certa forma, quando fiquei mais velha, já esperava por isso. Não acho que a experiência de Caroline tenha me ensinado alguma coisa, porque não há realmente nada para aprender. Não adiantava usar os truques que ela criou para evitar os fotógrafos, pois já eram todos conhecidos. Tive de descobrir os meus.”

De personalidade forte, Stéphanie sempre me pareceu a pessoa da família mais pronta a reagir de maneira espontânea, quando incomodada pela imprensa.

Houve momentos, por exemplo, em que ela não se furtou a mostrar a língua e mandar os fotógrafos para o inferno. “É, fiz mesmo. Quando eram rudes comigo, não via razão para não tratá-los do mesmo modo. Se fossem educados comigo, eu era educada com eles. Se pedissem uma foto, eu permitia e pedia para me deixarem em paz depois de conseguir o que queriam. Agora, quando são grosseiros e gritam obscenidades para mim, eu devolvo na mesma moeda. É o meu jeito de ser.”

Infelizmente, houve momentos em que até seu espírito combativo diante de uma Nikon pareceu fraquejar.

Numa tarde de inverno, Grace telefonou para Nadia e contou que havia *paparazzi* reunidos na frente da casa o dia todo. Por causa deles, Stéphanie estava aos prantos – ela se recusava a sair nem queria voltar para a escola enquanto permanecessem ali.

“Quem poderia me culpar?”, refletiria Stéphanie anos mais tarde. “Você percebe como era embaraçoso, naquela idade, chegar à escola seguida por uma legião de fotógrafos? As outras crianças zombavam de mim ou me evitavam por causa disso. Eu não me incomodava tanto quando estava com a minha família, mas na escola era horrível. Eu sentia que afugentava os outros, e era isso que eu não queria. Qual criança ia querer isso?”

Nadia traçou, então, um plano de fuga para Stéphanie.

Sabendo que os fotógrafos faziam plantão para seguir a princesa até a escola, Nadia telefonou para o motorista de Rainier e passou a instrução de que dirigisse lentamente para longe da residência da família. Mais importante: ele tinha de assegurar que os *paparazzi* vissem que Stéphanie não estava no carro.

O chofer, então, devia aguardar nas proximidades, mas fora da vista da imprensa.

Nadia chegou ao apartamento poucos minutos mais tarde, assim como o carro do embaixador de Mônaco, que entrou na garagem.

Quando começou a anoitecer, Nadia envolveu a cabeça em um grande lenço, embarcou no banco traseiro do carro diplomático e ficou agachada. O veículo saiu da garagem e seguiu em velocidade para a avenida Champs-Élysées.

Convencidos de que era Stéphanie a pessoa escondida no banco de trás, os *paparazzi* arrancaram em perseguição ao carro.

Somente quando pararam em um sinal vermelho ao longo da Champs-Élysées, Nadia sentou-se no banco e os fotógrafos entenderam que tinham sido enganados.

Nesse meio tempo, o motorista do príncipe, notificado pelo telefone do carro que o caminho estava livre, voltou para o apartamento e apanhou Stéphanie.

“Aqueles eram os tipos de situação boba que fomos forçados a aceitar”, lamentou Nadia. “Era uma constante disputa de esperteza entre nós e os fotógrafos. Talvez um adulto entendesse esse tipo de coisa, mas para uma criança era muito difícil. Tudo estava tão ruim nos últimos dois anos antes da morte de Grace que, certa vez, ela mandou parar o carro no meio do trânsito de Paris e desceu para repreender os fotógrafos, exigindo que dessem paz à família. Ela

disse: 'Vocês estão me seguindo o dia todo. Eu aguento. Mas, por favor, não com meus filhos. Por favor, parem de fazer a eles o que vêm fazendo comigo há anos'."

Pareceu um monólogo diante de surdos. Os fotógrafos simplesmente tiraram fotos da princesa discutindo com outros fotógrafos.

Nadia disse que a perseguição piorou. "Eles ficaram mais agressivos, seguindo-a em lojas e restaurantes. Ninguém os impedia. Um dia, quando Grace estava em uma loja e não encontrou ninguém para ajudá-la a carregar seus pacotes, ela se virou para um fotógrafo que a seguia e sugeriu: 'Pelo menos você poderia fazer alguma coisa útil'. Ela passou os pacotes para o rapaz, que carregou tudo até o carro dela."

Dos três filhos, Albert foi o que se saiu melhor com a imprensa.

Alegremente, ele admitiu ter sorte. "Quando a imprensa – me refiro aos colunistas sociais europeus – começou a se interessar por Caroline e Stéphanie, eu estava em Amherst, em Massachusetts. Não estava me escondendo, mas era muito longe daquela cena *disco* de Paris. Além disso, como homem, eu era mais capaz de me defender. No entanto, acho que a verdadeira razão pela qual eles praticamente me esqueceram é porque fotos de Caroline, de Stéphanie ou de mamãe vendiam muito mais revistas do que imagens minhas. Claro, todos fomos incomodados em eventos oficiais e nos períodos de férias, como nas temporadas de esqui na Suíça. Tive de lidar com a imprensa desde muito cedo. Mas, felizmente, nunca fui assediado como minhas irmãs."

Aparentemente, em toda a sua estada de quatro anos nos Estados Unidos, a imprensa só o aborreceu na primeira semana de faculdade e na formatura. O resto do tempo, Albert esteve livre para circular e fazer suas coisas.

"Fui um semi-incógnito e foi ótimo. É por isso que tenho boas lembranças daqueles anos. Ainda posso ser assim quando vou aos Estados Unidos. Não são muitas as pessoas que me conhecem e, se eu não contar, poucos sabem de onde venho. Depois das Olimpíadas de Inverno de 1988, fiz uma viagem com alguns amigos. Dirigimos do Texas a Los Angeles e pernoitamos em alguns motéis baratos no

Arizona e no Novo México. Foi muito divertido. Ninguém sabia quem eu era. E ninguém se importava. Gostei disso.”

Quanto mais Albert se aproximava de suceder o pai, mais o panorama mudava.

No que dizia respeito ao contato com a mídia, viver em Mônaco como herdeiro do trono tornou a vida um pouco mais complicada para ele.

“Não gosto de ver meu rosto espalhado nos jornais especializados em escândalos”, admitiu ele, “então, tento não dar margem para que isso aconteça. Tenho cuidado ao escolher para onde vou e quais serão minhas companhias. Mas procuro fazer com que isso não atrapalhe minha vida social. É um exercício difícil e, conforme o tempo passa, se torna ainda mais complicado. Mas tenho certeza de que sempre há uma maneira de ser relativamente anônimo.”

Nunca foi muito fácil para ele ser visto em público com uma garota, porque os fotógrafos viviam na esperança de obter as primeiras imagens da próxima princesa de Mônaco. Eles também se aprimoraram em farejar as ocasiões em que o príncipe vai a Paris se encontrar com alguma das irmãs. Mais de uma vez, Albert recorreu à ajuda de um amigo para dirigir um segundo carro e despistar ou atrasar os fotógrafos.

Certa noite, um de seus amigos fez uma manobra para deixar o carro atravessado na rua e bloquear o caminho, permitindo a fuga de Albert e Stéphanie. Assim que o fez, o automóvel com os fotógrafos não conseguiu frear e colidiu. O amigo se queixou de que o acidente tinha arruinado seu carro. O fotógrafo que estava dirigindo consolou: “Não tem importância. Com o dinheiro que vamos ganhar vendendo fotos deles, vamos poder comprar três carros novos para você”.

## Capítulo 16

### GRACE

ERA UMA FESTA PERFEITA NA NOITE DE VERÃO DE St. Jean-Cap-Ferrat, um cenário que parecia pertencer a um passado distante.

Totalmente concentrada em uma conversa, Grace caminhava devagar pelo enorme e bem cuidado gramado até o paredão de rocha. De algum lugar das sombras emergia o som de instrumentos de corda. O brilho do luar se refletia no mar.

Enquanto se distanciava cada vez mais da festa, cavalheiros trajando *summer jackets* e damas em vestidos longos sem mangas falavam em voz baixa, de braços dados, provando canapés e bebendo champanhe enquanto se deslocavam de maneira dispersa e descontraída, numa involuntária formação de semicírculo em torno de Grace. Então, muito suavemente, como se alguém diminuísse o volume do som ambiente, pouco a pouco, todas as conversas silenciaram até restar apenas a voz dela.

Um momento se passou.

De repente, percebendo que algo estava acontecendo ao redor, Grace virou-se e viu que a festa inteira estava olhando para ela.

Incomodada apenas por uma fração de segundo, ela bateu palmas e convidou todo mundo para ir até a casa de praia, onde anunciou: “Vamos nadar”. E puxou a fila dos que se arriscaram a um mergulho.

Grace encantava as pessoas.

\*\*\*

Os monegascos acolheram Grace calorosamente em sua chegada, com a sincera alegria de ver seu príncipe tomando-a como noiva. Ela

foi aplaudida e festejada. No fundo, porém, o povo tinha lá suas suspeitas. Apontavam para ela e viam Grace Kelly, a atriz estrangeira que, ninguém conseguia entender o porquê, tinha escolhido viver ali. Demoraria quatro ou cinco anos para que os habitantes locais começassem a chamá-la de princesa Grace.

“Tive muitos problemas quando cheguei”, confessou uma vez. “Para começar, tinha o idioma. Meu francês ainda era muito ruim. Sabia apenas o que tinha aprendido na escola – coisas como *‘la plume de ma tante’*. Estava sufocada pelos problemas, mas o maior deles, acho, foi o de ter me transformado em uma pessoa normal novamente, depois de tanto tempo como atriz.”

Durante seus anos em Nova York e Hollywood, uma pessoa normal, para ela, era alguém que fazia filmes.

Tudo havia mudado.

Segundo ela, parecia exatamente como a adaptação em um emprego novo. “Foi um trabalho muito difícil, que tive de assumir passo a passo. Felizmente, contei com o príncipe, que foi muito prestativo e paciente comigo. Mesmo assim, houve alguns momentos difíceis. Engravidei logo depois do casamento. Ninguém sabia disso, mas significou dar meus primeiros passos como princesa de Mônaco sentindo enjoos terríveis. Não me deixei abater. Esse é o meu lado irlandês. Consigo rir de mim mesma. É uma grande ajuda, um talento que não troco por nenhum outro.”

Por saber que tinha de ser vista para conquistar a aceitação popular, ela se recusou a se trancar no palácio. Deliberadamente, saiu para impôr sua presença – o que não foi simples.

Mas pouco a pouco, em especial após o nascimento de Caroline e de Albert, ela começou a ser vista cada vez mais. Não apenas em eventos oficiais, quando tinha de comparecer por obrigação, mas no cotidiano compartilhado por pessoas comuns que vivem vidas normais. Grace ia às compras. Tomava chá com os amigos. Levava as crianças à escola ou ao dentista, comprava sapatos para elas ou as levava até a confeitaria favorita delas, para deliciá-las com bolos.

No entanto, à medida que trilhava seu caminho rumo aos corações dos monegascos, espalhou-se o boato de que a princesa não era muito amigável.

Alguns foram mais longe, a ponto de dizer que ela era pretensiosa, arrogante e que andava pelas ruas sem nem sequer dar um bom-dia para as pessoas. “Quem ela pensa que é?”, questionavam os mais exaltados.

A pergunta certa seria: “Qual é o problema dela?”. A resposta: uma miopia terrível.

Sem óculos, não via nada a três metros de distância. Não se tratava de arrogância. Ela simplesmente não enxergava as pessoas que ansiavam por seu “olá”.

Na verdade, uma das coisas que destacavam Grace era sua facilidade em estabelecer contato com o cidadão comum. Ela era extremamente acessível em Mônaco.

As pessoas que vinham cumprimentá-la a percebiam sinceramente gentil, distribuindo sorrisos e apertos de mão.

Grace também se mostrava acessível a pessoas de fora do principado, na maior parte das vezes em contato direto por carta ou por meio da disponibilidade para dar depoimentos a revistas, quando abordava seus medos e sonhos. Ela tinha sido estrela de cinema e agora era princesa, mas também exercia os papéis de esposa e mãe, e queria que o mundo também a visse assim.

“Acho que ela se divertiu sendo princesa”, afirmou Mary Wells Lawrence, uma das mulheres empreendedoras mais bem-sucedidas dos Estados Unidos, fundadora da agência de publicidade Wells Rich Greene e amiga de Grace. “Na verdade, tenho certeza. Mas também acho que ela foi uma mãe muito maternal e uma boa esposa. Era uma mulher que gostava de estar bonita. No entanto, sentia-se fazendo um esforço constante para não parecer uma intrusa em Mônaco. Afinal, ela era norte-americana e não foi fácil ser aceita. Precisou de tempo.”

Tempo e certa dose de talento, segundo a publicitária Mary. “Não é qualquer pessoa que consegue isso. Grace tinha um talento muito específico, um dom. Ela era maior do que a vida. Não era apenas um ser humano: ela era uma ideia. Representava um conceito de Monte Carlo como conto de fadas em um mundo cada vez mais feio. Em um mundo no qual as coisas foram ficando mais e mais difíceis e mesquinhas, e cada vez mais iguais umas às outras, Monte Carlo

exibia essa qualidade de conto de fadas. Acho que tinha a ver com algo que Grace acrescentou a Mônaco, em sua maneira de fazer as coisas, em seu modo de agir. Ela era uma verdadeira estrela – e no mundo as verdadeiras estrelas são raras. Há muita gente famosa, mas poucas estrelas de verdade.”

Depois que Phyllis Blum, sua secretária, foi embora para a Inglaterra para se casar, Grace contratou uma jovem francesa chamada Louise Levy-Soussan, que trabalharia para a princesa de Mônaco pelos dezoito anos seguintes.

“A princesa não era apenas bonita”, acreditava Louise. “Ela era linda. Mas nunca ostentou isso. Era uma espécie de beleza perfeita, o que talvez a tenha tornado tão especial. Como ela era tão perfeitamente bela e, ao mesmo tempo, tão simples em seu jeito de ser, não despertava ciúmes em outras mulheres. Entre seus filhos, acho que o príncipe Albert é quem mais se parece com ela, tem o mesmo temperamento. Olho para ele e consigo vê-la. Você lhe conta algo e ele dá a impressão de que nem o ouviu, mas três ou quatro dias depois retoma o assunto e acrescenta alguma coisa. Exatamente como a mãe fazia.”

Louise logo viu que era fácil se relacionar com Grace no trabalho, mas notou também que ela se mostrava muito rigorosa quanto a alguns aspectos. Em especial, a confiança. “Uma vez que ela passava a confiar em alguém, o sentimento era para sempre. Vamos ser honestos: Mônaco é um lugar pequeno e no qual circulam muitas fofocas. No entanto, se ela tivesse confiança em você, iria defendê-lo até o fim, sem dar crédito a quaisquer boatos que viesse a ouvir. Lembro-me de uma vez em que ela recebeu uma carta anônima de alguém obviamente envolvido com o Clube de Jardinagem, contendo insinuações maldosas sobre uma das colaboradoras da entidade. Foi muito desagradável. Mas a princesa limitou-se a rir daquilo. Ela disse: ‘Consigo até ver a autora, sentada com uma xícara de chá, escrevendo essa carta só para me envenenar contra a colega’. A princesa tinha entendido tudo.”

Há quem tenha descrito Grace como uma pessoa fria, tese prontamente rebatida por sua ex-secretária. “Ela era equilibrada. Guardava seus sentimentos para si, deixando para expressá-los

somente quando estava entre amigos. As pessoas que não a conheciam direito, às vezes, podiam ter a impressão de que ela fosse, digamos assim, reservada. Diante de todos, ela preservava o lado privado, que expunha só para os mais próximos. Mas com certeza não era fria. Sempre foi genuinamente afável e muito preocupada com as outras pessoas.”

Essas características puderam ser percebidas não só pela forma como as pessoas se comunicavam com ela, mas também pela reação da princesa diante das demandas de seus interlocutores.

Ela recebia cartas de pessoas em busca de ajuda: uma mãe às voltas com um filho doente, uma aposentada precisando de um aquecedor doméstico para suportar o inverno, uma esposa agredida sem saber onde pedir ajuda, um jovem tentando abandonar as drogas.

A fim de atender a apelos como esses – e depois de constatar que, por algum motivo, a Cruz Vermelha de Mônaco não conseguia agir com rapidez suficiente –, ela criou a Fundação Princesa Grace, bancada, pelo menos inicialmente, com recursos próprios.

“Não preciso de um conselho de administração para decidir se alguém tem direito a uma cirurgia ou a um teto”, ela explicou certa vez à assessora de imprensa Nadia Lacoste. “Desse jeito, posso escolher o que quero fazer com o dinheiro.”

Sua preocupação com as pessoas não pararam por aí. Ao perceber as dificuldades que vários artesãos de Mônaco enfrentavam para vender seus produtos, ela montou uma loja, um empreendimento sem fins lucrativos para ajudá-los a ganhar a vida. Com o sucesso da iniciativa, a princesa logo abriu um segundo ponto de venda de artesanato, seguindo os mesmos moldes.

Nos meses de verão, ela passava a temporada trabalhando a partir de *Roc Agel*. Como preferia evitar ir a Mônaco, pedia que, à tarde, Louise trouxesse do palácio a correspondência diária.

Uma avalanche diária de cartas e presentes não solicitados fazia parte da carga postal regular endereçada à princesa – em especial quando seus filhos nasceram, quando os carteiros trouxeram uma infinidade de sapatinhos e casacos de crochê.

Eventualmente, quando um dos presentes lhe agradava em especial, ela o expunha na prateleira de seu escritório ou o levava para algum dos ambientes privativos. A maior parte deles, contudo, era doada para bazares de caridade – que receberam incontáveis canecas de café com o nome Grace inscrito na porcelana e cinzeiros com a foto da atriz. Peças de roupa, inclusive as do próprio guarda-roupa, eram destinadas à venda beneficente da Cruz Vermelha.

Na época do Natal, todos os anos a princesa recebia um caprichoso *scrapbook* montado com fotos e recortes de matérias publicadas sobre ela em jornais e revistas, obra de uma grande admiradora genovesa. Sem falta, todos os anos Grace respondia com uma nota manuscrita de agradecimento. De vez em quando, convidava a fã para tomar chá no palácio.

Havia também um colecionador de Moscou que enviava selos russos. Grace agradecia e remetia de volta selos monegascos, em uma troca de correspondência que durou anos.

Certa vez, uma menina escreveu para perguntar: “Quantas horas por dia você passa sentada no trono com sua coroa?”. Grace fez questão de mandar uma carta explicando que princesas modernas têm uma rotina bem diferente.

Compreensivelmente, ela gostava de manter contato com os amigos e, pelo menos na temporada de férias, o correio era a solução. De acordo com Louissette, a lista de cartões de Natal da princesa vivia em constante expansão – “Ficava maior a cada ano” –, e com frequência Grace acrescentava às mensagens algumas palavras de próprio punho.

Embora não desse muita importância às compras – “Se há uma coisa que não entendo é alguém comprar por prazer”, ela dizia –, não há dúvida de que ela adorava se vestir bem.

“Acredito que isso é certo, pois homenageia todos aqueles que criam coisas bonitas e dá satisfação a quem me vê usando as peças”, justificava a princesa.

Daí sua presença regular em todas as listas das dez mulheres mais bem-vestidas do mundo.

No entanto, se ela fosse passar o dia no escritório sem receber ninguém, ou quando estava em casa com a família, seu estilo era

despojado: calças, sapatos baixos e, com frequência, um lenço amarrado na cabeça. Em *Roc Agel*, muitas vezes, ela optava por jeans e moletom, enquanto em Mônaco era vê-la com roupas descontraídas.

“Vivemos em um palácio”, disse ela, “portanto, é um pouco constrangedor circular por ele vestindo calça *jeans*.”

Quando chegou a Mônaco, Grace tinha um professor particular de francês. Ela se esforçou para aprender a língua, mas o progresso foi mais lento do que desejava. Mais tarde, ela decidiu aprimorar seu italiano e juntou-se a alguns amigos para assistir a aulas particulares. Assim que todos se sentiram confiantes, decidiram exibir suas habilidades com um *show* particular para um pequeno grupo no palácio. Usando chapéus e máscaras para se fantasiar, Grace e sua turma encenaram uma versão de trinta minutos de *Pinóquio*, toda interpretada em italiano.

Outra coisa de que gostava muito, e sabia fazer bem, era o bordado. Além de adornar uma série de almofadas, chegou a fazer um colete para Rainier. Seu envolvimento com a atividade a levou a formar um clube local de bordado. Ela também apreciava pintura e colagens. Por muitos anos, teve aulas de cerâmica.

“Nunca a vi ociosa”, disse Nadia Lacoste. “Se estivéssemos tomando chá da tarde, ela tinha um tricô ou bordado nas mãos. Se tinha algum tempo livre, caminhava. Ela adorava caminhar. Costumava seguir a pequena trilha rumo ao mar e andar ao longo da costa. Ou então subia a montanha em *Roc Agel*. Como se interessava por flores e folhas desidratadas, levava uma tesoura e uma pequena sacola para colher algumas pelo caminho. Quando chegava em casa, colocava as folhas e flores bem pressionadas entre as páginas de livros. Acho que era impossível folhear qualquer livro da prateleira dela sem que caísse dele alguma flor ou folha seca.”

\*\*\*

Conforme os anos passavam e a família crescia, Grace sentia saudades de alguns dos confortos que havia conhecido na América.

Ela nunca esqueceu que era norte-americana e, por muito tempo, manteve para si e para os três filhos passaportes dos Estados Unidos, aos quais abdicariam mais tarde por razões fiscais. Ainda assim, ela sentia falta de certas modernidades e fez o que pode para recriá-las em Mônaco.

Ao mudar-se para Mônaco, por exemplo, levou uma variedade de móveis e recorreu aos serviços de um decorador norte-americano para ajudá-la a planejar e a equipar os ambientes domésticos, a cozinha, os banheiros. Assinante do *American Book of the Month Club*, recebia regularmente diversos livros – em especial, sobre história – pelo correio. Ela também tinha assinaturas da revista *Architectural Digest* e do jornal *International Herald Tribune*.

Mais do que tudo, Grace adorava os *cartoons* da revista *New Yorker*.

Acreditando sempre encontrar ali um *cartoon* sob medida para enviar a algum conhecido, a cada semana ela folheava a revista do início ao fim para ver os desenhos. Então, sentada à mesa com um sorriso amplo, recortava a revista, colocava o *cartoon* escolhido em um envelope e, feliz da vida, enviava para a pessoa em questão, em geral sem assinar.

\*\*\*

Por muitos anos, persistiu o boato de que os filmes de Grace nunca eram exibidos em Mônaco atendendo a um veto do príncipe.

“Não é verdade”, disse Rainier. “Os filmes de Grace foram mostrados aqui, nos cinemas e na televisão. Também eram exibidos no palácio. A MGM enviou a Grace algumas cópias em 16 milímetros.”

Ela apenas tomava conta desse pequeno acervo, depois de muito esforço.

Rainier lembrava: “Não foi muito gentil da parte da MGM, porque colocaram muitos empecilhos quando ela pediu os filmes. O estúdio poderia ter sido um pouco mais cooperativo. Não seria nada demais disponibilizar uma coleção dos filmes dela, mas, quando Grace solicitou as cópias, a MGM limitou-se a dizer que o pedido causaria

muitos problemas. Por fim, concordaram em liberar alguns, mas tivemos de assinar um documento nos comprometendo a não mostrá-los em público. Isso nos desencorajou um pouco, e não acho que não temos a coleção completa”.

Quando o noivado deles foi anunciado, uma das primeiras perguntas feitas a Rainier foi se Grace Kelly continuaria a fazer filmes. Ele respondeu que não. Meses antes do casamento, o príncipe falou aos jornalistas: “Grace e eu concordamos que ela deve desistir da carreira. Ela não conseguiria combinar seus deveres reais com a profissão de atriz”.

Logo depois de se casar, ela foi convidada pelo produtor Dore Schary para estrelar *Teu nome é mulher*. Grace se interessou pelo filme, mas nunca cogitou aceitar.

“Minha carreira no cinema acabou”, ela dizia quando perguntavam, embora ocasionalmente confessasse que a declaração visava a evitar confrontos com o marido em relação ao tema.

Tratava-se de um assunto delicado porque, pelo menos no início, ela realmente deixou para trás tudo o que tinha nos Estados Unidos, incluindo sua carreira. Até mesmo muitos anos mais tarde, sempre ficava feliz quando tinha a oportunidade de conversar mais longamente com alguém de Hollywood que estivesse de passagem por Mônaco.

Ela costumava entreter os filhos com histórias sobre os bastidores do cinema.

“Foi muito bom ter uma mãe atriz”, sentenciou a filha caçula Stéphanie. “Em vez de crescer com histórias de ninar bobocas, ouvia minha mãe falar sobre o que estava acontecendo nos estúdios e as últimas fofocas de Hollywood. Ela cantava e sapateava, e me contava tudo sobre seus filmes.”

## Capítulo 17

### DE PRINCESA A *PERFORMER*

“NÃO TENHO ESCAPATÓRIA”, DESABAFOU GRACE A AMIGOS. “Sempre que ganho alguns quilinhos, todo mundo acha que vou ter um bebê. Sempre que emagreço, suspeitam que finalmente estou planejando voltar ao cinema. Se vou três dias seguidos ao hospital visitar um amigo internado, logo os jornais especulam que tenho uma doença incurável. Se fico em Paris por algumas semanas acompanhando a vida escolar da minha filha, corre o boato de que meu casamento está desmoronando, que vamos nos separar. Como adultos, acabamos ignorando tudo isso. Mas é muito difícil de aceitar o constante interesse mal-intencionado sobre meus filhos.”

Na maior parte de sua vida adulta, Grace frequentou o *ranking* mundial das pessoas mais fotografadas e um dos assuntos favoritos da mídia. No entanto, com os cabelos envoltos em um lenço e de óculos escuros, ela nem sempre era reconhecida.

Uma vez, caminhando com uma amiga pela grande praça aberta em frente ao palácio, ela foi abordada por um casal de turistas norte-americanos com câmera fotográfica a tiracolo.

Eles disseram: “Olá”.

Grace e a amiga responderam: “Olá”.

Os turistas perguntaram: “De onde vocês são?”.

Grace respondeu: “Estados Unidos”.

Eles se alegraram, “Nós também!”, e estenderam a câmera para Grace. “Você poderia fazer o favor de tirar uma foto nossa?”

Ela topou.

O casal fez pose de modo que o palácio ficasse enquadrado no plano de fundo e Grace disparou a máquina.

Os turistas agradeceram e retomaram a câmera. "Tenha um bom dia", cumprimentaram. E foram embora.

Provavelmente nunca souberam a identidade da fotógrafa.

"Quando Ava Gardner pegava um táxi", Grace gostava de dizer, "o motorista sabia que ela era Ava Gardner. O mesmo valia para Lana Turner ou Elizabeth Taylor. Mas não para mim. Eu nunca sou Grace Kelly. Sou sempre alguém parecida com Grace Kelly."

Ela jurava que isso acontecia o tempo todo, como certa vez em Nova York, num táxi, quando flagrou o motorista, intrigado, observando-a pelo retrovisor.

"Sabe", ele finalmente falou através da divisória entre os bancos traseiro e dianteiro, "você se parece com a Grace Kelly."

"Pareço, é?", ela disse.

"Sim, parece mesmo", ele confirmou. "Só acho que ela é um pouco mais bonita do que você."

\*\*\*

Na maior parte de sua carreira em Hollywood, Grace conseguiu evitar a imprensa sensacionalista. Não só porque passava o mínimo do tempo possível na Califórnia, o que deve ter ajudado, mas também pela discrição com que tocava sua vida particular.

Ela não tinha, no entanto, escapado completamente ilesa.

Quando fez *Amar é sofrer*, os colunistas sociais comentaram sobre um eventual romance entre ela e o ator principal, exibindo como prova a foto de Grace e Bing Crosby em um suposto jantar romântico. O *tête-à-tête* sugerido na imagem, no entanto, era fruto da habilidade do editor da imagem, que recortou para fora do enquadramento qualquer traço da presença de Peggy, irmã de Grace, que estava sentada do outro lado de Crosby.

Não muito tempo depois, um dos jornais de fofocas de Hollywood montou uma vigia na casa de Grace e noticiou que o carro de William Holden era frequentemente visto estacionado por perto dali,

durante a noite. Só não foi dito que Holden havia emprestado seu automóvel para um dos amigos da atriz.

A responsável pelas maiores dificuldades de Grace em seus dias de Hollywood foi a colunista Hedda Hopper. Por alguma razão, pouco antes do início das filmagens de *Amar é sofrer*, a ácida jornalista telefonou para Crosby a fim de avisá-lo que sua colega era “uma devoradora de homens”.

Mais tarde, assim que Grace e Rainier anunciaram o noivado, Hopper divulgou uma nota dizendo que “metade dos amigos deles estão apostando que nunca chegarão ao altar”.

Desde a morte de Grace, muito tem sido escrito sobre seus casos amorosos. Com frequência, as fontes citadas estão mortas e as histórias, repletas de detalhes picantes, são aceitas como verdade por circularem em versão impressa e serem repetidas à exaustão.

O fato de ela ter sido apaixonada por Ray Milland, Oleg Cassini, Jean-Pierre Aumont ou qualquer outra pessoa, para começo de conversa, não muda a mulher que Grace foi. Quando ficou noiva de Rainier, ela disse a um repórter: “Eu já me apaixonei antes, mas nunca estive tão apaixonada como agora”.

Não se pode falar exatamente de notícia de interesse jornalístico o fato de uma mulher saudável, solteira e de bem com o trabalho manifestar sentimentos e desejos no vigor de seus vinte e poucos anos de idade.

\*\*\*

Quando Alfred Hitchcock mandou para Grace o roteiro de *Marnie, confissões de uma ladra* dizendo que gostaria de vê-la protagonizando o filme ao lado de Sean Connery, ela gostou da trama e quis participar. Seu casamento com Rainier já havia completado sete anos e ela começava a se sentir mais flexível em relação à ideia de reconsiderar sua aposentadoria precoce. Ainda assim, não haveria hipótese de retomar a carreira sem o assentimento do marido.

“Ela e eu conversamos sobre o assunto”, disse Rainier. Ao contrário de muitas histórias que circularam acerca do tema desde a morte de

Grace, o príncipe sempre assegurou que não se opunha à ideia. “Também conversei com Hitchcock. Grace estava muito ansiosa por voltar a entrar na agitação do cinema. Até aí eu não via nenhum problema. Então, sugeri combinar seu trabalho no filme com as férias da família. As filmagens poderiam acontecer em algum lugar na Nova Inglaterra no verão. Propus alugarmos uma casa nas proximidades e levarmos as crianças. Ela disse: ‘Se essa é a sua ideia de férias, tudo bem, mas trabalhar em um filme não é exatamente o que eu chamaria de férias.’”

Hitchcock, então, anunciou a volta de Grace aos filmes. Em pouco tempo, rumores de descontentamento começaram a chegar aos ouvidos do príncipe.

“O apelo de *Marnie* era Hitchcock”, Rainier admitiu. “Penso que ele tinha afeição por nós, e confiávamos muito nele. Grace nunca teria considerado um filme com qualquer diretor. Mas era Hitchcock. Ele detinha o controle total sobre a produção, e acredito que jamais faria ou permitiria que se fizesse qualquer coisa que, de alguma forma, pudesse menosprezar o principado ou a posição de Grace como princesa.”

E assim teria sido. No entanto, logo foi levantada a questão do cachê da princesa. Os jornais espalharam pela Europa que Grace só aceitara voltar ao cinema porque sua família estava falida, precisando de dinheiro.

Em resposta, Grace anunciou que todo o seu cachê seria direcionado para um fundo de assistência a crianças carentes.

Foi a vez, então, de a MGM entrar em cena, alegando que o contrato da atriz com o estúdio ainda vigorava.

Os jornais franceses também passaram a criticar Grace, acusando-a de forjar sua volta ao cinema apenas para irritar Charles De Gaulle – vale lembrar que era 1962, e Rainier travava uma intensa disputa fiscal com o presidente da França. A imprensa sugeria que aquilo era uma demonstração de força de Grace, para enfatizar a De Gaulle que Mônaco faria o que quisesse.

Em seguida veio uma carta do papa João XXIII, com um pedido pessoal para Grace, como princesa católica, não participar do filme.

Finalmente, os monegascos se juntaram à onda de descontentamento e pediram ao príncipe que encerrasse a questão.

Nadia Lacoste viu-se atolada até os joelhos num lamaçal de críticas da imprensa ao projeto de retorno de Grace ao cinema. “O príncipe não conseguia entender o porquê de uma reação pública tão desfavorável. Eu lhe disse que ser atriz é uma profissão e que, talvez, ser princesa de Mônaco também fosse uma profissão, mas de um tipo completamente diferente. Perguntei como ele iria enxergá-la nos cartazes do filme: como Grace Kelly, como princesa Grace ou como Grace Grimaldi? Fiquei com a sensação de que ele não tinha pensado nisso.”

Nadia sentiu a necessidade de fazê-lo entender que todos, obviamente, cobriam que ela fosse a princesa Grace. “O príncipe olhou para mim e disse: ‘Você é muito antiquada’. E ressaltou que o rei Alberto da Bélgica costumava escalar montanhas. Eu ressalté que escalar montanhas é um esporte, mas fazer filmes é um negócio. Acho que ele não percebeu essas implicações até parar para refletir sobre o que os cartazes de divulgação do filme provavelmente diriam.”

Mais tarde, com o benefício da retrospectiva, Rainier não acreditava que aquilo pudesse se configurar um problema. “Se eles teriam divulgado o filme sendo estrelado pela princesa Grace ou por Grace Kelly? Acho que teria sido como Grace Kelly, pois esse era o nome com o qual ela sempre havia trabalhado.”

Ao final, tal questão nem chegou a ser discutida. A opinião pública venceu e Grace desistiu de fazer o filme.

“Devo dizer”, Rainier continuou, “que ela tomou a decisão sem qualquer influência minha. Pensei que seria uma grande diversão para todos nós, especialmente para as crianças. E eu sabia que ela queria fazer mais filmes. Também significaria trabalhar novamente com Hitchcock, que ela adorava. Enfim...”

O príncipe garantiu que ela aceitou o revés com relutância. “Sim, ela sentia falta de atuar. Muito. Principalmente no palco, não no cinema. É por isso que ela enveredou pelas leituras de poesia. Era uma chance de atuar sem atrair muitas críticas, ainda que existam

peessoas idiotas a ponto de terem criticado o fato de ela ler poesia em público. Para certo tipo de gente, nada do que você faz é certo.”

Algum tempo depois do incidente com *Marnie*, Grace e Rainier estiveram em Hollywood. Toda a família visitou um *set* de filmagem. Depois disso, ela confessou a amigos que praticamente havia desistido de qualquer ambição de fazer outro filme.

“Está tudo muito mudado”, explicou. “Eu não poderia trabalhar assim.”

Dois anos mais tarde, no entanto, Rainier a incentivou a participar de um documentário da Unicef sobre o problema da dependência de drogas.

Em 1970, ela entrou em cena no último minuto, a pedido de um adoentado Noel Coward, como anfitriã de um grande evento beneficente realizado no Royal Festival Hall, em Londres.

Na sequência, em 1973, Grace fez uma aparição na televisão britânica, em um programa chamado *The glories of Christmas*.

Tudo isso foi muito divertido e não gerou polêmicas em Mônaco. No fundo, porém, ela sabia que nada daquilo era realmente *show business*. Essa foi uma das razões pelas quais Grace aceitou, em julho de 1976, uma cadeira no conselho do estúdio da Twentieth Century Fox.

Grace passava a maior parte do ano em Paris, para acompanhar de perto a vida escolar de Stéphanie. A capital francesa tinha reacendido o interesse pelas bênçãos culturais que só uma cidade sofisticada pode oferecer, embora ela confessasse a alguns amigos que estava ansiosa para Stéphanie terminar a escola, para poder voltar a Mônaco. “Não sou tão apaixonada por Paris como costumava ser. Estou sozinha aqui. Acho que, de coração, sou uma garota de cidade pequena.”

Como se podia esperar, surgiram outras propostas para trabalhar no cinema.

O retorno de Grace Kelly às telas provavelmente renderia as maiores bilheterias da década, e ela poderia reivindicar cachês altíssimos. Mas a confusão em torno de *Marnie* tinha fechado as portas para qualquer esperança.

Foi um momento de intenso conflito para ela.

“Atuar em um filme outra vez poderia passar pela cabeça dela”, comentou Nadia Lacoste, “mas ela tinha outras prioridades. Não se esqueça, ela é de um período anterior ao movimento feminista, de antes de as mulheres quererem provar que podiam fazer coisas que só eram permitidas aos homens. Em sua mente, ela era princesa de Mônaco e mãe de três filhos, e esse era o seu trabalho. Uma vez, perguntei se tinha sido muito difícil desistir de Hollywood. Afinal de contas, ela parou no auge. Mas ela disse que não. Respondeu de forma muito clara: ‘Para mim, o casamento sempre foi mais importante do que minha carreira’. Claro, havia momentos em que pensava nos velhos tempos e talvez até sentisse saudade de fazer filmes. Ela adorava falar sobre cinema, sobre quem poderia interpretar esse ou aquele papel. Mas nunca a ouvi dizer que se arrependia de não trabalhar mais nos filmes. Nunca senti isso.”

Aos poucos, o pensamento de Grace começou a mudar. As imagens em movimento eram uma coisa. O palco, outra. Havia menos visibilidade. O teatro também estava mais de acordo com a legítima tradição e arte de atuar.

Rainier deu apoio à ideia e concordou que, se encontrasse um espetáculo adequado, Grace teria sinal verde para participar. No entanto, qualquer coisa que ela quisesse fazer teria de ser cuidadosamente avaliada e apresentada, de forma a se mostrar compatível com sua imagem de princesa de Mônaco.

O bicentenário da independência dos Estados Unidos, em 1976, veio em seu socorro.

Houve comemorações em todo o mundo, inclusive no Reino Unido. Uma delas consistia em uma série especial de *performances* teatrais e *shows* musicais norte-americanos como parte da programação do prestigiado Festival de Edimburgo.

Atento ao acontecimento, John Carroll, que por anos foi responsável pela programação de recitais de poesia para o festival, roteirizou uma seleção de poemas sob o tema “An American Heritage”. Para ele, porém, o ideal era que vozes norte-americanas interpretassem os textos. Um velho amigo sugeriu que a princesa Grace gostaria de participar.

Carroll encontrou-se então com a princesa em Paris. “Fui almoçar com ela e nos demos muito bem. Ela adorou a ideia, mas disse que teria que discutir o assunto com o príncipe. Dez dias depois, telefonou para me dizer que estava tudo certo.”

A coletânea de poemas incluía obras de Longfellow, Whitman, Frost, Thoreau e Dickinson, além de “Wild Peaches”, de Elinor Wylie.

Grace chegou em Edimburgo três dias antes da primeira apresentação, para ensaiar. “Provavelmente, vou estar com os nervos à flor da pele”, disse a Carroll.

Ele confidenciou: “Estava um pouco preocupado que ela se rebelasse com minha direção. Mas ela era bastante complacente. Quando escolhi ‘Wild Peaches’, senti que deveria ser lido com sotaque sulista, mas tinha dúvidas se poderia pedir a Grace para interpretar dessa maneira. Depois que passamos o texto pela primeira vez, ela se virou para mim e perguntou: ‘Eu não deveria fazer um sotaque do sul?’. Foi uma amostra da grande artista que ela era”.

As participações de Grace foram memoráveis.

Na sequência, Carroll sugeriu que ela se apresentasse em Stratford-upon-Avon, no Shakespeare Festival, a ser realizado no verão de 1977.

Com a concordância dela, ele montou um espetáculo chamado *A remembrance of Shakespeare*.

Carroll encenou a peça na igreja Holy Trinity, onde se supõe que o Bardo esteja enterrado.

“Precisávamos fazer um ensaio completo”, lembrou Carroll, “e por isso a igreja foi fechada na noite da véspera da apresentação. Grace chegou carregando uma linda rosa de haste comprida. Em um gesto típico dela, havia trazido a flor para colocar no túmulo de Shakespeare.”

A enorme publicidade gerada por essa aparição foi seguida por um convite para narrar o filme *The children of theatre*, um documentário sobre a Escola de Ballet Kirov, de Leningrado. Grace não só fez a locução como participou das pré-estreias com renda revertida para instituições filantrópicas em Nova York, Lausanne e Paris.

Em seguida, veio sua primeira turnê de recitais de poesia pelos Estados Unidos.

O Fórum Internacional de Poesia Americana, em Pitsburgo, a requisitou para produzir algo na linha de "An American Heritage" dentro da programação de verão de 1978. Ela perguntou a opinião de Carroll.

Ele concebeu um roteiro com poesia e prosa em torno do tema animais, intitulando-o "Pássaros, Animais e Flores".

De Pitsburgo, onde triunfaram na abertura do fórum, eles voaram para Mineápolis, Filadélfia, Washington, Princeton e Harvard.

Quando Grace voltou para a Europa, encontrou uma chuva de novos convites.

Em 1978, ela se apresentou no Festival de Aldeburgo, em East Suffolk, na Inglaterra, e em um jantar de caridade realizado no Palácio St. James, em Londres, com a rainha-mãe na plateia.

Em ocasiões que, segundo John Carroll, eram "um compromisso entre sua antiga carreira e a dignidade de sua posição", em 1979 Grace fez apresentações no Colégio Trinity, como parte do Festival de Dublin, e outra vez em Londres, tanto na Academia Real de Artes quanto no Teatro Lírico em Hammersmith, participando de um programa chamado *The muses combined* – uma série de leituras sobre as artes da pintura e da escultura.

Seguiram-se ainda aparições no Tatton Hall, em Cheshire, e no Teatro Inglês de Viena.

"Grace falava um pouco de alemão", recordou Carroll. "Ela aprendeu com a mãe. Quando me contou isso, adicionamos às leituras alguns curtos versos de poetas austríacos referentes à magia de Viena. Grace recitou-os em alemão no final da apresentação e a casa veio abaixo."

O sucesso gerava novos convites.

A segunda turnê nos Estados Unidos foi marcada para o final do verão de 1980. Grace voltou a Pitsburgo para fazer a leitura de Shakespeare e, em seguida, apresentar um novo recital criado por Carroll, chamado *Evocations*, em Detroit, Dallas, Nashville e Baltimore. A excitação causada por sua presença era tamanha que, segundo um jornal de Dallas, havia mais milionários na plateia da

noite de estreia do que jamais havia sido visto em um único lugar na cidade.

Entre um e outro recital de poesia, Grace produziu, em coautoria com um escritor britânico, um livro sobre arranjos florais. Como todo autor de *best-sellers*, assim que *A garden of flowers* foi publicado, ela embarcou em uma turnê de divulgação, concedendo inúmeras entrevistas para jornais e revistas, participando de programas de rádio ao vivo pela primeira vez em muitos anos e até em atrações televisivas selecionadas a dedo, cujos apresentadores eram previamente solicitados a não se desviar do assunto central do livro.

A obra alcançou um enorme sucesso de venda e a parte dos direitos autorais correspondentes a Grace reforçou o caixa de instituições de caridade, como a Cruz Vermelha de Mônaco.

Em conexão com a filantropia, ela se dedicou a fazer um filme caseiro intitulado *Rearranged*, no qual escreveu o roteiro, supervisionou a direção e atuou. Filmado em locações em Mônaco, a produção reunia todos os amigos da princesa. Há até uma breve participação de seu marido fazendo arranjos florais.

Como o projeto nunca almejou nada além de ser uma forma divertida de arrecadar recursos para o Clube de Jardinagem de Mônaco, foram programadas apenas algumas exhibições do filme. Logo surgiram ofertas de compra dos direitos da produção para uso comercial e exibição pública – chegaram a propor 6 milhões de dólares. Rainier, no entanto, considerou o risco de o filme ser reeditado a ponto de se transformar em algo completamente alheio a seu objetivo inicial. E as fitas acabaram trancadas em um cofre do palácio, que é onde vão ficar para sempre, segundo a vontade do príncipe.

Em 1981, Grace estava de volta à Inglaterra para um recital de poesia na Royal Opera, em Covent Garden. A apresentação seguinte foi realizada no Goldsmiths' Hall, na cidade londrina – ocasião em que a princesa de Mônaco dividiu os holofotes com uma jovem chamada Diana Spencer.

O príncipe Charles tinha acabado de anunciar seu noivado e aquela era a primeira aparição pública ao lado de Diana.

Diana apareceu em um decotado vestido de noite preto, que destacava demais seu colo. Os fotógrafos adoraram, o que só serviu para a naturalmente tímida jovem de dezenove anos fechar-se em uma concha. Grace notou o desconforto de Diana e imediatamente foi prestar apoio.

Carroll recordou o episódio: “Grace foi muito maternal com a futura princesa de Gales. Diana estava muito nervosa. Era sua primeira aparição pública depois da sessão de fotos para a imprensa no jardim do Palácio de Buckingham, quando o noivado foi anunciado. Para quem não se lembra, ela estava um pouco mais rechonchuda na época. O vestido preto bem decotado causou grande polêmica. Diana era extremamente tímida e Grace entendeu o que ela estava passando. E ficou ali, ao lado, sussurando coisas para Diana. Grace agiu exatamente como uma mãe”.

Em março de 1982, Grace participou do Festival de Chichester e foi para a Filadélfia, onde foi homenageada com o Grace Kelly Film Festival, que se estendeu por quatro dias.

Em colaboração com a Congregação Católica Romana de Santa Cruz, em Nova York, Grace concordou em ser a apresentadora de uma série de três programas de televisão de meia hora. *The last seven words*, *The nativity* e *The greatest mystery* tinham sido filmados em locações no Vaticano, na Catedral de St. Patrick, em Nova York, e na Catedral de Chichester, na Inglaterra. Os produtores convidaram vários cantores, de Plácido Domingo a Petula Clark, para interpretar canções ao lado de corais, além de atores shakespearianos britânicos para dramatizarem passagens bíblicas.

“Grace se sentia totalmente confortável com a religião”, Rainier afirmou. “Era católica praticante e tinha uma fé pura e muito forte. Certamente era mais rigorosa do que eu. Se estivéssemos viajando longe de casa, ela insistia para encontrar uma igreja na qual pudéssemos assistir à missa no domingo. Se estivesse sozinho, talvez eu não me incomodasse, mas ela fazia questão. Acho que era seu lado irlandês.”

Convencida de que as leituras de poesia eram a melhor forma de se aproximar outra vez da atividade de atriz, Grace agendou mais aparições em meio a seus deveres oficiais em Mônaco.

Uma noite, ao jantar em um pequeno restaurante no sul da França, no início de setembro de 1982, Grace segredou a Mary Wells Lawrence: “Estou com muitas expectativas para este ano. Estou entrando em um novo período da minha vida. Os filhos estão crescidos, Monte Carlo vai bem, tudo é fantástico. Minhas responsabilidades mudaram e finalmente posso fazer muitas das coisas que realmente quero. Estou animada com o futuro. Agora é a minha vez”.

Mary acrescentou: “Ela disse que queria atuar mais. Disse que queria pintar mais. Que tinha todo o tipo de projeto em diferentes áreas. Eram projetos criativos e pessoais, que ela enfim ia realizar, depois de ter sido mãe, de ter educado os filhos e de ter representado uma imagem para Mônaco. Olhei para ela falando todas essas coisas e pensei em silêncio: ‘Você nunca esteve tão linda como neste minuto’”.

Uma semana depois, Grace estava morta.

## **Meio-dia**

*Cada parquímetro em Monte Carlo está acionado.*

No verão, a praia ao longo da Avenida Princesa Grace está repleta de pessoas tomando sol, deitadas em colchões infláveis, enormes toalhas com monograma ou extravagantes espreguiçadeiras alugadas por hora a preços exorbitantes.

Rapazes de abdome chapado e correntes de ouro em volta do pescoço bebem *pastis* e jogam gamão.

Jovens mulheres bebem Vichy e, com as partes de cima de seus biquínis displicentemente deixadas de lado, espalham óleo pelo corpo, enquanto gotículas de suor escorrem por entre os seios bronzeados.

Crianças sentam-se à beira da água e veem o fluxo suave do mar cobrir a pilha de pedras lisas que usaram para construir um castelinho, já que não há areia.

Um helicóptero decola do aeroporto de Nice.

No extremo leste do principado, o exclusivíssimo Monte Carlo Beach Club parece ter saído da Hollywood da década de 1930, com suas fileiras de cabanas em tom rosado cobertas por toldos listrados de verde e branco. Uma antiquada biruta presa no topo de um poste alto orienta o piloto do barco cheio de praticantes de *parasailing*, apontando a direção do vento.

Há um pequeno píer de madeira que se projeta da praia pedregosa para o mar plácido como um lago. Bem mais adiante, duas docas flutuantes garantem que, se você conseguir nadar tão longe, terá um lugar para descansar, tomar um banho de sol ou simplesmente desabar fora da água.

Um garçom arruma as mesas externas do Café de Paris.

De frente para o porto, no terraço abaixo do Hotel de Paris, onde a piscina é mantida o ano todo à temperatura de 28 °C, senhores de idade barrigudos, com Rolex Oysters de ouro nos pulsos e imaculados roupões brancos, caminham descalços rumo ao bar para pedir outra taça de champanhe, mais um Kir Royal com salada *niçoise* para suas acompanhantes já não tão jovens, em seus estilosos maiôs e com os correspondentes Rolex Oysters de ouro descansando na espreguiçadeira ao lado.

Dobrando a esquina da estação de trem, um homem começa a ajeitar cestas cheias de pêssegos, pimentões verdes, cebolas e alface na pequena mercearia, preparando-se para fechar o estabelecimento e fazer sua sesta de três horas.

No inverno, a praia é frequentada apenas por tipos verdadeiramente saudáveis, que mergulham todos os dias, não importa o clima. O Monte Carlo Beach Club fecha. Mas o Health Club fica aberto o ano todo, e quem conhece alguém que aluga uma das saunas privadas do local pode até usá-la para se reunir com o (ou a) amante em uma, digamos assim, prazerosa matinê.

Dependendo do restaurante, um melão-cantalupo de 4 dólares acompanhado por uma fina fatia de presunto Parma e servido em um recipiente de porcelana pode custar mais de 35 dólares.

Em um dos maiores iates da marina, garçons chineses preparam um bufê para o proprietário e seus convidados, que vão embarcar em breve para um cruzeiro de duas horas para qualquer lugar,

consumindo 15 mil dólares em combustível. No evento, homens vestidos com calças brancas e camisas azuis irão falar de negócios, enquanto as mulheres com seus trajes de verão discutem o preço dos sapatos.

Um arquiteto fica debruçado sobre sua prancheta tentando desesperadamente terminar o projeto de um pequeno prédio, encravado entre outros, cujos minúsculos estúdios serão vendidos por centenas de milhares de dólares, ainda que você tenha de se inclinar sobre a varanda e ficar na ponta dos pés para ter um vislumbre do mar.

A menos de cem metros de distância, aparece uma senhora em Beausoleil, do outro lado da linha Monte Carlo, já na França. Sempre vestida de preto, ela vive em uma casa estreita de dois andares, com vista deslumbrante para o mar. Primeiro, ela fecha suas persianas verdes para se proteger do sol da tarde. Depois, embrenha-se em direção à porta dos fundos pela cozinha com piso de linóleo polido, arrastando os pés sobre um pano para não comprometer o brilho do chão.

Lá fora, em um canto de seu quintal estreito, há um galinheiro. Ela se abaixa para recolher um ovo e o leva de volta para o fogão, até uma panela velha na qual será fervido para o almoço.

Em Mônaco, em qualquer dia – entre saladas *niçoise*, omeletes, quiches, suflês, pudins, tortas e doces –, mais de 2.500 dúzias de ovos são quebradas e cozidas ao meio-dia.

## *Capítulo 18*

### ANTES DO FIM DO RISO

UMA NOITE, QUANDO SEUS FILHOS ERAM PEQUENOS, Grace e Rainier saíram, deixando a babá Maureen King no comando. Sendo Maureen quem era, decidiu pregar uma peça no casal. Pegou uma camisola de Grace e um pijama de Rainier e os recheou de travesseiros.

Então, ajeitou os bonecos improvisados na cama: o travesseiro de camisola como se estivesse lendo uma revista; o travesseiro de pijama olhando para uma foto de Brigitte Bardot. Para completar a cena, ela desligou quase todas as luzes pelo caminho, para que, pelo menos na penumbra, parecesse que realmente havia duas pessoas na cama.

Como Grace tinha acabado de adquirir um cãozinho ainda não domesticado, Maureen teve a ideia, ainda, de espalhar algumas reproduções plásticas de cocô de cachorro ao redor do quarto. E foi se deitar.

Quando Grace e Rainier chegaram ao quarto, só se ouviram gritos de susto pela casa.

Maureen repetiu a piada alguns anos mais tarde, quando Caroline já tinha idade para ser sua cúmplice. As duas rechearam uma camisa e uma calça de modo a moldar um corpo. Em seguida, saíram do palácio e esconderam o boneco sob alguns arbustos.

As duas acharam aquilo muito divertido. Infelizmente, os guardas de segurança que descobriram o “dublê” não viram graça nenhuma.

“Eles não gostaram da brincadeira”, lembraria Maureen muito claramente.

Nem sempre a animada babá e sua habitual parceira nas tramoias, Phyllis Blum, secretária de Grace, escaparam ilesas.

Certa vez, acompanhando a família na temporada de esqui, elas dividiram um quarto, cuja janela ficava aberta para permitir a circulação de ar enquanto dormiam. Elas mal tinham pegado no sono quando o ataque começou.

Do lado de fora, Grace e Rainier atiravam bolas de neve que as atingiram em cheio, na cama quentinha.

Em outra temporada de esqui, Rainier flagrou o pianista do hotel sorrindo para Phyllis. O príncipe brincou com ela, insistindo que havia ali um romance em andamento. Ela garantiu que não havia nenhum interesse. Já de volta a Mônaco, Phyllis foi surpreendida ao receber flores do pianista, seguidas depois por bilhetes com juras de amor eterno e ternura.

Ela não sabia mais como lidar com a insistência do pianista – até descobrir que Rainier estava por trás de tudo.

\*\*\*

Grace e Rainier tinham sido convidados para um jantar com amigos, que estenderam o convite para Phyllis. Em cima da hora, porém, a anfitriã reparou que havia mulheres demais à mesa.

Com todo o cuidado, ela telefonou para Phyllis a fim de explicar a situação, esperando que não se importasse em ser desconvidada.

Mas Phyllis, incentivada pela babá Maureen King, sugeriu outra ideia.

Ela compareceu ao jantar vestida como homem.

Usando peruca e um terno emprestado, ela também ostentava barba postiça e óculos escuros. A anfitriã apresentou Phyllis a todos como um famoso pianista polonês, que pela primeira vez visitava a Europa ocidental.

Na hora de cumprimentar a princesa Grace, Phyllis inclinou-se galantemente.

Grace disse que era um enorme prazer conhecê-lo.

O famoso pianista polonês permaneceu em silêncio, e de imediato a princesa foi informada de que ele não falava inglês.

A certa altura, antes do jantar, Rainier comentou reservadamente com alguém que o pianista lhe parecia “um pouco afeminado”.

“Bem, você sabe como é esse pessoal da música...”, despistou seu interlocutor.

Durante o jantar, Grace viu-se sentada ao lado do famoso pianista polonês e, sendo educada, tentou descobrir quais idiomas ele falava.

A anfitriã teve de improvisar: “Apenas polonês e alemão”.

Resposta errada. Grace perguntou em alemão se o músico havia apreciado a sopa.

Como ele continuou mudo, Grace supostamente murmurou: “Talvez ele não goste de sopa”.

Mas não desistiu, e continuou tentando puxar conversa com ele em alemão.

O pianista polonês seguia inabalável.

Exasperada, Grace finalmente voltou-se para a anfitriã e sussurrou: “Quem é essa pessoa?”.

A dona da casa desatou a rir e confessou toda a farsa.

Mas ninguém gargalhou mais do que Grace e Rainier.

\*\*\*

Algo que sempre intrigou Caroline na maneira como as publicações descreviam sua família era a omissão quanto ao aspecto do humor.

“Nunca nos mostraram rindo”, disse ela, “coisa que sempre fizemos muito. Minha mãe tinha um fantástico senso de humor, assim como meu pai. Ninguém escreve sobre isso. A hora da refeição era o momento de brincarmos um com a cara do outro. Meus pais se asseguravam de fazermos pelo menos uma refeição juntos, em família, por dia. Quando isso acontecia, nós ríamos muito.”

Ao longo de suas vidas, Grace e Rainier exibiram seu humor de maneiras distintas.

Rainier gostava de piadas, e muitas vezes as contava – quanto mais pesadas, melhor. Mas também tinha um senso natural de ironia.

Em uma visita a Houston, Texas, ele foi levado a um jogo de futebol americano no Astrodome, então um moderníssimo estádio coberto e climatizado com capacidade para mais de 50 mil pessoas.

Enquanto admirava aquela façanha da engenharia, seu anfitrião perguntou: “Gostaria de ter um desses em Mônaco?”.

Sem pestanejar, Rainier respondeu: “Seria maravilhoso. Seríamos o único país *indoor* do mundo”.

Por sua vez, Grace era espirituosa, como demonstrou na vez em que bolou dar uma festa de aniversário para o seu cachorro de estimação.

“Eu tinha, talvez, onze anos”, lembrou Caroline. “Acho que vieram dez ou onze cachorros. Não eram nossos, é claro, mas moravam no bairro – sabe como é, eram os amigos do nosso cão. Já que era uma festa de aniversário, quisemos fazer direito, com chapéus de festa para os cães e toalha de papel no gramado. Também organizamos jogos para eles e demos ossos como prêmio aos vencedores. Havia biscoitos caninos, guloseimas para eles levarem para casa e até bolo de aniversário com velinhas. Eles adoraram. Quem não gosta de uma festa de aniversário?”

\*\*\*

Grace e Rainier certamente gostavam. Em outubro de 1971, o casal voou para o Irã como convidados do xá para a maior festa de aniversário de todos os tempos – as celebrações pelo 2.500º aniversário da monarquia persa.

O evento teve custos estimados entre 100 milhões e 1 bilhão de dólares.

Depois de se reunirem em Teerã e rumarem para Shiraz, o xá, sua imperatriz Farah e seiscentos convidados – incluindo 37 chefes de Estado e representantes de 69 nações – embarcaram em um comboio blindado até Persépolis, a capital cerimonial do antigo império persa. A noite de festa foi realizada em uma enorme tenda de banquete montada no centro de uma espetacular aldeia de lona, que havia sido erguida no meio do deserto especialmente para a ocasião.

A preparação do jantar envolveu 180 *chefs* do Maxim's, de Paris, do Hotel de Paris, de Monte Carlo, e do Palace Hotel, de St. Moritz. A primeira entrada foi composta de ovos de codorna recheados com caviar dourado imperial, acompanhados de champanhe e Château de Saran. Na sequência, *mousse* de caudas de lagostim com um Haut-Brion Blanc 1964. Depois, lombo de cordeiro assado com trufas, harmonizado com Château Lafite Rothschild 1945, seguido por *sorbet* de Moët et Chandon 1911. Os garçons desfilaram, então, bandejas de prata com cinquenta pavões, adornadas com as penas da cauda das aves, e codornas assadas. Como guarnição, salada de nozes e trufas e, para beber, Comte de Vogue Musigny 1945. Figs frescos com creme de leite, framboesas e vinho do Porto vieram em seguida. Na conclusão, Dom Pérignon 1959, café e conhaque Prince Eugène.

A única substituição no *menu* foi para o próprio xá: corações de alcachofra no lugar de caviar, de que não gostava.

Com tantas personalidades reunidas pela primeira vez em um só lugar, os hóspedes do xá tiveram a oportunidade de observar gente muito importante portando-se de maneira excepcionalmente informal.

A certa altura, ao ver alguém que queria conhecer pessoalmente, Grace foi até a pessoa e se apresentou: "Boa noite, eu sou Grace de Mônaco".

O tom descontraído da festa era tamanho que o homem simplesmente estendeu a mão e devolveu: "Boa noite, eu sou Tito".

Grace e Rainier foram dois dos 94 convidados sentados à extensa mesa em zigue-zague comandada pelo xá. Rainier ficou ao lado do duque de Edimburgo, enquanto Grace sentou-se ao lado de um premiê do bloco comunista, puxando uma amigável conversa em francês e alemão durante o jantar. No entanto, depois da sobremesa, quando o homem acendeu um charuto e inadvertidamente soltou uma baforada azulada em sua direção, Grace espirrou.

O espirro foi tão potente que alguns botões da parte de trás do seu vestido Givenchy se soltaram.

O vestido se abriu.

Horrorizada, a dama de companhia correu em socorro da princesa. O príncipe também.

Tarde demais para ambos.

Nenhum deles pôde fazer nada além de ficar de pé, impotentes, enquanto Grace – dando-se conta de que o incidente com sua vestimenta depois de um banquete como aquele era a conclusão perfeita para uma noite perfeita –, imediatamente se contorcia num ataque de risos.

\*\*\*

No verão de 1981, a família embarcou em um cruzeiro no navio francês *Mermoz*. Stéphanie não havia se juntado a eles porque estava num acampamento de verão, nos Estados Unidos. Na companhia de alguns velhos amigos, Grace, Rainier, Caroline e Albert navegaram pela costa da Noruega até o Cabo Norte para admirar o que restava do sol da meia-noite de final de verão.

Normalmente, a programação de lazer do *Mermoz* previa um baile à fantasia. Grace e Rainier, vestidos de piratas, roubaram a cena.

Algumas noites depois, o mágico do navio se apresentou.

Sem o conhecimento dos pais, Caroline havia ensaiado um número com o mágico. Naquela noite, quando ele anunciou que faria seu *grand finale*, pediu a participação de uma voluntária e arrancou Caroline da plateia.

Grace e Rainier respiraram fundo.

Caroline deitou-se em uma caixa, que o mágico transpassou com vários facões.

Os pais da garota quase entraram em estado de choque.

Depois de fazer uma observação mencionando que o truque às vezes dava errado, o mago prosseguiu serrando Caroline pela metade.

Para grande alívio de todos, ele conseguiu “colar” as duas metades novamente.

Rainier disse que percebeu imediatamente a armação da filha e do mágico. “Eu só fiquei torcendo para que ela fizesse tudo o que tinham combinado, na hora certa.”

Caroline e seus pais riram por muitos anos, quando lembravam daquela noite. "Foi muito engraçado."

Mas quando Grace morreu, pelo menos por um tempo, o riso parou.

## *Capítulo 19*

### TRABALHO EM EQUIPE

COMO EM TODA BOA EQUIPE, ENTRE GRACE E RAINIER havia uma nítida divisão de responsabilidades.

Grace nunca se preocupou com os assuntos de Estado, política ou governo, mas lidava com tudo o que se relacionasse a artes, vida social, funcionamento do palácio e assuntos da esfera das chamadas relações humanas.

Rainier muitas vezes conversava com ela sobre algumas questões oficiais. No entanto, a própria Grace comentou com sua assessora de imprensa, Nadia Lacoste, que, quando isso acontecia, era como se o príncipe apenas estivesse pensando em voz alta.

“Eu nunca dou conselhos, a menos que ele peça”, dizia a princesa.

Não que, necessariamente, ela escondesse suas opiniões.

A modalidade do tiro ao pombo havia sido introduzida em Monte Carlo no século XIX. Quando Grace mudou-se para Mônaco e soube que as aves eram abatidas por esporte, pediu ao marido para abolir a prática. E foi o que ele fez.

Mais tarde, quando ocorreu a construção do novo centro de convenções, surgiu a questão de dar um nome ao complexo. Ela propôs que a obra fosse batizada com o nome de Rainier.

“Esse tipo de coisa não tem importância para mim”, retrucou o príncipe.

Grace se manteve irredutível e, ao final, venceu a disputa.

Mas não foi nada fácil, dada a aversão de Rainier à autopromoção.

Desde a primeira vez que visitou Mônaco, em 1965, John Lehman, primo de Grace, foi testemunha de como funcionava a parceria dela

com o príncipe. “Naquela época, Mônaco parecia uma filial da Central Casting<sup>2</sup>, cheia de princesas russas viúvas e reis balcânicos destronados. Era um maçante e pomposo ponto de encontro de milionários europeus e aristocratas decadentes. Mas dava para ver as mudanças em andamento. Rainier estava determinado a trazer Mônaco para o século XX preservando certa dignidade. Ele não se via como o príncipe dos milionários. Queria movimentar a economia para gerar empregos e criar um ambiente mais saudável para as pessoas. Foi sua realização mais notável. Grace e Rainier fizeram isso juntos. Formavam o casal mais complementar que já vi. Eram personalidades muito diferentes, mas não havia como separá-los. A visão de Rainier para Mônaco era a força condutora. Ele claramente dava as cartas. Mas ela estava longe de ser uma figura frágil quando se tratava de defender seus pontos de vista.”

Outra pessoa que observou a parceria de perto foi o velho amigo libanês de Rainier, Khalil el Khoury. “Em um pequeno grupo de amigos íntimos, podia-se perceber bem como Grace e Rainier se davam bem. Ele era 100% latino e ela 100% norte-americana, mas, apesar das diferenças culturais e de criação, funcionavam como uma equipe. Só quando obrigados a se mostrarem em público, eles, algumas vezes, mostravam sinais de tensão. Especialmente o príncipe. Ela fez com que ele tivesse mais contato com as pessoas do que seria sua tendência natural. Mas, em sua maioria, os casais são assim. Um muda o outro. Ele ficou mais sociável. Ela o fez perceber as virtudes de relações públicas. O mundo estava fascinado com a imagem de Mônaco e de sua família. Ele entendeu a importância disso e correspondeu à altura. Eu não diria que ele amou cada minuto dessa exposição, pois era um tipo de homem que prefere conhecer pessoas cara a cara. Tinha uma abordagem mais reservada em relação à vida e às pessoas. Mas fez aquilo porque era bom para Mônaco.”

A parceria entre Grace e Rainier rejuvenesceu a orquestra de Monte Carlo, atraindo para tocar lá artistas de categoria mundial. Incentivou a revitalização dos hotéis da SBM. Construiu um complexo complementar para o hospital. Patrocinou corridas, *rallies* e regatas. Supervisionou grandes melhorias nos serviços públicos.

Defendeu a construção do novo campo de golfe em Mont Agel. Construiu a piscina pública no porto.

O casal viajou muito, fazendo aparições públicas em diversos lugares – isso ajudava a atrair turistas para Mônaco. Grace e Rainier trabalharam bastante para criar uma imagem pública para si e para o principado. Mas, para chegar ao auge desse processo, Grace foi decisiva com seu poder máximo de atração. Ela era a magia.

Seu talento foi entender como divulgar Mônaco para o mundo sem jamais dar a impressão de que estava vendendo alguma coisa.

Foi Grace que trouxe torneios de tênis de celebridades para Mônaco, convenceu a televisão norte-americana a gravar espetáculos no principado, atraiu nomes importantes para os bailes de gala semanais, convocou grandes estrelas da música erudita, da ópera e do balé. Escritores, artistas, cientistas, políticos – celebridades de todos os campos vinham para Mônaco graças ao esforço de Grace.

Ela transformou Mônaco outra vez em um lugar onde gente famosa queria ser vista. E, por consequência, atraiu as pessoas que queriam ver.

Houve momentos em que se podia andar na rua e dar de cara com várias personalidades internacionais.

Como Henry Kissinger.

Rainier comentou: “Ele ficou conosco uma vez no palácio. Era muito professoral. Você fazia uma pergunta simples e ele respondia em tom de curso universitário”.

Ou o doutor Albert Schweitzer.

“Ele deu uma palestra aqui”, disse Rainier, “e o principado doou uma sala de cirurgia totalmente equipada para o seu hospital. Achei a postura dele muito nobre. Não acho que tenham dito ou escrito o suficiente sobre ele. Talvez ele tenha sido até um pouco esquecido. Isso é muito ruim. Ele deu um grande exemplo, ainda mais porque o que fez não tinha ressonância política. Ele estava muito acima disso. Era pura bondade humana e preocupação com as pessoas, sem demais considerações.”

Cary Grant foi outro frequentador habitual de Mônaco.

Tão bonito como sempre, alto, bronzeado e com os cabelos brancos como a neve, ele sempre se hospedava em um dos quartos do palácio. Grant retornou ano após ano, na qualidade de juiz do Festival de Circo, conferindo a esse evento um toque extra de sofisticação.

Frank Sinatra, é claro, sempre marcava presença.

Às vezes, ficava só por uma semana, mas havia anos em que permanecia por um mês. Ocupava a grande suíte no oitavo andar do Hotel de Paris, jogava tênis no Country Club, ia ao clube de praia e frequentava alguns dos restaurantes mais conhecidos. Sua figura era mais visível, porém, à noite, quando reunia sua corte no bar do hotel – sempre que Sinatra estava por lá, o faturamento do estabelecimento crescia.

Outro assíduo de Mônaco foi Winston Churchill, que já tinha visitado o principado várias vezes antes da guerra. Depois da rendição alemã, Churchill voltou a frequentar o lugar e, a partir de então e até o final da vida, passou várias temporadas de dez semanas no Hotel de Paris.

Rainier disse que chegou a conhecer Churchill muito bem. “Mas não tenho certeza se muitos conseguiram conhecê-lo em profundidade. Ele veio muito no período em que Onassis estava em Mônaco. Era um grande personagem. Descobri que ele gostava de ver filmes, então Grace e eu o convidamos algumas vezes para assistir a algumas sessões conosco. Tínhamos construído uma sala de projeção em um dos antigos estábulos e, uma ou duas vezes por semana, exibíamos um filme e servíamos uma ceia em sistema de bufê. Só que, quando o assunto era comida, ele era tão rigoroso que preferia, primeiro, jantar no Hotel de Paris. Churchill gostava de vir às nossas sessões porque havia poucas pessoas e sempre colocávamos uma garrafa de conhaque ao lado dele. Um dos filmes que vimos juntos foi *Lawrence da Arábia*. Ao final, ele estava tão empolgado que não conseguia parar de nos dizer: “Eu conheci aquele homem”.

As grandes estrelas, no entanto, povoavam o principado por ocasião do Grande Prêmio de Fórmula 1 e do Baile da Cruz Vermelha.

O GP de Mônaco, se não for a maior prova de F-1 do mundo, é certamente a mais conhecida. Na verdade, trata-se de dois eventos em um. Há a corrida em si, que é um evento esportivo, e há a celebração em torno da competição, que se tornou uma das principais atrações turísticas da Europa. A pista do aeroporto de Nice nunca recebe um tráfego tão grande de jatos particulares como na semana do GP. O porto não fica tão congestionado de grandes barcos como nesse fim de semana. O bar do Hotel de Paris jamais recebe tantos rostos conhecidos como nesses dias frenéticos.

“O que torna Mônaco realmente especial”, segundo a lenda do automobilismo Stirling Moss, que correu em Mônaco de 1950 a 1961 e venceu três GPs, “é a atmosfera e a natureza exigente do circuito. É uma prova relativamente segura, mas muito complicada. Trata-se de um lugar bonito e emocionante, com uma enorme quantidade de personalidades, e o público fica muito perto de você. Eles estão praticamente em cima dos carros. Eles podem vê-lo e você pode vê-los. Da minha época de piloto, nunca vou esquecer de uma moça muito bonita, com batom rosa-pálido, que sempre ficava na frente do Oscar’s Bar – cada vez que eu passava por ali, eu lhe mandava um beijo. Mônaco é um lugar desse tipo.”

Jackie Stewart, também tricampeão do GP, concordou. “Se você pensar em termos de história, o esporte a motor foi criado a partir de corridas de estrada em torno de cidades, ou entre cidades. A corrida pelas ruas de Monte Carlo é um legado das origens básicas dos Grandes Prêmios. É também o circuito mais fascinante porque tem como pano de fundo a Riviera, o Mediterrâneo, os Alpes Marítimos. Tem excelentes hotéis, restaurantes maravilhosos e belas mulheres. O GP representa tudo isso, é fascinante, é emocionante e é colorido. Monte Carlo projeta todos esses elementos.”

A família soberana, no entender de Stewart, tem muito a ver com isso. “Eles são um dos ingredientes que compõem o bolo perfeito. Assistem à corrida, são parte integrante do GP. Agora, adicione as pessoas mais fascinantes e ricas do mundo. Todo mundo que é alguém está lá. Acontece logo depois do Festival de Cinema de Cannes, e atrai parte do mesmo público.”

De acordo com Jackie Stewart, o fluxo de visitantes reúne europeus, norte-americanos e sul-americanos que acabaram de chegar do Carnaval do Rio de Janeiro. "Eles têm grandes iates ou ficam em suítes no Hotel de Paris. Vão para o baile de gala do Sporting, comem no Rampoldi's e, eventualmente, até acabam sendo convidados para ir ao palácio na noite de sábado. A Riviera está fresca, não é como em julho ou agosto, quando fica lotada por uma multidão de pessoas. A grama ainda é verde, ninguém andou sobre ela e o sol ainda não a secou. As pessoas vêm das montanhas: passaram o inverno em St. Moritz, ou Gstaad, ou Vail ou Aspen, e querem ver o Grande Prêmio de Mônaco no fim de semana. Hospedar-se em uma boa suíte no Hotel de Paris para o GP é um passaporte para tudo o que você precisar."

Tradicionalmente, a família soberana assistia à largada da corrida de seu camarote e, em seguida, desaparecia até o final da prova. Grace não gostava do barulho dos motores. Mas quando Rainier entregava os troféus, ela estava ali ao lado dele.

E quando a família fazia sua entrada no Baile da Cruz Vermelha, todo mês de agosto, ele estava ali, ao lado dela.

O Baile da Cruz Vermelha é, sem dúvida, o maior e mais espetacular evento do gênero na Europa. Não apenas por causa das estrelas que o frequentam, das roupas de grife que desfilam ou das joias que ostentam. Trata-se, afinal, da única noite do calendário social europeu em que as pessoas com dinheiro para valer o utilizam para valer.

Rainier fundou a Cruz Vermelha de Mônaco no final dos anos 1940. Nos primeiros seis ou sete anos, os bailes caracterizaram-se por reunir principalmente artistas europeus. Apenas uma vez ou outra alguém vinha dos Estados Unidos, como em 1954, quando uma jovem cantora chamada Ella Fitzgerald apareceu apenas como o terceiro nome de destaque do evento.

Grace fez a diferença. Ela assumiu o cargo de presidente da organização e deu ao baile um poder hollywoodiano de atração (e de arrecadação de fundos) que jamais teria sido alcançado sem ela. No entanto, a princesa jamais abriu mão da tradição de acessibilidade do baile.

Pouco antes do primeiro *show* de Frank Sinatra para a Cruz Vermelha de Mônaco, um amigo recomendou a Grace: “Você deve aumentar o preço do convite. É um evento de caridade e ninguém pode atrair uma multidão maior do que Sinatra”.

A resposta dela foi específica. “Se subirmos o preço, algumas pessoas de que gosto não terão como pagar.”

Ela também ficou de olho no espetáculo em si, pois em meados dos anos 1970 a onda do *topless* tinha finalmente atingido Mônaco.

Se em outras praias ao longo da costa havia certa liberalidade em relação às mulheres com seios à mostra, em Mônaco a prática foi desaprovada, em grande parte porque Grace a considerava totalmente desnecessária. Para o baile de gala, porém, estava prevista uma apresentação de coristas de *topless*, e o produtor do espetáculo argumentava que aquela era uma tradição do teatro de revista seguida há anos pelo Moulin Rouge e pelo Folies Bergère. Mônaco não podia ficar à parte disso, dizia o produtor. Grace não se convenceu. No entanto, não queria que sua rejeição se transformasse em polêmica repercutida nas manchetes dos jornais, constringendo todos os envolvidos.

Ela contornou a questão com seu singular *savoir-faire*. Explicou ao produtor que, pelo menos para a ocasião, sentia que seria mais apropriado que as dançarinas não exibissem os seios. E ganhou a discussão ao lembrar, bem-humorada, que naquela noite quem deveria brilhar eram as pessoas “bem-vestidas”.

Ao longo dos anos, quase todas as grandes atrações do *show business* se apresentaram no Baile da Cruz Vermelha. Como se podia esperar, a maior de todas – e provavelmente a mais temperamental – foi Sinatra.

Em sua primeira participação, em 1980, ele pediu a colocação de mesas extras na pista de dança, para que mais gente pudesse ver o *show*. Exigiu que a orquestra preenchesse todo o palco e, em seguida, mandou cancelar o número de dança que, segundo a programação, precederia seu *show*. Ele queria apenas caminhar livremente pelo espaço, fazendo sua parte, e achava que aquilo bastaria como atração da noite.

Infelizmente, não era possível colocar a orquestra onde Sinatra queria, mas ninguém teve coragem de dizer a ele. A tarefa ficou com Grace. Ela explicou ao velho amigo que as pessoas entravam no salão pelo palco. Coube a ela, também, contar que a tradição mandava que a pista de dança ficasse disponível, para que ela e Rainier abrissem o baile oficialmente. O cantor concordou com tudo, mas insistiu no cancelamento da abertura com o número de dança. Disse que o Baile da Cruz Vermelha daquele ano ia ser Sinatra, e só Sinatra.

As dançarinas, que tinham ensaiado exaustivamente, ficaram furiosas. Pediram ao produtor para perguntar a Sinatra se ele não se envergonhava de deixar outros artistas sem trabalho, se tinha se esquecido do que ele mesmo havia passado no início da carreira.

Novamente, Grace teve de intervir. Solidarizando-se com o aborrecimento das coristas, foi pessoalmente até elas e desculpou-se pela atitude de Sinatra. Para selar a paz, convidou todo mundo para um coquetel na piscina do palácio, no dia seguinte.

Dada a amizade com Rainier, Sinatra retornaria com Sammy Davis Jr. para o Baile da Cruz Vermelha de 1983, o mais tocante de todos, pois seria o primeiro depois da morte de Grace.

Poucos anos depois, sabendo que podia contar sempre com ele, Caroline chamaria Sinatra outra vez, para substituir Liza Minnelli, que cancelou sua participação na última hora por causa de uma dor de garganta. Naquele ano, o lendário cantor subiu ao palco com Elton John.

Outro memorável Baile da Cruz Vermelha aconteceu em meados dos anos 1970, quando Sammy Davis Jr. não compareceu. Na tarde do evento, Davis, de repente, decidiu protestar contra a maneira como as coisas estavam sendo organizados. Sentia-se ofendido por não ter sido convidado para um jantar que, supostamente, tinha acontecido na véspera, no palácio. Foi organizada uma reunião com a SBM, em que o artista, aos berros, mandou todos para o inferno. Em seguida, subiu no barco de um amigo e zarpou para o sol de St. Tropez. Às nove da noite, os convidados começaram a chegar para o baile sem que um substituto houvesse sido escalado.

Olhando ao redor do salão, um dos diretores da SBM sugeriu que, como último recurso, só restava pedir a alguns dos artistas frequentadores do baile que improvisassem alguns números.

O primeiro a ser abordado foi o comediante Bill Cosby. "Eles me pediram para substituir Sammy porque me acham parecido com ele", disse à plateia naquela noite.

Ele também contou que, quando foi apresentado a Grace, alguém teria comentado: "Vocês provavelmente já se conhecem: ambos são da Filadélfia". A resposta de Cosby: "Sim, claro que nos conhecemos. A família dela era dona da minha família".

Outra atração pinçada da plateia foi o compositor Burt Bacharach, que concordou em tocar algumas músicas. Liza Minnelli foi chamada para cantar, mas pediu para ficar de fora.

O pessoal da SBM também abordou a lendária Josephine Baker. Um dos diretores da empresa explicou toda a embaraçosa situação para a estrela de 67 anos de idade, que, nascida em St. Louis, no Missouri, havia dominado a cena do *music hall* na França. Com tato, o executivo perguntou se ela fazia a gentileza de cantar uma ou duas canções.

"Normalmente, eu ficaria feliz em cantar, mas não tenho nenhum músico comigo. Se pelo menos meu pianista estivesse aqui, mas ele está jantando em outro lugar", respondeu Josephine.

O diretor da SBM insistiu: "Se eu mandar um carro para pegar seu pianista no restaurante em que ele está agora, a senhora participa do *show*?"

"Claro", disse ela.

"Ótimo", comemorou o executivo. "Onde ele foi jantar?"

"Ele tinha reservas no Le Nautic", informou a estrela.

O problema era que todas as pequenas cidades da costa sul da França tinham um restaurante chamado Le Nautic. E havia um grande número de vilarejos naquele litoral. "Qual Le Nautic?", quis saber o diretor.

"Ah", ela encolheu os ombros, "isso eu não sei. Só sei que é no Le Nautic."

A SBM despachou carros para todos os Le Nautic entre Menton e Cannes, até encontrar o pianista e trazê-lo correndo para Mônaco. O

*show* prosseguiu e Josephine Baker foi a rainha daquela noite.

No entanto, se existe uma noite que pode ser chamada de “a mais memorável”, talvez seja a do primeiro Baile da Cruz Vermelha na então novíssima Salle des Étoiles, no Sporting Club.

Era 1974.

Parte do plano que Rainier havia traçado para modernizar Mônaco, o salão era o centro de um complexo circular de danceterias, restaurantes e cassino, construído em uma pequena península de arbustos exóticos, ao longo da praia de Monte Carlo. O “salão das estrelas” recebeu esse nome porque o teto retrátil podia ser aberto nas noites mais quentes – permitindo que os frequentadores, por exemplo, jantassem sob o céu do verão em um cenário espetacular. Por outro lado, não há espetáculo que resista a uma chuvarada, especialmente se o teto continua aberto. Foi o que aconteceu naquela noite.

Jane Powell cantava e dançava no palco quando uma enorme nuvem cobriu o céu. O mecanismo do teto emperrou e, de repente, toneladas de água desabaram sobre a plateia.

Todos correram em busca de abrigo.

Exceto Jane Powell, que ficou exatamente onde estava, cantando e dançando sobre um palco tomado por três centímetros de chuva.

Outras exceções foram Grace e Rainier. Eles permaneceram firmes em seus lugares – segurando então guarda-chuvas que os garçons tinham providenciado –, porque o *show* não pode parar.

<sup>2</sup> Lendária empresa de Hollywood encarregada de escalar figurantes para os elencos dos filmes. (N. da T.)

## *Capítulo 20*

### GRIMALDI S.A.

NO INÍCIO DO SÉCULO XIX, OS ESTADOS UNIDOS ESTAVAM envolvidos com compromissos navais ao longo da costa do norte da África.

Algumas onerosas expedições contra piratas líbios despertaram em Washington o interesse de montar uma base de apoio e abastecimento para a marinha norte-americana em algum ponto do mar Mediterrâneo.

O príncipe Florestan, supostamente ciente dessas intenções, sabia que o recurso natural mais valioso de Mônaco era seu porto, profundo e bem protegido, e considerou negociar a venda do descapitalizado principado para os Estados Unidos.

Não era uma ideia absurda.

Os russos depois tentariam comprar Villefranche, na mesma região, para usar como base para a frota do czar. O neto de Florestan, Alben I, também chegaria a estudar uma proposta semelhante feita pela Suíça.

Ninguém sabe como teria sido a história se Florestan seguisse em frente com o negócio.

Mônaco poderia ser hoje o 51º estado norte-americano.

Quem assiste às levas de turistas dos Estados Unidos descendo de seus ônibus de excursão para fotografar a si mesmos diante do cassino, portanto, está perdoado desde já, caso fique em dúvida se a venda foi ou não concluída.

\*\*\*

Como presidente do conselho da Grimaldi S.A., Rainier caracterizava-se como alguém mais atento às grandes oportunidades do que aos balanços financeiros e aos pontos decimais de desempenho da economia. Avesso à tentativa deste autor de definir o principado como Grimaldi S.A., ele preferia se enxergar como presidente do Conselho de uma empresa chamada Mônaco.

“De certa forma, o principado tornou-se um negócio de família”, reconheceu. “Mas não acho que seja realmente uma Grimaldi S.A. Também não tenho certeza de que vá durar para sempre. Mas, de fato, é muito mais empresarial agora do que era anos atrás. Da forma como o mundo é hoje, tinha de ser assim.”

Quando ele se casou com Grace, Mônaco era uma cidade-produto. Havia o turismo, que abrangia o setor do jogo, e nada mais.

Rainier admitiu: “Era bastante óbvio que nenhuma empresa poderia sobreviver por muito tempo trabalhando por uma curta temporada a cada ano para uma clientela regular menor do que o número de funcionários”.

Até a ascensão de Rainier, os governantes de Mônaco tendiam a considerar o principado como uma ocupação de meio período. Em sua maioria, os soberanos residiam ali por apenas três ou quatro meses do ano e mantinham-se afastados do funcionamento cotidiano do país. Só vinham se inteirar dos grandes projetos em suas últimas etapas de implantação, apenas para dar sua aprovação final. Não havia fases intermediárias, nas quais o príncipe pudesse pedir revisões, melhorar o texto de alguma lei ou contribuir com ideias.

“Meu avô não me preparou de maneira adequada para o trabalho”, disse Rainier. “Não acho que ele se preocupava muito com isso. Estava doente no final da vida, recém-casado, de modo que acredito que ele simplesmente decidiu que não tinha tempo para mim.”

Embora tivesse participado de algumas reuniões presididas pelo avô e discutido com ele alguns temas, como as noções básicas de administração do principado, Rainier encontrou muitas dificuldades quando assumiu o trono, pois não havia ninguém com quem contar ou a quem pedir ajuda.

“A equipe que trabalhava para meu avô também parecia não se importar muito com o governo”, continuou ele. “Eu estava totalmente por conta própria. É claro que, às vezes, essa é a melhor maneira de aprender. Havia tantas coisas que, de repente, se tornaram minha responsabilidade, que não tive tempo para me preocupar se era fácil ou difícil aprender o meu trabalho. Eu apenas me sentei e estudei toda a papelada para descobrir com o que estava me metendo.”

Rainier foi o primeiro soberano em tempo integral de Mônaco, e também o pioneiro em aproximar o estilo de governo da dinâmica da gestão empresarial.

Ainda sob o mandato do avô, embora não pudesse tomar nenhuma decisão, Rainier inteirou-se de tudo o que acontecia. Uma vez que não podia criticar o avô, teve de guardar suas opiniões para si. De qualquer forma, o período serviu para que consolidasse algumas posições, de modo que, assim que assumiu, rapidamente deu andamento a algumas mudanças.

Para ser mais específico, ele mudou a base econômica do país.

Se Mônaco de fato era vista como um “lugar ensolarado para pessoas sombrias”, como definiu Somerset Maugham em 1930, Rainier decidiu que não seria mais assim.

“A economia ainda continua voltada para o turismo de lazer”, disse ele, “mas é muito mais bem equilibrada do que era quarenta anos atrás. Não tem comparação. Agora somos fortes em turismo de eventos e negócios. E também há a crescente indústria da iluminação, que surgiu como um fator importante para nossa economia.”

Grace ajudou a estabelecer e manter a imagem de Mônaco como principal capital mundial do *jet set*, o que andava de mãos dadas com a expansão do turismo – para a qual ela também contribuiu ao trazer norte-americanos para o principado. Mas, deixando a influência dela de lado, nunca houve ninguém que pudesse se gabar de ter sido confidente e conselheiro de Rainier. Muitos dos que compartilharam de sua intimidade naqueles anos relataram que os dois grandes pontos fortes de Rainier eram sua capacidade de compartimentalizar as coisas e seus instintos incomuns.

A intuição lhe dizia na época que precisava atrair novos e muito específicos tipos de empresas para Mônaco.

“Nós escolhemos os negócios com muito cuidado”, explicou ele, “porque não queríamos estragar o principado. De cara, qualquer atividade que dependesse de grandes áreas, como a indústria de automóveis, estava fora de cogitação. Além disso, não permitiríamos atividades que causassem qualquer espécie de poluição, atmosférica, marítima ou sonora.”

Rainier almejava setores de alta agregação de valor, como o farmacêutico, o cosmético e, talvez, até o eletrônico. Com as vantagens fiscais que oferecia – sem contar os benefícios extras em estilo de vida –, não demorou para que indústrias dessas áreas começassem a aterrissar em Mônaco.

“Já fabricamos pequenos componentes elétricos para o Concorde e a NASA”, orgulhava-se-se o príncipe. “E você sabia que as lâminas de barbear usadas pelos primeiros astronautas foram feitas em Mônaco? Também fizemos autopeças de plástico e borracha para a Renault, a Citroën e a Peugeot. Há produtos farmacêuticos e cosméticos feitos ou embalados aqui. Não há desemprego em Mônaco. Na verdade, temos de importar profissionais todos os dias para trabalhar aqui.”

A principal dificuldade para receber indústrias era a escassez de áreas livres. “Havia graves limitações de espaço. Mas em 1974 nós tínhamos recuperado 21 hectares do mar. Isso nos permitiu criar Fontvieille, um bairro inteiramente novo para abrigar as indústrias. A partir daí, pudemos buscar ativamente o investimento estrangeiro e dar um passo para além da dependência do turismo. Ampliamos nossas fronteiras de forma pacífica. Coisa rara nos dias de hoje, não?”

Junto à indústria leve, Rainier também consolidou o principado como um destino europeu de convenções e eventos de negócios. Com as convenções, vieram os festivais – de circo, de música, de televisão –, deliberadamente programados para trazer dinheiro para o país durante os oito meses da baixa estação. Como alguém já escreveu sobre a Mônaco de Grace e Rainier, “junte trinta pessoas que jogam bolinhas de gude e Mônaco fará um festival”.

Para comportar tudo isso, Mônaco precisava ter instalações de boa qualidade, mas não havia quase nada adequado. O próprio Hotel de Paris não tinha sequer um salão de festas apropriado para coquetéis.

Foi preciso, então, construir um centro de convenções para acomodar confortavelmente grupos de 400 a 1.000 participantes. Próximo a ele, o Loews Hotel ergueu um complexo hoteleiro de 573 quartos, o maior na costa sul da França.

Mônaco experimentou, é claro, algumas pequenas dificuldades iniciais. Quando um dos novos hotéis de convenções foi planejado, alguém reparou que as plantas não previam a instalação de bidês nos banheiros. Os projetistas norte-americanos explicaram que hóspedes norte-americanos não usavam bidês e que, naquele momento, estava em curso a “americanização de Mônaco”.

Não, as autoridades locais bateram o pé, defendendo os bidês como necessidade básica no mundo civilizado. As peças foram, enfim, acrescentadas ao projeto.

Os negócios cresceram. Pela primeira vez na história do principado, os jovens não precisavam bater na porta da SBM como única opção para arranjar emprego, assim como tinham feito seus pais.

“A maioria deles percebeu que, tendo ido para a universidade, havia outras oportunidades. Assim, o velho ditado de que cada monegasco nasce com um rodo de crupiê na mão deixou de ser verdadeiro”, disse Rainier.

\*\*\*

Ao mesmo tempo, Mônaco, em particular Monte Carlo, foi tomada pela febre imobiliária.

Ela coincidiu com um surto de terrorismo e o risco real de o Partido Comunista chegar ao poder na Itália. Para proteger a si e seus ativos – muitos dos quais tinham sido escondidos em Mônaco, fora do alcance do fisco de seu país natal –, os italianos invadiram Monte Carlo.

Os preços dos apartamentos atingiram alturas astronômicas. Canteiros de obras começaram a brotar em cada esquina.

A certa altura, no final da década de 1970, havia nada menos do que nove grandes projetos de construção em andamento, com 85% dos apartamentos pré-vendidos.

A loucura do mercado atingiu tal ponto que alguns apartamentos mudaram de mãos duas, três ou quatro vezes quando ainda estavam em fase de projeto.

De repente, todos se transformaram em especuladores imobiliários e surgiram enormes fortunas nessa corrida do ouro ao estilo monegasco. Mas a prosperidade súbita teria seu preço.

Alguns criticaram o príncipe por não protestar rápido o suficiente, ou com firmeza suficiente, contra a especulação e por permitir que a construção de edifícios tão pouco atraentes estragasse a paisagem de Monte Carlo. A reclamação era de que tudo poderia ter sido feito de forma diferente, com mais bom gosto, mas o volume de dinheiro envolvido e a pressa contribuíram para tornar mais permissivos os controles sobre a estética do desenvolvimento urbano de Monte Carlo.

De fato, alguns dos arranha-céus construídos ao longo da praia foram tão mal planejados que, no verão, suas sombras já cobriam os banhistas às três da tarde.

Grace ficou especialmente decepcionada ao ver que a sonolenta aldeia de pescadores adotada como lar em 1956 subitamente se tornava uma Hong Kong do Mediterrâneo.

“Eu não gostei daquilo”, admitiu Rainier. “Mas o que se podia fazer? Não dá para fazer regulamentos para tudo. Se os construtores estão em conformidade com as regras, você não pode dizer: ‘Não vou permitir isso porque não combina com o meu gosto’.”

Embora reconhecesse que tudo aconteceu rápido demais, o príncipe não concordava que Monte Carlo havia sido estragada. “As alternativas eram deixar o local como era ou ter um *boom* de construção de baixo nível. O que traz à tona a questão do investimento. As pessoas não vão colocar seu dinheiro em um projeto se ele não é grande o suficiente para fazer valer a pena. Assim que percebemos o que estava acontecendo, tentamos mudar as coisas. Fixamos limites para a altura dos edifícios. Mas, então, os construtores começaram a atuar em conjunto para pressionar a

liberação de prédios de apartamentos mais altos. Tentaram contornar as leis. E nós apertamos as leis ainda mais.”

A controversa condição de “paraíso fiscal” de Mônaco foi outra área em que Rainier teve de conviver com algumas críticas.

Nesse quesito, ele tinha a resposta pronta. “Aqui não é Liechtenstein nem as Ilhas Cayman. Esses lugares adquiriram uma reputação que não queremos.” E acrescentava: “Eu nunca ia querer que Mônaco se tornasse o tipo de paraíso bancário que você encontra no Caribe”.

Quanto ao resto, ele dava de ombros. “Ser chamado de paraíso fiscal não tem nenhum proveito financeiro, afinal. As pessoas vivem aqui e compram as coisas aqui, e tudo bem. Agora, se alguém deixa de pagar impostos na Inglaterra ou na Suécia, não é problema nosso.”

\*\*\*

A despeito da influência de Grace sobre o marido, alguns dos homens que trabalharam com Rainier por muitos anos, como foi dito, afirmaram que ninguém poderia legitimamente reivindicar ter sido seu confidente e conselheiro em todos os assuntos.

Alguns ressaltaram a capacidade de Rainier de manter cada coisa em seu devido lugar. Outros sugeriram que o segredo de seu sucesso estava em seus instintos. Todos o retrataram como um homem emotivo, fiel à herança mediterrânica, confiante em seus sentimentos e intuições.

Ele se via de forma um pouco diferente. “Nasci aqui e tenho vivido aqui, basicamente, toda a minha vida. Quando se trata de lidar com as pessoas e entendê-las, tenho uma grande vantagem em relação a meus antecessores.”

Por outro lado, ressaltou, “não frequentei a escola daqui e acho que foi uma desvantagem não conhecer a minha geração muito bem. Por isso, Grace e eu decidimos que Albert devia ir para a escola local e conviver com os outros rapazes. Quando ele assumir o trono, terá crescido com uma geração inteira de pessoas daqui. Vai conhecer todo mundo. É uma vantagem que eu não tive”.

## Capítulo 21

### CAROLINE

GRACE, RAINIER E SEUS TRÊS FILHOS SEMPRE TIVERAM uma ligação com o Connaught, *em* Londres, hotel com longa tradição de atendimento à realeza europeia. Essa empatia, no entanto, não é compartilhada por algumas cabeças coroadas menos afeitas ao conservadorismo do Connaught.

Em uma certa manhã de sexta-feira bem cedo, Grace estava hospedada lá quando Caroline e um casal de amigos chegaram ao hotel para tomar café da manhã. Ainda antes de o sol nascer, eles tinham ido ao famoso mercado de pulgas de Bermondsey para explorar, à luz de lanternas, o labirinto de barracas de antiguidades. Ainda vestidos de *jeans* e suéteres pesados, decidiram emendar o programa com café e *croissants* no Connaught.

Caroline atravessou a porta da frente do hotel e foi direto ao balcão de recepção para perguntar ao gerente onde poderiam comer alguma coisa.

Olhando de cima para baixo, o gerente comentou que o modo de vestir dela e de seus amigos não era compatível com o Connaught.

Caroline explicou que estavam vindo de Bermondsey.

Balançando a cabeça de um lado para o outro, em sinal de reprovação, ele se limitou a dizer: "Desculpe, minha senhora".

Ela insistiu: "Só queremos café, talvez com torradas ou algo assim".

Ele balançou a cabeça outra vez: "Desculpe, minha senhora, não vestida desse jeito".

“Veja bem”, a princesa protestou. “Você sabe quem eu sou. Nós sempre nos hospedamos aqui.”

O gerente continuou firme.

A princesa perguntou: “E que tal se tomássemos café no quarto?”

Ele não pôde negar.

“Ok”, Caroline resolveu. “Minha mãe está hospedada aqui e nós vamos tomar café da manhã com ela.”

Ela pegou o telefone e, apesar de ainda ser muito cedo, pediu para chamarem no quarto da mãe.

Depois de alguns toques, Grace atendeu.

“Bom dia”, disse Caroline, antes de explicar a situação. “Só porque estamos de *jeans* não querem nos servir o café da manhã.”

Grace respondeu: “Estão absolutamente certos, querida”. E desligou o telefone para voltar a dormir.

\*\*\*

Caroline tinha dez anos de idade, quando descobriu que sua mãe era famosa.

“Já tinha visto alguns filmes, mas quando estava com dez anos fomos para a Califórnia e visitamos alguns estúdios. Lá, as pessoas retiraram alguns filmes dos arquivos e nos mostraram. Houve tanto burburinho e comoção que comecei a entender quem ela tinha sido. Mas não acho que isso tenha afetado qualquer um de nós. Albert e eu costumávamos provocá-la, especialmente por causa de *Mogambo*. Há uma cena em que ela se vira para Clark Gable e diz: ‘Eu não sabia que macacos subiam em árvores’. Era a coisa mais ridícula que já tinha ouvido. Nós repetíamos aquilo para ela e saíamos correndo. Éramos crianças e não entendíamos que ela estava representando. Achávamos que era apenas a mamãe sendo filmada enquanto dizia: ‘Eu não sabia que macacos subiam em árvores’.”

Mesmo tendo uma mãe estrela de cinema, Caroline nunca alimentou ambições nessa direção.

“Eu não. Nunca quis fazer filmes, pois queria ser dançarina. Nunca quis representar. Nem mesmo nas peças de teatro da escola. Nas

poucas vezes que participei, fiz papéis quase sem falas. Certa vez, cheguei a interpretar um dos três reis magos, com uma grande barba, em uma encenação sobre o Natal. Tinha medo do palco. Quando dançava era melhor, só que, quando era preciso dizer alguma coisa, eu ficava enjoada.”

O comportamento irrequieto de Grace também não foi passado para ela. “Mamãe estava sempre ocupada, fazendo coisas. Ela puxou isso da mãe dela, que não suportava ter ao seu redor pessoas sem fazer nada. Então, ela sempre se mantinha ocupada. Mamãe não conseguia apenas sentar e relaxar, o que, naturalmente, está a milhas de distância de mim. Posso perfeitamente sentar em uma cadeira e não fazer nada por duas horas seguidas. Mas, e talvez isso tenha vindo da minha mãe, quando faço isso, não consigo deixar de me sentir um pouco culpada. Não que isso me impeça, é claro.”

Depois de frequentar a escola primária em Mônaco, Caroline acabou matriculada no St. Mary’s College, em Ascot, na Inglaterra, onde foi educada por jovens freiras com uma abordagem pedagógica relativamente moderna. A diretora da instituição era uma mulher brilhante, que Caroline adorava. As duas mantiveram contato por muitos anos.

De início, o plano de Caroline incluía cursar o ensino superior nos Estados Unidos – cogitava-se Princeton –, mas ao final ela optou por estudar em Paris. Inscreveu-se na Sorbonne, onde se envolveu com Philippe Junot, dezessete anos mais velho do que ela.

Junot era conhecido nos círculos parisienses como *playboy* – e, com a conquista de Caroline, teria se tornado o maior representante dessa categoria. Os tabloides destacaram o romance nas primeiras páginas, acompanhando-os de discoteca em discoteca. O noivado, bem como cada passo do casal a caminho do altar, foi manchete em jornais e revistas. Pelo menos por um curto período, Caroline e Junot rivalizaram com Richard Burton e Elizabeth Taylor, a família real britânica, Grace e Rainier (e talvez até mesmo Romeu e Julieta), na categoria do “caso de amor mais comentado da história”.

Ao longo do romance, os meios de comunicação nunca perderam a oportunidade de questionar se Caroline acordaria a tempo de perceber que aquilo nunca daria certo. Mas ela estava apaixonada e

sua festa de casamento com dois dias de duração, em 28 e 29 junho de 1978, foi o acontecimento social da década. Como evento de mídia, chegou a ser comparado ao casamento de Grace e Rainier, mas, dessa vez, a imprensa profetizava que a união não duraria muito. Uma semana antes da realização da cerimônia, muita gente apostou dinheiro no fracasso do casamento.

A lista oficial superou a casa dos seiscentos convidados. Como a sala do trono do palácio é pequena, apenas a família próxima – cerca de cinquenta pessoas – participou da cerimônia civil, realizada em uma manhã de quarta-feira.

A celebração religiosa de quinta-feira de manhã tinha sido originalmente planejada para a capela do palácio, também diminuta. Na última hora, Grace e Rainier transferiram a cerimônia de lugar para acomodar todos os convidados.

Ansiosos por evitar o caos que ofuscou suas próprias núpcias, eles logo se resignaram com os fatos – não havia a menor possibilidade de fazer um casamento simples e familiar. Como poderiam? Mais de duzentos repórteres e fotógrafos estavam acampados em Mônaco, cada qual em busca de um “furo” jornalístico, embora não tivessem nada para relatar além do conteúdo distribuído no *kit* de imprensa.

Um dos materiais dizia que a imprensa estava autorizada a operar em total liberdade, sem necessidade de permissões especiais, mas não seria admitida nas cerimônias oficiais nem em nenhuma das várias festas promovidas em homenagem aos noivos. De resto, o *kit* trazia informações sobre a sala do trono, a capela, a princesa Caroline e o que cada um estava vestindo no casamento.

Um último informativo, acompanhado de uma fotografia, revelava tudo o que ninguém queria saber sobre o bolo de casamento: 500 ovos, 65 quilos de açúcar, 20 quilos de pasta de amêndoa, vários *chefs* confeitores sorridentes etc.

Depois, veio a notícia de que o sr. e a sra. Junot poderiam ser fotografados no caminho entre o palácio e a prefeitura.

Quanto à cobertura das cerimônias oficiais, Grace pediu que um velho amigo de Hollywood, Howell Conant, fizesse as fotos. Seus negativos foram revelados às pressas para que se pudesse escolher seis imagens oficiais a serem distribuídas para a imprensa. Em

outras palavras, cada veículo teria acesso às mesmas seis fotografias. Isso significava que qualquer pessoa que conseguisse passar dos muros do palácio com uma Pentax a tiracolo seria interceptada.

Alguns bem que tentaram. Um dos *paparazzi* até se vestiu de padre. Um a um, foram todos descobertos e ninguém conseguiu nada.

Assim, só restou à imprensa fazer o que sempre faz quando não há fonte de informação disponível. Os repórteres subornaram taxistas, garçons, crupiês, comerciantes, barbeiros, manicures, porteiros de hotel e qualquer um que tivesse algo a dizer sobre o casamento. Não deu muito certo porque, afinal, os subornados também não tinham sido convidados para os eventos. Alguns veículos de comunicação sugeriram pagar uma recompensa de US\$ 15 mil por quaisquer imagens não oficiais das cerimônias, festas, bailes – qualquer coisa.

Mas não foi preciso gastar esse dinheiro.

A única grande notícia da semana veio quando alguns repórteres, na saída da casa de David Niven em Cap Ferrat, descobriram que o carro de Gregory Peck havia colidido com o automóvel de Cary Grant. Não houve danos, ninguém ficou ferido e todos os envolvidos permaneceram amigos. Ainda assim, o fato ganhou as primeiras páginas.

As melhores histórias, contudo, foram as que repórter nenhum conseguiu recolher.

Como a que aconteceu, por exemplo, na noite da véspera do casamento. Grace ficou de pé até as quatro da manhã lidando com a distribuição de lugares dos convidados no almoço de comemoração. As questões de protocolo eram um pesadelo na hora de assentar às mesas os muitos membros da realeza e chefes de Estado. Foram montadas mesas sob as árvores da praça em frente ao palácio. Toda a área, é claro, estava cercada e protegida da curiosidade do público.

Rupert Allan descreveu o evento como “o almoço do século naquela parte do mundo”.

Depois, os Junots voaram para o Taiti. E foi lá, em sua lua de mel, que Caroline começou a entender o que todo mundo temia: que o casamento não daria certo.

“Foi paradoxal”, disse ela. “Tudo tem a ver com a maneira como fomos educados. Mamãe dizia: ‘Claro que ele é o homem errado e que você não devia se casar, mas agora você está comprometida. Você vem saindo com ele por muito tempo e, ou se compromete oficialmente ou para de vê-lo e vai para os Estados Unidos terminar a universidade’. Ela queria que eu fosse para Princeton. Então, é claro que eu disse: ‘Ok, então vamos ficar noivos’. Eu tinha 20, 21 anos e realmente não queria me casar. Se tivesse vivido com ele durante seis meses, ou mesmo apenas três meses, logo teria descoberto quem ele era. Mas não tinha permissão para sair de férias ou passar o fim de semana com ele, a não ser na casa dos pais dele. Eu não o conhecia muito bem. Casar parecia simplesmente a saída correta.”

Caroline enfatizou que, quando anunciou para a mãe que queria se casar com Junot, fez uma ressalva: “Se você for contra, eu não me caso”.

Ela prometeu para a mãe: “Não vou fugir e me casar contra sua vontade. Talvez eu fique infeliz se não puder vê-lo mais, mas não se preocupe, não vou fazer isso”.

Grace respondeu: “Vá em frente e se case. Afinal, o que as pessoas vão pensar depois de você ter saído com esse cara por dois anos?”.

Como os tempos mudaram, disse Caroline em retrospecto. “É incrível. Casei-me com Philippe porque estava apaixonada. Essa é uma razão boa o suficiente para se casar com alguém. Mas um dia você acorda e descobre o que fez. Acho que comecei a acordar quando ainda estávamos na nossa lua de mel. Ele tinha providenciado para que um fotógrafo, amigo dele, fosse nos encontrar lá para ter os direitos exclusivos das fotos da nossa lua de mel. Foi quando comecei a perceber tudo. Foi terrível. O fim começou ali mesmo. Mas ainda demoraria um ano e meio para acabar. Um longo tempo.”

Quando Caroline finalmente desistiu de Junot e quis voltar para casa, seus pais a apoiaram. “Mamãe foi muito acolhedora. Eu não ousava nem mesmo mencionar o divórcio, porque católicos não se divorciam. Mas mamãe foi direta: ‘Você tem de se divorciar’. Eu disse: ‘Como assim? Nós somos uma família religiosa’. Expliquei a ela, então, que estava tentando encontrar uma maneira de me separar sem me divorciar. Mas mamãe insistiu: ‘A religião serve para ajudar as pessoas, não para tornar sua vida infeliz.’”

Embora tenha continuado frequentando a igreja aos domingos, Caroline não pôde mais comungar, mas nunca foi excomungada. Ela pediu e obteve o divórcio civil em 1980. O inquérito de anulação do casamento perante a igreja católica caminhou em ritmo de tartaruga pela burocracia do Vaticano. No momento em que foi finalmente deferido – doze anos e duas comissões papais mais tarde –, a vida de Caroline estava mudada.

Tragicamente mudada.

\*\*\*

Olhando para trás, para aquele casamento, Caroline admitia: “Não foi a época mais feliz da minha vida”.

Segundo ela, Grace certa vez disse que odiava todo o burburinho em torno do casamento dela também. “Lembro-me de mamãe dizendo que foi um circo. Ela e papai se recusaram a olhar para as fotos do casamento por anos, e em sua lua de mel nem tocaram no assunto. Foi uma loucura. Ela não queria aquilo para mim.”

Com uma visão perfeita do que passou, é difícil enxergar como Caroline poderia ter evitado a balbúrdia. Seu rosto vendia revistas e, aos dezesseis anos, ela foi parar na capa da revista *Time*.

“Só que não foi ideia minha”, ela explicou. “A matéria era sobre Mônaco, mas acabaram escrevendo sobre mim. Quando pediram para fazer algumas perguntas, fui bastante seca. Não queria falar com ninguém, até porque estava prestes a ir para a universidade, onde queria ser anônima. Queria ser esquecida. Disseram, então, que iam tirar uma foto. Eu tinha acabado de voltar da escola, entrei

no apartamento e o fotógrafo estava lá. Fomos para a varanda. Pelo que me lembro, era uma imagem péssima.”

Como era de se esperar, Caroline concordava com seu pai: era impossível se acostumar com toda a publicidade indesejada. “Quando morava em Paris, ia a todos os lugares com meu cachorro. Se estivesse com meu pastor-alemão, os fotógrafos tendiam a manter distância. Ou, pelo menos, só usavam suas teleobjetivas. Até hoje, quando saio, fico preocupada se tem alguém me seguindo ou se escondendo atrás de arbustos. Você nunca acha que está sozinha ou livre para ir e vir. É uma sensação terrível. A pressão de ser espionado é horrível. Muita gente não entende por que tento evitá-los sempre que posso. Acham que nós amamos a publicidade.”

Caroline nunca guardou recortes de matérias que falavam sobre ela. Os recortes que recebe pelo correio, enviados por pessoas que consideram que ela gostaria de ter uma cópia da entrevista ou de uma fotografia publicada, raramente ou nunca são lidos. “No entanto, quando leio, parece que se trata da vida de outra pessoa. Dou uma olhada em alguns artigos e nos primeiros dez minutos só consigo rir com tantos absurdos. O que escrevem não tem sentido algum. Então, de repente, penso que estão escrevendo sobre mim e estão mentindo. Aí, fico furiosa. Quando não têm nada para escrever, inventam coisas.”

Outro ponto em que Caroline concorda plenamente com o pai tem a ver com a dificuldade de fazer amigos por causa da sua posição. Não porque ela não queira, mas porque sempre há uma voz em seu íntimo perguntando: “O que essa pessoa quer de mim?”

Muitas de suas amizades na vida adulta vêm desde a infância. “O problema é que não dá para ficar o tempo todo se preocupando se você está ou não com amigos de verdade. Só resta acreditar que todos são, de fato, como se mostram ser. Afinal, ficar julgando se a pessoa é um amigo sincero ou se vai te decepcionar um dia... é uma vergonha ter de pensar essas coisas.”

No entanto, sempre foi difícil para ela depositar confiança total em alguém. “Talvez seja esperar demais que as pessoas se mostrem fiéis, mas pouco exigentes, que estejam sempre presentes para ajudar e ficar ao seu lado sem pedir nada em troca. Não se pode

esperar muito ou você corre o risco de ser desapontada. Enquanto crescemos, às vezes, nos sentimos solitários. Acho que está ficando mais fácil à medida que envelheço. Na verdade, muitas coisas ficam mais fáceis quando envelhecemos. Um monte de bobagens deixa de ter importância.”

Na época do rompimento com Junot, um bom companheiro foi o filho de Ingrid Bergman, Robertino Rossellini. Depois do estresse e do constrangimento de um divórcio tumultuado, ele tornou-se um conforto na vida dela. Caroline o consolou quando Ingrid morreu. E Robertino a amparou duas semanas depois, quando Grace partiu. Amigos chegaram a prever um casamento, mas depois de alguns anos o romance perdeu o brilho. De qualquer forma, em 1983, ela conheceu outra pessoa.

Alto, louro e quieto, o italiano Stefano Casiraghi, de Milão, era três anos e meio mais novo do que Caroline. Certa vez, ela brincou que ele seria o marido perfeito, porque entre seus negócios estava uma empresa italiana de calçados – e havia poucas coisas no mundo de que ela gostava mais do que sapatos.

Ciente do comentário, ele mandou fazer etiquetas para colocar nos sapatos de Caroline dizendo que os modelos tinham sido criados exclusivamente para ela.

Os dois praticamente moravam juntos quando ela engravidou. Uma cerimônia privada de casamento foi organizada.

Filho de um rico industrial, Stefano estabeleceu-se em Mônaco e expandiu seus interesses comerciais para os setores imobiliário e de construção naval. Seu filho com Caroline, Andrea, nasceu em 1984. Depois veio Charlotte, em 1986, e no ano seguinte nasceu mais um menino, Pierre.

Os cinco viviam na casa de Caroline, perto do palácio, dividindo o resto do tempo entre *Roc Agel*, Paris e viagens à Itália.

Caroline e Stefano conversavam em italiano, mas ela só falava com as crianças em francês.

Para quem a via com os filhos e com Stefano sempre por perto, era evidente que o casamento e a maternidade estavam sendo vividos com facilidade e prazer. Em dado momento, ela e Stefano chegaram a cogitar ter seis filhos.

A nova vida tinha mudado Caroline, trazendo mais maturidade e consistência. Isso transpareceu quando, em certa ocasião, ela comentou sobre como se via no papel de esposa, mãe e princesa. “Não me incomodaria em nada se eu não fosse a princesa Caroline de Mônaco. Prefiro ficar em casa com meu marido e meus filhos a ser atacada por fotógrafos. Sou apenas a irmã do futuro príncipe, e meus filhos vêm em primeiro lugar. Faço a minha agenda em torno deles.”

O bom momento não duraria muito.

Em 3 de outubro de 1990, Stefano morreu no mar durante uma etapa do Campeonato Mundial de Powerboat, em plena praia de Monte Carlo.

O marido de Caroline se dedicava ao esporte havia vários anos. Em 1989, tinha vencido o campeonato mundial em uma série de provas disputadas em Atlantic City. No ano seguinte, a bordo de sua lancha *Pinot de Pinot*, ele e o copiloto Patrice Innocenti eram os favoritos para conquistar o título outra vez.

Com cerca de meia hora de prova, a uma velocidade de 150 quilômetros por hora, o barco de 42 pés chocou-se contra uma onda e virou. Innocenti foi lançado para longe, mas Stefano acabou preso à embarcação e afundou. As equipes de resgate de emergência não conseguiram chegar a tempo.

Caroline estava em Paris. Foi seu pai quem lhe deu a notícia por telefone.

Em algumas horas, uma enlutada Caroline voltou a Mônaco – acompanhada da melhor amiga e vizinha, a modelo Inès de La Fressange – para enfrentar a viuvez como mãe de três filhos ainda pequenos.

No Natal, quando alguém perguntava a Andrea o que ele queria, a resposta era sempre a mesma: “Ter meu papai de volta”.

Como aconteceu com o acidente que tinha vitimado Grace – que odiava dirigir e raramente o fazia –, a morte de Stefano também esteve cercada de detalhes irônicos. Sabendo da preocupação de Caroline com os riscos inerentes das corridas de *powerboat*, Stefano tinha anunciado, uma semana antes da fatídica prova, que estava disputando seu último campeonato. Ele planejava abandonar o

esporte para se dedicar integralmente ao muito mais seguro ramo de construção de barcos.

Além disso, ele nem sequer deveria ter disputado a prova daquela trágica quarta-feira. Dois dias antes, em uma acirrada eliminatória, ele havia parado o barco para ajudar um adversário em apuros. Isso era contra as regras e ele acabou desclassificado.

No entanto, além de ser o campeão da temporada anterior, Stefano tinha sido o responsável por trazer a prova para Mônaco e tinha ajudado a organizar o evento. Assim, o comitê dirigente fez uma revisão das próprias regras para reintegrá-lo na disputa.

Com trinta anos de idade, Stefano era um homem gentil, de fala mansa e confiante o suficiente para deixar que sua esposa fosse a estrela do casal. Ele ficava ao lado dela quando chamado a cumprir funções oficiais com a princesa, mas não era do tipo que tentava roubar a cena. Stefano cuidava dela tanto quanto ela gostava dele. Era um pai que adorava os filhos, sempre em volta dele, pendurados em seus braços e costas. Stefano ria com os filhos e com Caroline, a quem ajudou a criar a família que ela sempre tinha desejado.

Em busca de escândalo, como de costume, os tabloides da Europa denunciaram que Stefano tinha conseguido escapar do serviço militar obrigatório na Itália. Essa história juntou-se ao boato de que sua morte foi uma mensagem enviada pela Máfia, mas não conseguiu manchar a dignidade com que Caroline e seus filhos – apoiados por Rainier, Albert e Stéphanie – lidaram com a tragédia. A propósito, Stefano não cumpriu o serviço militar por dispensa médica e a conexão com a Máfia não passou de pura ficção.

## Capítulo 22

### ALBERT

COMO SOBERANO NO BANCO DE RESERVAS ou, mais precisamente, como vice-presidente da Grimaldi S.A., Albert ia para a academia todas as manhãs para um mergulho ou um treino leve – em boa forma, tornou-se um tenista acima da média e chegou à faixa preta no judô. Depois, ele se dirigia para seu escritório, onde lidava com os assuntos das várias associações sob sua responsabilidade.

Também participava das reuniões de gabinete do pai, sem deixar de lado seu interesse pelo esporte internacional. Quando seus horários combinavam, filho e pai almoçavam juntos, a sós, para poderem conversar.

Depois do almoço, sempre havia mais gente para ver e mais problemas para resolver.

Como vice-presidente da empresa chamada “Mônaco”, Albert levava seu trabalho muito a sério, até porque o treinamento para a sucessão é um assunto da maior seriedade. “Tem sido um processo contínuo por anos. Acho que estive ciente das minhas responsabilidades futuras desde os cinco ou seis anos de idade. E isso meio que me assustava, pois ao longo dos anos vi que há muitas responsabilidades e diferentes problemas para lidar. Comecei a ajudar meu pai a enfrentar alguns desses problemas. Mas não é fácil, e não tenho certeza se estou à altura do trabalho. Quer dizer, estou confiante de que tenho as ferramentas certas para isso, mas não sei se posso fazer isso tão bem quanto ele”, confessou, anos antes de assumir o trono.

Depois de dizer isso, ele apressou-se a acrescentar que não estava evitando o assunto, mas apenas reconhecendo o fato de que havia enorme expectativa quanto à tarefa reservada para ele.

“Eu leio os jornais”, continuou ele na época. “Sei que muitos jornalistas têm dado a entender que estou alheio ao processo, sem a menor ansiedade de assumir qualquer trabalho. Bem, é uma injustiça. Venho ajudando meu pai e trabalhando tão duro quanto posso. Estou dando o meu melhor. Quando for a hora certa, vai acontecer. Não vejo nenhuma razão pela qual eu deva me apressar. Estou me divertindo com a situação atual e, enquanto meu pai se sentir confortável com as coisas do jeito que estão, tudo bem. O que tiver de ser, será. Não há cronograma. Nós dois só saberemos quando chegar a hora certa.”

Quanto mais se aproximava o dia de herdar as responsabilidades correspondentes a seu direito de primogênito, mais Albert entendia como o legado paterno estava inexoravelmente ligado à proeminência de sua mãe, Grace.

Para Albert, o trabalho dos pais tinha envolvido um real esforço de equipe. “Minha mãe e meu pai fizeram mais por este principado do que qualquer outra pessoa na história. E fizeram isso juntos. Deram a Mônaco um prestígio que ninguém poderia dar ou, provavelmente, que o principado jamais teria de outra forma. É difícil para mim colocar em palavras, mas basta olhar em volta. É uma boa indicação do que aconteceu por aqui. Éramos uma espécie de despreocupado ponto turístico semiadormecido no Mediterrâneo. Agora somos um centro urbano vibrante e movimentado, muito mais do que atração turística. Meus pais merecem o crédito por isso.”

Uma vez feita a menção a Grace, a conversa naturalmente se voltou para ela. Albert confidenciou que uma de suas melhores lembranças de infância foi a descoberta de que a mãe tinha sido uma grande estrela de cinema. “Eu estava quase na adolescência e me lembro de que foi uma agradável revelação. Costumávamos falar sobre filmes e ela gostava de me contar histórias. Continuo muito interessado por cinema, fiz até alguns cursos na área. Quando penso no que gostaria de fazer caso não tivesse minhas responsabilidades, cinema é a primeira coisa que me vem à mente. Mas é um negócio

muito difícil. De qualquer forma, nunca fui bom ator. Fiz algumas operetas na época dos acampamentos de verão. Jamais interpretei na escola, embora sempre tivesse interesse. Algo sempre me impedia, talvez a minha timidez. Mas apenas tentar saber mais sobre o cinema é divertido. Talvez eu tivesse gostado de fazer alguma coisa por trás das câmeras.”

Na verdade, ele teve uma brevíssima carreira cinematográfica, que começou e terminou em 1999.

Creditado como Albert Grimaldi, fez sua estreia como ator no filme *A coragem de um homem*, no papel de um mercenário irlandês lutando pelo México durante a guerra contra os Estados Unidos.

O nome de seu personagem era Kelly.

“Não espere uma atuação excepcional”, alertou.

A ideia de contar com Albert foi de alguns amigos que estavam envolvidos com a produção e o convidaram. Ele aceitou “só para se divertir”.

Depois de anunciar em Mônaco que estava apenas saindo de férias, o príncipe voou até Durango, no México. Lá, conviveu com o elenco e a equipe por vários dias em um *set* de filmagem quente e poeirento. O roteiro previa a execução de vários personagens no final do filme, incluindo o vivido por Albert.

“Ser enforcado”, comentou o diretor Lance Hool, “teria sido o ponto alto de sua estreia como ator.”

Mas Albert foi chamado de volta a Mônaco antes da filmagem da cena final. Rainier não estava nada satisfeito com o trabalho clandestino do filho. E, dessa maneira, todo seu desempenho como ator acabou no chão da sala de corte do filme.

Não que houvesse qualquer expectativa de replicar a carreira cinematográfica de sua mãe. “O papel supostamente nem tinha falas”, disse ele.

Todavia, foi somente na adolescência, quando percebeu quem Grace tinha sido e quem eram os amigos dela em Hollywood, que o jovem Albert sentiu que uma importante revelação despontava em sua vida.

“Fiquei fascinado ao entender com quais artistas eu podia me encontrar e até interagir”, lembrou ele. “Costumava pensar: ‘Acho

que sou o único cara de quatorze anos do mundo que pode pegar o telefone, ligar para Frank Sinatra, Gregory Peck ou Cary Grant e ser realmente atendido por eles'."

Por entender desde cedo o acesso de que dispunha – e por estar ciente de que acesso se traduz em poder –, Albert destacou que sempre teve cuidado para não ser leviano. "Não tenho certeza se sempre me vali desses contatos da maneira certa. Mas sei que não pedi favorecimentos pessoais, uma vez que a reação desses astros a isso é a mesma que tenho quando alguém me pede um favor."

Albert garantiu, porém, não ter o menor constrangimento de telefonar para seus importantes contatos quando necessário. Nesse quesito, parecia diferir de Rainier. "Papai odeia o telefone, prefere escrever cartas. Ele é um missivista fantástico. Como não sou um grande redator, gosto de ligar para as pessoas. Ele sempre implica comigo, achando que telefono demais. Assim que começo a discar, ele resmunga: 'Vai telefonar para quem? Para quê?'. Mas sabe o que mais gosto no telefone? Às vezes, quando ligo para gente que não conheço, digo para as secretárias que me atendem: 'Alô, aqui é o príncipe Albert', e elas acham que é trote. É muito engraçado. Aprendi, então, a deixar minha secretária fazer as chamadas. Mas continuo adorando ligar pessoalmente, só para ouvir do outro lado da linha: 'Vamos lá, agora a sério, quem está falando de verdade?'"

Ao contrário de muitos filhos "do meio", Albert afirmou que nunca se sentiu incomodado por não ser nem o mais velho nem o caçula. "Nós sempre fomos muito próximos, apesar de Caroline ter sido uma criança muito mandona e independente. Ficamos muito juntos, por um tempo. É claro que ela me irritava de vez em quando. É claro que brigávamos. Todos os irmãos brigam. Mas quando eu estava prestes a fazer onze ou doze anos, comecei a ter aulas de judô. Uma vez, quando ela veio me perturbar, fiz um movimento de quadril e a derrubei no chão. Desde então, nosso relacionamento ficou ótimo."

Quando perguntada sobre esse incidente em particular, Caroline fez uma careta. "Eu me lembro disso. Sempre fomos uma família muito próxima, e eu era ainda mais próxima de Albert, porque temos apenas um ano de diferença. Costumávamos lutar como cães e gatos. Digo lutar mesmo, com a intenção determinada de provocar

muita dor um no outro. Bem naquele dia, só porque estava tendo aulas de judô, ele me jogou no chão com tanta força que eu entendi que aquilo era o fim de nossas brigas. Não ia dar mais para mexer com meu irmãozinho.”

Por ser muito mais nova, Stéphanie escapou de tudo isso.

“Temos oito anos de diferença, então acho que sempre me senti responsável por ela”, contou Caroline. “Sempre brinquei de irmã mais velha com ela. Eu era a babá dela, ajudava a tomar conta.”

Albert sentia-se como uma espécie de protetor. “Brinquei muito com Stéphanie na infância. Provavelmente porque adoro crianças pequenas; mesmo sendo ainda um menino, fiquei fascinado por ter aquele bebezinho na família. Sempre nos demos muito bem, sempre tivemos um bom relacionamento. Sei que ela passou por muita coisa por causa do acidente. Aquilo a afetou mais do que a maioria das pessoas imagina, talvez até mais do que nós da família pensamos. Ela teve um período de adaptação muito difícil depois, em termos de se relacionar com as outras pessoas. Isso talvez explique seu estilo de vida caótico.”

Para Albert, a enorme exposição sofrida por Stéphanie, que foi seguida e incomodada pela imprensa por anos, ajuda a explicar o porquê da desintegração de sua vida naqueles anos mais difíceis.

Ele continuou: “Por causa da idade e de algumas das coisas que queria fazer, acho que Stéphanie sofreu mais pressão e cheguei a temer que ela se machucasse ao longo do caminho. Eu realmente fico muito sentido. Ela nunca pediu nada disso. Só queria fazer suas próprias coisas por um tempo. Meu pai e eu tivemos longas conversas sobre o assunto e ele se preocupa muito com ela. Mas isso é normal. Acho que ela vem aprendendo em quem confiar. É uma garota muito doce, que faz pose de durona e fria por causa da timidez e de nem sempre saber como lidar com certas pessoas. É estranho porque, de certa maneira, como família, sempre enfrentamos diferentes situações em que tivemos de lidar com as pessoas. Stéphanie meio que resistiu a esse assédio, o que reverteu contra ela. Quando ela se abre para alguém, talvez ela se abra demais. Talvez tenha sido muito facilmente influenciada pelas pessoas erradas”.

Não se tratava de um problema exclusivo de sua irmãzinha, Albert reconheceu. “Estou descobrindo que, quanto mais eu me envolver com meu trabalho, mais solitário ele será. É claro que você tem conselheiros e pessoas ao redor para ajudar, mas é a você que cabe tomar as decisões finais. Sei que, quanto mais me mover rumo a uma posição de poder e liderança, mais estarei cercado de gente se dizendo ser minha amiga. É difícil lidar com isso. Tendo a confiar na maioria das pessoas, mas tenho me decepcionado muito.”

## *Capítulo 23*

### STÉPHANIE

ELA ERA A MOLECA DA FAMÍLIA.

Assim como a irmã mais velha, Stéphanie começou a frequentar a escola em Mônaco, teve aulas de piano e de dança. Como o irmão mais velho, recebeu estímulo para explorar seu interesse por esportes. E, como tanto a mãe quanto a irmã haviam estudado em colégios de freiras especializados na formação feminina, era natural oferecer a Stéphanie uma educação similar.

Ela não quis ir para a escola em que Caroline tinha estudado, na Inglaterra, e acabou matriculada em um colégio de freiras nos arredores de Paris, que ela detestava. As religiosas eram idosas e mal-humoradas, e o lugar, definitivamente obsoleto. O cenário, isolado em meio a um bosque, também parecia triste. Nem Rainier nem Grace, contudo, perceberam como o lugar era horrível até vê-lo com os próprios olhos. Uma pequena discordância se instalou entre casal. Rainier quis transferir a garota de imediato para outra escola. Stéphanie torcia por isso, mas Grace insistia em mantê-la ali.

Rainier lembrou: "Nós a levamos até lá de carro, mas, assim que chegamos, não gostei do que vi. Eles haviam anunciado uma piscina, que não existia. Mencionaram quadras de tênis, mas não se via nada além de um terreno lamacento atravessado por uma rede. Foi uma verdadeira decepção. No momento em que fomos embora e a deixamos ali de pé, dando adeus, ela estava em lágrimas. Eu falei para Grace: 'Estamos cometendo um erro. Vamos voltar'. Mas ela disse não. Sempre foi mais forte do que eu em relação a essas

coisas. Da minha parte, eu estava pronto para retornar, apanhar Stéphanie e levá-la para Paris com a gente”.

A simples menção ao lugar fazia Stéphanie tremer. “Eu simplesmente odiava. Passei um curto período lá, de setembro a dezembro, mas foi mais do que suficiente. Eu tinha quebrado o pé, então ficava muito dentro do quarto. Você acredita que havia grades nas janelas e que à noite soltavam dois pastores-alemães para as meninas não fugirem? Nós não tínhamos autorização para pendurar nada nas paredes nem para ter um rádio. Foi uma experiência! Sinceramente, ainda não entendo por que fui mandada para aquele lugar. Eu não era tão ruim assim para ser aprisionada lá. É claro que, olhando para trás, sei que minha irmã estava passando pelo divórcio e, provavelmente, meus pais quiseram me manter bem longe daquela situação. Mas saí de lá assim que pude. Fugi uma semana antes das férias de Natal. Eu apenas peguei minhas coisas e fui embora.”

Rainier solidarizava-se com a filha. “A escola tinha algumas regras muito bobas. Para começar, as meninas tinham de usar saia azul-escura pregueada até os tornozelos e camisas brancas de mangas compridas. Além disso, as alunas não podiam falar durante as aulas, diferentemente da forma como Caroline e suas amigas expressavam suas opiniões no St. Mary’s. Em outras palavras, naquele lugar ou as meninas cumpriam as ordens ou eram punidas por desobediência. Pior ainda: havia um limite semanal para o número de banhos de chuveiro.”

“Dois”, Stéphanie revelou com desprezo. Ela, contudo, logo descobriu uma saída para contornar o anti-higiênico regulamento. “Mamãe não nos criou com o costume de comer doces. Ninguém da família come doces, só Albert de vez em quando. Crescemos com minha mãe oferecendo frutas ou iogurte como sobremesa, de modo que não tínhamos apetite para bolos e tortas doces. Não demorou muito para descobrir que as outras meninas da escola estavam muito mais interessadas nas minhas sobremesas do que em tomar banho. Então, comecei a negociar, trocando-as por chuveiro todos os dias. Preferi me manter limpa e com fome a ficar suja e gorda.”

No final desse breve período, Stéphanie foi transferida para a atmosfera mais agradável de um conhecido internato em Paris, não muito longe do apartamento da família. “Era muito melhor, porque eu podia ir para casa na quarta-feira à noite e nos finais de semana. Gostava da escola: tinha meu próprio quarto e não havia regras de convento. Tomava banho todos os dias sem ser incomodada e continuei dispensando a sobremesa.”

Ela tinha passado nos exames do *baccalauréat* francês em 1982 e planejava a continuidade dos estudos quando o acidente de automóvel que quase a matou – e tirou a vida de Grace – mudou o rumo de sua vida.

Todo mundo tem sua própria maneira de chorar. A de Stéphanie foi abandonar tudo.

Seu namorado na época era Paul Belmondo, filho do ator francês Jean-Paul Belmondo. Ele a visitou no hospital, consolou-a e, mais tarde, a levou de volta a Paris, onde, o dia todo, ambos ficavam assistindo a vídeos. Ela ficou com ele, escondendo-se em sua concha. Rainier, Caroline e Albert ficaram justificadamente preocupados. Quando Stéphanie avisou que não queria ir para a universidade, eles tentaram convencê-la a mudar de ideia. Depois de um tempo, ela revelou estar interessada em moda e que cogitava fazer algo nessa área. Ainda demoraria um ano para que reunisse coragem e tomasse uma atitude. No outono de 1983, enfim, matriculou-se em um curso de moda em Paris. Após concluir, um velho amigo da família, Marc Bohan, contratou-a como *designer* assistente na Christian Dior.

Em pouco tempo, a antiga Stéphanie começou a ressurgir. Um dia, ela apareceu no trabalho com visual *punk* e os cabelos tingidos de laranja. Seus chefes na Dior mandaram que voltasse para casa e lavasse a cabeça imediatamente. Advertiram para nunca mais aparecer com o cabelo laranja. Ela obedeceu: foi para casa, lavou os cabelos e, no dia seguinte, apareceu com a cabeleira pintada de verde.

“Meu período na Dior foi um grande aprendizado. Chegava para trabalhar todas as manhãs às 9h30, ficava por lá direto até a hora da saída e recebia meu pagamento no fim do mês. Foi um trabalho

de verdade. Vivia sozinha em um pequeno apartamento em Paris. Fiquei lisonjeada com a confiança que meu pai depositou em mim: afinal, eu só tinha 18 anos. Mas aprendi muito. Aprendi tudo o que sei sobre moda com Marc Bohan. Ele foi incrível, nunca serei capaz de expressar toda a minha gratidão a ele.”

Stéphanie trocou Paul Belmondo por Anthony Delon, filho do ator francês Alain Delon, deixou Bohan e, numa manobra deliberada para lucrar com a própria beleza, tornou-se modelo. “Na verdade, eu queria criar minha própria empresa de maiôs. Tinha feito planos com uma colega que conheci na Dior, mas precisava levantar algum dinheiro. Não quis pedir ao meu pai. Eu era orgulhosa e queria fazer tudo sozinha. Uma garota conhecida trabalhava como modelo e me convenceu de que, se eu ingressasse na carreira, poderia ganhar dinheiro suficiente para começar minha empresa. Então, me tornei modelo.”

Com 1,73 metro de altura, magra, de beleza exótica e olhos deslumbrantemente azuis, ela não teve problema em conseguir trabalho na área. Não há dúvida de que esses atributos já bastariam, mas o fato de ser princesa de Mônaco certamente não atrapalhou – seu cachê diário girava em torno de 5 a 10 mil dólares.

“Eu desfilava com meu portfólio debaixo do braço”, lembra ela, “assim como todas as modelos fazem. Acredite, não é uma profissão muito divertida. Em sua maioria, as modelos são exploradas. Eu, pelo menos, era. Trabalhava muito duro, mas na maioria das vezes os fotógrafos dedicavam mais atenção a seus equipamentos do que a mim. Não se importavam com o calor que eu passava sob as luzes ou com a duração da sessão. Se reclamasse, eles simplesmente pegavam o telefone e requisitavam outra modelo.”

Dizia-se na época que Rainier não aprovava a atividade de Stéphanie. “Se estivesse realmente descontente, ele teria feito com que eu parasse. A verdade é que ele me deixou livre para continuar”, garantiu a princesa.

Uma agência de Nova York decidiu que valia a pena promover a carreira dela e organizou uma turnê pelos Estados Unidos, a fim de transformá-la na principal supermodelo no país. A iniciativa consumiu um bom dinheiro, pensando no potencial de elevado

retorno envolvendo o nome de Stéphanie. No último minuto, porém, o projeto foi abortado. Ela cancelou tudo. Circularam rumores de que Rainier, aborrecido com a filha, simplesmente tinha puxado o fio da tomada que energizava a carreira dela, proibindo-a de participar da empreitada.

“Não foi isso o que aconteceu”, esclareceu Stéphanie.

Ela desistiu porque, depois de trabalhar sem parar nos meses que antecederam a turnê, caiu doente. “Na véspera de minha partida para os Estados Unidos, eu ainda estava trabalhando. Até as seis da tarde tudo supostamente estaria encerrado, mas a sessão não terminou antes das duas da manhã. Eu estava tão esgotada pelas jornadas semanais de sessenta horas, com esses horários malucos, que desmaiei assim que cheguei em casa. Um amigo me encontrou inconsciente no chão e me levou às pressas para o hospital.”

A essa altura, no entanto, sua conta bancária já contava com dinheiro suficiente para levantar a empresa de maiôs. Ela e sua sócia criaram uma linha de trajes de banho sob a marca Pool Positions, para a qual bolaram o conceito “sexy sem ser vulgar”. Sua primeira coleção foi exibida em Mônaco para uma plateia lotada de rostos famosos. De imediato, os maiôs passaram a ser vendidos em lojas como Bloomingdales, Macy’s e Harrods.

Ninguém ficou mais surpreso com tamanha invasão de mercado, logo no primeiro ano da marca, do que a própria Stéphanie. “Gosto de pensar que a maior parte do sucesso se deveu a nossos próprios méritos, e não apenas ao fato de meu nome estar envolvido no negócio. É claro que fizemos o desfile em Mônaco para ajudar. Por que não? Mas, no final das contas, você tem de agradar os lojistas. Se eles não se interessassem em vender os trajes de banho, não dariam a mínima para o nome da estilista. Se os maiôs não fossem bons, teriam dito: ‘Está tudo muito bonito, mas obrigado, preferimos esperar pela coleção do ano que vem’. Em vez disso, recebemos um monte de pedidos de várias partes do mundo.”

No entanto, a parceria logo chegaria ao fim.

As personalidades entraram em choque e, com apenas dois anos de empresa, a sócia deixou o negócio. “Eu me senti traída e magoada com a saída dela porque sempre a considerei minha

amiga. A amizade, para mim, é tão importante quanto difícil de encontrar. Talvez seja assim para todos. Tenho um amigo realmente verdadeiro em Paris, que conheço há doze anos. É o tipo de pessoa para a qual sei que posso ligar a qualquer hora do dia ou da noite. Se precisar, ele estará lá. Acho que dói mais ser traído na amizade do que no trabalho ou mesmo no amor.”

Stéphanie poderia ter mantido a empresa, fazendo as coisas por conta própria, mas a Pool Positions logo cedeu lugar para a música e a interpretação diante da oportunidade de gravar um disco. Sua canção, “Irresistible”, disparou para o topo das paradas de sucesso francesas. Embora sua voz delicada estivesse longe de permitir comparações, por exemplo, com Barbra Streisand ou Celine Dion, o *single* vendeu o número impressionante de 1,3 milhão de cópias na Europa nos primeiros três meses e chegou a ultrapassar a barreira dos 5 milhões. Os críticos se apressaram em creditar o sucesso, segundo eles previsível, mais ao nome da princesa do que à qualidade musical.

“Não esperava que acontecesse daquele jeito”, disse ela. “Nunca pensei que o disco venderia tanto. Mas, com essa chance de poder cantar, descobri o que eu realmente quero fazer. Cantar e atuar.”

\*\*\*

Lançar-se de uma canção *pop* francesa para uma carreira de atriz seria o caminho lógico para qualquer pessoa. Seu sucesso nas paradas, no entanto, despertou a consciência de que, se Stéphanie quisesse se tornar conhecida pelos próprios feitos, e não pelo prestígio de seus pais, ela não poderia permanecer na França.

Tudo começou com o terror de quase ter sido sequestrada. Em novembro de 1984, um casal tentou interceptar o carro dela para raptá-la. “Foi muito estranho. Havia uma delegacia de polícia do outro lado da rua. Eu estava entrando na garagem do apartamento do meu pai quando um cara apontou uma arma para a minha cabeça. Congelei. Meu corpo tremia como geleia, mas a mente não parou de funcionar. Eu me contorci dentro do carro, pensando que,

se ele fosse atirar, seria melhor acertar o braço ou a perna do que a cabeça. Continuei tentando me livrar do cara.”

“De repente”, Stéphanie contou, “a cúmplice apareceu no outro lado do carro e começou a gritar: ‘Atira, mata’. Inadvertidamente, eu disse: ‘Olha, meu pai está lá em cima. Se quiser falar com ele, vamos lá conversar’. E continuei: ‘Essa é a melhor coisa. Vamos subir e conversar porque ninguém vai pagar por um corpo morto’. Foi quando o cara se assustou e desistiu. Ele e a garota fugiram. Só então me apavorei também. Quando me arrastei para o apartamento do porteiro, me sentia um trapo. Foi tudo muito estranho.”

O problema seguinte de Stéphanie foi enfrentar a inveja, que parece consequência inevitável do sucesso. “Aquilo estava me deixando louca. As pessoas se irritavam com o fato de eu trabalhar. Diziam que eu estava ocupando o lugar de alguém que merecia mais o sucesso. Fiquei muito magoada com isso. Havia muita bobagem sobre mim nos jornais. Falavam que o disco só deu certo porque eu era princesa. Minha resposta: ‘Não dá para vender 5 milhões de discos só por minha causa, as pessoas gostaram da música mesmo. Talvez desse para vender 100 mil cópias só porque sou eu, mas não 5 milhões!’”

Não importava o quanto se esforçasse, ela não conseguia aceitar a maneira como era tratada. “Tudo chegou muito perto da pura maldade. Se você ficar em segundo lugar, as pessoas vão amá-la. Mas, se virar estrela, todos vão querer destruí-la. Você sabia que, quando o meu disco estava no topo das paradas francesas, uma garota cuja canção estava mais abaixo na lista me deu uma rasteira de propósito quando eu caminhava até o palco para me apresentar? Quebrei meu tornozelo, dá para acreditar? Eu nunca faria isso com alguém. Nos Estados Unidos era diferente. Quando procurei cantores em Los Angeles para fazer *backing vocal* em meu álbum, George Michael soube e me ‘emprestou’ seu próprio grupo de vocalistas. Ele quis ajudar. Decidi, então, que não dava para lidar com essas coisas na Europa e me mudei para os Estados Unidos.”

Sob todas essas questões, porém, havia um fator que ela mesma reconhecia como decisivo para fundamentar sua decisão: o acidente.

“Havia uma pressão imensa. Todo mundo dizia que eu estava dirigindo o carro, que era tudo culpa minha, que eu tinha matado minha mãe. Não é fácil conviver com isso quando se tem dezessete anos. Minha mãe evocava tanta magia, tanto sonho que, em certo sentido, deixou de ser humana. As pessoas não aceitavam que ela tivesse sofrido uma experiência tão humana como um acidente de carro. Achavam que outra coisa devia ter causado a tragédia, porque ela era perfeita demais para ser a responsável por algo parecido. Depois de um tempo, fica impossível você não se sentir culpada. Todo mundo olha para você, e você sabe o que estão pensando: ‘Por que ela ainda está aqui e Grace morreu?’. Ninguém nunca me disse isso, mas eu sabia que era o que todos pensavam. Eu precisava muito da minha mãe quando a perdi. Meu pai ficou tão perdido sem ela... Eu me senti sozinha. E fui embora para fazer minhas coisas.”

Em outubro de 1986, Stéphanie foi para a Califórnia em busca de seus objetivos como cantora e atriz. Contratou um agente e começou a participar de testes para peças. A certa altura, já recebia trinta telefonemas por semana, mas rejeitava todos porque ainda não tinha o papel perfeito. Nesse meio tempo, começou a passar duas horas por dia com seu preparador vocal e a ter aulas três vezes por semana com Nina Foch, sua professora de interpretação. Apesar de continuar sendo uma das mulheres mais conhecidas na Europa, ninguém parecia se importar com isso em Los Angeles.

Era exatamente o que ela esperava. “Em Paris, eu era reconhecida o tempo todo. Uma vez, uma mulher me abordou na padaria: ‘É incrível como você se parece com a princesa Stéphanie’. Eu respondi: ‘Nem me fale dela. Todos os dias alguém me diz isso. Todos os dias. O que tenho de fazer para não me parecer com ela? Cortar o cabelo? Estou realmente farta dessa princesa Stéphanie’. A pobre senhora acabou se desculpando, dizendo que a minha situação devia ser mesmo terrível.”

Na Califórnia, eram principalmente os turistas franceses que a abordavam, perguntando em francês se ela era a princesa. “Descobri que, se eu respondesse em inglês ‘O quê? O que você disse? Que língua é essa?’, eles logo desistiam e iam embora resmungando: ‘Não, não é ela’. Para os norte-americanos, não sou a princesa

Stéphanie. Sou a filha de Grace Kelly. Quando os norte-americanos me reconhecem, é isso que perguntam: 'Você não é a filha dela?'. O que realmente gosto em Los Angeles é que ninguém se preocupa muito com essas coisas. Sou apenas um rosto conhecido entre milhares de rostos conhecidos. A atriz coadjuvante da novela da TV é muito mais famosa em Los Angeles do que eu."

Infelizmente, na Califórnia, ela embarcou em uma série de interlúdios românticos que foram parar nos jornais. O mais rumoroso deles envolvia o ator Rob Lowe. Houve até quem falasse em casamento, uma vez que, supostamente, o casal teria trocado alianças de compromisso ou noivado. O *New York Daily News* fez a cobertura do caso à maneira como os jornais esportivos descrevem as lutas de boxe, detalhando os golpes e movimentações de cada *round*: estão planejando o casamento, desistiram da ideia, voltaram a namorar, romperam, mas continuam amigos.

Em seguida, o nome dela foi ligado ao de um ex-garçom de Marselha, que havia sido casado duas vezes e denunciado por agressão sexual nos Estados Unidos. Dizia-se que o caso entre eles durou quase dois anos.

"Meu pai não estava exatamente feliz com tudo isso", admitiu Stéphanie. "Na época, ninguém estava e posso entender o porquê. Mas eu olho para tudo aquilo desta maneira: fiz o que tinha de fazer e, finalmente, percebi que não era o que queria, então segui em frente. A vida continua. Não me arrependo de nada. Papai deve ter entendido o que estava acontecendo. Não acho que ele teria me deixado atravessar aquela situação por tanto tempo se não tivesse a certeza de que, ao fim, eu perceberia sozinha que não era para mim. Do contrário, ele teria me colocado no primeiro avião de volta para casa."

Rainier, ela supôs, demonstrou sua confiança na filha, deixando-a aprender suas próprias lições. "Ele me conhecia muito bem. Às vezes, dizia que eu era a pessoa que mais se parecia com ele. Acho que é verdade. Temos personalidades semelhantes, embora eu não me deixe levar tanto pela raiva, como ele. Eu tremia quando ele ficava bravo. Mas isso passava logo porque ele não guardava a raiva por muito tempo. Mas sua voz mudava e ficava muito assustadora

por alguns minutos. Em seguida, ele se acalmava, como se fosse um gatinho. Ainda assim, quando começava a rosnar, era melhor sair do caminho. Ele dava seu recado e as pessoas concluíam que era melhor não aborrecê-lo.”

O episódio provocou certa tensão no relacionamento de Stéphanie com Rainier.

No entanto, a porta nunca foi fechada.

Stéphanie disse que eles fizeram todos os esforços para mantê-la aberta. “Algumas vezes, enquanto crescia, eu me esqueci de que havia essa porta aberta e deixei meus pais apavorados. Isso acontece sempre entre pais e filhos. Em muitas ocasiões, achei que eles estavam fechando a porta e só eu buscava mantê-la aberta. Mas, agora, sei que as coisas não eram bem assim. Percebo como sou sortuda pelo fato de meus pais sempre terem se mostrado abertos ao diálogo.”

Por causa disso, ela ressaltou, seu relacionamento com o pai atingiu um nível diferente. Eles começaram a se comunicar de outra forma. Rainier parou de pensar nela como seu bebê. Ainda tentou protegê-la quando podia, mas de uma maneira mais adulta. Stéphanie, de sua parte, esperava ter provado que podia dar rumo à própria vida, que era uma pessoa responsável e que apreciava essa nova relação, baseada em aconselhamento e apoio.

Enquanto vivia na Califórnia, ela descobriu: “Ele não me repreende. Eu peço conselhos e ele me dá, sem insistir para que eu siga. Ele apenas diz: ‘Isto é o que penso, mas agora vá em frente e faça o que achar melhor’. Ele e eu estamos muito mais próximos do que nunca.”

## Capítulo 24

### RAINIER FALA SOBRE SELOS, RUSSOS, PRISÃO, BANIMENTO E DINHEIRO NO BOLSO

EXISTEM APENAS DUAS COISAS QUE VOCÊ PODE FAZER com um selo: colá-lo em um envelope, para que este chegue a algum lugar, ou juntá-lo a muitos outros em uma coleção, para ser admirado de vez em quando.

Mas qualquer selo comprado e, em seguida, colado em um álbum corresponde ao pagamento de um serviço jamais realizado. É por isso que os correios de todo o mundo – o de Mônaco entre eles – incentivam a filatelia.

O príncipe Charles III, em 1885, criou os primeiros selos do principado, com a efígie do soberano. Hoje, os selos monegascos não só contam a história do país como também celebram trens, aviões, peixes, flora, flores, carros de corrida, barcos, igrejas locais, santos, grandes obras de arte, animais, o rádio, a televisão, o esporte e o circo. Em suma, tudo e qualquer coisa que possa ser considerada uma categoria filatélica.

Rainier tomou como pessoal o interesse por selos, aprovando cada nova emissão, não necessariamente para colecioná-los – ainda que o Museu do Palácio exiba um acervo completo de exemplares postais do principado –, mas porque se trata de um grande negócio para a Grimaldi S.A.

“Nós deliberadamente visamos ao mercado dos colecionadores”, explicou. “Enquanto a maioria dos outros países utilizam modernas impressoras de *offset*, nós optamos pela impressão em gravura, para

que nossos selos tenham um atrativo a mais para os filatelistas. No entanto, é um negócio muito delicado. Se imprimir exemplares demais daqueles que fazem pouco sucesso, os selos perdem valor no mercado. Se imprimir de menos, talvez não haja retorno financeiro suficiente, uma vez que eles rapidamente se esgotam e você fica sem ter o que vender.”

Os retratos de Grace começaram a surgir nos selos postais de Mônaco na época do casamento, e muitos exemplares foram vendidos aos colecionadores. As emissões “Grace” constituíram um grande negócio – mas a imagem era sempre a da princesa Grace.

Até que, em 1993, o serviço postal dos Estados Unidos homenageou a princesa com um lançamento. Como a lei federal proíbe retratar chefes de Estado estrangeiros, a imagem escolhida foi extraída de *Amar é sofrer*, de 1954, filme pelo qual ela ganhou o Oscar de melhor atriz.

Rainier fez um acordo para Mônaco utilizar a mesma imagem.

Então, em 24 de março de 1993, dois selos foram emitidos simultaneamente: em Mônaco, o “Princesa Grace” de 5 francos; em Hollywood, o “Grace Kelly” de 29 centavos de dólar.

Foi a primeira vez que Mônaco reconheceu oficialmente a carreira de Grace no cinema com um selo para colecionadores. E, também pela primeira vez, os Estados Unidos fizeram uma homenagem filatélica a uma atriz de cinema.

\*\*\*

“Você sabia”, perguntou Rainier, “que os russos costumavam vir a Mônaco durante a Guerra Fria? Isso mesmo. Recebíamos navios soviéticos porque aqui está a base da Organização Hidrográfica Internacional. Era interessante porque eles sempre deixavam as pessoas visitarem a embarcação – crianças em idade escolar ou qualquer outro interessado. Também tivemos traineiras russas, mas, nesse caso, elas nunca foram abertas à visitação. Várias vezes me perguntei o que, afinal, essas traineiras estavam pescando, pois eram equipadas com diversas antenas. Sempre achei divertido vê-los por aqui, pois os marinheiros russos tinham autorização para

desembarcar e perambular por este inferno capitalista. Engraçado, mas acho que a maioria deles gostava do que via.”

P: Mas há algo aqui para não se gostar?

R: Há algumas coisas de que não gosto.

P: Por exemplo?

R: Por exemplo, fofocas. Eu já lhe contei, a fofoca foi inventada em Mônaco. Só que eu não ligo para isso. Se alguém vai para a cama com outra pessoa e eles gostam de saber disso, bom para eles.

P: E quanto ao jogo?

R: Também não me interessa. De qualquer forma, nenhum membro da família soberana deve ir ao cassino daqui. Nativos também não devem jogar. Foi inteligente da parte do príncipe Charles impor essas regras. Ele não queria monegascos perdendo dinheiro e se tornando um fardo para o Estado.

P: E as corridas de cavalos?

R: Isso é divertido. Você pode chegar perto para ver se o cavalo tem olhos azuis ou se o jóquei está vestido com as cores certas antes de apostar neles. Meu sogro, Jack Kelly, costumava convidar amigos e colegas de trabalho, todos homens, para ir ao Kentucky Derby todos os anos. Eu fui duas ou três vezes. Ele alugava um trem inteiro para nos levar da Filadélfia para o Kentucky. Era uma bebedeira gigantesca. Chegávamos na sexta-feira e ficávamos no trem até as corridas de sábado. A produção de coquetéis *mint julep* não parava nunca. Era ótimo.

P: Você sabe alguma coisa sobre cavalos?

R: Não sei nada sobre cavalos, exceto que existe a parte da frente e a de trás. Mas em uma sexta-feira, acho que foi no último páreo, havia um cavalo chamado Caine Run e suas chances eram tão baixas que nem chegaram a publicar o rateio. Decidi apostar 25 dólares nele. Jack Kelly e seus amigos tentaram me dissuadir. Para eles, a vitória daquele cavalo estava fora de cogitação. Eu argumentei em favor do pobre cavalo e disse que alguém deveria apostar nele. Convenci o pessoal a fazer um *pool*, com cada um

investindo até 5 dólares no Caine Run. Adivinhe só: o cavalo venceu e eu passei a ser adorado dali em diante.

P: Ainda frequenta as corridas?

R: De vez em quando, em Paris, porque você pode ver o que está acontecendo. Eu jamais ficaria fascinado com uma bolinha girando em torno de uma roda. Mas admito que o *blackjack* pode ser divertido por um tempo. Eu costumava jogar um pouco de *gin rummy*, mas jogos de cartas me entediavam se duram muito tempo. Pôquer é muito lento. E quanto a jogos de tabuleiro, como Monopoly, nunca achei divertidos. Eles duram uma eternidade.

P: E outros jogos, como o *bridge*?

R: Meu avô nunca jogou cartas, mas, como minha mãe adorava *bridge*, eu sempre ouvira coisas como "Por que você não colocou as espadas?", ou "Fique com as copas, não com as cartas de paus". E isso se estendia por dias. As pessoas ficavam tão irritadas umas com as outras que eu fiz de tudo para me manter longe dos jogos.

\*\*\*

Embora realmente existam diferenças na verdadeira influência que os grandes e pequenos países podem exercer, ser um principado diminuto como Mônaco tem suas vantagens.

"Para começar", observou Rainier, "não estamos interessados em possuir o que nossos vizinhos têm. Por causa do nosso tamanho, somos vulneráveis. Mas é a vulnerabilidade das pequenas nações que nos tornam os melhores defensores da paz. Nossa sobrevivência depende da paz. O problema é que nossas vozes geralmente não alcançam os ouvidos do resto do mundo."

Com Rainier, Mônaco ganhou o reconhecimento de nação na Organização das Nações Unidas. Ele também fez a voz monegasca ser ouvida em questões como a poluição dos oceanos.

O príncipe se sentia "furioso com o fato de os mares se tornarem um depósito de lixo e esgoto, em meio à indiferença geral da humanidade. A vida depende do ciclo da água, então o que está em perigo, aqui, é a própria vida. E não estamos falando de algo que não pode ser evitado, pois não existe poluição inevitável. Tudo é

causado pelo homem. A poluição pode ser evitada, basta ter vontade e meios para isso.”

Mas essa é, justamente, a parte mais difícil. “Você sempre pode motivar e contar com o apoio dos cientistas, porque eles entendem. O problema é a motivação dos burocratas. Eles não cedem porque é contra a sua natureza. Desconfiam por princípio. Nosso maior obstáculo foram os franceses. Em vez de se preocuparem com a poluição, eles queriam saber a quem caberia a autoridade no dia a dia.”

Isso é o que os governos dos grandes países fazem, disse ele. “Ficam emperrados em suas burocracias. Por outro lado, as pequenas nações podem fazer as coisas acontecerem rapidamente. Os países maiores têm muitas incumbências e acabam sobrecarregados.”

\*\*\*

Mônaco é um dos poucos países no mundo que não têm prisão.

Há apenas 37 celas modernas para réus que aguardam julgamento, as quais se estendem ao longo da parede externa de *Le Rocher* que dá para o Mediterrâneo.

No entanto, o boato de que se trata de “jaulas com vista para o mar” não corresponde à verdade. A melhor vista de que os detentos dispõem é a do céu. O único detalhe que torna esse cárcere especial, segundo Rainier, é que a esposa do diretor prepara pessoalmente as refeições. Mônaco, quase com certeza, tem os prisioneiros mais bem alimentados do mundo.

No principado, a justiça é executada em nome do príncipe, que pode perdoar ou atenuar sentenças. Como o Conselho Nacional há muito tempo aboliu a pena de morte, o príncipe só não pode mandar “cortar cabeças”.

E, mesmo se pudesse, ele dificilmente faria isso. “É um negócio muito confuso”, repudiou Rainier.

O príncipe, contudo, tem plenos poderes para banir quem quer que seja do principado. Se quiser – e isso é garantido por um acordo assinado com a França –, pode pedir que o banimento inclua ainda

três departamentos franceses vizinhos: Alpes Marítimos, Var e Alpes da Alta Provença.

Não que as expulsões aconteçam com frequência. Em geral, a medida se restringe a pessoas condenadas em Mônaco por atividades criminosas, como trapanças no cassino.

De acordo com Rainier, "a França compartilha de nosso interesse em manter certas pessoas fora da região. As únicas exceções a essa regra são os monegascos. Não posso privá-los de seu direito de viver em Mônaco. Eles não têm outro lugar para ir."

\*\*\*

Outra grande vantagem de um país pequeno como Mônaco "é que o contato, aqui, é direto. Você conversa com as pessoas. Como chefe executivo do meu governo, é claro que não vou pedir algo impossível, pois o Conselho Nacional não permitiria. Mas se há algo que considero que deve ser prioritário, então posso transformar isso em prioridade em nossa administração. Você só pode fazer isso em um país pequeno."

Seu exemplo favorito foi a campanha que promoveu para renovar o modelo das carteiras de identidade monegascas. Quando lançou a ideia, ele foi fortemente questionado pelo Conselho Nacional, que simplesmente não via razão para alguém querer trocar a velha, grande e desajeitada peça de papelão que precisava ser dobrada três vezes para chegar a algo próximo do tamanho de um cartão de crédito.

"Olhe para isso", disse Rainier, sacando do bolso o novo modelo de carteira de identidade de Mônaco que estava em um pequeno porta-cartões de couro. Trazia a foto dele, o nome e seu número de inscrição, que, com a reforma de estilo, passou a ser 0001.

"Incrível, não?", gabou-se, orgulhoso do tamanho prático do documento. "Não ocupa quase nenhum espaço. Mas você não imagina como os conselheiros brigaram comigo por causa disso. Os burocratas insistiam em recusar, dizendo que nunca iam permitir a mudança."

Agitando a carteira, triunfante, ele acrescentou: "É claro que, agora, todo mundo está fazendo fila para reivindicar o crédito por essa ideia."

Nesse momento, uma pergunta estranha, de repente, veio à mente deste autor. O que mais um príncipe leva nos bolsos?

Diante da pergunta insólita, que jamais lhe havia sido feita em qualquer outra entrevista, Rainier encolheu os ombros e revirou os bolsos, dos quais saíram uma carteira de cigarros, um isqueiro e as chaves do cofre do escritório e das gavetas da mesa.

Então, do porta-cartões, ele puxou sua carteira de motorista e uma nota de 100 dólares. "Guardo para dar sorte."

P: Não tem chaves de casa?

R: Não.

P: Outras notas de dinheiro?

R: Sim, mas não vou lhe dizer quanto.

P: Oh, vamos lá...

R: O suficiente para, se ficar sem gasolina a caminho do trabalho, poder abastecer o carro.

P: O senhor trabalha todos os dias?

R: Há sempre algo para fazer. Mesmo quando não estou em Mônaco, há sempre muita coisa para ler e muitas pessoas para ver.

P: Pensa em se aposentar?

R: Constantemente.

P: Sério?

R: Claro. Vou me aposentar algum dia, só não posso dizer exatamente quando porque não sei. Será quando Albert e eu sentirmos que ele está pronto para assumir. Quando ele estiver determinado e confiante. Isso também terá de fazer com que Albert se case.

P: Consegue se imaginar aposentado, cuidando de uma fazenda?

R: Não. Não tenho tanto conhecimento assim sobre agricultura.

P: As terras daqui dão o quê?

R: Principalmente pedras. A agricultura é muito difícil na região. Costumava-se cultivar beterraba, até que a economia regional

mudou e agora todo mundo planta milho e um pouco de trigo. Mas não tenho muito interesse no campo.

P: Então, o que pensa em fazer no futuro?

R: Tenho muito com o que me manter ocupado. Eu jogava tênis e andava a cavalo, mas, como estou ficando velho, acho que vou me concentrar no golfe. E ainda esquiar, nadar e mergulhar, de vez em quando. Quando encontrar o tempo, também gostaria de pescar. É bom para os nervos, mas também não tenho muitas informações sobre a pesca. Tudo o que sei é que os peixes mordem mais quando há uma tempestade.

P: Tem alguma boa história de pescador? Sobre algum peixe grande que acabou escapando?

R: Comigo, todos eles escaparam.

P: E o que mais além da pesca e do golfe?

R: Há muitas coisas que gostaria de fazer, se tivesse tempo. Como viajar para me encontrar com as pessoas que quero ver, e não com as que sou obrigado a ver. Gostaria de passar mais tempo na minha oficina e organizar minha propriedade. Gostaria de passar mais tempo em *Roc Age*, Marchais e, talvez, até mesmo em meu barco. Adoraria ter tempo para ler todos os diários que meu bisavô deixou. São notas manuscritas de suas expedições científicas.

P: Nada mal. Mas isso é tudo?

R: Talvez não.

P: O que mais?

R: Ah, quem sabe, aprontar algumas por aí. Promover minha vingança contra a sociedade. Ser grosseiro com as pessoas. – Sorrindo amplamente, Rainier fez uma pausa e balançou a cabeça várias vezes. – Fazer todas as coisas que não posso fazer agora.

## *Capítulo 25*

### CAROLINE – A VIDA CONTINUA

COM A MORTE DE STEFANO, A VIDA DE CAROLINE E SUA família entrou em turbulência, o que a levou a refugiar-se em uma fazenda no vilarejo de Luberon St. Remy, a três horas de distância de Mônaco. Ela queria ficar a sós com as crianças e chorar.

Caroline matriculou os filhos na escola local e, com grande coragem, ajudou-os a superar a perda do pai. Inconscientemente, eles, por sua vez, também lhe deram forças para superar o luto. Eram, segundo ela, a razão pela qual valia a pena levantar da cama todas as manhãs.

Não há dúvida de que ela lidou com a morte do marido com a mesma dignidade que havia demonstrado na ocasião da perda da mãe. Seu sofrimento revelou-se por inteiro. Caroline emagreceu muito, passou a usar o cabelo bem curto e a vestir-se sobriamente. Ao longo do primeiro ano depois da morte de Stefano, suas raras aparições públicas aconteciam nas visitas ao túmulo do falecido.

Rainier, tentando protegê-la dos meios de comunicação, deu-lhe todo o tempo de luto de que precisava, dispensando-a de suas funções oficiais até que se sentisse pronta para retomá-las. Albert e Stéphanie entraram em cena para substituí-la, não só para ajudar Rainier, mas porque compartilhavam a dor de Caroline.

“O calendário do palácio e o calendário do coração são duas coisas distintas”, disse Nadia Lacoste na época.

Demorou um ano para que ela se sentisse confiante o suficiente para ensaiar seus primeiros passos de volta à vida pública. Demorou um pouco mais, porém, para ela resgatar o habitual sorriso.

Caroline sempre foi uma mulher contente, mas estava difícil se reconciliar com a alegria, ainda mais convivendo com fofocas dos tabloides sobre suas supostas dificuldades financeiras após o falecimento do marido. Não era verdade.

Ao trocar Mônaco por Luberon, ela acreditava que seria mais fácil proteger os filhos. Eles tinham todas as vantagens óbvias da vida em uma pequena aldeia – como brincar com animais soltos no quintal –, todas praticamente inviáveis no cotidiano da família soberana no ambiente do principado. Caroline também esperava que seus filhos ficassem menos vulneráveis ao assédio da imprensa. Tinha a convicção de que ela, Albert e Stéphanie haviam sido superexpostos na mídia em seus anos de formação, o que, em certo sentido, fez a imprensa acreditar equivocadamente que era dona dos três jovens Grimaldis, arrogando-se o direito de perseguir-los por toda a vida.

Era exatamente a situação de que ela queria poupar os filhos. Inclusive porque, em sua opinião, os tempos haviam mudado e esse tipo de exposição passou a trazer consigo todo tipo de consequência indesejável.

Na cabeça de Caroline, a segurança dos filhos era fundamental. Mas a mídia não ligava para isso. Os *paparazzi* cercavam sua casa e seguiam seus filhos até a escola. Demorou algum tempo para que a população local parasse de dar aos turistas indicações do caminho para a casa dela. Mas, quando isso aconteceu, e quando os moradores passaram a expressar seu desagrado com a invasão dos fotógrafos, a vida de Caroline e seus filhos retomou a aparência de normalidade.

Ao longo do primeiro ano de viuvez, e nos anos seguintes, ela preservou o contato com a família de Stefano, para compartilhar a saudade e também para que seus filhos nunca ficassem muito tempo distantes dos avós, tios e primos.

Por volta de 1990, os tabloides anunciaram que Caroline tinha engatado um romance com um jovem ator francês chamado Vincent Lindon.

Por algum tempo, Caroline e Vincent pareciam mais do que apenas confortáveis um ao lado do outro, a despeito do fato de terem uma

abundância de quase amigos felizes em relatar o progresso do caso amoroso.

Depois de rastrear as ligações dos antepassados paternos dele com a família Citroën, do setor de automóveis, e de descobrir que na ascendência materna houve um ministro de governo da época da Terceira República francesa, a imprensa ficou alucinada e noticiou – várias vezes – que Caroline e Lindon tinham se casado.

A cada vez, o palácio tinha de negar a informação.

Rainier precisou ir a público prometer aos jornalistas que, se e quando Caroline se casasse, o palácio divulgaria o fato no mesmo dia.

Mas o casamento com Lindon jamais aconteceu.

E com a fibra irlandesa dos Kellys, tão claramente notada nos três filhos de Grace, Caroline continuou a tocar sua vida.

Desde a infância, ela era uma competente pianista e leitora voraz, com ampla gama de interesses – dos clássicos da literatura a ensaios do século XIX e ficção contemporânea. A certa altura, logo após o fim do seu primeiro casamento, ela chegou a flertar com a ideia de escrever.

Em 1981, Caroline foi convidada pelo *International Herald Tribune*, de Paris, para escrever um artigo sobre sua vida em Mônaco: “Uma compulsiva necessidade de azul” era o título do primeiro texto publicado.

“A tentação é glamorizar a infância”, escreveu ela. “Isso provavelmente acontece em todas as pequenas cidades com belos cenários. O clima é agradável durante as quatro estações do ano. Você passa muito tempo ao ar livre. Mas, como as crianças, nós nunca somos muito conscientes da beleza total. Nunca pensamos que vivemos em um lugar que os outros consideram único.”

Caroline confessou que foi preciso ficar mais velha e viajar bastante pelo mundo para entender o quanto ela pertencia ao Mediterrâneo e ao seu céu sem nuvens.

Então, ela descreveu sua visão privilegiada do relacionamento entre os monegascos e as legiões invasoras de visitantes.

“As regras são simples”, ela explicou. “Se você faz parte do *jet set*, não dá para apenas ir a este ou aquele lugar. Você faz uma entrada

em cada local em que chega. As conversas sempre giram em torno de assuntos particulares alheios. Você janta no terraço do Hotel de Paris e lambisca o caviar no seu prato. Os ônibus vão e vêm indefinidamente. De dentro deles, saem passageiros que olham e apontam para as mulheres à sua volta, para o champanhe, para você. Quer dizer, de um lado, há grupos desembarcando de ônibus quentes e malcheirosos. De outro, pessoas tentando desesperadamente parecer bonitas e charmosas, infladas de orgulho e com o pensamento concentrado em se exhibir. Onde e como os monegascos se encaixam nesse quebra-cabeça social? Francamente, acho que não nos encaixamos. Tivemos de aprender a manter o visitante contente, embora não sem emitir alguns grunhidos e gemidos de desconforto. Agora, soberbamente, ignoramos tanto as massas anônimas como a elite insolente. Ao longo dos séculos, desde muito antes de as pessoas viajarem por lazer, nossa única preocupação foi preservar um senso de identidade nacional e nos agarrarmos a ele ferozmente.”

Infelizmente, o jornal publicou apenas alguns trechos do texto, ilustrando a matéria com uma insípida foto de Caroline aos oito anos de idade. Foi uma decepção pessoal para ela, que tinha trabalhado pesado para produzir um bom artigo, e também para Grace, que ao lê-lo sentiu que a filha poderia ter um futuro na escrita.

Sem se intimidar com a forma pouco respeitosa dispensada ao seu trabalho, Caroline continuou escrevendo para revistas francesas. Entre suas incursões pelo jornalismo, destaca-se uma entrevista muito competente com o astro italiano da ópera Ruggero Raimondi.

Embora a maternidade continuasse como prioridade, ela ocasionalmente colocava a caneta no papel e, com alguns amigos de Paris, publicou uma revista satírica anual.

Ela também tinha funções oficiais em Mônaco, em especial depois da morte de Grace, quando se tornou a primeira-dama. Caroline assumiu a unidade monegasca da Fundação Princesa Grace e a Academia de Dança Princesa Grace, concebida por sua mãe para apoiar jovens bailarinos, além da presidência do Festival de Artes de Mônaco.

“Quando mamãe presidia o festival”, observou ela, “o evento tinha um formato curioso, pois as várias apresentações espalhadas ao longo do ano ficavam todas sob os auspícios do Festival de Artes. Ela planejava agrupar tudo em um período fixo de duas ou três semanas, mas nunca teve a chance de concretizar isso. Uma das coisas que fiz foi dar a forma atual do evento, compactando-o em três semanas perto da Páscoa.”

Imprimindo sua marca pessoal, Caroline ajudou a resgatar esquecidas óperas dos séculos XVII e XVIII, atendendo a um público mais exigente. Implementou também um Festival de Música Barroca, filmes sobre ópera e música, exposições de escultura, pintura e fotografia, além de peças de teatro experimental. Honrando a tradição da dança em Mônaco, concluiu o trabalho da mãe na formação de uma companhia de balé profissional para a ópera de Monte Carlo.

Segundo ela, deu muito trabalho. “Montar os espetáculos, vender reservas de assinaturas, organizar turnês, ajudar na criação do repertório, contratar os coreógrafos mais indicados... Tentamos manter um equilíbrio entre o repertório de Diaghilev, os Balés Russos e os grandes clássicos, como *O lago dos cisnes* e *O quebra-nozes*. Mas também fazemos coisas mais modernas e experimentais.”

Ao mesmo tempo, Caroline estabeleceu um projeto próprio, chamado *Jeune J'écoute* – um serviço telefônico de ajuda a jovens envolvidos com problemas drogas, com a polícia ou com pais, ou desempregados em busca de orientação.

Caroline aceitava o fato de ter de preencher parte do vazio deixado por Grace em Mônaco, mas o fazia apenas com um trabalho parcial. Seus filhos sempre vinham em primeiro lugar. Rainier aprovava. Ele entendeu o desejo de Caroline de viver em harmonia com a natureza e longe dos holofotes que incidiam sobre sua vida em Mônaco. Mais ainda: ele sabia, talvez melhor do que ninguém, que Caroline queria dar aos filhos um tipo de criação que ela mesma nunca tinha recebido dos pais.

“Às vezes”, disse ela, “há tanta coisa acontecendo que eu nem sequer tenho tempo para pensar. O mais difícil é quando você recebe cartas desesperadas de pessoas que precisam de ajuda,

gente cuja vida é um verdadeiro caos. Todos os dias recebemos pedidos do gênero. Na maioria das vezes eu me sinto como uma assistente social, tentando ajudar as pessoas.”

A imprensa, mais uma vez, preferia pintar o quadro de maneira diferente: as ações de Caroline eram interpretadas como coniventes com a orquestração de um golpe palaciano.

Como ela via todas essas histórias sobre seu suposto plano para assumir o trono?

Diante do tema, seus olhos brilhavam. “Você se refere a quem diz que estou fazendo manobras políticas nos corredores escuros no palácio? Tudo é intriga e contraintriga. Richelieu e Mazarin devem parecer criancinhas inocentes quando comparados a mim e ao que me acusam de estar fazendo. A verdade é que, sempre que tenho tempo livre, em vez de fazer tramoias, eu prefiro gastá-lo com meus filhos. Francamente, não vejo a hora de Albert se casar, para poder passar à esposa dele um monte dos meus deveres. É claro que ele continua me dizendo que tem de encontrar a mulher certa. Bem, tenho tido tão pouco tempo para mim e meus filhos que, às vezes, em meus momentos de fraqueza, acho que me contentaria até se essa garota fosse Joan Collins.”

\*\*\*

Quando Caroline ainda era adolescente, Grace lhe apresentou um dos jovens solteiros mais cobiçados da Europa. O encontro, bem vigiado, ocorreu em uma viagem das duas à Alemanha.

Para Caroline, aquilo não ia dar em nada além de uma conversa educada à mesa do chá. Casamenteira eterna, Grace alimentava esperanças de que, um dia, algo mais profundo poderia se desenvolver.

A coisa toda se transformou em um passeio a bordo de um automóvel desconfortável.

O jovem alemão havia acabado de comprar um luxuoso carro esportivo e, a fim de estreá-lo, convidou Caroline para dar uma volta.

Ela não podia recusar, mas desejou tê-lo feito quando viu o tamanho do veículo: era tão diminuto que Caroline se sentiu como uma contorcionista ao embarcar e, uma vez dentro dele, achou que dificilmente conseguiria sair.

De volta para casa, o episódio acabou entrando para a galeria dos casos mais engraçados da família, em especial por conta do modo como ela descrevia, e demonstrava, como toda a história tinha se desenrolado.

Ao lado do rapaz alemão, ela disse aos amigos, aquela havia sido uma tarde diferente e entediante.

Vinte anos mais tarde, ela o acharia bem mais fascinante.

Quando seu romance com Vincent Lindon chegou ao fim, Caroline redescobriu o velho companheiro alemão durante uma viagem à Suíça, para a temporada de esqui.

Ele era o príncipe Ernst August de Hanover, chefe de seu clã e então casado há tempos com uma herdeira da Suíça, com quem tinha dois filhos pequenos.

Caroline e Ernst começaram a se encontrar secretamente.

Na mesma época, no outono de 1996, ela começou a perder cabelo.

Considerada uma das mulheres mais bonitas da Europa, Caroline tratou o problema com sua habitual presença de espírito, recusando-se a se esconder. Em vez disso, ela escancarou o fato, ostentando charmosos turbantes, lenços e chapéus, e chegou a exibir a cabeça raspada para os fotógrafos, em um característico desafio à imprensa.

A mídia divulgou, então, que ela vinha sofrendo de alopecia areata, doença nervosa que provoca queda de cabelo e em geral é temporária, mas Caroline não confirmou nem negou a informação.

Diante do silêncio, a imprensa deduziu que se tratava de algo mais grave e logo especulou que ela estaria fazendo quimioterapia para tratar um câncer não revelado.

Albert, enfim, esclareceu em uma entrevista que a perda de cabelo de Caroline se devia a uma doença de pele, mas enfatizou que não se estenderia sobre o assunto porque, na visão dele, não era da conta de ninguém.

Ela se dedicou a cuidar da vida, o que significava criar os filhos. Também começou a passar mais tempo com o homem que rapidamente vinha se tornando uma parte dela.

Dois anos mais velho, e com estatura suficiente para permitir a ela usar salto alto, Ernst era o mais velho dos seis filhos do príncipe Ernst August de Hanover e da princesa Ortrud de Schleswig-Holstein-Glücksburg. Sua juventude dividiu-se entre o Castelo de Marienburg e uma propriedade familiar perto de Hanover.

Abandonou a escola aos quinze anos de idade – porque tinha cabelos compridos e foi flagrado fumando – e passou uma temporada trabalhando em uma fazenda, mas retomou os estudos, frequentando a Universidade de Guelph, no Canadá, e o Royal Agricultural College, na Inglaterra. Tornou-se um próspero empresário e proprietário de terras – com imóveis na Alemanha, Áustria, Quênia e em Londres –, além de chefe titular da Casa de Hanover, a mais antiga família real da Alemanha. Também pertence à realeza britânica. Seu tataravô, também chamado Ernst August, era rei de Hanover, duque de Cumberland e tio da rainha Vitória da Inglaterra.

Na condição de mulher, a soberana inglesa havia sido excluída da linha sucessória do trono alemão, em favor de um primo da casa de Hanover – o que se estendeu às gerações seguintes até o atual Ernst August, que é primo da rainha Elizabeth II e tem passaporte britânico, além do alemão.

No inverno de 1996 a 1997, Caroline e Ernst passaram férias na Tailândia. Logo depois, quando voltaram para a casa dela em Luberon, a esposa de Ernst por dezesseis anos, Chantal, pediu o divórcio. A separação, oficializada em setembro de 1997, concedeu a ela cerca de 10 milhões de dólares e estipulou que o casal teria a guarda conjunta de seus dois filhos, então com quatorze e doze anos.

Descrito pela imprensa como o “pretendente de óculos, com seu afável e rechonchudo rosto e topete caindo sobre a testa”, Ernst nunca foi presença constante nas manchetes dos jornais alemães. Nem, mais apropriadamente, nos ingleses, uma vez que era em Londres que ele e Chantal haviam criado os filhos.

No entanto, se é que existe mesmo a chamada “maldição dos Grimaldis”, ela certamente tem a ver com a frequência com que a família aparece nos tabloides, conforme Ernst logo constatou, dada a invasão dos *paparazzi* em sua vida.

Seu temperamento forte não resistiu à constância com que as câmeras eram empurradas na direção dos rostos do casal – e um fotógrafo alemão acabou conhecendo a dureza do guarda-chuva de Ernst. O episódio acabou no tribunal e custou a Ernst mais de 50 mil dólares, a maior parte deles, supostamente, direcionada a um acordo para o fotógrafo retirar sua queixa criminal.

A imprensa também foi, certamente, a razão de seu casamento – em 23 de janeiro de 1999, data do 42º aniversário da Caroline – só ter sido anunciado no dia anterior.

Às 11h30, foi realizada uma cerimônia privada no Salão dos Espelhos do palácio. Apenas amigos e familiares mais próximos participaram, incluindo Rainier e Albert, tia Antoinette, os três filhos de Caroline e os dois de Ernst.

Por razões pessoais, Stéphanie não apareceu.

Uma vez que seus votos foram feitos, Caroline tornou-se Sua Alteza Real Princesa Caroline de Hanover, Duquesa de Brunswick e Lüneburg.

Não surpreendentemente, houve meses de especulação sobre o casamento. A mídia acreditou que aconteceria a qualquer momento, não apenas porque tinham fotografado Caroline e Ernst no camarote real no Festival de Circo, mas também porque corria o boato de que ela estava esperando seu quarto filho. O palácio se recusou a confirmar ou negar o rumor.

Porém, antes de planejar o casamento, o casal teve de obter algumas permissões. Primeiro, claro, a de Rainier. E, por causa da condição de Ernst como membro – ainda que distante – da família real britânica, foi necessário solicitar também a autorização da rainha da Inglaterra.

Presumivelmente, o casal se deu ao trabalho de cumprir o protocolo.

Tecnicamente, não havia nenhuma maneira de a rainha recusar.

## *Capítulo 26*

### ALBERT – AMIZADES E AMORES

O MAIOR PROBLEMA DE ALBERT EM SEUS ANOS de formação, ecoando os sentimentos do pai e das irmãs, era reconhecer uma verdadeira amizade. “Acho que não existe uma receita. Você apenas tem de sentir como as pessoas são, ver como agem em certas situações. Quase diria que é preciso testá-los, mas, sinceramente, não faço isso. Acho interessante ver a reação de alguém a uma determinada situação. Claro que isso nem sempre é justo na hora de definir quem é ou não amigo, pois muitas amizades se baseiam em ajuda mútua. Mas quando a ajuda se torna uma rua de mão única, quando a pessoa não para de lhe pedir favores, suponho que esteja na hora de avaliar bem essa amizade.”

A questão não fica mais fácil de se lidar na vida adulta. “Sei que meu pai tinha vários amigos maravilhosos, mas com o tempo muitos deles morreram, o que tornou as coisas especialmente difíceis. Ficou difícil para ele fazer novos amigos. Ter um monte de pessoas conhecidas ao seu redor não é o mesmo que contar com um velho amigo, que você conhece bem e em quem pode confiar.”

Albert observou que é diferente do pai, no sentido de que Rainier soube lidar bem com a solidão, inclusive no trabalho, sem ter contato com outras pessoas por certo período de tempo. “Eu não consigo. Preciso de gente ao meu redor.”

Outra área problemática foi a constante necessidade de estar consciente da própria visibilidade. “Alguém me disse certa vez que minha mãe trabalhava muito mais do que meu pai, pois era vista por toda parte, em eventos e reuniões de caridade. Como a viam com

frequência muito maior, todos supunham que estava trabalhando mais do que ele. Algumas das funções que cumprimos, na verdade a maioria delas, podem ser chamadas de trabalho, porque não necessariamente escolhemos estar lá. Mas há uma grande diferença entre esse tipo de trabalho representativo e aquele que se desempenha sentado a uma mesa. Entendo que nem todo mundo saiba fazer essa distinção.”

Depois que Grace se foi, Albert voltou a ocupar os aposentos privados do palácio. “Caso contrário, meu pai viveria muito sozinho.”

Para Albert, não era problema. Além de ser um lugar muito confortável, ele gostava de passar o tempo com o pai. “Nós conversamos muito.”

Ele sabia que seu pai também apreciava ter companhia.

Rainier era muito compreensivo nas noites em que Albert optava por dormir fora.

Havia um apartamento na cidade – apelidado de “ninho do amor” – que Rainier tinha ocupado quando jovem e que depois passou a ser usado por Albert. Pai e filho compartilhavam da opinião de que era inapropriado levar mulheres para passar a noite no palácio.

Como o pai, ao chegar a certa idade, Albert ficou marcado como o “solteiro mais cobiçado do mundo”.

Mas Albert fica confuso com o título. “É engraçado, mas nunca me vi como o solteiro mais cobiçado do mundo. Ainda me surpreendo quando leio isso. As pessoas estavam sempre tentando me fisgar. Tenho um arquivo inteiro de mensagens com fotos, de mães que tentavam casar suas filhas. Era histérico. Também tenho fotos de garotas praticamente oferecendo seus serviços. Mas o pior era quando um velho amigo da família dizia ‘venha jantar conosco porque adoraria lhe apresentar uma pessoa’. Era insuportável.”

Seu nome foi relacionado – com fundamentos ou não – com Cathy Lee Crosby, Brooke Shields, Daryl Hannah, Sharon Stone, Brigitte Nielsen, Fiona Fullerton, Kim Alexis, Lisa Marie Presley, Claudia Schiffer, Naomi Campbell, a apresentadora de televisão italiana Gábia Brandimarte e com a atriz Catherine Alric, que, diz a lenda, teria devolvido ao príncipe um buquê de flores enviado a título de

desculpadas, junto à bagagem de Albert, acompanhado de um bilhete que dizia: "O amor sem fidelidade é como uma flor sem sol".

Com certeza, encontrar mulheres nunca foi muito difícil. "Nas boates, nos restaurantes, em festas, na praia ou mesmo na rua, não tenho problema em falar com as garotas. Por que não? Gosto desse tipo de coisa."

Algo completamente diferente, contudo, era estabelecer um relacionamento sério com alguém. "Sempre tenho de me perguntar se a garota está comigo por gostar de mim ou por gostar do que sou. Quando conheço uma mulher, é ótimo se ela parece legal, mas tento adivinhar o porquê de ela estar ali. Qual é a sua programação secreta? Além disso, sei muito bem que, quando chegar a hora, a mulher com quem eu me casar terá de suportar não só a pressão da mídia, mas também da população local. Ela vai estar sob intenso escrutínio e terá de lidar com as inevitáveis comparações com minha mãe. Não é qualquer pessoa que aguenta esse fardo."

Nunca foi fácil para Albert enfrentar a obsessão midiática em relação ao casamento do herdeiro do trono de Mônaco.

"É muito desagradável não saber o que dizer para acalmar todo mundo. Tenho certeza de que todos vão saber no momento certo. É uma questão de *timing*. É preciso se sentir pronto, confiante de que conheceu a pessoa certa. Talvez meu desejo de ser independente tenha me impedido de manter relações estáveis. Mas jamais me casaria só para agradar os outros."

Rainier com frequência dizia: "Gostaria que ele assumisse o controle das coisas e ao mesmo tempo formasse uma família. Isso é importante".

Como todo pai sempre diz algo semelhante a isso, Albert insistia: "Vou tomar a decisão certa quando for o tempo certo. Vou me casar quando encontrar a pessoa certa".

Não havia exigência oficial de que Albert se casasse com uma católica. Apenas que seus filhos teriam de ser educados na religião, uma vez que estariam na linha sucessória. Em caso de ausência de herdeiros de Albert, a linha de sucessão passaria por Caroline e seu filho, Andrea.

Tempos atrás, Rainier dizia-se resignado com o cronograma de Albert, embora demonstrasse leve impaciência de vez em quando. Certa vez, a revista *Time* lhe perguntou: "Você está preocupado com o fato de Albert ainda estar solteiro?"

A resposta: "Não, ele é muito exigente. E o exemplo dos divórcios das irmãs o afetou. Mas ele terá de constituir uma família, isso é importante".

Infelizmente para Albert, a fama de solteirão disponível o tornou alvo permanente para mulheres bastante pragmáticas. Em 1986, um caso ardente com uma modelo alemã rendeu ao príncipe um constrangedor processo de reconhecimento de paternidade. O exame de sangue o livrou da acusação nos tribunais.

Não faltaram, também, rumores de que Albert seria *gay*, dada sua relutância em se casar. E, como se sabe, os boatos mais difíceis de negar são aqueles nos quais as pessoas querem acreditar.

Para crédito de Albert, no entanto, pode-se garantir que ele nunca perdeu o sono por causa desse tipo de fofoca. "Fiquei magoado com as insinuações. Isso nunca é muito agradável. Mas aprendi a minimizá-las. As pessoas que importam para mim conhecem meu verdadeiro eu. Parei de prestar atenção nessas coisas há muito tempo. No começo, quando ouvia essas especulações, protestava sempre que podia. Ao ver que isso amplificava ainda mais os rumores, finalmente desisti. Há muito pouco a fazer nesse sentido."

\*\*\*

Depois de se formar em Amherst em Ciência Política, Albert serviu seis meses na marinha francesa, como suboficial no helicóptero cargueiro *Jeanne d'Arc*. Nos cinco meses seguintes, passou pelo programa de *trainees* de administração do Morgan Guaranty Trust, em Nova York. Seguiu-se um breve estágio em gestão na agência de publicidade Wells Rich Greene, também em Nova York, e um treinamento em Paris, no departamento de marketing da Moët & Chandon.

"O período na Moët foi ideia de meu pai. Ele queria que eu conhecesse a forma de operação de um grande conglomerado

francês. Mas as passagens pelos setores financeiro e publicitário foram iniciativas minhas. Depois, ainda voltei a Nova York na primavera de 1986 para passar um tempo em um escritório de advocacia, fazendo todo tipo de tarefa paralegal.”

Além de ter sido o primeiro príncipe a cursar o ensino médio no próprio principado, Albert também foi o pioneiro em sua linhagem a ser treinado no mundo corporativo. “Acho que finanças e *marketing* são parte das atribuições do meu trabalho, embora seja difícil para mim ter de determinar um plano nítido ou expressar minhas ideias para revelar o que farei quando assumir o trono.”

Relutante em ser muito específico, ele acreditava que Mônaco devia continuar a desenvolver o turismo, a indústria leve e os setores imobiliário e bancário. Mas também tinha interesse em explorar novas áreas. “Gostaria de ver Mônaco se tornar um grande centro financeiro europeu, mas é preciso ter cuidado ao avaliar como e com quem podemos fazer isso.”

Embora seus planos estivessem longe de se confrontar com as decisões estratégicas mais recentes de Rainier, ele se apressou a esclarecer o porquê de ser tão reticente. “Se eu expressá-los com muito entusiasmo, vão pensar que estou querendo empurrar meu pai para escanteio.”

Os rumores sobre a ascensão iminente de Albert regularmente ganhavam força, mesmo que seu pai não desse indicações de que isso ocorreria. “Só vai acontecer quando ambos nos sentirmos prontos”, costumava dizer Rainier.

Na véspera do 700º aniversário da regência Grimaldi, Rainier declarou à revista *Time*: “Não quero ficar, só quero encontrar o momento adequado, quando o príncipe Albert e eu sentirmos que ele está pronto para assumir. Agora, ele está adquirindo experiência para comandar o que, de fato, é um grande negócio”.

Pessoas que se afirmavam íntimas do príncipe interpretaram a declaração como um aviso de que a sucessão ocorreria no 50º aniversário de regência de Rainier, em 1999. Isso não aconteceu. Antes, as previsões já haviam falhado ao especular que Rainier se aposentaria ao completar setenta anos, em 1993, por ocasião dos

setecentos anos da dinastia Grimaldi, em 1997, e nas comemorações de seus 75 anos de vida, em 1998.

Ao longo desse período, quando questionado sobre o tema, Albert se via num dilema. “Se disser que estou pronto, todos vão falar que Albert quer chutar o pai para fora do trono, o que é a última coisa que desejo. Se disser que não estou pronto, vão declarar que Albert é fraco, tímido ou não se interessa pelo assunto. Não sou nenhum ogro faminto por poder, tentando expulsá-lo. Quando chegar a hora, vou estar lá.”

De qualquer forma, tal *status quo* nunca o havia incomodado em seus anos de formação. Ele aprendia o ofício ao lado do pai, em uma relação de trabalho que ambos apreciavam. E, ao longo de todo esse período, ambos tinham adquirido a compreensão do inevitável: a sucessão aconteceria quando tivesse de acontecer. Nem Rainier nem Albert, porém, escondiam a esperança de que ocorresse com Rainier ainda vivo, de modo que o pai pudesse se sentar em sua poltrona em *Roc Agel* e descer a montanha quando o filho precisasse de conselhos. Mas, assim como o casamento dependia só do filho, a sucessão sempre dependeria apenas do pai – e, no fundo, ambos entenderam que só aconteceria com a morte de Rainier.

Em uma longa entrevista concedida em 1997, Rainier expressou plena confiança em Albert, certo de que poderia dar continuidade à linhagem dos Grimaldis. “Nós lidamos muito bem um com o outro, apesar de parte da imprensa explorar todos os tipos de coisas. Membros de famílias reais são seres humanos como os outros, com defeitos e qualidades. Fico muito irritado com a tendência de misturar informação e indiscrição. Mas acho que os Grimaldis têm trabalhado muito para o principado. Nossa grande força é a união entre nossa família e nosso povo.”

Mais tarde, ele disse, em um discurso aos monegascos: “É um principado orgulhoso, altruísta e confiante no futuro que eu gostaria de deixar para Albert”. E exortou a população a “assegurar a mim e a ele seu apoio, sua fé e sua determinação”.

Isso desencadeou todo tipo de especulação. Muitos acreditavam que Rainier quis dizer que Albert não estava pronto e tinha muito a aprender. Mas alguns conhecedores dos corredores do palácio não

concordavam. Argumentavam que Albert estava mais do que pronto para assumir por ocasião do 700º aniversário dos Grimaldis. Rainier abriria caminho para concretizar a transição no ano seguinte, no 50º ano de seu reinado. O fato de ele não ter abdicado diz muito mais sobre Rainier do que sobre Albert. Ninguém conhecia mais o funcionamento do principado do que Rainier. E ninguém sabia melhor que essas águas estavam cheias de tubarões.

A recusa em abdicar diante de todas as indicações do contrário mostrava que ele temia o que tais tubarões poderiam fazer a seu filho.

\*\*\*

Enquanto seu destino ficava em compasso de espera, o príncipe Albert presidiu várias instituições de caridade, incluindo a Cruz Vermelha, chefiou o conselho nacional de turismo e presidiu a comissão responsável pelas comemorações dos setecentos anos.

Em 1985, tornou-se membro do Comitê Olímpico Internacional e, em 1994, acabou nomeado presidente do Comitê Olímpico de Mônaco. Participou de mais de trezentos compromissos oficiais por ano, no país e no exterior, fazendo de tudo: de distribuir prêmios para alunos da escola a inaugurar feiras e eventos, além de representar Mônaco na entronização do imperador Akihito do Japão e no funeral do rei Olav da Noruega, acompanhar missões comerciais monegascas em todo o mundo e promover negócios para o principado.

Albert não se incomodava com a maior parte dessas atribuições de soberano em espera – até admitia gostar muito de algumas delas –, mas nunca esteve totalmente confortável sendo o centro das atenções. “Mas tinha de suportar aquilo.”

Às vezes, ele se dava muito bem. Em um jantar da Fundação Princesa Grace, em Nova York, foi apresentado a Tyne Daly, que insistiu em cantar um dueto com ele. Escolheram “True love”, canção que Bing Crosby e Grace immortalizaram em *Alta sociedade*. Ele provou que sabe cantar. E, se estava constrangido por dentro, pareceu estar se divertindo muito.

Albert só se encontrava em total harmonia consigo mesmo nas atividades esportivas em geral, e no *bobsled* em particular.

Ele tinha visto a modalidade pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980. Em 1985, durante as férias em St. Moritz, praticou em um trenó de duas pessoas, e já no ano seguinte inaugurou a Federação de Bobsled e Skeleton de Mônaco. Seu objetivo era montar uma equipe para representar o país nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1988, em Calgary, no Canadá.

Isso significava começar do zero, ainda mais em um país sem montanhas, sem neve e onde praticamente ninguém tinha embarcado em um trenô de alta velocidade. No entanto, Albert cumpriu sua meta e capitaneou a primeira equipe de duas pessoas a competir no *bobsled* por Mônaco. Ficou longe da disputa por medalhas em Calgary, mas a questão ali não era vencer as corridas. Albert jamais teve ilusões quanto a isso. "É difícil montar uma equipe competitiva de *bobsled* em um país de apenas 6.200 cidadãos." O que importava para ele era realizar o sonho de organizar uma equipe e classificá-la para a competição. Objetivo plenamente atingido.

"Algumas pessoas em Mônaco não se entusiasmaram com a ideia de eu descer uma pista de gelo em um trenó a mais de 140 quilômetros por hora", disse ele. "Ouvi todos os rumores – que aquele era apenas um brinquedo, que eu estava querendo me exhibir. Mas não comecei isso por mim. Eu amava o esporte e queria trazê-lo para Mônaco."

Imediatamente depois da morte de Stefano Casiraghi, Albert anunciou sua aposentadoria de um esporte que, decididamente, era arriscado demais para um herdeiro do trono. Em 1992, porém, ele e a equipe monegasca voltaram a competir nos Jogos de Albertville, França, e dois anos depois nos Jogos de Lillehammer, na Noruega. Sua última aparição em Olimpíadas foi em 1998, em um trenó de quatro pessoas, em Nagano, no Japão. Se no trenó de dois homens ele nunca tinha terminado uma prova acima da 25ª colocação, naquele ano teve de se contentar com o 26º lugar.

Em cada uma de suas quatro participações olímpicas, ele enfatizou que Mônaco, mais do que competir, podia fazer amigos por meio do

esporte. Não era tanto um exercício de diplomacia internacional, mas uma declaração sobre espírito desportivo.

Para surpresa geral, a imprensa esportiva descobriu aquilo que havia passado despercebido pelos tabloides. Que o príncipe Albert era bom em ser simplesmente Al Grimaldi, um cara que dispensava as luxuosas suítes de hotel para viver nas condições modestas da vila olímpica, como todos os atletas.

“Não dá para extrair o máximo da experiência de participar dos jogos se você não morar na vila olímpica”, explicou ele, revelando o tipo de pessoa que era: um atleta como qualquer outro. O homem que tinha nascido em berço de ouro mostrava-se igualmente à vontade com bandejas de plástico, pratos de papel e quartos apertados. Lá ele era a pessoa que quase nunca podia ser: o garoto que acampava no verão nos Estados Unidos, ou o rapaz que estudava no dormitório em Amherst.

“É um alívio dos deveres cotidianos”, disse ele. “Uma ótima maneira de limpar a mente. Não pedi privilégio algum. É raro desfrutar de uma privacidade dessas.”

Mas quatro Olimpíadas não serviram apenas para higiene mental ou viver com privacidade. Com o esporte competitivo, ressaltou ele, foi conquistado algo que nem dinheiro nem posição social podem comprar: confiança.

“Eu tinha um sério problema de confiança quando era bem garoto. Passei por um período de grande timidez, com dificuldades de me expressar. Fiz terapia por algum tempo, mas o esporte tem me ajudado um bocado. A competitividade esportiva não propicia só a mudança física, mas também desenvolve o caráter e a dedicação de que você precisa. Isso faz você crescer como pessoa.”

Albert retirou-se em Nagano porque suas demandas estavam lhe tirando o tempo indispensável para o treinamento rigoroso que a competição de alto nível exige. “Nunca pensei que praticaria por doze anos.”

A idade começava a pesar também. “Houve momentos em que eu voltava de um compromisso e ia ao ginásio à uma da manhã.” Albert confessou que, em determinados eventos oficiais, sua mente vagava de volta ao trenó. “Aconteceu comigo em um concerto. Tentei

visualizar o trajeto da pista e fechei os olhos. As pessoas devem ter pensado que eu tinha adormecido”. Não sem uma ponta de óbvio remorso, ele disse à imprensa em Nagano: “Acho que estamos olhando para os momentos finais da minha carreira de doze anos”.

O que ele não revelou foi que Rainier estava cada vez mais preocupado – “Não exteriormente ansioso”, como um amigo disse, “apenas cada vez mais preocupado” – com o fato de seu herdeiro estar às voltas com um esporte tão perigoso. Por sua vez, Albert estava de olho na saúde do pai, embora não se furtasse a fazer piada com o caráter temporário de suas decisões de abandonar os esportes. “Acho que ainda vou me aposentar mais algumas vezes.”

Esse tipo de sinceridade era uma das coisas que marcaram seu estilo. Como sua mãe, ele sempre demonstrou como poderia ser acessível. Desarmar as pessoas na base do humor era outra habilidade herdada de Grace. Em uma coletiva de imprensa, o celular de uma repórter tocou. Antes que tocasse uma segunda vez, Albert brincou: “Vocês querem que eu atenda?”.

## *Capítulo 27*

### STÉPHANIE – SEGUINDO SEU CORAÇÃO

AO SE APROXIMAR DOS VINTE E POUCOS ANOS DE IDADE, Stéphanie parecia mais estável e centrada do que em qualquer momento da década anterior – graças, em grande parte, a Ron Bloom, um produtor musical norte-americano por quem ela tinha se apaixonado.

“Meu pai gosta dele”, revelou na época. “Ele tem trinta e poucos anos, compõe e escreve músicas, toca vinte instrumentos e produz minhas gravações. Temos muito em comum, é um ótimo relacionamento. Ele é um homem inteligente, com fortes valores familiares e raízes. É alguém que cresceu de acordo com os valores da família, e isso é importante para nós dois. Depois de romper com meu ex-namorado, quando as coisas não estavam exatamente bem entre mim e meu pai, Ron foi o único que me ajudou a perceber a importância de me reconciliar com papai. E me ajudou muito com isso. Ele dizia: ‘A coisa mais importante que você tem é sua família. Eles te amam e sempre vão te amar, por isso não se distancie deles. Mostre que você os ama também’. Isso foi muito importante para mim.”

Bloom foi o catalisador da retomada do bom relacionamento entre pai e filha.

Stéphanie e Rainier costumavam conversar por telefone duas ou três vezes por semana, tratando de todo tipo de assunto e pondo-se a par das últimas piadas. “Estamos muito próximos, nós quatro”, disse ela, referindo-se também aos irmãos. “De alguma maneira, um

de nós pode até se afastar por um tempo para fazer suas próprias coisas, mas sempre volta para casa. Família é família, e isso é a melhor coisa do mundo.”

Antes de Stéphanie e Bloom se envolverem, enquanto ela vinha tentando pôr sua vida em ordem, ele, de sua parte, advertia que queria ter um relacionamento de verdade, mas que tivesse tempo para as coisas acontecerem. “Ele dizia que não queria que eu caísse em seus braços, pois estava emocionalmente estressada. Ele falava: ‘Vou ser seu amigo até você estar pronta para algo mais’. Era a primeira vez em muitos anos que alguém me tratava com tamanho respeito.”

Quando ambos sentiram que era a hora certa, decidiram procurar uma casa para morar juntos. “Vivemos por quatro meses em um hotel enquanto buscávamos um lugar. É o teste mais difícil que posso imaginar para um relacionamento: quatro meses em um quarto de hotel! Se sobreviver a isso, você consegue superar qualquer coisa.”

Finalmente encontraram uma casa no Valley, em Los Angeles. Uma diarista ia duas vezes por semana para ajudar nas tarefas domésticas, e havia um jardineiro que de vez em quando aparecia para cuidar das plantas. Eram os únicos empregados do novo lar. Stéphanie fazia as compras e comandava a cozinha – ela é provavelmente a melhor cozinheira do clã Grimaldi.

Quando visitou Stéphanie em Los Angeles, Rainier ficou bastante feliz com o que viu, a ponto de esticar sua estada por cinco dias extras.

Hospedado em um hotel, o príncipe chegava à casa de Stéphanie diariamente às 10h30 e, assim como tantos outros pais, mimava a filha com presentes. No primeiro dia, caminhou pela casa, tomou conhecimento do que estava faltando ali e, de imediato, foi com alguns amigos a um *shopping center* para comprar algumas coisas, por exemplo, um micro-ondas.

Stéphanie lançou seu primeiro álbum nos Estados Unidos na primavera de 1989. As músicas haviam sido compostas por ela e Bloom. “Foi um trabalho difícil, mas um bom trabalho. Adoro tocar. É estranho: não consigo ficar de pé e discursar em um auditório

porque fico nervosa, mas se é para cantar em um palco não sinto nervosismo algum. E há os aplausos... é de arrepiar a espinha. É demais! É a coisa mais linda esse contato com o público, especialmente quando você canta uma balada e todo mundo na plateia ergue seus isqueiros acesos. É como um enorme bolo de aniversário.”

Cantar havia se tornado sua atividade mais importante, mas ela fez questão de deixar claro ao pai que não se eximia de cumprir suas responsabilidades em Mônaco, quando necessário. “Sempre fiz o que me pedem para fazer e, entre outras coisas, estou na comissão organizadora do Festival de Circo. O fato é que as pessoas tendem a esquecer que sou muito jovem e dizem ‘Stéphanie não faz nada, não assume responsabilidades’. Mas isso aconteceu só em alguns poucos anos, em que ninguém me requisitou para nada. Quando pedem, eu aceito.”

O caso com Bloom chegou ao fim no início de 1990. Os dois se separaram de repente e, antes que a notícia se espalhasse, Stéphanie já circulava por Paris escoltada por Jean-Yves Le Fur, um jovem incorporador imobiliário francês.

Ela parecia muito segura de si quando dizia que, dessa vez, era para valer.

Aparentemente, Le Fur obteve a aprovação de Rainier e, em abril do mesmo ano, o palácio anunciou o noivado de Stéphanie. Ela nunca escondeu que o que mais queria na vida era encontrar o homem certo, sossegar e formar sua própria família.

Por um tempo, parecia que seus planos iriam se concretizar. Mas em meados do verão a data do casamento ainda não estava marcada, e alguns amigos começaram a duvidar de que o evento aconteceria.

\*\*\*

Stéphanie voltou para a Califórnia a fim de concluir a gravação de seu álbum. Seu pai foi junto. A conversa sobre casamento acabou abandonada.

A fim de decolar na carreira de cantora, ela embarcou naquilo que esperava vir a ser uma turnê mundial. O príncipe Rainier, temendo as implicações de segurança envolvidas em uma série prolongada de aparições públicas, fez incluir na comitiva um jovem policial monegasco chamado Daniel Ducruet. No retorno da turnê, ela e Ducruet estavam juntos.

Nascido em 1964, Ducruet era, na prática, um conterrâneo, pois tinha nascido na vizinha Beausoleil, do outro lado da fronteira de Mônaco, o que acrescentava ao novo namorado da filha alguns pontos positivos aos olhos de Rainier. Descrito por um repórter como um rapaz com "correntes de ouro, tatuagens e bronzado cor de cobre", Ducruet era divorciado, mas quando conheceu Stéphanie vivia com outra mulher, com quem tinha acabado de ter um filho. Nada disso importava para a princesa, que, impulsiva, mudou-se com ele para um pequeno apartamento em Monte Carlo.

O primeiro filho do casal, Louis, nasceu em novembro de 1992. O segundo, a menina Pauline Grace, veio em maio de 1994. O fato de Stéphanie ainda não estar casada incomodava muita gente.

A princesa nem ligava. "Se isso choca as pessoas", dizia ela, "azar o delas."

Com a maternidade, uma nova e radiante Stéphanie emergiu.

Ela e Ducruet começaram a construir sua vida. Ele deixou a polícia, abriu alguns pequenos negócios, entre eles uma agência de segurança privada, e enveredou pela disputa de provas automobilísticas de *rally*.

A saúde de Rainier não andava bem e uma cirurgia adicionou duas pontes em seu coração. Quando saiu do hospital, ainda fumando, apesar das ordens médicas, recebeu de Stéphanie o pedido de permissão para se casar com Ducruet.

Provavelmente a solicitação não aconteceu naquele momento por acaso.

Os problemas cardíacos de Rainier confrontaram Caroline, Albert e Stéphanie com a perspectiva da morte do pai.

A doença talvez tivesse abrandado o velho príncipe também. Mas não tanto: por sua insistência, o acordo pré-nupcial impedia Ducruet

de fazer quaisquer reivindicações a Stéphanie, inclusive no tocante aos direitos de custódia dos filhos do casal.

Stéphanie e Daniel Ducruet casaram-se em uma cerimônia particular no palácio, em julho de 1995. Seus dois filhos estavam lá, assim como o outro filho de Ducruet.

Albert, Caroline e seus filhos e, é claro, Rainier também marcaram presença.

Um ano e oito semanas depois, Ducruet provou que Rainier estava certo ao impor aquelas cláusulas. Em uma viagem à Bélgica, Ducruet conheceu uma *stripper* cuja grande façanha no currículo era o título de Miss Nude de seu país. Semanas depois, os dois foram flagrados nus à beira da piscina de uma mansão particular perto da praia de Mônaco, em Villefranche.

De repente, nada menos de quarenta páginas de fotos apareceram nas revistas italianas. Tamanha publicidade não faria mal algum para a carreira de Stéphanie, mas foi suficiente para arruinar seu casamento.

Ducruet desculpou-se, alegando ter sido vítima de uma armação. A reação de Stéphanie foi ligar para seus advogados. Em poucos meses, o palácio anunciou que seu divórcio estava concluído.

A princesa confidenciou aos amigos: "Agora vejo os homens de uma maneira muito diferente".

Publicamente, admitiu: "A melhor maneira que encontrei para lidar com isso foi encarar as coisas, enfrentando os olhares e comentários das pessoas. Não sei se a gente ganha sabedoria com o sofrimento, mas chega um ponto em que você tem de dizer 'chega, já sofri o suficiente'".

Para levantar algum dinheiro e, ao mesmo tempo, em uma vã tentativa de se reconciliar com a ex-esposa – ele dizia para quem quisesse ouvir que ainda se considerava o par perfeito para ela –, Ducruet lançou na França um livro chamado *Carta a Stéphanie*, promovido pela editora como "um pedido de desculpas".

Em vez de arrependimento sério, Ducruet recheou o volume de fofocas, explicando, por exemplo, que ele e Stéphanie sabiam que tinham sido feitos um para o outro desde a primeira vez em que se viram. Poucos dias depois, contava o livro, Stéphanie o teria

chamado para um encontro em sua suíte no hotel às duas da manhã. Ducruet justificou a natureza alcoviteira do livro dizendo que procurou ficar nos limites do bom gosto, sem entrar em detalhes mais íntimos de sua vida amorosa.

A declaração partia do mesmo homem que, ao ser pego ao lado de uma *stripper*, tinha se defendido dizendo “fui enganado”. Alegava que devia haver alguma droga na taça de champanhe que ela tinha lhe dado, mas admitia que não tinha provas.

Sua defesa era: “Se eu tivesse de posse de minhas faculdades mentais, eu nunca teria feito o que fiz”.

Para apimentar a história, um jornal francês afirmou que Ducruet tinha sido criado pela máfia italiana. Outro diário insistiu que o acordo de divórcio previa 3 mil dólares mensais de pensão a ser paga por Stéphanie a Ducruet. Um terceiro relatou que, além das fotos comprometedoras, haveria um vídeo de Ducruet com a *stripper* à venda do outro lado da fronteira com a Itália, na cidade de Ventimiglia.

Um colunista do prestigioso jornal francês *Le Monde* preferiu culpar os Grimaldis por toda a confusão. Ele escreveu que os membros da família eram “pegos em armadilhas de sua própria autoria, tendo sistematicamente leiloados os álbuns de fotos em todas essas ocasiões”.

No que dizia respeito a Ducruet – pelo menos de acordo com o que declarou ao jornal britânico *Telegraph* –, ele havia cometido um único erro em relação à *stripper*. “Minha única culpa foi ter ido à mansão, por pura estupidez. Mas eu estava preocupado com ela: parecia triste quando me telefonou. E, você sabe, eu não tinha amigas porque não podia me arriscar a ser retratado nem tomando café com uma garota. Então, para mim, era bom ter companhia feminina pela primeira vez.”

Ducruet afirmou ter oferecido 2 milhões de dólares para obter as fotos de volta. Disse que conseguiria levantar o dinheiro com amigos, que não se recusariam a ajudar. Sua teoria, no entanto, é de que a questão não envolvia dinheiro, mas, sim, o assassinato de sua reputação. “Tudo teria sido diferente. Eu teria pago e meu

casamento estaria salvo. Mas eles não queriam meu dinheiro. Foi realmente muito ruim.”

O *Telegraph* comentou a entrevista de Ducruet: “Suas palavras o traem, tanto quanto quaisquer fotografias. Um ator melhor se aferraria ao papel de farsante arrependido, mas ele prefere se enveredar pela descrição de seu mundo ideal, em que o 11º mandamento – não serás pego – vale mais do que todos os outros.”

\*\*\*

Depois de seu divórcio, Stéphanie permaneceu em silêncio, dividindo seu tempo entre sua prioridade – os dois filhos – e o negócio que ela tinha aberto alguns anos antes, o Replay Café and Store, um misto de bistrô e boutique. Ela ia trabalhar todos os dias, às vezes no restaurante, às vezes na loja, levando o empreendimento a sério. Obstivamente, moldava uma vida normal para ela e seus dois filhos.

Em uma entrevista concedida logo após o divórcio para Diane Sawyer, em um programa de televisão norte-americano, Stéphanie refletiu: “Acho que aprendi muito sobre mim mesma. E a melhor maneira que encontrei para lidar com isso foi olhar para o problema de frente. Foi o que fiz, marcando presença em minha loja e restaurante logo depois que tudo aconteceu. Foi isso que me ajudou. Eu não sei se o sofrimento realmente traz sabedoria, mas, sabe como é, chega um momento em que você simplesmente diz ‘basta’. Quer dizer, pare de me julgar. É isso, basta é basta.”

Ao que ela acrescentou: “Gostaria que as pessoas tentassem se colocar no meu lugar”.

Rumores de que ela estaria grávida pela terceira vez começaram a circular em fevereiro de 1998, quando os onipresentes *paparazzi* desconfiaram que ela estava engordando.

No Baile da Rosa de Mônaco, um mês depois, os fotógrafos observaram cada movimento dela e confirmaram a gravidez, supondo que o buquê de flores que carregava era um despiste para a barriga saliente. Caroline também tinha um buquê nas mãos, mas isso nem foi mencionado.

As perguntas da mídia ficaram sem resposta. Nem Stéphanie nem o palácio – a pedido expresso da princesa – confirmaram a gravidez. Muito menos o nome do pai do bebê. A imprensa concluiu que se tratava do último namorado dela, um instrutor francês de esqui de trinta anos de idade, Jean-Raymond Gottlieb.

Quando flagrou Stéphanie e seus dois filhos em um *resort* de esqui sem Gottlieb, a imprensa supôs que a gravidez tinha sido a causa da separação do casal.

Camille Marie Kelly Grimaldi nasceu em 15 de julho de 1998.

Embora Stéphanie tivesse criado os dois primeiros filhos sem ajuda, a chegada de Camille consumia-lhe quase todo o tempo. Ela, então, cedeu ao conselho dos irmãos e do pai e contratou uma babá em tempo integral.

Stéphanie continuou a aparecer em *shows* de vários prêmios de música gravados em Mônaco. Também coproduziu e organizou os *shows* anuais Champions of Magic, da rede de televisão norte-americana ABC. Sua agenda só estava bloqueada para as gravações da TV na quarta-feira à tarde. “Meus filhos têm atividades esportivas. É um dia de pausa para mim.”

Passou a cortar o cabelo bem curto e usar óculos grandes. Continuava esbelta como um lápis e fumava sem parar.

Em seus trinta e poucos anos, sem ter de provar nada a ninguém, ela às vezes ainda era associada à imagem de jovem rebelde e, para sua própria irritação, se via tentando convencer a mídia do contrário. “Não sou uma princesa rebelde. Eu simplesmente vivi a vida de uma garota da minha idade. Sempre respeitei a minha família e o protocolo.”

Stéphanie aparecia em todos os eventos nos quais sua presença era necessária e na maioria daqueles em que era convidada. Mantinha a dignidade. Ainda assim, os repórteres continuaram atrás dela, em busca de outros episódios para contar.

Eles encontraram uma boa história durante o Festival de Circo de 2000, só que dessa vez a protagonista não era mais a garota selvagem ou a princesa rebelde.

Rainier estava no hospital.

Stéphanie representava o pai no evento, quando o locutor pediu à plateia que homenageasse Rainier e seu trabalho em prol do festival e do principado.

A multidão levantou-se de suas cadeiras, voltou-se para ela e aplaudiu ruidosamente o príncipe de Mônaco.

E sua filha caiu em lágrimas.

## Capítulo 28

### O ACIDENTE

UMA TARDE EM MÔNACO, NO FINAL DA DÉCADA DE 1970.

Grace estava sozinha dirigindo seu carro, um táxi londrino convertido. Era um automóvel fácil de guiar por ruas estreitas, e no grande banco traseiro havia espaço de sobra para seus filhos, outros passageiros e pilhas de pacotes.

Ela era uma motorista deliberadamente vagarosa. Tanto que seus filhos viviam provocando: “Não dá para ir mais rápido?”.

Naquela ocasião, conduzia o velho táxi pela Rua Grimaldi, adentrando a Place d’Armes. Como sempre fazia ao volante, estava de óculos, mas provavelmente entrou no cruzamento sem olhar. De repente, surgiu um carro dirigido por um motorista italiano, que vinha pela preferencial.

Ela acertou em cheio a lateral do veículo.

Ilesa, mas assustada, ela desceu de seu automóvel pronta para pedir desculpas. Sabia que o erro tinha sido dela.

O motorista italiano, porém, estava furioso demais para uma conversa educada.

Saltando do carro, ele apontou para o estrago e gritou com Grace.

Ela tentou acalmá-lo, dando-lhe razão e pedindo para não se preocupar, pois o seguro se encarregaria de cobrir todos os danos.

O italiano não quis saber. Aos berros, começou a insultá-la.

Em segundos, o policial que guardava a via que leva a *Le Rocher* chegou ao local, apresentou-se e pediu calma ao irado motorista.

“Madame diz que está arrependida e que vai cuidar de todas as suas despesas”, assegurou o homem da lei.

Mas o homem estava descontrolado: “Esta vaca avançou no meu carro”.

O policial pediu moderação outra vez, com mais ênfase.

Gesticulando sem parar, o italiano berrou mais uma vez, descendo o nível do seu vocabulário.

O oficial assumiu o controle da situação, enquadrando o sujeito em termos inequívocos: “Se abrir a boca mais uma vez, vai para a cadeia. Se insultar a princesa de Mônaco de novo, eu prendo você”.

O italiano parou no ato e voltou-se para a mulher que tinha batido em seu carro, finalmente percebendo quem ela era.

Grace repetiu, para tranquilizá-lo: “Foi minha culpa e tudo será resolvido”.

Um carro enviado pelo palácio logo chegou para buscá-la.

A companhia de seguros cobriu os danos causados ao carro do italiano.

E Grace jurou aos amigos: “Nunca mais vou dirigir”.

Uma promessa que não conseguiu cumprir.

\*\*\*

Setembro de 1982.

Na manhã do dia 10, uma sexta-feira, Stéphanie retornou a Mônaco vinda de Antigua, onde tinha passado as últimas semanas das férias de verão. Ainda no Caribe, ela tinha sofrido um acidente praticando esqui aquático, com um corte na cabeça que exigiu alguns pontos. Um motorista a levou do aeroporto de Nice para *Roc Agel*, para que se recuperasse tanto da cirurgia quanto do *jet lag*, tranquilizando seus pais.

Na manhã de sábado, dia 11, Nadia Lacoste ligou para Grace em *Roc Agel*.

Havia passagens reservadas no trem de Mônaco a Paris de segunda-feira à noite para Stéphanie e Grace. O desembarque estava previsto para a manhã de terça, com folga, para que Stéphanie pudesse voltar à escola na quarta-feira.

Nadia queria saber como Grace planejava manter os *paparazzi* longe de Stéphanie em sua volta às aulas. Por precaução, a

assessora sugeria que mãe e filha evitassem passar a noite de terça para quarta no apartamento da família na capital francesa.

Disse Nadia a Grace: "Os fotógrafos, sem dúvida, vão montar guarda perto do apartamento na quarta-feira de manhã. Então, por que não passar a noite de terça em um lugar como o Hotel Maurice? É perto da escola e ninguém vai encontrar vocês".

Grace achou a ideia razoável, mas se queixou: "Não importa o que fazemos, eles sempre conseguem nos descobrir".

No domingo, 12, a ex-secretária de Grace, Phyllis Blum, agora Phyllis Earl, telefonou de Londres para falar sobre a viagem da princesa para a Inglaterra a ser realizada dali a dez dias. O objetivo era que Grace fizesse as mesmas leituras de poesia planejadas para sua terceira turnê aos Estados Unidos. A certa altura da conversa, sabe-se lá por que, o assunto de dirigir carros foi mencionado, e Phyllis lembrou a Grace: "Não se esqueça de usar o cinto de segurança".

Na tarde daquele domingo, Caroline pegou um voo para Londres a fim de passar a semana em Forest Mere, um spa-fazenda na zona rural de Hampshire.

Na segunda-feira, 13, por volta das 9 horas, Grace acordou Stéphanie e, em seguida, passou pelo quarto de Albert para lhe dar bom-dia. Ele tinha passado o fim de semana com amigos na Itália, para ver um jogo de futebol, e tinha chegado em *Roc Agel* na véspera, tarde da noite.

"Mamãe veio me acordar", lembrou ele, "e conversamos um pouco. Então, ela disse: 'Vejo você mais tarde. Tenho de ir ao palácio pela manhã para resolver umas coisas', e eu respondi: 'Certo, então até mais tarde'".

Enquanto Grace se arrumava para sua saída rumo ao palácio, o motorista tirou da garagem o Rover 3500 verde-metálico de onze anos de idade, estacionando-o na frente da residência.

Normalmente, Stéphanie teria feito isso.

Mesmo antes de tirarem a carteira de habilitação, os três filhos dos Grimaldis tinham autorização dos pais para dirigir da garagem até a frente de casa em *Roc Agel*. Todos os três também já haviam dado

umas voltas por lá ao volante do carrinho de golfe e do jipe de Rainier. Todos tiveram suas primeiras lições de direção em *Roc Agel*.

Grace e Rainier, contudo, determinavam rigidamente que, enquanto fossem menores de idade, só dirigissem dentro da propriedade particular da família. Até obter a habilitação, nenhum dos filhos podia sair de carro para além dos portões de *Roc Agel*.

Ao sair pela porta da residência, Grace carregava nos braços vários vestidos, que ajeitou sobre o banco traseiro do Rover. Uma empregada trouxe outros vestidos e grandes caixas de chapéus, também acomodados no banco de trás do veículo. Em seguida, Grace perguntou por Stéphanie, que ainda estava tentando acordar.

O motorista da princesa, de pé ao lado do carro, estava pronto para conduzir mãe e filha até o palácio.

Ela gostava do Rover. O automóvel tinha pouca quilometragem, pois era pouco usado pela dona, que fazia questão de mantê-lo em ótimo estado de conservação. Dificilmente percorria mais do que o trajeto entre a garagem do palácio e *Roc Agel*, ainda assim, sempre conduzido por um motorista.

Com o banco traseiro coberto de roupas, não havia espaço no carro para Grace, Stéphanie e o chofer. Grace decidiu que ela mesma assumiria o volante.

O motorista sabia que a princesa não gostava de dirigir e que não fazia isso há muito tempo. Tentou argumentar: “Não há necessidade. É só deixar os vestidos aqui por enquanto. Primeiro eu levo a princesa e, depois, volto para apanhar todos eles”.

“Não. Por favor, não se preocupe, eu vou dirigir”, ela disse.

Ele insistiu: “É melhor eu dirigir. Por que não telefonar ao palácio e pedir a alguém para vir buscar os vestidos agora?”.

A princesa não se convenceu: “Não, acredite em mim, está tudo bem”.

O motorista tentou mais uma vez: “Eu realmente não me importo de voltar para buscar os vestidos”.

Mas ela estava determinada: “Fica mais fácil se eu dirigir”.

Grace acomodou-se ao volante, com Stéphanie no banco do passageiro. Por volta das 10 horas, deixaram *Roc Agel*. O motorista ficou observando o carro se afastar.

Partindo da propriedade, a estrada serpenteava colina abaixo até dar em La Turbie, onde era preciso contornar o grande monumento romano para chegar a um estreito acesso à estrada de pista dupla. Nesse ponto, o carro virou à esquerda e avançou, passando por uma barraca à beira do estacionamento do vilarejo, onde uma velhinha vendia cestos de vime.

A estrada de La Turbie até Moyenne Corniche, que leva a Mônaco, é chamada de D-37. Tem duas pistas, mas, na maioria do trajeto, é bem estreita e sinuosa, de modo que quase nunca há possibilidade de fazer uma ultrapassagem segura.

O percurso começa retilíneo e corta uma paisagem que inclui velhos casarões amarelos de dois andares com venezianas verdes, floreiras com gerânios nas janelas e, às vezes, roupas penduradas para secar em uma janela do andar superior.

Em seguida, vem uma ligeira curva para a direita e um trecho em declive bastante acentuado. Poucas centenas de metros adiante, há uma curva, ao fim da qual se retoma a velocidade em mais um declive, ainda mais íngreme.

À direita, um vale angular corta as montanhas e se estende até o mar, com casas que parecem estar tenuemente equilibradas à beira de penhascos.

Por um momento, a estrada fica reta, mas não por muito tempo – dobra-se à direita, depois à esquerda e, em seguida, continua sinuosa e cada vez mais vertical o declive conforme se desce a colina.

Uma placa de trânsito adverte que pedras deslizam do morro naquele trecho da estrada.

Ao longe, lá embaixo, vê-se St. Jean-Cap-Ferrat projetando-se de encontro às águas que tangenciam o vale, formando uma pequena praia. Logo, toda a extensão do mar fica à sua frente, um enorme semicírculo azul-esverdeado. E, a seguir, vem uma série de curvas bem fechadas.

Cerca de três quilômetros depois do monumento em La Turbie, há uma curva acentuada, especialmente perigosa: é preciso entrar nela em velocidade bem baixa e, ainda assim, travar um embate com o volante para percorrer com segurança o ângulo de 150° à direita.

Grace perdeu o controle da direção nesse trecho.

O Rover bateu no pequeno muro de contenção e o atravessou, capotando por 36 metros até se chocar em árvores e acabar inclinado sobre a encosta. Grace e Stéphanie foram jogadas de um lado para o outro dentro do veículo.

\*\*\*

Em *Roc Agel*, Rainier foi avisado, correu para seu carro e imediatamente seguiu até o hospital, em Mônaco. Seu tio, o príncipe Louis de Polignac, já estava lá. Albert também desceu de *Roc Agel* em seu próprio carro e juntou-se a eles. Membros do governo começaram a chegar.

Todos ficaram à espera de relatórios médicos.

Depois de um longo tempo, veio a notícia de que Stéphanie tinha se ferido gravemente, mas estava fora de perigo. Grace também tinha ferimentos sérios e, no caso dela, os médicos se mostravam reticentes.

Até três horas depois do acidente, tudo o que havia sido dito a Caroline era que Grace tinha quebrado a clavícula, fraturado o quadril e sofrido lacerações. Contaram-lhe que as lesões não eram suficientemente graves para justificar que ela retornasse para casa naquela noite. Caroline, então, fez reserva no primeiro voo de Londres para Nice na terça-feira de manhã.

Nas horas seguintes, com toda a equipe médica e os maiores especialistas mobilizados, o hospital liberou três boletins. Nenhum deles sugeriu a verdadeira extensão dos ferimentos de Grace.

Stéphanie, semiconsciente e com dores terríveis, foi diagnosticada com uma vértebra quebrada, sem sinal de outras lesões sérias ou de hemorragia. Seu pescoço foi imobilizado e os médicos anunciaram que, com os devidos cuidados, ela poderia voltar para casa em duas semanas.

Mas Grace, agora em coma, não reagia. Os médicos suspeitaram de hemorragia cerebral. Era preciso submetê-la a uma tomografia, mas o hospital, que ironicamente levava o nome da paciente, não tinha o equipamento.

As opções foram debatidas. Descartou-se a ideia de transferi-la de helicóptero para um hospital na Suíça, pois ela não resistiria. Mesmo a alternativa de levá-la para Nice foi considerada muito perigosa. Por fim, Grace foi secretamente transportada de ambulância por menos de quatrocentos metros, até uma clínica particular que dispunha do equipamento para realizar o exame.

O exame mostrou que Grace tinha sofrido dois derrames graves. O primeiro, ainda antes do acidente, a fez desmaiar, enquanto o segundo, provocado pela colisão do carro, havia sido tão severo que o dr. Jean Duplay – neurocirurgião francês levado às pressas de Nice para Mônaco – concluiu que era inviável qualquer intervenção cirúrgica.

Duplay disse a seus colegas que, para ter alguma chance de sobrevivência, Grace deveria ter sido operada em até quinze minutos depois do acidente. Mesmo assim – conforme o médico responsável, professor Charles Chatelin, diria depois a Rainier –, pelo menos metade de seu corpo perderia os movimentos. A paciente foi levada de volta ao hospital e colocada em um sistema de suporte à vida.

Na terça-feira à noite, 14 de setembro, Rainier, Caroline e Albert foram chamados a sair do quarto de Grace para falar com Chatelin. O médico queria que a família soubesse da verdade. Os três, então, ouviram o especialista explicar com serenidade que a condição de Grace havia piorado e que nada mais podia ser feito para reverter o quadro.

“Tivemos uma longa conversa”, lembrou Rainier mais tarde. “Ele era um homem muito bom e muito compreensivo. Explicou a inutilidade de manter ligado o equipamento de suporte à vida. Mostrou as tomografias e nos ajudou a compreender de uma forma muito clara que os aparelhos deviam ser desligados.”

Rainier, Caroline e Albert tomaram a decisão em conjunto. Recordar o episódio fazia a voz do príncipe fraquejar. “Foi uma decisão muito difícil.” Depois de uma pausa, ele acrescentou: “Mas, do ponto de vista racional, era uma decisão óbvia. Não havia razão para mantê-la vivendo por meio das máquinas.”

Pai e filhos entraram no quarto da Grace para um último adeus. E o sistema de suporte à vida foi desligado.

\*\*\*

Primeiro, veio o rumor. Houve um acidente. Em seguida, a descrença. É mentira: a princesa está em *Roc Agel* ao lado de Stéphanie, assim como o príncipe e Albert. Logo se espalhava por todo o principado a notícia de que era tudo verdade.

A descrença deu lugar ao choque.

E, em seguida, à confusão.

As pessoas só acreditavam no que queriam acreditar. Está tudo bem com a princesa. Está tudo bem com Stéphanie. O carro foi destruído, mas elas escaparam. Os monegascos vagavam pelas ruas tentando tranquilizar uns aos outros: elas estão bem, não há nada para se preocupar, vão ficar bem.

A imprensa invadiu Mônaco como uma nuvem de gafanhotos, fazendo explodir os rumores. Ela morreu. As duas estão vivas. Ela entrou em coma. Stéphanie escapou ilesa, mas o estado de Grace é crítico.

Lojas fechadas. Escritórios fechados. Pessoas rezando na igreja. Fotos de Grace começaram a aparecer nas janelas envoltas em tecido preto. Uma aglomeração se formou na frente do palácio, à espera de notícias.

O anúncio foi feito na noite de terça-feira. "Sua Alteza Sereníssima, Princesa Grace de Mônaco, faleceu esta noite, às 22h15."

Um silêncio total envolveu Mônaco. Como uma estranha e espessa neblina, caiu pesadamente por todas as ruas e todos os cantos de cada casa.

No palácio, houve choque, descrença e confusão.

Um funeral do Estado tinha de ser providenciado. Mas ninguém parecia querer tomar a iniciativa. Era quase como se todos soubessem que, uma vez iniciados os arranjos, isso significaria admitir o que realmente tinha acontecido. Por muito tempo, ninguém teve forças para se mexer. Por ironia, talvez só mesmo a própria Grace tivesse presença de espírito para agir em uma situação como aquela.

O fardo recaiu sobre Rainier, Albert e Caroline.

Embora o governo e o gabinete se mobilizassem em torno da tarefa, foi Rainier, apesar de sua enorme dor, que de alguma forma encontrou coragem para dar o passo seguinte.

Albert e Caroline também fizeram a sua parte.

Mas o comando das ações coube a Rainier.

“Papai foi maravilhoso”, lembrou Caroline. “Ele era forte e corajoso. Ele foi incrível. Foi uma lição para mim vê-lo lidar com isso. Todos esses anos depois, vejo que a morte da minha mãe deixou a família mais unida. Não que fôssemos distantes. Mas, depois que ela morreu, aprendemos a trabalhar mais em conjunto, a cuidar mais um do outro, a dar mais atenção uns aos outros.”

Nas semanas seguintes, milhares de telegramas e dezenas de milhares de cartas de todo o mundo derramaram-se sobre o palácio. Alguém contou 450 cestas de flores, muitas delas enviadas por desconhecidos.

Grace foi velada por três dias na pequena capela do palácio, cercada por uma guarda de honra e muitas flores – rosas brancas, orquídeas brancas e roxas, lírios brancos. Em suas mãos, repousavam as pedras verdes de seu rosário de contas, e o anel de casamento era visível no anular da mão esquerda. Milhares de pessoas foram prestar homenagens.

Às 10h30 do sábado, 18 de setembro, o esquife foi trasladado da capela para a Catedral de Mônaco, acompanhado de uma procissão cujo andamento era marcado pela batida lúgubre de um único tambor. À frente do cortejo, o viúvo e seus dois filhos mais velhos.

Stéphanie, presa a equipamentos de tração, estava deitada de costas em seu quarto de hospital. Queria acompanhar a transmissão do funeral pela televisão, num aparelho colocado sobre alguns travesseiros. Paul Belmondo a acompanhava. Assim que a cerimônia começou, ela desabou em lágrimas e, depois de alguns minutos, chegou a desmaiar, emocionada. Belmondo desligou a TV. Pelo resto da manhã, ele apenas segurou a mão dela e ambos choraram juntos.

Depois da missa solene, o corpo de Grace permaneceu em exibição pública pelo resto do dia. O enterro tinha sido planejado para aquele final de tarde. Mas, na última hora, Rainier decidiu adiar

a cerimônia. Deu ordens para que ampliassem a cripta. No dia seguinte, o caixão de Grace foi finalmente enterrado, mas somente depois de os operários terem preparado um lugar ao lado, onde Rainier pudesse descansar no futuro.

## Capítulo 29

### DEPOIS DE GRACE

OS MONEGASCOS TINHAM PERDIDO A PRINCESA.

A dignidade que caracterizou o pranto popular só era superada pela elegância que Grace havia demonstrado em vida. Houve, no entanto, alguns incidentes que ameaçaram arruinar a solenidade do evento.

Quando a limusine da primeira-dama Nancy Reagan – presente ali como amiga pessoal e não só como representante do marido, então presidente dos Estados Unidos – despontou nas proximidades da Catedral de Mônaco, o Serviço Secreto flagrou alguém no telhado. Alguns agentes cercaram a primeira-dama e a levaram rapidamente para a porta dos fundos do templo, enquanto outros capturavam o suspeito, que acabou por se revelar um cinegrafista com autorização oficial para ocupar aquele lugar.

Até mesmo os *paparazzi*, em sua maioria, demonstraram respeito.

Alguns residentes estrangeiros do principado tinham uma visão curiosa acerca do futuro. De alguma forma, eles assumiram o pressuposto de que, enquanto Grace e Rainier estivessem no trono, seu mundo não tributável estaria seguro. Com a partida de Grace, as inquietações surgiram. Haverá alguma mudança? Rainier vai abdicar? Mônaco entrará em colapso?

Para essas pessoas, se a morte de um ideal era triste, a perspectiva do fim de sua segurança financeira e qualidade de vida era assustadora.

\*\*\*

Stéphanie tinha sido alvo dos tabloides em toda a sua vida, mas nunca como depois do acidente. Poucas horas após o desastre, a princesa de dezessete anos de idade foi acusada de estar ao volante do carro.

Não estava.

Caroline praticamente mudou-se para o quarto de hospital de Stéphanie, a fim de acompanhá-la até que pudesse voltar para casa. Foi a única da família a ouvir da irmã um relato sobre o que havia acontecido naquela trágica manhã.

Mais tarde, Caroline revelaria o que Stéphanie lhe disse: "Mãe não parava de dizer 'eu não consigo parar, o freio não funciona, não consigo parar'. Mãe estava em pânico". Segundo Caroline, Stéphanie, então, teria agarrado o freio de mão. "Eu puxei o freio, mas o carro não parava. Eu tentei, mas simplesmente não pude parar o carro", teria contado a princesa à irmã mais velha.

Somente muitos anos mais tarde, Stéphanie finalmente faria uma declaração pública sobre as circunstâncias do acidente.

Foi para a edição original deste livro.

"Lembro-me de cada minuto", disse ela, tentando controlar suas emoções. "Só nos últimos anos comecei a lidar com isso. Tive alguma ajuda profissional e, especialmente nos últimos oito meses, tenho aprendido a lidar com o trauma. Até hoje não consigo passar pelo local, mesmo que não esteja dirigindo – sempre peço para fazerem outro caminho. Mas pelo menos agora posso falar sobre o assunto sem chorar. Só é difícil tratar dele na frente de meu pai. No que diz respeito a mim, posso viver com isso. Mas ainda não consigo falar com meu pai sobre o acidente, porque sei que é doloroso para ele, e não quero que sinta dor porque o amo."

Para esclarecer as coisas de uma vez por todas, eis os fatos. Grace tinha passado um verão muito ocupado. Sempre se sentia exausta no final da estação, mas daquela vez a vida tinha sido ainda mais agitada do que a habitual. O cruzeiro no Mermoz a tinha ajudado a relaxar um pouco. Ainda assim, ela estava cansada, irritada, com pressão alta e passando por uma menopausa muito difícil.

Caroline confirmou: "Ela não vinha se sentindo muito bem. Andava incrivelmente cansada. O verão tinha sido cheio, ela não parou de ir

a lugares e fazer coisas. Nunca mencionou isso nem se queixou. Mas ela não estava em ótima forma”.

Naquela fatídica manhã, Grace e Stéphanie passaram por um policial francês orientando o trânsito perto do monumento, em La Turbie. Mais tarde, ele relatou que havia reconhecido a princesa Grace ao volante, tendo inclusive feito uma saudação para ela. Um caminhão com placa francesa seguiu o Rover até a D-37, e seu motorista depois testemunharia que Grace estava dirigindo.

Em algum ponto ao longo da estrada, Grace queixou-se de dor de cabeça. O incômodo continuou enquanto desciam pela colina. De repente, uma dor aguda atravessou seu crânio. Por uma fração de segundo, ela desmaiou e o carro começou a se desviar da pista. Ao retomar os sentidos, desorientada, Grace pisou fundo no freio – ou no que ela achava que fosse o pedal do freio. Tudo indica que ela teria acionado o acelerador.

O motorista do caminhão francês informou que estava cinquenta metros atrás do Rover, aproximando-se, quando, em uma curva acentuada e íngreme, viu o automóvel ir violentamente de um lado para o outro, zigzagueando pelas duas pistas. Em seguida, o carro aprumou-se e arrancou para a frente muito rápido. O motorista conhecia a estrada e sabia que havia uma curva logo a seguir. No espaço de dois ou três segundos, ao ver que as luzes de freio não se acendiam, ele adivinhou o que iria acontecer.

Naquele instante, dentro do Rover, Grace gritou para Stéphanie: “Eu não consigo parar, o freio não funciona”.

Stéphanie, então, tentou agarrar o freio de mão. De alguma forma, ela também conseguiu mover a alavanca de câmbio para parar. Mas o carro continuou. Stéphanie disse que nunca saberá com certeza se a mãe confundiu o pedal do acelerador com o do freio ou se simplesmente perdeu o controle de suas pernas. Quando a polícia investigou o acidente e verificou a estrada, não encontrou marcas de derrapagem.

Nenhuma das duas estava usando o cinto de segurança. Um jardineiro trabalhava em uma propriedade estrada abaixo quando ouviu o estrondo e, de imediato, reconheceu do que se tratava – mais tarde, ele comentaria que em trinta anos tinha visto aquilo

acontecer pelo menos umas quinze vezes. O jardineiro também afirmaria ter puxado Stéphanie para fora pela janela do motorista, o que lhe deu a impressão de que era ela quem dirigia. Ao ver a repercussão alcançada por suas declarações, ele seguiu alardeando a importância de seu papel na tragédia, vendendo “entrevistas exclusivas” a quaisquer revistas ou jornais dispostos a pagar.

O fato é que ele não foi a primeira pessoa a chegar à cena do desastre.

E nem sequer retirou Stéphanie do carro.

Ela saiu sozinha pelo lado do passageiro. “Eu me vi encolhida no vão abaixo do porta-luvas. Perdi a consciência quando caímos. Lembro da batida na árvore e, depois, de acordar e ver fumaça saindo do carro. Pensei que tudo fosse explodir. Eu sabia que tinha de sair e tirar minha mãe de lá, então forcei a porta com minhas pernas. Não foi difícil porque a porta já estava aberta.”

Ao sair do carro, ela viu uma senhora por perto e começou a gritar: “Por favor, preciso de ajuda, ligue para o palácio... eu sou a princesa Stéphanie, ligue para meu pai e peça socorro”.

A mulher, que morava em uma casa próxima, fez com que Stéphanie se sentasse. Ela estava em choque.

Os pontos no couro cabeludo do seu acidente no esqui aquático se abriram, e ela sangrava muito. Ela também havia cortado a língua e perdido um dente, e agora uma dor começou a se espalhar por suas costas.

Ela não parava de gritar: “Minha mãe está no carro, ligue para o meu pai”.

A mulher, agora com o marido, perguntou quem, afinal, era o pai dela. “Ele é o príncipe. Eu sou a princesa Stéphanie, e ele é o príncipe de Mônaco.”

Foram vários minutos até que alguém entendesse o que ela dizia, e mais alguns minutos para que levassem a informação a sério.

Ela contou: “Eu ficava implorando para a mulher ‘ligue para o meu pai no palácio, por favor, peça ajuda, minha mãe está lá dentro’. Todo o resto ficou turvo em minha mente até a polícia chegar”.

Grace tinha sido impelida para o banco traseiro pela coluna de direção, tendo um corte grave na cabeça. Parecia consciente, mas

estava coberta de sangue. Stéphanie disse: “Os bombeiros retiraram mamãe do carro e a puseram em uma ambulância. Eu fiquei esperando por outra ambulância”.

O carro ficou bastante danificado. Perto do final da tarde, um perito examinou os destroços e afirmou que a única área um pouco menos destruída tinha sido o vão sob o porta-luvas, em frente ao banco do passageiro. Só alguém encolhido naquele espaço poderia ter sobrevivido.

\*\*\*

Quando algo assim ocorre, restam sempre algumas perguntas sem resposta.

Por exemplo, por que Grace não deixou seu motorista dirigir?

Por que ela foi perder a consciência exatamente no pior lugar da estrada? Se tivesse acontecido cem metros acima, Stéphanie teria sido capaz de controlar o automóvel na colina e pará-lo. Se tivesse acontecido cem metros abaixo, o Rover já teria ultrapassado aquela perigosa curva fechada.

Ironicamente, alguns anos mais tarde, uma hemorragia cerebral idêntica à de Grace ceifaria a vida de seu irmão quando ele praticava *jogging*.

Como o acidente ocorreu na França, Rainier foi consultado pelo governo francês. A investigação oficial já tinha sido determinada, mas, dadas as circunstâncias, quiseram saber se o príncipe queria que o processo fosse acelerado.

Rainier recusou. Preferia que o procedimento fosse respeitado passo a passo. “Queria que fizessem tudo o que tinha de ser feito, sem qualquer interferência. O carro foi retirado do local imediatamente e a imprensa nos criticou por isso. Mas, se agíssemos de outra forma, logo haveria turistas ali, catando sucata como lembrança. A polícia francesa nos instruiu a levar o carro a uma garagem da polícia de Mônaco. O juiz francês local, que estava no comando da investigação, disse a seus colegas monegascos para lacrar a garagem para ninguém mexer com o carro. Fizeram isso

imediatamente. Ninguém em Mônaco teve nada a ver com o relatório final ou o influenciou de alguma forma.”

Engenheiros da Rover, vindos da Grã-Bretanha, examinaram o carro em busca de eventuais falhas mecânicas. Também investigaram a possibilidade de sabotagem. Mas nada foi encontrado. Os freios, segundo o laudo técnico final, estavam em perfeito estado. A investigação francesa concluiu que o acidente ocorreu quando Grace desmaiou e perdeu o controle do carro. Apesar da montanha de provas que corroborou essa conclusão, a imprensa sensacionalista e jornalistas mercenários continuaram escrevendo artigos e livros para alimentar a fogueira das dúvidas.

Mas Rainier nunca as teve. “Quando recebi o telefonema em *Roc Agef* naquela manhã, fui ao hospital imediatamente. Os médicos não disseram nada no começo porque queriam fazer uma análise aprofundada. Mas a imprensa fez o diagnóstico bem mais rápido. Com base nas informações prestadas pelo jardineiro infeliz que diz ter encontrado o carro, complementadas pelos dados dos gendarmes, os rumores se espalharam muito rápido. Mas demorou muito tempo para os médicos definirem a situação. Eles saíam da emergência e me diziam que tinham encontrado uma fratura aqui e outra lá, e então voltavam para fazer mais exames. Continuaram encontrando coisas e me informando. Eu esperei muito antes de saber a real gravidade do estado dela, e soube antes da imprensa. Mas a imprensa jamais deixaria a história por isso mesmo.”

Um tabloide norte-americano de quinta categoria enviou nada menos de dezessete jornalistas para cobrir o caso. Sem restrição de gastos, pagava-se por qualquer depoimento. O resultado foi um fluxo contínuo de especulações sobre as circunstâncias do acidente, quem estava ao volante e a morosidade das equipes do hospital no atendimento a Grace.

“Eles fizeram o seu melhor para manter o assunto quente”, Rainier disse, “e não mostraram muita compaixão com a dor que sofríamos. Foi terrível. Havia todos os tipos de especulação sobre o que deveríamos ter feito para salvar Grace. Apenas não consigo entender o porquê. Praticamente todo o hospital foi mobilizado para ela. Não sei quantas vezes tivemos de dizer que Grace nunca teria permitido

que Stéphanie dirigisse até Mônaco, especialmente numa estrada tão perigosa. Sim, Stéphanie dirigia o carro da mansão para a garagem em *Roc Agel*, mas nunca assumiu o volante de um automóvel fora da propriedade.”

Depois de balançar a cabeça várias vezes, em sinal de desaprovação, o príncipe parou, para em seguida comentar: “Quando a imprensa criou a versão sobre o interesse da máfia em matar Grace, ainda que nem por um momento eu consiga imaginar o porquê, eu relevaria caso fosse apresentada uma interpretação minimamente coerente. Mas quando tentaram reavivar a história de que Stéphanie estava dirigindo, o que os jornalistas sabem que é mentira, isso magoou todos nós. É algo que provocou muito sofrimento e que não é justo. Talvez se tivesse havido algum tipo de erro mecânico, Stéphanie poderia ter mais habilidade para dominar a situação do que a própria mãe. Mas esse não é o ponto. O ponto é que as pessoas não sabem como Stéphanie sofreu”.

Os psiquiatras têm notado que há uma reação muito comum entre sobreviventes de acidentes que vitimam outras pessoas. É a síndrome do “Por que eu?”. Quem escapa da morte continua lembrando o acidente outras vezes, perguntando-se por que motivo ele foi poupado e o outro morreu. No caso de Stéphanie, essa pergunta sem resposta foi formulada à exaustão, inclusive por pessoas bem-intencionadas que lhe falavam sobre a mulher maravilhosa que tinha sido sua mãe, para em seguida emendar: “Pena que ela tenha morrido”. Era uma maneira enviesada de sugerir: “Teria sido mais fácil aceitar a sua própria morte, Stéphanie, do que a perda de Grace”.

Duas outras coisas tornaram o problema especialmente complexo para ela. A imprensa a submeteu a um enorme estresse com a constante especulação de que era ela ao volante no dia do acidente. Stéphanie reagia: “Como é que podem pensar que eu matei a minha mãe?”. Mas, como sua voz não era tão alta quanto a da mídia, não importa o quanto ela protestasse, a história continuou a ser reavivada. E o estresse não diminuía.

Os tabloides tampouco se importavam se haveria sentimento de culpa ou não a cada vez que Stéphanie manuseasse um freio de

mão, a cada vez que ela repetia a si mesma que tinha tentado salvar a mãe, e a cada vez que precisava lembrar que não poderia ter parado o carro.

É claro que, caso se tratasse de alguém que não fosse um Grimaldi, um Windsor ou um Kennedy, os acontecimentos daquele dia de setembro de 1982 seriam aceitos como uma justificativa compreensível para o modo como Stéphanie se comportaria nos anos seguintes. No entanto, as histórias escandalosas ligadas a Stéphanie Grimaldi – verdadeiras ou falsas – vendem jornais e revistas. Sob o ponto de vista dela e de Rainier, o tratamento dado pelos meios de comunicação a Stéphanie foi, de certa forma, quase tão trágico quanto o próprio acidente.

\*\*\*

Cerca de 100 milhões de pessoas em todo o mundo assistiram ao funeral de Grace pela televisão. Na época, nem Rainier, Caroline e Albert, na igreja, nem Stéphanie, no hospital, sabiam da extraordinária escala com que o mundo compartilhava sua perda. Qualquer consolo externo, naquele dia, teria sido em vão.

Há muito tempo, ficou mundialmente famosa a cena do menino de três anos de idade batendo continência diante do caixão do pai, presidente dos Estados Unidos. Da mesma forma, tornou-se indelevelmente gravada na memória daquela manhã em Mônaco a figura de um Rainier de uniforme, destroçado pelo sofrimento, e de Caroline, pálida e vestida de luto, estendendo a mão para ampará-lo.

## *Capítulo 30*

### SEGUINDO EM FRENTE

A CAÓTICA VIDA AMOROSA DE STÉPHANIE PODIA SER mais facilmente compreendida, e aceita de forma diferente, se não fossem o sofrimento, a perturbação e o abalo decorrentes do acidente e do falso boato de que ela estava ao volante.

Isto é, se ela fosse outra pessoa.

Em vez disso, como seu rosto ajudava a vender revistas, multiplicaram-se as virulentas histórias de romances com figuras inapropriadas – incluindo um criminoso fichado –, seguidas de fábulas de que o pai a teria renegado e deserddado.

Ainda que Rainier, às vezes, desaprovasse muitas das travessuras da princesa, ela ainda era sua filha, e ele ainda era o pai dela.

E mesmo que, em determinados momentos, ele ficasse realmente zangado com Stéphanie, Rainier jamais titubeou: “Não importa o que aconteça, a coisa mais importante é manter a porta aberta”.

As preocupações paternas eram naturalmente compartilhadas por Albert e Caroline. E os irmãos chegaram a lamentar que, em alguma medida, a própria Stéphanie se deixasse levar por situações que alimentavam os tabloides.

Albert nunca escondeu isso: “Ela nem sempre é muito cuidadosa, e talvez se mostre um pouco aberta demais a esse tipo de exposição”.

Depois do nascimento de seu terceiro filho, ela se apaixonou por Franco Knie, treinador de animais e proprietário do circo que leva seu nome de família. Parentes e amigos ficaram com o pé atrás, mas sabiam que Stéphanie continuava impulsiva. E a maioria deles já

tinha aceitado há muito tempo que, para gostar dela, era preciso aceitá-la como é.

Stéphanie morou na Suíça com Knie por um ano e meio. Assim que o deixou, apaixonou-se e casou-se quase de imediato com um artista circense, o acrobata Adans Lopez Peres. Ela tinha 38 anos e ele, 28. A união durou oito meses.

Apesar de a reputação de *enfant terrible* a acompanhar para além de seus quarenta anos, Stéphanie nunca se viu desse modo, mas, sim, como uma jovem normal, saudável e aberta ao que a vida poderia lhe oferecer. Mas ela mesma ressaltava: “Tudo depende do que você considera normal”.

Perto dos cinquenta anos, bela e confiante mãe de três filhos, Stéphanie continua a viver segundo as próprias regras. Mas, garante ela, nunca se esqueceu de que há pessoas que não podem se dar a esse luxo.

Em 2003, Stéphanie criou a organização não governamental Fight Aids Monaco. Três anos depois, foi nomeada embaixadora do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV. Em seguida, em um breve retorno à música, participou do grupo de cantores que gravou a canção “L’Or de nos Vies”, em benefício da Fight Aids Monaco. E em 2010, inaugurou La Maison de Vie, em Carpentras, França, entidade que oferece ajuda material para as pessoas com Aids.

\*\*\*

Algum tempo depois da morte de Grace – pelo menos, ao fim de um período de resguardo julgado suficiente por Albert e seu pai –, o jovem príncipe ocupou o antigo escritório da mãe, dois andares acima do de Rainier, na torre do palácio.

Ele mudou a mesa de Grace de lugar, transferindo-a para a parede do fundo, de frente para as janelas, e trocou as cores do ambiente.

A pintura favorita de Grace – a cena de Nova York – foi pendurada no escritório de sua secretária. No lugar, Albert mandou colocar seus próprios quadros prediletos, incluindo uma fotografia colorida em

que ele aparece com seu trenó, antes de uma prova nas Olimpíadas de Inverno de Calgary.

\*\*\*

Caroline, por sua vez, assumiu o papel de primeira-dama de Mônaco imediatamente após o falecimento da mãe.

Sempre muito ligada ao pai, conforme contava o próprio Rainier, passou a dedicar grande parte de seu tempo disponível aos cuidados com ele.

Mas, claro, ainda tinha a própria vida para levar, o que nem sempre foi fácil.

Quinze meses depois da morte de Grace, veio o casamento com Stefano Casiraghi. Em seguida, o acidente fatal com ele, deixando-a sozinha para educar três filhos. Refugiou-se então em Saint-Remy, sem, no entanto, negligenciar o pai e as responsabilidades oficiais em Mônaco. Embora tenha demorado algum tempo, ela acabou encontrando um equilíbrio entre a vida de princesa e a de mãe viúva.

Sucederam-se o longo caso com o ator Vincent Lindon e o relacionamento com Ernst de Hanover, que resultou em novo casamento.

A filha de Caroline com Ernst, Alexandra, nasceu em julho de 1999 em um hospital de Voecklabruck, na Áustria, 64 quilômetros a leste de Salzburgo, onde Ernst tem uma grande propriedade.

Caminhando para o hospital naquele dia, Ernst foi cercado pela imprensa e pediu para não ser fotografado. Um dos fotógrafos recusou-se a atender e Ernst tentou impedi-lo à força. A polícia teve de intervir e mandar o fotógrafo embora dali. A segurança em torno do quarto de Caroline foi intensificada, de modo que ninguém podia chegar perto o suficiente para tirar uma foto.

Caroline, Ernst e sua família estendida passaram a dividir seu tempo entre Luberon, Mônaco e Londres. Pelo menos por um tempo, parecia que ela e o marido estavam a caminho de estabelecer uma vida familiar normal.

Mas as batalhas com os meios de comunicação continuavam.

Em 1998, eles já tinham obrigado a *Paris Match* a se retratar publicamente por ter adulterado uma foto do casal: a imagem publicada na revista francesa tinha sido modificada digitalmente para aproximar os dois e “apagar” as demais pessoas da imagem original. Em maio do ano seguinte, processaram a revista alemã *Bunte* por prática de “jornalismo irresponsável” e foram indenizados em 51 mil dólares.

Em janeiro de 2000, o temperamento de Ernst levou-os novamente ao noticiário.

O casal e a filha Alexandra, então com seis meses, tinham ido passar férias em uma propriedade de Ernst na ilha de Lamu, na costa do Quênia, no oceano Índico. Em uma ilha vizinha, a uma curta distância, havia um clube noturno que varava a noite tocando música em alto volume. Ernst pediu várias vezes para o dono do estabelecimento, um alemão, tomar providências.

“Todas as noites havia música até as cinco da manhã”, Ernst reclamou. “E todas as noites entre o Natal e o Ano Novo, a boate apontava um feixe de *laser* para minha casa.”

Ernst não estava sozinho em Lamu. Vários de seus vizinhos também tinham prestado queixas junto às autoridades locais, mas o dono do clube simplesmente ignorava as reclamações. Uma noite, porém, o homem estava de passagem por Lamu quando Ernst o encontrou e foi tirar satisfações.

Segundo todos os relatos, seguiu-se uma discussão áspera que terminou em troca de socos. De acordo com a história contada pelo proprietário da boate, Ernst apareceu armado e escoltado por quinze capangas. O alemão teria sido imobilizado pelo bando e se tornado alvo da fúria do marido da princesa, agressão que teria resultado em seis costelas quebradas.

Ernst garantiu que ferimentos sofridos pelo homem não aconteceram naquela noite. Jurou que não estava acompanhado de seguranças e negou portar armas.

Uma agência de notícias alemã, no entanto, atribuiu a Ernst a seguinte citação: “Tive o maior prazer de dar uma de esquerda e outra de direita naquele homem”.

Quando a notícia chegou à mídia internacional, em especial aos tabloides britânicos, franceses e italianos, o dono do clube estava hospitalizado.

Ernst solicitou a publicação de anúncios de página inteira em vários jornais para refutar as acusações.

Seu anúncio no *Daily Nation* e no *East African Standard* definiu como “unilateral” a cobertura dada pela imprensa ao incidente. “Se o príncipe, de fato, se envolveu em uma briga com um de seus compatriotas na ilha de Lamu, é inexato que tivesse a companhia de capangas e estivesse armado”, dizia o texto.

Aproveitando seus quinze minutos de fama, o dono do clube declarava a todo repórter que visse pela frente: “Estou feliz por ainda estar vivo”.

Rainier não gostava de nada disso.

Ele não tinha nada contra Ernst – afinal, em comparação com as escolhas amorosas de Stéphanie, o marido de Caroline beirava a santidade.

Mas, segundo o depoimento de um velho amigo, Rainier sentia-se “pouco entusiasmado” com a história. Preocupado com o mau gênio do genro, temia futuras provocações pela mídia no intuito de produzir mais manchetes.

“Ele odeia esses escândalos”, contou o amigo de Rainier. “Ele já teve mais escândalos do que o suficiente para uma só vida, e está enjoado e exausto com o fato de que sua família parece um ímã para esse tipo de publicidade negativa.”

\*\*\*

Rainier era provavelmente o menos acessível em público e o menos fotografado dos membros de sua família. Mesmo assim, seu rosto tornou-se tão conhecido que, várias vezes, fora de Mônaco, ele foi abordado por pessoas com a pergunta: “Não conheço você de algum lugar?”.

Caso a pergunta viesse de uma mulher bonita, o príncipe até podia estender a conversa. Mas, na maior parte do tempo, ele se

preservava publicamente diante de alguém que o reconhecesse como o príncipe Rainier.

Não raro, despistava: “Engraçado você dizer isso, porque sou muitas vezes confundido com ele. Na verdade, você é a terceira pessoa que me pergunta isso hoje”.

Depois de um olhar mais demorado, as pessoas se convenciam: “É, acho que você não é ele mesmo. Mas, com certeza, é muito parecido”.

E o deixavam em paz.

A abordagem das pessoas comuns, porém, era muito diferente da dos *paparazzi*.

“Mesmo que tenha convivido com eles a vida toda”, Rainier observou, “você nunca se acostuma com a pressão de viver em um aquário. Não há como negar que tivemos nossas dificuldades com a imprensa, mas você tem de entender que, assim que algo é impresso, torna-se definitivo. Não importa o que você faça depois, vai estar sempre lá, preto no branco. As pessoas acreditam no que leem na primeira vez. Retratações, quando acontecem, geralmente são insuficientes e tardias.”

Nos anos seguintes à morte de Grace, a imprensa investiu nas fofocas sobre os possíveis envolvimento amorosos de Rainier. Foi o que ocorreu no caso, por exemplo, de sua amizade com Ira von Furstenberg.

Ela havia adquirido o título de princesa em 1955, aos quinze anos de idade, por ocasião do primeiro de seus três casamentos, com um nobre austríaco.

“O pai dela era amigo do meu avô”, Rainier explicou, “e eles costumavam visitar Mônaco quando ela era garota. Nós nos conhecemos há muito tempo. Ela é uma boa companhia, divertida, mas isso é tudo. Nunca houve nenhuma ideia de casamento. Mas a cada vez que dou um ‘olá’ a uma mulher, a imprensa imediatamente inventa um romance porque rende uma matéria melhor do que a realidade.”

A forma como os boatos começaram foi inocente. Ira von Furstenberg foi ao principado a negócios em 1985. Ela tinha contratado um estande da feira bienal de Mônaco para expor

antiguidades. Além de conhecida de longa data de Rainier, seu primeiro marido havia sido colega de escola do príncipe monegasco. Portanto, era de se esperar que, ao visitar a exposição, Rainier parasse ali para conversar com ela.

Nesse momento, os dois foram fotografados.

Poucos dias depois, Gianni Agnelli aportou seu iate em Mônaco. Vinha para o Baile da Cruz Vermelha. Ele promoveu um almoço no barco e convidou Rainier. Outra convidada foi Ira von Furstenberg, sua sobrinha.

Por pura coincidência, Rainier e Ira chegaram ao evento ao mesmo tempo.

Naquela noite, no baile, ela sentou-se ao lado de Rainier.

Os fotógrafos agora tinham imagens deles juntos em locais diferentes de Mônaco, o que logo resultou na óbvia conclusão de que um noivado seria anunciado a qualquer momento.

Com grande autoridade, um jornal sensacionalista observou: “O segundo casamento da filha de 28 anos, Caroline, com o rico *playboy* italiano Stefano Casiraghi é instável. E a outra filha, Stéphanie, 20, vive constantemente em problemas com os homens. Rainier espera que a força de vontade de Ira, amiga próxima dos Grimaldis por muitos anos, possa ajudá-lo a superar esses problemas”.

Era ficção total. Tanto Rainier como Ira desmentiram os rumores.

Então, o filho dela, que talvez tenha acreditado que havia um fundo de verdade nos boatos, declarou que apostava que sua mãe se casaria com o príncipe.

A história permaneceu nas primeiras páginas por mais de um ano.

A foto de Rainier e Ira von Furstenberg caminhando para o barco de Agnelli foi posteriormente reavivada por jornais e revistas ao redor do mundo com diferentes legendas: uma descrevia Rainier e sua “noiva” no Caribe; outra citava Rainier e a “futura princesa” no Pacífico Sul; e uma terceira chegou a alardear que a imagem era da “lua de mel secreta” do casal.

O episódio só terminou quando ela se casou – com outra pessoa.

Cansado, Rainier dizia: “O que posso dizer? Isso vende revistas”.

## Capítulo 31

### COM DISPOSIÇÃO PARA FALAR

RAINIER HAVIA PASSADO O DIA INTEIRO EM SUA MESA.

Seu escritório, na torre do palácio, era um lugar amplo, decorado com os mesmos objetos havia pelo menos meio século. À direita da porta ficava uma mesa coberta de pastas e de porta-retratos com moldura de prata – com fotos dos filhos e netos –, e perto dela um cofre grande e muito antigo, que estava trancado, presumivelmente protegendo relíquias valiosas.

Sua escrivaninha ficava no canto mais distante da sala, em frente à porta e atrás de um sofá, uma cadeira e uma mesa de café. Nas mesinhas ao lado, mais porta-retratos com moldura de prata.

Havia várias fotos de Grace, é claro.

Em um dos cantos da sala, um elevador privativo – uma espécie de gaiola triangular decorada – dava acesso a um segundo ambiente, usado sobretudo como sala de conferências. Era o cômodo logo abaixo do escritório de Albert.

O tamanho do local era o mesmo do escritório principal. Contava com uma mesa redonda com tampo de feltro verde, de um lado, e uma pequena mesa contra a parede oposta. Sobre elas, mais fotos de família. Havia também vários armários envidraçados exibindo objetos e suvenires, como uma coleção de crustáceos e peixes de prata de lei, em tamanho natural.

Um grande telescópio de bronze apontava para fora da janela leste, perto da enorme maquete do museu que Rainier estava construindo para abrigar sua coleção de automóveis. Nas paredes, pinturas variadas, incluindo uma tela intitulada *Storm*, que retrata

um pequeno barco sendo arremessado em meio às ondas do mar. O céu do quadro correspondia exatamente ao azul-cinza da parede.

De volta ao escritório principal, vestido com *blazer* azul, calça cinza e camisa branca com gravata de lã azul, Rainier estendeu a mão para pegar um cigarro e, em seguida, acomodou-se na cadeira ao lado do sofá. Não havia luzes acesas no ambiente, que mergulhava na penumbra conforme o sol se punha e ele falava em voz baixa e reflexiva sobre seu reinado.

“Erros?”. Ele pensou por um momento antes de confessar: “Sim! Quem não comete erros? Só alguém terrivelmente chato não erra. Mas gosto de pensar que não houve grandes equívocos que tenham prejudicado o desenvolvimento do principado. Contudo, acho que pequenas falhas aconteceram, sim. Na verdade, tenho certeza disso. Nosso *timing* na tomada de algumas decisões talvez tenha sido inadequado.”

Por exemplo?

“Por exemplo o caso da ocupação imobiliária do país”, admitiu. “Talvez não devêssemos ter construído tantos arranha-céus, ou, pelo menos, nosso controle sobre as construções poderia ter sido maior. Mas, como disse, tudo aconteceu muito rápido. E é claro que podemos aprender com o passado. Daqui dá para avistar La Condamine, a área do porto, ocupada por um grande número de edifícios antigos que, um dia, devem vir abaixo. Alguns deles têm de sessenta a setenta anos e não contam com instalações sanitárias adequadas. Então, estamos remodelando o bairro, mas evitamos construir prédios muito altos.”

O verbo “construir” foi uma palavra-chave durante seu reinado, a ponto de algumas pessoas acreditarem que seu codinome ideal como regente seria o de “*le constructeur*” – o construtor.

Rainier ponderou um pouco. “É uma imagem agradável, eu gosto dela. Mas devo explicar que não incentivei a construção para agradar aos especuladores. Longe disso. Fontvieille foi um projeto que trouxe muitos negócios para Mônaco, mas era uma grande aposta, pois implicava um enorme aterro marítimo. Não tenho certeza de que, se me chamarem de “o construtor”, esta seja a melhor maneira de descrever meu legado. Pessoalmente, talvez

prefira ler que eu fiz o bem pelo país. Que meu governo foi bem-sucedido. Que eu estava certo.”

E no momento de tomar decisões impopulares, Rainier teve coragem. “Não é fácil tomar uma decisão impopular, mas em certas situações não há escolha. Sou aberto a conselhos. Nunca quis à minha volta gente que diz amém para tudo. Sempre insisti para que todos expressassem seus pontos de vista antes de tomar uma decisão. Em geral, é fácil identificar os bajuladores: são aqueles que ficam esperando eu dizer o que penso. Então, nas reuniões, em geral nunca começo dizendo minha opinião. Peço a todos na sala que falem primeiro, e só depois revelo meus pontos de vista. Naturalmente, algumas pessoas sentadas ali estão apenas tentando adivinhar minha opinião para concordarem comigo, mas sei que não estou certo o tempo todo. Aprendi isso com a experiência. Acredite em mim, funciona. Albert agora me acompanha nas reuniões de gabinete, vendo meu estilo. Espero que aprenda algo com isso.”

Albert sempre soube muito bem que ser sucessor seria uma missão difícil, uma vez que ninguém discute as realizações de Rainier. Basta comparar o principado com qualquer cidade do mundo com população de 30 mil pessoas: nenhuma outra tem uma aclamada orquestra sinfônica, uma companhia de balé de prestígio, uma companhia de ópera de renome mundial, jardins públicos de qualidade, praia, porto, restaurantes de alta categoria, hotéis estrelados e sofisticação internacional.

Tudo isso está reunido em um lugar que, quando Rainier assumiu o trono, era definitivamente muito triste.

Os monegascos são prósperos e têm saúde, educação e segurança. Na verdade, vivem em uma das localidades mais seguras da Europa. A polícia local possui quinhentos membros, o que corresponde a um policial para cada sessenta habitantes.

“Acredito firmemente que a forte presença da polícia é uma solução óbvia para a criminalidade”, disse Rainier. “Isso e mais equipamentos modernos, para os policiais fazerem seu trabalho. Não há crime aqui. Nem problemas sérios com drogas. Claro que acontecem pequenos delitos e um ou outro jovem cheira cola, mas aqui não há crimes graves nem tráfico de drogas. A única vez que

houve um tiroteio foi quando um ladrão de banco tentou fugir de carro. Mas existem apenas quatro estradas que dão acesso ao principado e a polícia consegue bloqueá-las com muita rapidez e eficiência. Temos um sistema fura-pneus nas rodovias, que pode ser acionado para impedir a fuga de carros. É a sorte de se ter uma fronteira fácil de defender.”

Os crimes de rua em Mônaco são quase inexistentes. Há assassinatos passionais de vez em quando e os assaltantes restringem-se a arrombadores de cofres e ladrões de obras de arte.

Em 1999, o banqueiro Edmond Safra foi morto, vítima de incêndio criminoso. Em poucos dias, um suspeito estava preso. A prostituição – pelo menos aquela exercida nas esquinas – é ilegal. Não se exibem filmes pornográficos no principado e não se pode nem mesmo caminhar descalço por vias públicas, sob risco de advertência policial. Mônaco é anunciada como um dos últimos lugares da Terra onde uma mulher pode usar joias. E isso é intencional.

Rainier orgulhava-se de tudo isso. “Temos câmeras de vídeo em locais-chave de todo o principado: nas esquinas, nos corredores e em elevadores públicos. Os resultados parecem muito bons e por isso vamos ampliar o sistema. Convenhamos, se um sujeito vê uma câmera ali, deixa de fazer muitas coisas, pois sabe que a polícia está olhando.”

Tamanha vigilância fez muita gente protestar contra as câmeras sob alegações de “Big Brother”.

Ele zombou da simples menção ao termo. “Acho muito injusto. Este não é um Estado policial. Já ouvi esse comentário, mas não concordo, absolutamente. Vamos lá: o que é um Estado policial? É um lugar onde a polícia interfere em sua vida, no que você vê, no que diz, no que pensa. Não é o caso daqui. Não há restrição alguma às liberdades. A força de nossa polícia visa à proteção, não à repressão. A maior parte do pessoal efetivo trabalha à paisana. Mas você há de convir que esta é uma comunidade pequena, onde todo mundo conhece todo mundo. Quanto tempo acha que dá para passar incógnito como policial à paisana neste lugar? Sabe, há um grande desequilíbrio no mundo. Alguns parecem ter vergonha de

mostrar autoridade e disciplina, mas não concordo que sejam uma ameaça à liberdade. Sem autoridade e disciplina só existe anarquia. E isso sim é uma ameaça à liberdade.”

Rainier comentou que, embora a religião oficial seja o catolicismo, há todos os tipos de locais de culto em Mônaco. As principais seitas e religiões estão representadas, assim como muitos credos menos disseminados. “Não inventamos o ecumenismo, mas acho que o defendemos há muito mais tempo do que o papa.”

Mencionado o tema da religião, coube perguntar sobre a força de sua própria fé. Ele admitiu que, ao longo dos anos, teve muitos questionamentos, mas creditou ao padre Tucker a manutenção de seus laços com a Igreja.

“Eu me revoltava com a maneira como muitas pessoas religiosas agiam”, disse ele. “Tinha um monte de perguntas e ninguém me dava respostas satisfatórias. O padre Tucker entendeu minha revolta com a Igreja e não fez disso um drama. Desse jeito, me fez voltar para ela. Ele explicou as coisas. Não me pressionou, como alguns outros sacerdotes provavelmente teriam feito. A maioria deles, eu suspeito, teria tentado me convencer de que questionar minha relação pessoal com a Igreja era um grande pecado. Padre Tucker teve uma influência importante na minha vida.”

Entre outras coisas, contou Rainier, o sacerdote o ajudou a ver o que a Igreja deveria ser. “O que é a Igreja? É a caridade, a tolerância e a compreensão, não é? E era assim que o padre Tucker tratava essas coisas. Sabe, sempre desconfiei dessas escolas de freiras em que penduram na parede um triângulo com um olho no centro, representando Deus, e assustam as crianças, dizendo que estão sendo vigiadas pelo Senhor o tempo todo. Não acho que seja a imagem correta de Deus. Vejo Deus com um sorriso. Ou, talvez, mais como coração do que como olho.”

Como soberano católico, Rainier teve uma relação especial com o Vaticano. Um representante da Igreja foi enviado para o casamento dele com Grace. E, de sua parte, o príncipe encontrou-se com todos os papas a partir de Pio XII. “Era um homem extraordinário, absolutamente santo. Sempre tive a impressão de que ele era o mais próximo que alguém poderia chegar de Deus. Ele não nos

recebeu em torno da mesa do café para um bate-papo informal. Não quero isso de um papa. Ele nos recebeu em um pequeno salão do trono. Grace e eu nos sentamos, cada um de um lado dele. Era um homem carinhoso e bom, mas profundamente comprometido com sua fé e muito inspirador.”

A visita a João XXIII foi um pouco menos formal. Não só porque ele, como papa, era mais descontraído do que Pio XII, mas sobretudo porque Rainier o tinha conhecido quando era núncio apostólico em Paris, tendo o recebido como hóspede no palácio.

“Ele era, então, o monsenhor Roncalli”, Rainier recordou, “e veio aqui para uma cerimônia oficial, da qual não me lembro agora. Era um homem mais ‘pé no chão’ e alegre. Pio era cerebral, um pensador profundo, mais reflexivo. João foi, provavelmente, o papa certo para sua época. Ele era sociável, extrovertido e nem um pouco cerimonioso. O estilo mudou novamente com Paulo VI. Sempre pensei nele como um papa de transição. Um homem de enorme boa vontade e que não causava confusão.”

Não houve muito tempo para conhecer João Paulo I, mas João Paulo II era um homem sobre o qual Rainier tinha opiniões fortes. O príncipe o via como um papa muito consciente dos meios de comunicação e da própria imagem na imprensa. E isso não necessariamente combinava com o ponto de vista de Rainier, que disse que esperava ver João Paulo “mais tempo cuidando do rebanho”.

O profundo compromisso de Grace com a fé havia inspirado um sacerdote nascido monegasco e sediado em Roma a sugerir, meses depois da morte da princesa, que se iniciasse seu processo de beatificação. No primeiro aniversário do falecimento de Grace, o padre Piero Pintus rezou uma missa por ela em sua igreja e conclamou seus fiéis romanos: “Proponho fazer de Grace Kelly uma santa. Como atriz, eu preferia Ingrid Bergman. Mas Grace de Mônaco foi esposa fiel e mãe impecável. Viveu em um mundo onde era mais difícil preservar a fé. Era rica em temperamento e rara em potencial. Tinha a graça como dom e não apenas como nome”.

A ideia de ter a mãe canonizada agradou Caroline, mas ela não tinha certeza se isso era possível. Examinando um pouco mais o

assunto, constatou que era altamente improvável. “Para se tornar um santo”, ela descobriu, “é preciso ter realizado em vida alguns milagres, reconhecidos pela Igreja Católica. Mas o catolicismo também prevê a concessão do título de ‘Venerável’, que é um dos passos para a beatificação. Talvez mamãe pudesse alcançá-lo.”

O padre Pintus alegou saber de testemunhos de pessoas na Europa e nos Estados Unidos acerca de milagres atribuídos a Grace. Havia histórias sobre mães com crianças doentes que rezaram para Grace, tiveram uma visão e, logo, obtiveram a cura dos filhos. No entanto, mesmo se essas alegações fossem devidamente fundamentadas, ainda assim teria de ser percorrido um longo caminho para o surgimento de uma eventual Santa Grace.

Até mesmo Rainier sugeriu: “O padre envolvido com esse movimento fez muito barulho, mas não acho que isso seja muito sério”.

Caroline concordava. “Temo que sejam poucos os milagres documentados.”

\*\*\*

O que nunca faltou aos Grimaldis foram os amigos. Entre os de Rainier estavam Ronald e Nancy Reagan.

Politicamente, Grace se inclinava mais para John Kennedy e os democratas, mas, se Rainier tivesse nascido nos Estados Unidos, quase certamente seria republicano.

“Essa é uma amizade muito calorosa”, ele disse certa vez. “Nós pudemos conhecê-los muito bem e ver de perto como vivem na Casa Branca.”

Rainier, Caroline, Albert e Stéphanie visitaram os Reagans em Washington em algumas ocasiões. Rainier ficou no quarto de Lincoln, enquanto os filhos ocuparam apartamentos no andar de cima. Em todos os quartos, na mesa de cabeceira ao lado da cama – à semelhança dos chocolates com que os hotéis de luxo mimam seus hóspedes –, havia um pequeno pote cheio de jujubas, um brinde com o selo presidencial.

“O presidente convidou Albert e a mim para uma visita ao Salão Oval”, Rainier continuou, “e nos disse que só praticava um pouco de exercício quando descia as escadas dos aposentos residenciais para o escritório. Pensei comigo mesmo que era uma grande mudança: Eisenhower jogava golfe no gramado de lá e se movimentava muito livremente. Mas a Casa Branca se tornou uma fortaleza. Ao olhar por qualquer janela, tudo o que se vê são sujeitos uniformizados e armados patrulhando os jardins com cães. À entrada, há um enorme triângulo de concreto armado para impedir que alguém arrebe os portões com um carro e dirija em linha reta rumo ao edifício.”

Em visita à Casa Branca logo após o atentado em que Reagan foi baleado, em 1981, Rainier encontrou um esquema de segurança tão rígido quanto o de uma prisão. “A hospedagem era muito confortável, mas a cada vez que você caminhava pelo corredor surgia um segurança de trás das cortinas para averiguar o que estava acontecendo. Não seria possível trocar de quarto por lá.”

Certa noite, Nancy Reagan mencionou a Rainier que amava o teatro, mas reclamou que o único que ela e o marido podiam frequentar era o do Kennedy Center, moderno e que havia sido planejado tendo a segurança presidencial em mente. “É triste, não acha? Ela também contou que os únicos filmes que os dois viam eram os exibidos na Casa Branca. Pensei comigo mesmo que jamais aceitaria um emprego que me obrigasse a viver assim. Talvez seja o pior do mundo.”

A amizade entre os Reagans e os Grimaldis foi demonstrada por ocasião da morte de Grace: Nancy foi uma das primeiras pessoas a chegar em Mônaco.

Rainier depois confessaria o quanto apreciou essa atitude. “Nancy foi muito gentil ao vir para o enterro de Grace. Nós a hospedamos no palácio. Os agentes do serviço secreto norte-americano foram um tanto rudes ao afirmar que o palácio, com todos os seus guardas, não oferecia segurança suficiente. Eu disse que, se a primeira-dama ficasse ali, estaria sob nossa responsabilidade, e eles por fim tiveram de aceitar. Francamente, acho que o serviço secreto gosta mesmo é de se exhibir. Até porque você pode identificar seus agentes

imediatamente: têm fios saindo das orelhas e falam com os seus relógios. A gente não encontra muitas pessoas assim por aí.”

\*\*\*

Quando se entrevistam as pessoas que conviveram com o casal Grace e Rainier por muito tempo, é interessante notar como a palavra “dedicado” aparece com frequência.

É bem possível, é claro, que quem faltasse com dedicação em relação a eles fosse rapidamente excluído do círculo de convívio do casal.

No entanto, para Grace e Rainier, a amizade nunca era uma rua de mão única, como o velho amigo de Rainier, Khalil el Khoury, testemunhou. “Quando o Líbano desmoronou, nós não tínhamos que fugir, mas não havia mais nada que pudesse fazer pelo meu país, infelizmente, uma vez que as disputas eram imensas e os envolvidos eram fortes demais. Assim, a minha família e eu fomos embora. Não havia bem para onde ir, até que Rainier deu abrigo para mim, minha esposa e meus filhos. Ele ofereceu passaportes e nos presenteou com novas raízes, raízes mediterrâneas, e com a segurança de ter um lugar e uma nacionalidade. Foi um gesto de amor e de amizade.”

Ao longo dos anos, o gesto repetiu-se muitas vezes, pelas mesmas razões.

O rei Farouk, por exemplo, costumava passar muito tempo em Monte Carlo. Ele reservava todo o segundo andar do Hotel de Paris, cerca de vinte quartos, porque, mesmo como ex-soberano, viajava com uma comitiva de cerca de quarenta pessoas. Sempre que queria ir a algum lugar, precisava de dezenas de carros. Grace e Rainier o conheciam e ambos gostavam dele.

“Era um homem interessante”, disse Rainier. “Sempre choco as pessoas quando digo que gostava dele. Não concordava com tudo o que fazia politicamente em seu país nem com o modo como se comportava ou com certas decisões que ele tomou. Mas, nas vezes em que nos encontramos, eu o achei um homem bom, embora também muito solitário. Ele estava preocupado com seu país, sua família, seu filho. Uma vez, me disse: ‘Temos um ditado que diz que

um homem que tem um filho nunca morre'. Acho que ele acreditava muito nisso. Quando me pediu para ser protetor de seu filho, é claro que aceitei."

Rainier admitiu que outro motivo para gostar de Farouk – assim como de Onassis – era sua extravagância. "Eu gosto de ver isso nos outros, mas não em mim. Não combina com meu estilo de vida."

Quando ainda era rei, Farouk ia para Mônaco porque gostava de jogos de azar. Na maioria das vezes, chegava em seu iate. "A primeira vez que tentei ir a bordo", Rainier lembrou, "fui convencido a dar meia-volta pelo motivo muito óbvio de que ele não confiava em ninguém ao seu redor. Não conseguia confiar em ninguém, de seu barbeiro pessoal até os marinheiros."

Quando Farouk voltou a Mônaco na condição de exilado, Rainier o recebeu da mesma forma como quando estava no poder. "Isso o agradou. E, acho, também o surpreendeu. Não se esqueça de como ele era jovem quando começou a reinar e pelo que teve de passar. Falo das intrigas, dos planos de atentado, com os ingleses tentando matá-lo não sei quantas vezes, e do isolamento em que se encontrava. Membros de sua própria família o encorajaram a realizar todo tipo de imoralidade. Ele era um personagem triste e não tinha outro lugar para ir. Claro que dei asilo. Era a coisa certa a fazer. Ele não morava aqui, mas vinha uma ou duas vezes por ano com seu passaporte monegasco. Ainda mantenho contato com o filho dele, que se casou em Mônaco. É um homem muito bom, que tem grande respeito pelo pai e acabou formando uma boa família. Ela permanece unida e vive de maneira muito simples e tranquila na Suíça."

Quando o violoncelista Mstislav Rostropovich precisou de um passaporte depois de ter sua cidadania soviética revogada, Rainier fez dele e da esposa cidadãos monegascos. Nem um nem outro passaram muito tempo no principado, mas não tinha importância: como exilados russos com passaportes monegascos, podiam viajar para onde quisessem. Rainier também brindou com um passaporte o xá do Irã, quando este foi mandado para o exílio.

Rainier disse: "Achei apenas que era o certo. Fiquei revoltado com a forma como o resto do mundo o tratou quando ele foi derrubado e

posto para fora de seu país. Antes, todo mundo em Persépolis lambia suas botas até lustrá-las. Lembra de quando cada país no mundo tentava tirar dinheiro dele? Persépolis foi apenas o *grand finale*. Ele era o policial do Golfo e o melhor amigo do Ocidente – enquanto o Ocidente precisou dele. Assim que foi enviado para o exílio, todos bateram a porta na cara do xá, especialmente os países que mais se beneficiaram quando ele estava no poder”.

No topo dessa lista citada por Rainier estavam os Estados Unidos e a França. “Diga-me: o que eles ganharam com Khomeini? Quando vi todo mundo fechar as portas para o xá, fui até meu ministro de Estado: ‘Não podemos convidá-lo a vir para cá?’. O xá estava praticamente sozinho naquele momento. Havia apenas a sua família imediata, já que a maioria de sua comitiva o tinha abandonado. A França não só se recusou a abrigar o xá, como também permitiu que Khomeini regressasse ao Irã, depois de ter lhe dado asilo por algum tempo. Os norte-americanos foram ainda piores. Poderiam ter oferecido inúmeras possibilidades. Tudo bem que não o abrigassem em Los Angeles, onde há uma grande população iraniana, mas quantos desses iranianos que vivem na América não foram estudar lá graças à generosidade do xá? Os Estados Unidos são um país grande o suficiente. Poderiam ter encontrado algum lugar em que ele estaria seguro. Claro, havia um problema de segurança, mas nós sabíamos que ele estava disposto a lidar com a maior parte desse problema por conta própria. Então, oferecemos asilo aqui. A imperatriz e os filhos ainda têm passaportes monegascos. Talvez a maneira como o mundo o tratou tenha despertado o escoteiro que existe em mim.”

## *Capítulo 32*

### RAINIER REVISITADO

NOS ANOS SEGUINTE À MORTE DE GRACE, A IRMÃ de Rainier, Antoinette, voltou à cena na vida do principado, aparecendo ao lado do príncipe em determinados eventos sociais, em especial o Baile da Cruz Vermelha.

O filho de Antoinette, Christian, tinha escrito um livro sobre a família Grimaldi que podia ser descrito como tudo, menos elogioso. A maioria das pessoas reprovou o relato rancoroso, considerando-o uma coletânea de opiniões desagradáveis vindas de um jovem mimado que renunciou às suas responsabilidades, desafiou o tio e, posteriormente, viu-se excluído da linha de sucessão. Se em algum momento culpou Antoinette por isso, Rainier nunca revelou.

De qualquer maneira, como a irmã tinha aceitado reassumir suas funções oficiais, e levando em conta tudo o que aconteceu na vida de ambos, Rainier parecia mais do que disposto a deixar o passado para trás.

“Fui para a escola aos onze anos de idade e ela ficou em casa”, ele contou, “vivendo ou com minha mãe e meu pai, ou com meu avô. A partir desse momento, não houve muito contato entre nós. Nós crescemos cada um para um lado. Você diz que ela tentou tomar o trono, mas eu não iria tão longe. Ela pode ter me criticado e talvez tenha ido além das críticas, mas sempre tive um bom relacionamento com ela. Na época, o incidente todo foi muito exagerado. Ela tem levado a sua vida e eu conduzi a minha, mas as pontes entre nós sempre existiram, nunca cortamos o diálogo. Tudo bem, em algum momento posso ter me irritado com ela, assim como

ela pode ter se irritado comigo. Tivemos nossas diferenças, mas temos mantido a relação e, de qualquer maneira, não conheço nenhum caso de irmãos que nunca tiveram suas desavenças.”

Rainier não parecia particularmente à vontade para falar sobre o incidente ocorrido muitos anos antes, quando Antoinette e seu marido tentaram afastá-lo do poder. O máximo que disse foi que nunca considerou aquela uma tentativa de tomar o trono.

Em compensação, havia algumas tentativas de usurpação sobre as quais ele falava sem reservas, de maneira até divertida.

Certa vez, um sujeito chamado George Grimaldi, que dirigia um *pub* e uma oficina no sul da Inglaterra, afirmou ser o 13º marquês e o legítimo príncipe de Mônaco. “Mas nunca foi além disso.”

Em outro momento, um advogado italiano chamado Grimaldi declarou que possuía documentos que lhe permitiam reivindicar o trono de Rainier, na medida em que supostamente o atestavam como descendente direto de um monarca que perdeu a coroa de forma ilegal no século XVI. “Quando ouvi falar sobre ele pela última vez, ainda morava na Itália.”

Depois disso, houve também uma investida por parte do ramo alemão da família, mas essa reivindicação à sucessão era tão obscura que Rainier deu de ombros. “Não havia certeza quanto ao nosso grau de parentesco.”

“Essas pessoas aparecem de vez em quando”, prosseguiu Rainier. “Grimaldi é um nome comum em Gênova, por isso há sempre uma ou outra pessoa por lá dizendo ser o verdadeiro príncipe. Recentemente houve um caso na Córsega. Também há muitos Grimaldis lá. O rapaz anunciou que era o legítimo herdeiro do trono, mas, por opção, não queria governar. Disse que ia me fazer o favor de me deixar ficar.”

O título de príncipe de Mônaco era apenas 1 entre os 142 que Rainier possuía – entre eles, havia toda uma série de ducados, marquesados e condados. Na verdade, ele acreditava ser o homem com mais títulos nobiliárquicos do mundo.

Muitos deles implicavam a posse de algum tipo de medalha, que, em acréscimo aos vários prêmios e honrarias concedidos a ele ao

longo dos anos, representou um problema concreto para Rainier manter a elegância do uniforme em eventos oficiais.

“Para ser franco, as medalhas não me interessam”, ele confessou. “São dadas por pessoas que talvez estejam expressando um pensamento ou um reconhecimento por algo que fiz. Eu aprecio isso e aceito a medalha com esse espírito. Mas não atribuo qualquer importância a elas e nunca desejei ganhá-las.”

E muito menos exibi-las.

No entanto, uma vez que lhe foram dadas como homenagem, ele achava difícil escolher algumas e preterir outras. Então, em geral, usava todas as que tinha.

“Mas, ao contrário das fofocas que às vezes você ouve em Mônaco”, ressaltou, “eu não passo meus dias olhando, admirando e polindo minhas medalhas.”

Subitamente, ele desfez o semblante sério. “Nem uso medalhas no pijama.”

\*\*\*

Depois de admirar algumas das fotos no escritório, especialmente as de seus filhos, Rainier observou: “A parte mais difícil de ser pai é não conseguir proteger seus filhos da dor. E protegê-los de si mesmos, o que, muitas vezes, é uma coisa muito complicada. Grace e eu sempre incentivamos nossos filhos a fazerem suas escolhas, porque, afinal, trata-se de suas próprias vidas”.

Ainda assim, segundo ele, nem sempre foi fácil deixá-los seguir em frente por conta própria, especialmente quando notava que se tratava de uma escolha errada. “O primeiro casamento de Caroline não foi feliz. Grace e eu sabíamos disso, mas não tínhamos o que fazer. Quando uma filha vem até você e diz que decidiu compartilhar a vida com alguém, o que se pode dizer? Sempre achei melhor dar apoio do que estabelecer oposição. A coisa mais importante, quando um pai tem uma crise com os filhos, é manter a porta aberta o tempo todo, para que eles saibam que podem sempre voltar para encontrar abrigo e refúgio em casa.”

Quando Caroline anunciou seu noivado com Philippe Junot, seus pais com certeza reprovaram a decisão. "Ele tinha uma reputação muito ruim e pouca personalidade. Eu não gostava nem um pouco disso. Também não tinha ocupação. Eu não sabia o que ele fazia, além de ser integrante de uma panelinha parisiense que tinha algum dinheiro e passava as noites em clubes."

Em certa ocasião, antes do casamento, quando alguém perguntou a Rainier o que Junot fazia, a resposta foi mal-humorada: "Uma combinação de coisa nenhuma e nada".

Em um período no qual houve hesitação quanto ao casamento, circulou uma história de que Grace e Rainier teriam tranquilizado Caroline, garantindo que, até ela dar literalmente o primeiro passo no corredor rumo ao altar, teria todo o apoio paterno se quisesse mudar de ideia e desfazer o compromisso.

Rainier disse que não foi bem assim. "Acho que você tem de jogar o jogo com toda a sinceridade possível. Essa é a verdadeira questão. Tínhamos uma filha e ela estava apaixonada. Tudo bem, tentamos até o limite do razoável impedi-la, ou pelo menos convencê-la a adiar. Mas ela tinha a firme intenção de se casar. Então o que mais poderíamos fazer senão oferecer o nosso apoio a ela?"

Por sua vez, Stefano contava com o afeto do sogro, que o considerava um bom marido, bom pai e alguém que fazia Caroline feliz. Rainier compreendeu a dimensão da tristeza da filha quando Stefano morreu. "Crescer tem sido difícil para nossos filhos. Eles tiveram uma vida muito pública. Não é nada fácil."

A morte de Grace, ele reconheceu, foi especialmente difícil para Stéphanie.

No entanto, quando ela saiu de casa para tocar sua própria vida, recordou-se Rainier, ele não ficou exatamente contente. "Às vezes, doía. Mas, no fundo, eu gostava de pensar que havia entendido que ela apenas fez o que sentiu que precisava fazer. A paternidade nunca é fácil. Você tem de engolir muitas coisas e deixar o barco correr. O principal é continuar a dialogar. Para manter a porta aberta. Os filhos precisam saber onde é a casa e como voltar para lá, seguros de que ninguém vai apontar um dedo em riste e dizer: eu avisei."

Preocupado com o fato de Caroline, Stéphanie e Albert não poderem contar com a mãe, Rainier sempre tentou ser muito mais do que um bom pai. “Mas eu nunca poderia ser uma boa mãe. Tentei não protegê-los demais, para ajudá-los a enfrentar seus próprios problemas. E sei que eles são muito próximos uns dos outros.” Um tanto enigmaticamente, ele acrescentou: “Embora Albert talvez seja indulgente demais”.

Vários anos antes, Stéphanie tinha comentado em uma revista feminina: “Meu pai é o único homem que nunca me traiu”.

De certa forma, um comentário triste para uma jovem que ia completar 23 anos, mas que foi entendido por seu pai como uma demonstração da consciência da filha que ele sempre estaria por perto.

“Fiquei muito contente com isso”, disse Rainier. “Espero que seja o resultado do fato de nunca termos fechado a porta. Você pode apresentar a um filho todas as objeções do mundo, mas se ele quiser continuar fazendo algo com que você não concorda, só resta dizer ‘vá em frente e tenha cuidado’. O que mais se pode fazer? Eu mantenho diferentes relacionamentos com cada um deles. Albert é meu filho homem e temos uma relação especial. Caroline, que agora também tem filhos, é muito filial comigo. Quanto a Stéphanie, ela demonstra uma mentalidade própria. Sei disso. Sei também que tem uma personalidade extremamente forte, talvez a mais forte dos três.”

Desde a morte de Grace, os anos foram, sem dúvida, muito solitários para Rainier. Muitos de seus amigos já haviam falecido e ele parecia mais fragilizado. No final de 1994, em uma visita com Caroline ao *spa* La Baule, na França, ele teve problemas cardíacos.

Voltando para Mônaco de imediato, Rainier, aos 72 anos, passou por uma cirurgia cardíaca sigilosa e extremamente dolorida.

Logo depois, começaram a circular rumores de que Rainier renunciaria.

Isso não aconteceu.

O fato é que ele e Albert com frequência diziam que gostavam de trabalhar em conjunto. Quando chegasse o momento certo para a mudança no poder, ambos saberiam.

Em 1997, o principado de Mônaco comemorou setecentos anos de existência.

Dois anos mais tarde, o principado comemorou o 50º aniversário da ascensão de Rainier.

Embora continuasse indo ao escritório e cuidando de suas responsabilidades em casa, o príncipe logo abandonou as viagens oficiais, preferindo enviar Albert em seu lugar.

## *Capítulo 33*

### O FIM DO CONTO DE FADAS

A ÚLTIMA DÉCADA DE RAINIER FOI DIFÍCIL.

Por alguns anos após a cirurgia, a saúde do príncipe se estabilizou – pelo menos até 1999, quando suas condições físicas começaram a se deteriorar visivelmente. Tabagista por toda a vida, ele tinha ordens médicas para abandonar o cigarro. Nunca o fez.

Em dezembro daquele ano, Rainier voltou à mesa de operações, dessa vez para reparar um aneurisma da aorta abdominal. A intervenção foi bem-sucedida e o palácio declarou publicamente que o príncipe estava em recuperação.

Mas os médicos sabiam de mais detalhes. Eles haviam descoberto algo no pulmão de Rainier e, em fevereiro de 2000, o operaram de novo, removendo um pequeno tumor.

Mais uma vez, de acordo com um comunicado do palácio, “o príncipe se recuperava muito bem”.

Onze dias depois, em 13 de fevereiro, ele regressava à sala de cirurgia para corrigir uma condição conhecida como pneumotórax. O ar escapava de seus pulmões, acumulando-se na cavidade torácica. Reparado o problema, o paciente foi autorizado a ir para casa.

A cada visita ao hospital, crescia a especulação sobre quanto tempo ele iria reinar. Rainier dizia às pessoas que não sabia. Amigos íntimos imaginavam que o afastamento aconteceria quando Albert se casasse.

O melhor que ele podia dizer sobre a vida era: “Para mim, o futuro é envelhecer graciosamente”.

Mas não era nada fácil para ele. Na verdade, às vezes o processo se mostrava tremendamente doloroso, despojando seu “envelhecimento gracioso”.

Em seguida, ele ficou três semanas internado no hospital a fim de se recuperar do que os médicos descreveram como fadiga geral. Sua alta foi emendada com novo retorno ao hospital para tratamento de uma lesão coronariana e um vaso sanguíneo danificado. Mais tarde, regressaria ainda para cuidar de uma infecção no peito.

Por fim, emergiram os problemas renais, que, acrescidos aos males cardíacos e pulmonares agravados por mais de meio século de cigarro, vinham cobrar sua dívida.

\*\*\*

Rainier Louis Henri Maxence Bertrand Grimaldi, soberano príncipe de Mônaco, era um homem da “velha escola”, que dava importância a valores como modos e respeito. Um tipo de homem que simplesmente aceitava a responsabilidade como aquilo que ela costumava ser – um dever, algo que tinha de se fazer, gostasse ou não.

Nem sempre foi de seu agrado, mas ele dedicou a vida a seu dever, que, embora parecesse divertido aos olhos de quem visse de fora, na realidade era árduo.

Cercado por parasitas, lacaios, oportunistas, alpinistas sociais e patifes, exerceu um trabalho no qual escolher em quem confiar exigia dedicação em tempo integral.

“Eu tenho parasitas”, afirmou ele sem hesitar, acrescentando que os verdadeiros amigos eram raros em sua vida. “Constantemente, as pessoas fingem amizade um dia e pedem favorecimentos na manhã seguinte. Acho que o sinal da verdadeira amizade é quando alguém convive por um longo período sem nunca pedir nada. Mas isso é raro. No final do dia, consigo apontar as poucas pessoas ao meu redor que não pediram nada. Dá para contá-las nos dedos de uma mão.”

Grace dizia que queria ser lembrada “como alguém que realizou obras úteis e que era uma pessoa gentil e amorosa. Gostaria de

deixar a memória de um ser humano com uma atitude correta e que fez o seu melhor para ajudar os outros”.

Rainier acreditava que a esposa, de fato, era lembrada dessa maneira. “Como uma pessoa carinhosa. E ela era. Realmente se preocupava com o próximo. E era extremamente exigente consigo mesma.”

Quanto a si mesmo, o príncipe apreciava a ideia de ser lembrado como “o construtor”. Esse devia ser o epíteto de um homem que em 1949 herdou um pequeno Estado e o arrancou da letargia, introduzindo-o no século XX.

Essa pode ser muito bem a imagem que ficará na história.

O mais provável, porém, é que Rainier seja lembrado como coautor de um conto de fadas da vida real, tendo ajudado a orquestrar essa magia.

O principado de Mônaco da juventude de Rainier era um lugar sombrio que vivia das glórias de uma idade de ouro há muito perdida no tempo. Tudo mudou quando ele conheceu, apaixonou-se e casou-se com Grace Kelly. Ela eletrizou a Riviera como só um ícone do cinema seria capaz. Com seus amigos de Hollywood, escalou um elenco de personagens que resgatou Monte Carlo como o *resort* mais glamouroso do mundo.

Por 26 anos, Rainier e sua princesa, estrela de cinema, sustentaram essa magia.

E que magia.

Grace e Rainier foram menos governantes de um país do que regentes de uma fábula. Talvez sem carruagens de abóbora ou sapatinhos de cristal, mas com Frank Sinatra e Cary Grant, enormes iates, o cassino mais famoso do mundo, o Grande Prêmio mais charmoso e damas cobertas de joias e em vestidos de noite, bebericando champanhe em terraços enlaurados na companhia de homens trajando *smokings*.

Em uma noite a cada ano, no meio do verão, durante o Baile da Cruz Vermelha, o salão sob o teto retrátil do Sporting Club reunia mais fortuna – em diamantes, esmeraldas, safiras e rubis – do que qualquer outro lugar do planeta, com as possíveis exceções de Fort Knox e do Banco da Inglaterra.

Poucos contos de fadas foram tão encantadores.

E poucas histórias encantadoras tiveram um final tão triste.

Quando Grace morreu, tudo parou.

A magia evaporou e não havia nada nem ninguém que pudesse trazê-la de volta. Todo mundo sabia disso, mas ninguém mais do que Rainier, que admitiu: "Uma parte de mim morreu com ela".

Com sua típica franqueza, ele confessou ter remorsos. "Quando esse tipo de fim ocorre, sempre há arrependimentos. Você se arrepende de não ter conversado o suficiente, de não ter passado mais tempo na companhia dela, de não ter fugido com ela. De não ter dedicado tempo o bastante para a pessoa. Quando olho para mais de 26 anos atrás, penso comigo mesmo: por que não tiramos as férias do jeito que a gente sempre disse que gostaria? Por que não fizemos mais e conversamos mais? Lamento não termos passado mais tempo juntos."

\*\*\*

Imediatamente após a cirurgia cardíaca de Rainier, circularam os boatos sobre sua eventual renúncia.

Como ela não veio, a imprensa especulou que o príncipe estava esperando Albert se casar.

Verdade seja dita, a aposentadoria rondava a mente de Rainier desde a morte de Grace. Na época, porém, estava fora de cogitação, pois tanto ele como o herdeiro acreditavam que ainda estavam longe do momento ideal para a sucessão. Já então, porém, o príncipe dizia-se ansioso pela hora em que, finalmente, poderia viajar e encontrar as pessoas que queria ver, e não aquelas que era obrigado a visitar.

Sua demora em se retirar não se devia à preocupação com o fato de Albert ainda não ter herdeiros. Se esse fosse o caso, Rainier poderia resolver tudo em 2002, quando orquestrou uma mudança na legislação, colocando Caroline e seus filhos na linha sucessória depois de Albert.

A troca de comando não aconteceu, segundo o príncipe, porque pai e filho estavam muito confortáveis com seu esquema de trabalho

em dupla.

De qualquer forma, Albert foi gradualmente absorvendo tarefas de Estado conforme a saúde de Rainier piorava.

Mas então, aquele longo “aprendizado” já havia tornado Albert um sucessor infinitamente mais bem preparado e qualificado do que seu pai jamais havia sido. Albert não era o único, mas certamente figurava entre os poucos que desfrutavam da confiança de Rainier. E tinha pela frente, como uma de suas missões mais importantes, a tarefa de elaborar sua própria lista de pessoas de confiança.

Ao contrário do pai, Albert cresceu em Mônaco e conhece cada um de seus 7 mil súditos, quando não pelo nome, de vista. Seus anos de faculdade nos Estados Unidos e todo o período em que estagiou como empregado no chamado “mundo real” deram-lhe uma perspectiva diferente e uma visão moderna. Os vinte anos de formação prática, ao lado do pai monarca, o equiparam com uma compreensão muito mais profunda do que precisa ser feito e quais os procedimentos para atingir os objetivos.

\*\*\*

Em sua última década, Rainier tornou-se uma figura cada vez mais solitária. Ainda encontrava alegria em sua família – especialmente com a chegada dos netos –, mas todos podiam ver que seu brilho vinha se apagando.

Durante seu último ano, cada vez mais fragilizado, passou a ficar mais e mais tempo no hospital. Quase nunca aparecia em público.

Em janeiro de 2005, ele insistiu em celebrar o 30º aniversário de seu querido Festival de Circo de Mônaco.

A multidão entrou em erupção assim que ele surgiu envolto em um casaco e com um cachecol circense vermelho e branco. A seu lado, Albert e Stéphanie choravam. Milhares de pessoas aplaudiam de pé, saudando o príncipe com uma longa e emocionada ovação.

Conforme o velho e cansado príncipe recebia a demonstração de amor de seu povo, era como se todos ali soubessem: o conto de fadas escrito e vivido por Grace e Rainier estava prestes a terminar.

Em 7 de março, ele foi internado em um centro cardiorácico, em Mônaco, com infecção pulmonar. Um comunicado do palácio notificou que o problema havia sido controlado. Duas semanas depois, porém, Rainier, com dificuldades respiratórias, foi transferido para a UTI – de onde não sairia vivo.

Albert estava na Itália e voou de volta para o principado. Caroline veio de Paris, às pressas. Os dois juntaram-se a Stéphanie, que havia permanecido em Mônaco.

Quando o anúncio finalmente chegou, os boletins de notícias pipocaram ao redor do mundo e, em alguns países, a transmissão regular de radiodifusão foi interrompida.

Rainier morreu em 6 de abril de 2005, cinquenta anos depois do dia em que conheceu uma atriz de cinema chamada Grace Kelly.

## **Crepúsculo**

As águas ficam escuras.

O sol se põe atrás das colinas.

As construções nas proximidades do porto já não exibem uma tonalidade rosa-salmão, mas sim uma cor que lembra o vermelho dos morangos.

A loja de suvenires situada em frente vende os últimos cartões-postais do dia.

Em *Le Rocher*, a doceria próxima à esquina, descendo a viela que leva à prefeitura, vende o último pão da prateleira.

E agora há uma pausa.

Lentamente, um pequeno barco de pesca se aproxima do porto.

Nas estradas que levam para fora da cidade, o trânsito perde o ritmo.

No Beach Club, jovens bronzeados recolhem as esteiras e dobram os guarda-sóis. Uma placa avisa que, após às 7 da noite, quem entra no mar não conta com a supervisão de um salva-vidas, mas alguns banhistas não se importam. Mais tarde, a polícia patrulha as praias para conferir se algum visitante achou que poderia ser interessante

dormir na praia de Monte Carlo. Em outras praias da região isso é possível, mas essa não é como as outras.

Um crupiê chega atrasado para o trabalho porque não achou vaga no estacionamento atrás do cassino para acomodar o seu Maserati amarelo vistoso.

Quatro festas estão prestes a começar, todas a menos de quinhentos metros uma da outra. Em todas, serão servidas a mesma champanhe e os mesmos canapés. Duas delas são patrocinadas por joalheiros, uma por uma galeria de arte e outra por um sujeito que vende carros de luxo. Todas as pessoas que aparecem na primeira festa inevitavelmente encontram os mesmos convidados nos outros três eventos.

As lojas fecham as portas.

Moças vestidas com batas brancas lutam para abaixar as pesadas portas metálicas que cobrem as vitrines recobertas com uma película cor-de-rosa ou amarela, instalada para evitar que o sol estrague os frascos de perfume em exposição.

Homens encontram suas amantes.

Mulheres encontram seus amantes.

O primeiro trem da noite parte para Paris.

Um trem vindo de Nice passa aqui, em seu caminho rumo a Ventigmiglia.

Um corretor de valores se acomoda diante de uma tela de computador para checar o que acontece em Wall Street, porque são 7 horas em Monte Carlo, mas em Nova York os relógios marcam 1 da tarde.

*Chefs* por toda a cidade deixam suas cozinhas a postos.

*Sommeliers* de toda a cidade conferem os vinhos na adega.

O *maitre* do Café de Paris verifica as reservas quando um casal de norte-americanos se aproxima para perguntar se homens devem usar gravata, porque se houver essa exigência eles não poderão jantar ali. O *maitre* garante ao casal que eles serão bem-vindos.

No café perto da escola secundária, o jogo de cartas termina.

Serve-se a última rodada de *pastis*.

Um ator inglês, que já foi famoso no passado, está acomodado no bar do Hotel de Paris, do mesmo jeito como faz todas as noites no

mesmo horário, porque foi isso o que ele combinou com o *barman*, ao lhe dar uma boa gorjeta.

## Um epílogo pessoal

Todos nós temos lembranças especiais.

A minha lembrança mais especial envolvendo Grace é a daquela tarde de sábado, antes do seu último Natal. Ela passou a manhã assando biscoitos cortados no formato de estrelas, de árvores de Natal e de papais-noéis carregando sacos de brinquedos. Assim que ficaram prontos, ela caminhou sozinha do palácio até a casa de Caroline, que ficava a cerca de quinhentos metros passando por uma rua estreita e sinuosa, em meio a casas de três andares erguidas em tijolos amarelos com venezianas verdes nas janelas, algumas exibindo roupas penduradas para secar.

Vestida com calças escuras, um suéter de *cashmere* de cor creme e um colar de pérolas simples, sapatos baixos, lenço na cabeça e grandes óculos de sol, só foi reconhecida pelos guardas do palácio. Em seus uniformes de inverno, eles saudaram a princesa com elegância quando ela moveu a cabeça e sorriu, dizendo "*bonjour*".

Seguiu sozinha rumo à grande e calma mansão.

Sem encontrar ninguém no corredor da frente, foi direto para a cozinha. "O que tem para o café da manhã?"

Eu respondi: "Como prefere o seu *scrapple* com ovos?"

Ela devolveu um olhar desconfiado. "Onde você poderia conseguir *scrapple* típico da Filadélfia em Mônaco?"

"Bem lembrado", respondi. "Mas talvez uma omelete sirva, não é?"

"Parece ótimo," disse ela, colocando a sacola com os biscoitos no balcão perto da pia e pegando um avental. "Eu vou supervisionar".

A passagem do tempo tinha sido gentil com Grace. Ela havia engordado um pouco, mas seu olhar permanecia tão mágico como sempre e a voz era exatamente a mesma que tinha ficado registrada em filmes como *Mogambo*, *Matar ou morrer* e *Janela indiscreta*.

Seu rosto estava um pouco mais redondo, mas era mais suave e ainda mais delicado do que nos dias de Hollywood. A imagem da

deusa de gelo tinha derretido e aquela belíssima estrela de cinema de 22 anos tinha se transformado em uma magnífica mulher de 52 anos.

“Eu pensei que você fosse de Nova York.” Ela começou a tirar a pele do pimentão verde. “De onde conhece o *scrapple*?”

“Eu estudei na Filadélfia. Fui aluno da Temple.”

“Eu também estudei lá”, disse ela. E, depois de uma pausa, completou, “Mas acho que foi alguns anos antes de você.”

“Bem”, respondi educadamente, “talvez alguns poucos anos antes.” Depois, apontando para a sacola e o papel, perguntei: “Isso é para a árvore?”

“Eu assei alguns biscoitos. E você, o que fez?”

Quando minha amiga Caroline me telefonou me convidando para fazer um almoço no sábado para ela e a mãe dela, avisou que naquele dia elas iriam decorar a árvore de Natal. “Este ano só vamos usar enfeites comestíveis, como biscoitos, doces, frutas secas, o que você quiser trazer.”

Os biscoitos de manteiga preparados pela mãe de Caroline estavam perfeitos, mas eu tinha uma ideia diferente sobre enfeites comestíveis. “Não seria a mesma coisa se eu mesmo tivesse preparado”, peguei a sacola com as minhas compras e assegurei, “mas tudo aqui é comestível.”

Ela disse: “Vamos ver”.

Tirei latas de atum com imagens do papai-noel na lata e vários pacotes de macarrão com embalagem natalina.

Ela riu.

E todo o seu rosto se iluminou.

“O seu cabelo está meio comprido demais, não é?”, falou ela logo depois que começamos a preparar as omeletes. “Depois do almoço, vou pegar uma tesoura e acertar esse corte.”

Eu me virei para ela. “Não é uma má ideia. Mas, se eu aceitar, minha mãe vai dizer para todo mundo na Flórida que a Grace Kelly é o meu cabeleireiro.”

Ela riu: “Posso imaginar”.

Nesse momento, Caroline apareceu na cozinha. “Olá. O que teremos para o almoço?”

A mãe dela respondeu de imediato: “*Scrapple*, querida.”

Caroline fez uma careta. “O quê?”

Sua mãe e eu rimos.

Quando o almoço terminou, fomos para o jardim de inverno, onde a futura árvore de Natal estava à nossa espera. Penduramos os biscoitos de Grace, alguns doces coloridos e minhas latas de atum com motivos natalinos.

À medida que a tarde avançava, e enquanto lutávamos para manter os cães de Caroline longe dos enfeites, todo tipo de gente passou por ali. Era grande o fluxo de amigos, alguns trazendo presentes para deixar debaixo da árvore e a maioria oferecendo mais itens para pendurar nos galhos. Ninguém mais trouxe macarrão em embalagem de Natal.

A mãe de Caroline e eu nos acomodamos em um canto da sala, nós dois sentados no chão ao estilo indiano. Falamos sobre muitas coisas – de sapatos e navios a cera para uso em selos, passando por repolho e Hollywood.

“Naquela época era muito diferente”, ela disse. “Não é como hoje. Era um lugar muito mais tranquilo.”

“As pessoas também eram mais gentis?”, eu quis saber. “Hitchcock nunca me pareceu ser especialmente uma pessoa tranquila.”

“Hitch era maravilhoso. Ele era muito reservado e misterioso. Naturalmente tímido, estava sempre brincando de esconde-esconde com todo mundo.”

“Mas ele era conhecido por ser muito exigente.”

“Ele tinha que ser. Os filmes eram um negócio caro, mesmo custando muito menos do que custam hoje.”

“Ele estava na Paramount, não estava?”

“Bem, *Janela indiscreta* foi produzido pela Paramount, assim como *Ladrão de casaca*. Mas *Disque M para matar*, o primeiro filme que fizemos juntos, foi na Warner Brothers. Essa mudança de um estúdio para outro era um problema, porque eu era contratada da Metro e sempre que Hitch queria que eu participasse de um filme dele, tinha de negociar com eles. A MGM me alugava para outros estúdios e ganharam muito dinheiro assim. Infelizmente, eu não ganhei. Acho

que ganhei mais dinheiro trabalhando como modelo em Nova York do que como atriz em Hollywood.”

“Você sente falta de Hollywood?”

“Sinto falta de algumas pessoas, porque eu tive a sorte de trabalhar com pessoas fabulosas, como o Hitch. Mas nunca fui apaixonada pela Califórnia e nunca cheguei a de fato morar lá. Tudo em Hollywood parece ser afetado pela importância exagerada do dinheiro. Eu trabalhava lá, mas sempre voltava para Nova York quando estava sem trabalho.”

“Mas você trabalhou muito lá.”

Ela balançou a cabeça. “Só fiz onze filmes, e não se esqueça que seis deles foram produzidos em pouco mais de um ano, entre 1953 e 1954. E só um desses seis era da MGM.”

“Você podia recusar papéis?”

“Mais ou menos”. Ela começou a rir. “Na verdade, cheguei a ser suspensa por causa disso. Você só podia recusar quando eles permitissem que fizesse isso. Uma vez, um diretor quis me colocar no papel de Elizabeth Barrett Browning em uma versão de *A família Barrett*. Na época eu tinha cerca de 25 anos e o personagem teria pouco mais de 40 anos. Ele achou que eu era perfeita para o papel, mas eu disse que era muito jovem. Ele respondeu, ‘Não tem problema. Vamos deixar a personagem mais jovem’. Eu não conseguia acreditar. Tentei explicar que toda a beleza da história estava no fato de ela ter mais de quarenta quando viveu aquele romance. Felizmente, o projeto foi abandonado. Nesse meio tempo, minha fama de estrela com temperamento difícil ficou ainda maior.”

“Você era difícil?”

“Quem, eu?”, ela deu um sorriso largo. “Bom, acho que a MGM achava que sim.”

“Você ainda recebe cartas de fãs?”

“Sim. E eu quero que você saiba que todas elas são respondidas.”

“As cartas continuam endereçadas a Grace Kelly ou para a princesa Grace?”

“É claro que a maioria das cartas é enviada para a princesa Grace, mas ainda recebo correspondências de pessoas que dizem que acabaram de ver um dos meus filmes na televisão. Ou que sua mãe

e seu pai eram meus fãs e pedem um autógrafo para eles. Também pedem fotos ou receitas. Nesse caso, mandamos uma foto da família ou algumas das minhas receitas favoritas, como pratos tradicionais de Mônaco. Algumas pessoas pedem conselhos.”

“Que tipo de conselho?”

“De todos os tipos. Me mandam perguntas sobre praticamente tudo, desde a educação de crianças a dicas para entrar no mundo do cinema, mas eu parei de dar conselhos sobre isso por volta de 1949 ou 1950.”

“Por quê?”

“Uma tarde, Elia Kazan me chamou para perguntar se eu gostaria de ajudar um jovem ator a ensaiar para um teste e eu concordei. Lembro que o cara veio até o nosso apartamento numa tarde de domingo. Ele contou que morava fora de Nova York, nos arredores da cidade, e que não poderia ensaiar durante a semana porque era casado, tinha família e precisava trabalhar para seu pai. Mas também disse que queria muito ser ator. Bem, as meninas com quem eu morava estavam em casa e tinham visitas, o som estava alto e o único lugar em que daria para ensaiar era na cozinha. Era um daqueles apartamentos minúsculos comuns em Nova York e estávamos sem espaço. Ele lia bem, mas não era excepcional. Quando me perguntou o que eu achava, eu tentei encontrar um jeito delicado de dizer que ele não ia longe naquilo. Expliquei como era difícil conseguir trabalho e que a maioria dos atores de Nova York passava boa parte do tempo com fome. Eu o aconselhei a manter seu trabalho para que pudesse sustentar a esposa e o filho, e talvez atuar como um *hobby* em produções amadoras. Tentei convencê-lo a desistir de ser ator.”

Ela parou de falar e ficou olhando para mim.

“Quem era o cara?”, eu quis saber.

“Paul Newman”, ela respondeu.

\*\*\*

Todos nós temos lembranças especiais.

A minha lembrança mais especial envolvendo Rainier é daquela tarde de verão em que, sentado em seu escritório no palácio, ele me falou sobre a morte de Grace.

Rainier saiu de sua mesa e sentou-se ao meu lado numa cadeira de frente para a mesa de centro. Minha primeira impressão foi de espanto com a aparência cansada do príncipe. Ele disse que estava bem, mas acrescentou que era muito difícil nunca poder se afastar do trabalho.

“Estou sempre em atividade porque essa é a única coisa que eu posso fazer.”

“Mas por que você faz isso sozinho?”

“Como assim?”

“Quero dizer, já passou tempo bastante para qualquer viúvo se envolver com alguém sem que isso seja motivo de espanto”. Ele não respondeu. Eu perguntei: “Existe alguma dama em sua vida?”

Rainier disse que não queria falar sobre isso. “Eu vivo em um aquário. Fazer uma série de coisas complica e gera comentários. Preciso ser sempre muito discreto.”

Não demorou para ele acrescentar que, pelo menos na maioria das vezes, ele não se preocupava mais com a opinião das pessoas ou com o que sai na imprensa. “De qualquer forma, sei que sou menos interessante para os meios de comunicação porque não faço nada do que interessa para eles.”

A não ser quando o assunto envolve alguma dama.

Rainier chegou a ser perseguido por um fotógrafo em Nova York e chegou às manchetes quando, ao melhor estilo de Frank Sinatra, tentou dar um soco no fotógrafo.

Foi a noite em que o príncipe tinha ido assistir ao musical *Cats* com a esposa de um amigo norte-americano. Os fotógrafos o cercaram na saída do teatro, insinuando que a senhora “não identificada” que estava ao lado dele em breve seria a próxima princesa de Mônaco.

Primeiro, Rainier pediu para que o deixassem sozinho. Depois, gritou com um deles e, em seguida, não conseguiu controlar seu temperamento mediterrâneo e bateu no rapaz.

No dia seguinte, surgiram mais fotógrafos no hotel e Rainier deu um soco em outro.

Era claramente um episódio que ele não gostaria de comentar e por isso conversamos durante um tempo sobre todos os tipos de coisas, até que fosse possível voltar ao assunto.

O sol começava a se pôr.

Como não havia luzes acesas no escritório, a sala ficou mais escura.

Rainier falou sobre o dia do acidente, em como ele correu para encontrar Grace e Stéphanie, como descobriu que sua esposa não voltaria mais, como ele, Caroline e Albert tinham se despedido dela e sobre a decisão de desligar os aparelhos que a mantinham viva.

Sua voz ficava mais tranquila conforme o ambiente se tornava mais escuro.

Não demorou para ele começar a chorar.

As lágrimas também corriam pelo meu rosto.

Depois de muito tempo, ele recuperou a compostura e começou a falar de outras coisas, como se o momento que tínhamos acabado de compartilhar fosse íntimo demais.

Ele falou sobre Mônaco, a poluição dos oceanos, a ONU e a diplomacia internacional. Depois que esgotou esses itens, e ele se sentia distante o bastante da morte de Grace, voltei a fazer perguntas pessoais.

“Será que você nunca vai se casar de novo?”

Ele balançou a cabeça. “Não vejo a necessidade de me casar outra vez. Acho muito difícil até imaginar isso. É claro que eu gosto da companhia de mulheres, mas nesse momento da minha vida não faz muito sentido pensar em casamento. De qualquer forma, nem sempre entendo os segundos casamentos. Se um casamento acaba porque você não pode suportar sua esposa ou ela não pode suportar você, então os dois se separam e cada um segue seu próprio caminho. Portanto, se talvez você conhecer alguém que pode fazê-lo feliz, talvez queira tentar de novo. Mas como aconteceu comigo...”

Ele parou por um instante. “Eu tenho uma família maravilhosa e eu tive um casamento maravilhoso. Todos os lugares a que vou estão cheios de lembranças da Grace. Nós vivemos juntos por 26 anos. Ela

ainda está em toda parte. Eu não poderia viver com outra mulher aqui. Vejo Grace em todas as partes. Eu não poderia fazer isso porque seria muito difícil para os meus filhos. Não seria justo com eles.”

Ele fez outra pausa e, em seu escritório escuro, confessou baixinho, “Por isso, não vou me casar novamente”.

Era uma promessa feita para Grace, e Rainier cumpriu.

\*\*\*

Em julho de 2011, Albert finalmente se casou.

Sua noiva, Charlene Wittstock (agora Sua Alteza Sereníssima Princesa Charlene de Mônaco), é uma sul-africana alta, loura e bonita, vinte anos mais jovem do que o príncipe. Foi nadadora olímpica e os dois se conheceram em um evento de natação em Mônaco, em 2000, mas só começaram a namorar em 2006.

Em novembro de 2013, o casal ainda não havia concebido um herdeiro.

Logo após a morte de Rainier, a imprensa noticiou que Albert tinha um filho ilegítimo com uma ex-aeromoça da Air France. O advogado de Albert confirmou o fato e reconheceu que Éric Alexandre Stéphane Coste nasceu em agosto de 2003.

Um comunicado do palácio rapidamente observou que a Constituição de Mônaco especifica que “apenas descendentes diretos e legítimos” têm direito ao trono. E, embora seu pai participe da vida do menino, passe tempo com ele e o sustente, Alexandre não está na linha de sucessão.

É o mesmo caso de Jazmin Grace Grimaldi, filha de Albert nascida em 1992 após um relacionamento com uma mulher da Califórnia. Também nesse caso, Albert sempre sustentou a filha e dedicou tempo a ela.

Muitos anos antes, Albert me disse que não tinha certeza de como, quando assumisse o cargo de príncipe reinante, ele poderia fazer jus à fama de seus pais.

Espero que ele tenha descoberto que não precisa fazer isso.

Sua irmã, Stéphanie, vive tranquilamente ao lado dos filhos.

Sua irmã, Caroline, e seu terceiro marido, Ernst, se separaram.

\*\*\*

Todos nós temos lembranças especiais.

Em Londres, na Inglaterra, o dia 12 de setembro de 1982 era um domingo nublado e com uma chuva fina.

Já passou tanto tempo, mas parece que foi há apenas alguns meses.

Minha futura esposa, Aline, estava indo para Nice, na França, em um voo bastante atrasado. Minha velha amiga Caroline Grimaldi estava indo passar uma semana no *spa* medicinal Forest Mere, em Hampshire, chegando no mesmo avião que levaria Aline.

Levei Alice até o Aeroporto de Heathrow, me despedi dela no setor de embarque e subi as escadas para o setor de desembarque, para esperar Caroline.

No caminho para Londres, Caroline parecia feliz e descontraída, ansiosa por uma semana de descanso.

“Como é a comida lá?”, perguntei.

“Eu não sei”, disse ela. Depois fez uma careta e acrescentou: “Imagino que seja comida inglesa”.

Aquilo não era especialmente estimulante e, por isso, quando a deixei na estação de Waterloo para pegar o trem para Hampshire, eu propus, “se a comida for boa, eu entro no *spa* e faço uma refeição com você. Se for ruim, levo uma boa refeição de contrabando”.

Esse era o nosso plano.

Na segunda-feira à tarde, Aline ligou da França para dizer que tinha acabado de ouvir no rádio que a princesa Grace tinha sofrido um acidente de carro.

Telefonei na hora para Caroline. Demorou um pouco para conseguir falar com ela, mas, quando finalmente consegui, eu disse, “Vou buscar você imediatamente e levá-la ao aeroporto.”

Ela disse que tinha conversado com seu pai e que sua mãe tinha quebrado algumas costelas e Stéphanie também tinha se machucado. Ela já tinha se organizado para voltar para casa no dia seguinte.

Na terça-feira, dia 14 de setembro, em algum momento pouco antes da meia-noite meu telefone tocou. Um amigo me acordou com as palavras, "Acabei de ouvir que a princesa Grace morreu".

Como eram dias pré-históricos, antes do e-mail e dos celulares, escrevi para Caroline naquele mesmo instante. Como se pode imaginar, demorou um longo tempo para receber notícias dela. Ela se mudou para o quarto de hospital de Stéphanie para cuidar da irmã e, atordoada e chorosa, acompanhou e confortou o pai no funeral de sua mãe. Assim que puderam, Rainier e seus três filhos deixaram Mônaco para fazer uma longa viagem a fim de chorar, convalescer e, como qualquer família unida, ajudar uns aos outros a superar tudo aquilo.

Levei alguns meses antes de finalmente voltar a falar com Caroline.

Ela estava na casa dela. Eu queria que soubesse que Aline e eu não tínhamos parado de pensar nela e na mãe dela, no pai e nos irmãos, e o quanto estávamos tristes e tocados com aquela tragédia. Mas eu nunca tive a oportunidade de fazer isso.

"Olá", disse ela, ao telefone. "Sabe de uma coisa?"

"O quê?", perguntei.

E minha velha amiga Caroline – a Caroline de sempre, sempre maravilhosa – confessou: "A comida até que não era das piores".

## AGRADECIMENTOS

ESTE LIVRO FOI BASEADO QUASE INTEGRALMENTE EM ENTREVISTAS. Gostaria de agradecer a ajuda e o apoio a este projeto que recebi de Rupert Allan, Daniel Aubry, Pierre Berenguier, Michel Boeri, John Carroll, Dario Dell'Antonia, Julian e Phyllis Earl, Ken e Bonnie Feld, Gant Gaither, Virginia Gallico, Wilfred Groote, Robert Hausman, Khalil el Khoury, Mary Wells Lawrence, Regis L'Ecuyer, John Lehman, Andre Levasseur, Luisette Levy-Soussan, George Lukonski, Judith Mann, Francis e Josiane Merino, Jean Marie Moll, Stirling Moss, Ricardo Orizio, Richard Pasco, príncipe Louis de Polignac, Francis Rosset, Marquis Livio Ruffo, Andre Saint Mleux, Francine Siri, Robert Sobra, Jackie Stewart, Clare Sychrava, Robert e Maureen Wood e John Westbrook.

Sou especialmente grato a Nadia Lacoste, pelo afeto, atenção, orientação e auxílio em tantos anos de amizade.

Agradeço a Ruth Fecych, Christine Marra e Amanda Murray pelo trabalho dedicado a esta edição.

E, como sempre, agradeço a La Benayoun.

No entanto, não teria sido possível escrever este livro (pelo menos não por mim) sem a cooperação de quatro pessoas extremamente especiais.

Serei eternamente grato ao príncipe Albert e às princesas Caroline e Stéphanie por seu tempo, suas lembranças, seus segredos, sua confiança e sua amizade.

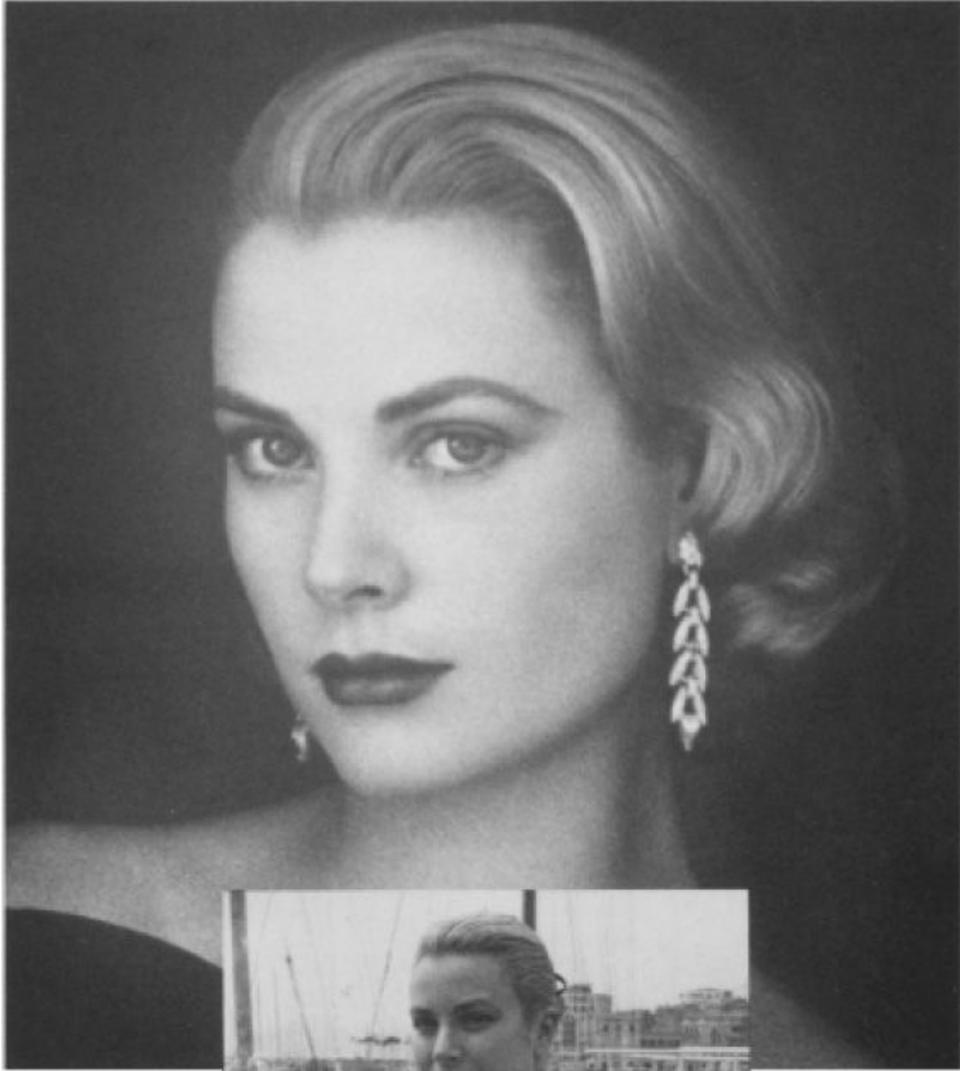
Mas, acima de tudo, devo meus mais elevados agradecimentos a Sua Alteza Sereníssima o príncipe Rainier III que, além de aprovar e estimular a realização deste livro, abriu seu coração para mim.

Nunca me esquecerei de Rainier.

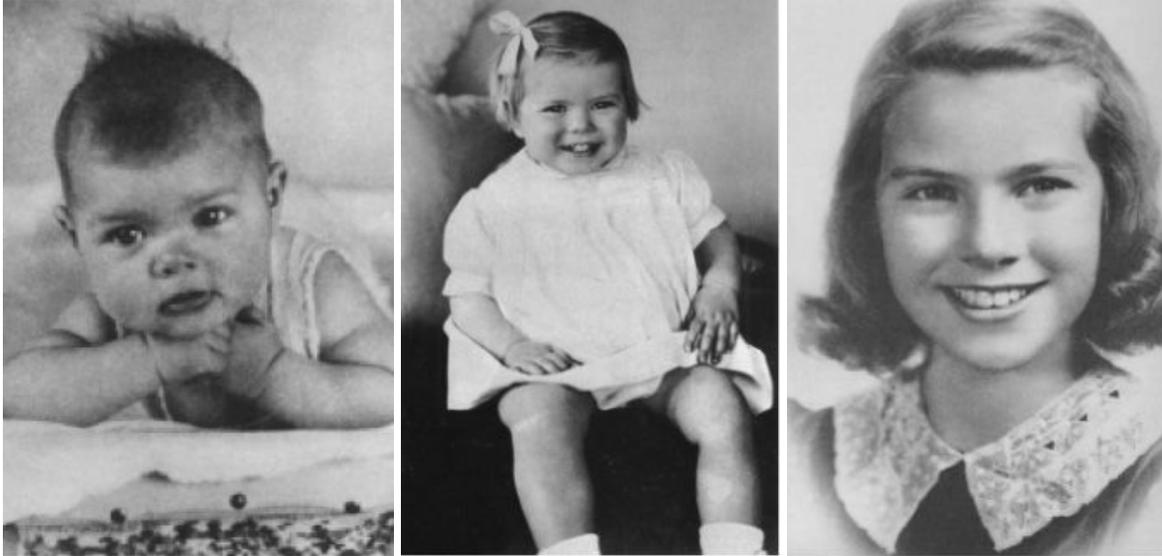
Nem jamais me esquecerei de Grace.

Os dois tocaram minha alma profundamente.

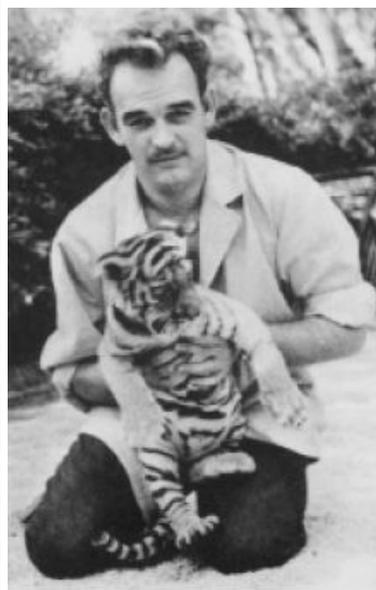
## Extratexto



*Acima:* Foi a beleza gélida de Grace – um tipo de *sex appeal* até então inédito na década de 1950 – que a transformou em uma estrela do *show business* quando tinha pouco mais de vinte anos (cortesia do Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco). *Abaixo:* Em Cannes, no dia seguinte após conhecer Rainier (cortesia de Popperfoto Ltd.).



Grace Kelly aos nove meses, aos dois anos e com doze anos de idade  
(cortesia do Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco)



Rainier aos quatro meses; nascido com espírito de aventura, o príncipe sempre gostou de motocicletas e de carros velozes. Também adotava espécies selvagens como animais de estimação e de adorava o mar (cortesia do Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Grace com o diretor que a levaria ao estrelato, Alfred Hitchcock, no set de *Ladrão de Casaca*, em 1954 (cortesia da Paramount Pictures). O romance de Rainier e Grace contou com a ajuda do irlandês Padre Tucker, amigo do príncipe (cortesia de Popperfoto Ltd.). O anel de noivado marcou o início da interminável temporada de pose para as câmeras do casal Rainier e Grace, em 1956 (cortesia de Popperfoto Ltd.).



No navio que a levaria a Mônaco, Grace (acompanhada de seu *poodle*) foi perseguida pelos fotógrafos até durante os treinamentos para uso de botes salva-vidas. Em abril de 1956, foi recebida por uma multidão que se aglomerava para vê-la, mas o amplo chapéu escondeu boa parte do rosto da futura princesa. Primeiro houve a cerimônia civil realizada no palácio,

seguida pela celebração religiosa na Catedral de São Nicolau (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Grace, uma noiva de contos de fadas (cortesia de F. Picedi).



Grace e sua mãe em Monte Carlo (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco). Grace e Rainier em casa (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco, G. Lukomski). Rainier e Grace em um compromisso oficial ao lado de Caroline, do príncipe Pierre, pai de Rainier, de Albert e das babás (cortesia de Popperfoto Ltd.).



Rainier com o pequeno Albert (cortesia de G. Lumoski, Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco). Grace no clube de praia com Caroline e Albert. Grace passeando em Mônaco com os filhos. Grace com a bebê Stéphanie, Albert e Caroline (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Café da manhã com Caroline e Frank Sinatra nos jardins dos apartamentos do palácio (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco, G. Lukomski).



Stéphanie com Grace, no jardim (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Caroline, Albert e Stéphanie em 1973 (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Grace e Rainier com Caroline e Stéphanie, em 1975 (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Albert e Grace (cortesia de G. Lukomski, Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco). Caroline adolescente com Rainier (cortesia de Frank Spooner Pictures Ltd.).



A bordo do Dion-Bouton 1903 de Rainier, na linha de chegada do *rally* de carros antigos entre Londres e Brighton. A família Grimaldi assistiu a largada e a chegada da competição, mas na maior parte do tempo Grace, Stéphanie e Caroline preferiram a comodidade de um veículo moderno (cortesia de Popperfoto Ltd.).



Rainier às vezes ousava na percussão. Uma Grace brincalhona, não (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco, G. Lukomski). À esquerda: Stéphanie e Grace no baile da Cruz Vermelha (cortesia de Popperfoto Ltd.)



Esta foto que mostra Grace atirando em um parque de diversões foi divulgada no dia seguinte ao atentado que matou John Kennedy, em novembro de 1963. Casou polêmica, apesar de ter sido tirada algumas horas antes do assassinato do presidente norte-americano (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco, G. Lukomski).



Maria Callas e Aristóteles Onassis no Hotel de Paris, em Monte Carlo (cortesia da SBM).



Com Frank Sinatra, no baile da Cruz Vermelha, (cortesia da SBM).



Um dos retratos preferidos de Grace (cortesia de Sam Levin).



Rainier e Grace em um evento (cortesia da SBM).



Grace gostava de bordar e chegou a escrever um livro sobre arranjos florais (cortesia do Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco, G. Lukomski).



A leitura de poesias (aqui, ao lado do ator John Westbrook) foi o movimento mais ousado de Grace em retomada à vida de artista (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



A primeira aparição pública de Diana após o anúncio do noivado com o príncipe Charles ocorreu em um recital de poesia da princesa de Mônaco. Grace foi especialmente solidária com o desconforto de Diana com a súbita curiosidade pública que precisou enfrentar (cortesia de Reg Wilson, Royal Opera Press Office)



Grace no Festival de Circo, em dezembro de 1981, com Cary Grant, Caroline e Rainier (cortesia de Frank Spooner Pictures Ltd.)



Último baile da Cruz Vermelha com a participação de Grace, em julho de 1982 (cortesia de Popperfoto Ltd.). Uma família de luto (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco). Gracia Patricia, novembro de 1929-setembro de 1982 (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Caroline e seu segundo marido, Stefano Casiraghi, com os filhos do casal: Pierre, Andrea e Charlotte (cortesia Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).



Stéphanie com Rainier, passeando com o cachorro em Paris  
(cortesia de Gilles Merme, Frank Spooner Pictures Ltd.).



Albert e Rainer (cortesia de Acervo Oficial, Palais Princier, Mônaco).

# Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[PREFÁCIO](#)

[ALVORADA](#)

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo 1 NASCE UMA ESTRELA](#)

[Capítulo 2 UM HOMEM TÍMIDO](#)

[Capítulo 3 UM ROMANCE PÚBLICO](#)

[Capítulo 4 O ÚLTIMO TESOURO ESCONDIDO NO JARDIM](#)

[Capítulo 5 A HISTÓRIA PRIVADA](#)

[Capítulo 6 NOVOS PLANOS](#)

[Capítulo 7 O CASAMENTO](#)

[Capítulo 8 LEMBRANÇAS DE RAINIER](#)

[Capítulo 9 UM FILHO DE MÔNACO](#)

[Capítulo 10 O NASCIMENTO DO PRINCIPADO MODERNO](#)

[Capítulo 11 EMBATE COM ARISTÓTELES ONASSIS](#)

[Capítulo 12 CONFLITO COM DE GAULLE](#)

[Capítulo 13 A FAMÍLIA GRIMALDI](#)

[Capítulo 14 ESFORÇO PRÓPRIO](#)

[Capítulo 15 SEM DESCANSO](#)

[Capítulo 16 GRACE](#)

[Capítulo 17 DE PRINCESA A PERFORMER](#)

[Capítulo 18 ANTES DO FIM DO RISO](#)

[Capítulo 19 TRABALHO EM EQUIPE](#)

[Capítulo 20 GRIMALDI S.A.](#)

[Capítulo 21 CAROLINE](#)

[Capítulo 22 ALBERT](#)

[Capítulo 23 STÉPHANIE](#)

[Capítulo 24 RAINIER FALA SOBRE SELOS, RUSSOS, PRISÃO,  
BANIMENTO E DINHEIRO NO BOLSO](#)

[Capítulo 25 CAROLINE – A VIDA CONTINUA](#)

[Capítulo 26 ALBERT – AMIZADES E AMORES](#)

[Capítulo 27 STÉPHANIE – SEGUINDO SEU CORAÇÃO](#)

[Capítulo 28 O ACIDENTE](#)

[Capítulo 29 DEPOIS DE GRACE](#)

[Capítulo 30 SEGUINDO EM FRENTE](#)

[Capítulo 31 COM DISPOSIÇÃO PARA FALAR](#)

[Capítulo 32 RAINIER REVISITADO](#)

[Capítulo 33 O FIM DO CONTO DE FADAS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Extratexto](#)